

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Rafael de Souza Bertante

O modelo de homem católico: um estudo sobre o ideal de família a partir da “Liga Católica Jesus Maria José” na primeira metade do século XX

Juiz de Fora
2023

Rafael de Souza Bertante

O modelo de homem católico: um estudo sobre o ideal de família a partir da “Liga Católica Jesus Maria José” na primeira metade do século XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião. Linha de Pesquisa: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bertante, Rafael de Souza.

O modelo de homem católico: : um estudo sobre o ideal de família a partir da "Liga Católica Jesus Maria José" na primeira metade do século XX / Rafael de Souza Bertante. -- 2023.
203 p. : il.

Orientadora: Volney José Berkenbrock

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2023.

1. Liga Católica. 2. jornal. 3. modelo de família. 4. chefe de família. 5. homem cristão. I. Berkenbrock, Volney José, orient. II. Título.

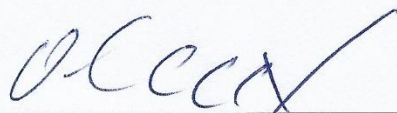
Rafael de Souza Bertante

O modelo de homem católico: um estudo sobre o ideal de família a partir da “Liga Católica Jesus Maria José” na primeira metade do século XX.

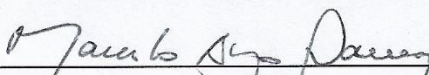
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em 07 de dezembro de 2023.

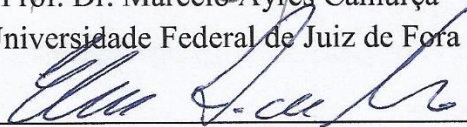
BANCA EXAMINADORA:



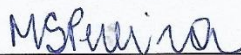
Dr. Volney José Berkenbrock – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



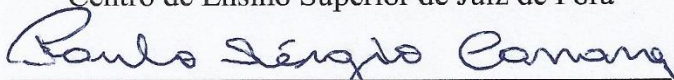
Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Mabel Salgado Pereira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora



Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara
Instituto São Paulo de Estudos Superiores

A Domiciano Bertante de Almeida e a
Maria Aurora de Souza Almeida.

AGRADECIMENTOS

A caminhada para a elaboração deste trabalho foi árdua, longa, mas prazerosa, pois realizei um sonho e contei com o apoio de pessoas muito especiais para isso. Assim, vou tentar traduzir em palavras o sentimento de gratidão a essas pessoas queridas! Antes, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Juiz de Fora, lugar em que descobri o gosto pela pesquisa e que me acolheu ao longo da minha formação acadêmica. Depois, à FAPEMIG, que me auxiliou durante um período neste percurso e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, que tanto me engrandeceram academicamente.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Volney José Berkenbrock, pelas conversas, pelos conselhos, pelas orientações e *e-mails*, pelo compartilhamento da sua sabedoria e por toda serenidade. Encontramo-nos quando ele estava quase se despedindo do magistério na UFJF, mas, mesmo aposentado, sempre se fez presente junto a minha pesquisa. Acho que fiquei com a incumbência de ser seu último orientando do departamento e me sinto honrado por isso! Agradeço também aos professores Dr. Marcelo e Dr. Rodrigo, que participaram da qualificação e estiveram presentes na minha formação dentro do campo da Ciência da Religião. Rodrigo me levou para grupos de pesquisa e organização de eventos. Marcelo, que também participou da minha banca de defesa, costumo dizer que é o culpado por eu ter chegado ao campo! Gostaria de agradecer imensamente também ao Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida, ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara e à Profa. Dra. Mabel Salgado Pereira, que se dispuseram e completaram a minha banca, foi muito significativo para mim, obrigado.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre acreditaram e me apoiaram incondicionalmente em todas as minhas empreitadas. Maria Aurora e Domiciano foram, e são, a base de tudo conquistado até aqui, são meus maiores exemplos, o casal que virou um e formou o meu porto seguro. À Ana Carolina, mãe do meu filho, obrigado pela compressão em todos os momentos em que precisei me ausentar para me dedicar ao trabalho, a sua amizade e a sua confiança fizeram toda a diferença durante esses anos. E amo meu pequenino, Heitor, que chegou na metade do doutorado e transformou minha vida, me encheu de alegria e esperança, me fez enxergar o mundo de uma outra forma, é meu amor e já é meu companheiro.

Agradeço também a todos os amigos que me acompanham desde o tempo da faculdade de História, pelos quais tenho um carinho imenso, Vitor, Shirley, Fábio e Filipe. Aos amigos que fiz em minha segunda faculdade e estiveram tão próximos no doutorado, Mara, Karol, Siloeh e Tadeu. Agradeço à Congregação Redentorista, pelo período em que trabalhei com eles

e com quem pesquisei parte de minhas ideias, em especial aos padres Américo (estimado amigo), Flávio (*in memoriam*), Vidigal (por toda a sua paciência, sua generosidade e seu cuidado), Braz (por compartilhar sua sabedoria) e Lúcio (pelo apoio e pela amizade). E, é claro, agradeço à Confederação Nacional das Ligas Católicas Jesus, Maria, José do Brasil, em especial à Natália e ao Rodrigo, que sempre me receberam tão bem e permitiram minhas pesquisas nos arquivos da Liga.

Poderia escrever mais diversas páginas agradecendo a todas as pessoas que tanto me apoiaram nessa empreitada. É impossível, por exemplo, não citar os professores que tanto me ouviram ao longo desses anos, como a Maria Cecília, o Flávio Senra, a Patrícia Moreno, o Marcos Olender e a Mônica Olender. A Ana Jensen, que chegou no finalzinho da tese, mas foi fundamental para o trabalho. A Gabriela, pelas aulas de francês. E os amigos e companheiros do meu coração como Camila, Wanderley, Sandra (*in memoriam*), Brenda (que eu adoro perturbar), Manoelina, José Veloso, Taffarel, Mariana, Jodenir, Rafael Moreira e Paola, mas faltaria espaço. Enfim, agradeço a todos que fizeram e fazem parte da minha vida, tornaram-se essenciais e muito contribuíram para a realização deste trabalho. A todas e todos vocês, o meu obrigado!

“Não há nada de novo debaixo do sol” (Ecl 1, 9b).

RESUMO:

Este trabalho tem por intuito analisar e compreender a construção de um modelo, tomado como ideal para o homem e para a família cristã, a partir da concepção do grupo de leigos católicos denominado no Brasil por “Liga Católica Jesus Maria José”. Para tal apuração, faremos um estudo histórico do grupo que surgiu na Bélgica em 1844 com o nome de “Archiconfrerie de la Saint Famille”, sendo seu idealizador o capitão do exército Henrique Belletable. Na sequência, tomaremos como foco a sua fundação brasileira no ano de 1902. A partir desse período, procuraremos nos atentar aos aspectos religiosos que fundamentaram esse modelo, que tinha como base a “Sagrada Família”. A pesquisa se estenderá até finais da década de 1950, quando se nota certo desengajamento no grupo, além de algumas transformações sociais, inclusive mudanças na estrutura da Igreja Católica. As questões que embasaram a discussão foram: como o modelo estava sendo desenhado por esses homens? Como justificavam a exclusividade masculina? Por que não permitiam o ingresso de mulheres, uma vez que elas também compunham a família? Havia manifestações públicas, então como se portavam nelas? Como aconteciam as instruções para esses homens? Para alcançar os resultados, além do embasamento teórico no campo da História, debruçamo-nos no campo da Ciência da Religião e utilizamos a apreciação de crônicas, correspondências, fotografias, manuais, estatutos e principalmente o jornal oficial do grupo intitulado “Jornal da Liga Católica JMJ”. Os documentos foram pesquisados nos arquivos da Congregação Redentorista e da Confederação Nacional da Liga Católica. Estudando os periódicos no decorrer da década de 1920 até a década de 1950, encontramos as instruções proferidas aos homens, que os conduziam a agir como bons católicos e bons chefes de família, assim como o grupo desejava, formando bons cidadãos para o país.

Palavras-chave: Liga Católica; jornal; modelo de família; chefe de família; homem cristão.

ABSTRACT

This work aims to analyze and understand the construction of a model, taken as ideal for man and the Christian family, based on the conception of the group of lay Catholics known in Brazil as “Liga Católica Jesus Maria José”. To do this, we will carry out a historical study of the group that emerged in Belgium in 1844 under the name “Archiconfrerie de la Saint Famille”, with its creator being the army captain, Henrique Belletable. Next, we will focus on its Brazilian foundation in 1902. From this period onwards, we will try to pay attention to the religious aspects that founded this model, which was based on the “Holy Family”. The research will extend until the end of the 1950s, when a certain disengagement in the group is noted, in addition to noticing some social transformations, including changes in the structure of the Catholic Church. The questions that supported the discussion were: how was the model being designed by these men? How did they justify male exclusivity? Why didn't they allow women to join, since they also make up the family? There were public demonstrations, so how did they behave in them? How did the instructions for these men happen? To achieve these results, in addition to the theoretical basis in the field of History, we focused on the field of Science of Religion and used the assessment of chronicles, correspondence, photographs, manuals, statutes and mainly the group's official newspaper entitled “Jornal da Liga Católica JMJ”. The documents were researched in the archives of the Redemptorist Congregation and the National Confederation of the Catholic League. Studying the periodicals from the 1920s to the 1950s, we found the instructions given to men, in a way that led them to act as good Catholics and good heads of families, just as the group desired, forming good citizens for the country.

Keywords: Liga Católica; newspaper; family model; householder; Christian man.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Capitão Henrique Belletable (GOVERS, 1957).....	43
Figura 02 -	Painel para a Liga Católica. Século XX. Carlos Oswaldo. Igreja Santo Afonso, Rio de Janeiro (VELOSO Jr., 2015, p. 63).....	81
Figura 03 -	Liga Católica de Manhumirim, MG. Datada de 21 de julho de 1929. Fonte: Arquivo da Província do Rio.....	84
Figura 04 -	Grupo da Liga Católica Jesus Maria José. Fonte: Arquivo da Província do Rio.....	85
Figura 05 -	Romaria da Liga Católica do Rio de Janeiro a Aparecida. Década de 1920 ou 1930. Fonte: Arquivo da Província do Rio.....	88
Figura 06 -	Estandarte da Liga Católica Jesus Maria José. Sem data. Arquivo da Província do Rio.....	115
Figura 07 -	Bandeira da Liga Católica Jesus Maria José. Arquivo da Província do Rio.....	122
Figura 08 -	Banda de Música Santa Cecília, formada por sócios da Liga Católica Jesus Maria Jose. Arquivo da Província do Rio.....	127
Figura 09 -	“Magnífico prestito religioso. Os homens levaram em triunfo as cruzes das Santas Missões. A Cruz das Missões da Catedral”. Procissão masculina no encerramento das Santas Missões Redentoristas, ocorrida no dia 22 de abril de 1929, na Rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora, MG. Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.....	133
Figura 10 -	“Lembrança da ‘União dos Moços Católicos’ de Belo Horizonte. Outubro de 1918”. Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.	146
Figura 11 -	Jornal da Liga Católica Jesus Maria José, agosto de 1942, p.1.....	155
Figura 12 -	Comemoração do Jubileu de Prata da Liga Católica Jesus Maria José no Brasil. Igreja Nossa Senhora da Glória. Juiz de Fora (MG). Fonte: Arquivo da Província do Rio.....	162
Figura 13 -	Participação da Liga Católica Jesus, Maria, José, no Segundo Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte. Ocorreu entre os dias 07 e 09 de setembro de 1936. Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.....	181

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.Ss.R.	Congregação do Santíssimo Redentor
D.	Dom (bispo católico)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JLCJMJ	Jornal Liga Católica Jesus Maria José
LCJMJ	Liga Católica Jesus, Maria, José
Pe.	Padre
UMC	União dos Moços Católicos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CONSTRUÇÕES NO TEMPO: ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A ASSOCIAÇÃO DA SAGRADA FAMÍLIA.....	24
2.1	DO SEIO FAMILIAR À CARREIRA MILITAR: MOMENTOS INICIAIS DA TRAJETÓRIA DE HENRIQUE BELLETABLE.....	24
2.2	O CONTEXTO HISTÓRICO DA BÉLGICA NO PERCURSO MILITAR DE HENRIQUE BELLETABLE.....	27
2.2.1	CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA BÉLGICA NO SÉCULO XIX.....	27
2.2.2	QUESTÕES INDUSTRIAIS, TRABALHISTAS E RELIGIOSAS NA BÉLGICA DO SÉCULO XIX.....	28
2.2.3	A ESCOLHA DE UMA NAÇÃO E ENTRADA DEFINITIVA PARA O EXÉRCITO.....	30
2.3	A FIM DE CORRIGIR ERROS MUNDANOS, CAPITÃO BELLETABLE PROPÕE UM OLHAR ATENTO À FAMÍLIA E À RELIGIÃO.....	32
2.3.1	BELLETABLE VIVENCIA A CONVERSÃO RELIGIOSA.....	32
2.3.2	A NECESSIDADE DE CONVERTER O PRÓXIMO.....	42
3	A SAGRADA FAMÍLIA – JESUS, MARIA E JOSÉ.....	51
3.1	UMA DEVOÇÃO À SAGRADA FAMÍLIA.....	51
3.2	SOBRE A FORMAÇÃO FAMILIAR CRISTÃ.....	56
4	ORA ET LABORA: PRINCÍPIOS QUE DEVEM ORIENTAR UM BOM CHEFE DE FAMÍLIA.....	66
4.1	OS NOVOS TEMPOS E AS NOVAS PREOCUPAÇÕES PARA A FAMÍLIA.....	66
4.2	A ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA PASSA A ORIENTAR OS CHEFES DE FAMÍLIA.....	72
5	A ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA CHEGA AO BRASIL.....	86
5.1	OS DESDOBRAMENTOS DO SÉCULO XIX ATÉ A CHEGADA DA ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA AO BRASIL.....	86
5.1.1	O CONTEXTO RELIGIOSO DE JUIZ DE FORA E A CHEGADA DOS REDENTORISTAS.....	89
5.1.2	UM BREVE RELATO SOBRE A ATUAÇÃO DAS IRMANDADES.....	101
5.1.3	AS MISSÕES REDENTORISTAS.....	106
5.2	A INSERÇÃO DA LIGA CATÓLICA NO BRASIL.....	110
5.2.1	NÃO UMA IRMANDADE, MAS UMA LIGA MASCULINA, QUE TRABALHA JUNTO À IGREJA, PARA O BEM DA FAMÍLIA.....	111
5.2.2	COMO ORIENTAR O CHEFE DE FAMÍLIA BRASILEIRO.....	114
6	A LIGA CATÓLICA FORMA OS HOMENS CRISTÃOS.....	129

6.1	UM BOM CIDADÃO, O MODELO IDEAL DE HOMEM CRISTÃO.....	129
6.1.1	OS MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO HOMEM.....	134
6.1.2	A REEDUCAÇÃO DO HOMEM.....	143
6.1.3	A INSTRUÇÃO DO HOMEM CATÓLICO.....	149
6.2	HOMENS MILITARIZADOS E EM ALERTA CONTRA O INIMIGO....	160
6.3	HOMENS CATÓLICOS E PATRIOTAS.....	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
	REFERÊNCIAS	190
	FONTES PRIMÁRIAS.....	190
	FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	196

1- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada “O modelo de homem católico: um estudo sobre o ideal de família a partir da ‘Liga Católica Jesus Maria José’ na primeira metade do século XX”, buscará analisar e compreender a construção de um modelo, tomado como ideal para o homem e para a família cristã, utilizado pelo grupo centenário de leigos católicos, conhecido no Brasil como “Liga Católica Jesus Maria José”¹. Como proposta, entendemos que a tese se ocupará em mapear o histórico e os trabalhos desenvolvidos por esse grupo em defesa de um formato ideal para o homem e, em consequência, para sua família, ressaltando como esse modelo se manteve ao longo dos anos, se houve alguma modificação na sua estrutura, quais poderiam ter sido os fatores que influenciaram o grupo, seus pressupostos e suas implicações.

O interesse por tal assunto surgiu a partir de atividades realizadas nos arquivos da Congregação do Santíssimo Redentor² em Juiz de Fora. Lá, deparamo-nos com grande volume de fontes, por muito tempo esquecidas e/ou pouco examinadas. Anteriormente³, estudávamos as redes de sociabilidade tramadas por grupos masculinos, do final do século XIX e princípio do século XX. Escolhemos como caminho uma loja maçônica italiana fundada na cidade de Juiz de Fora. Desse contexto, pinçamos a fundação da Liga Católica no Brasil: um grupo formado por homens católicos que procuravam afirmar sua fé e defender uma estrutura familiar cristã.

A passagem do campo da História para a Ciência da Religião aconteceu devido ao anseio por compreender os elementos religiosos existentes na construção do discurso do grupo em relação ao modelo ideal de família. A ideia de observar o desenvolvimento da sociabilidade de grupos masculinos nos princípios do século XX se manteve, entretanto o foco desta vez é notar as explicações religiosas para justificar como agir na sociedade. Tomando de empréstimo um trecho de Braudel, no final das contas “todas as ciências sociais se contaminam umas às outras” (BRAUDEL, 1978, p. 93), mas, claro, cada uma com suas especificidades e, neste caso, a Ciência da Religião ajudaria a compreender melhor as inquietações da pesquisa.

Para Croatto, é preciso um olhar atento para a simbologia religiosa que há em sua

¹ No restante do texto, também iremos nos referir ao grupo como Liga Católica ou usando as siglas LCJMJ.

²No restante do texto, utilizaremos o nome popular da congregação, a saber, Congregação Redentorista ou as siglas C.Ss.R.

³ Referimo-nos aqui à pesquisa realizada no mestrado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. A saber, BERTANTE, Rafael de Souza. **Um olhar sobre a sociabilidade italiana em Juiz de Fora:** italianos maçons e a “Unione Italiana Benso di Cavour”. Dissertação (Mestrado em História). UFJF, Juiz de Fora, 2017.

existência e em seu sentido sentido, um valor na experiência que envolve questões com uma transcendência. Desta forma, para compreender a linguagem religiosa, é necessário ter como referência de partida o envolvimento do indivíduo com o sagrado. É importante frisar que essa vivência religiosa que interpreta o contato com o transcendente, ou seja, com o sagrado, é uma experiência humana, como salientou o autor. Então, é possível resumir essa ideia, compreendendo que a experiência religiosa é humana, mas a sua relação com o sagrado é essencial (CROATTO, 2010, p. 40 a 46).

Para tanto, será necessário analisar criticamente as tradições religiosas que formam a mentalidade do grupo, assim como apontar para os aspectos morais e espirituais que foram tecidos na essência da Liga Católica, focando na sua existência em terras brasileiras. Desta forma, como apontado por Greschat (2005), compreendemos que a Ciência da Religião dispõe de recursos que procuram compreender melhor os elementos da religião, pois tal campo procura conhecer a religião em sua totalidade, algo que talvez não aconteça com a mesma profundidade e preocupação em áreas afins (GRESCHAT, 2005).

O objeto a ser estudado, então, será a Liga Católica Jesus, Maria, José. A partir dela, será observado o seu contexto histórico, trazendo, assim, aspectos da trajetória desse grupo e contextualizando os locais e momentos vividos por ele e pela sociedade na qual estava inserido. Contudo, para além do aspecto histórico, temos o interesse em analisar as condutas e os comportamentos de um grupo existente dentro da Igreja Católica. Portanto, esta questão pode ser respondida com o ponto de vista da Ciência da Religião, pois tange o quanto a religiosidade dita modos de comportamentos para o grupo (GRESCHAT, 2005). A substância aglutinante desta pesquisa será a moral que conduzia os costumes dessas pessoas, costumes esses justificados pela fé.

A Liga Católica Jesus, Maria, José foi até certo momento um grupo formado exclusivamente por homens. Durante tal período, nos questionamos quais as discussões traçadas por esses homens, como justificavam essa exclusividade masculina e por que não permitiam o ingresso de mulheres? Havia manifestações públicas, então, como se portavam nelas? De quais argumentações saíam as bases para formar essa estrutura de grupo?

Para começar a pensar nessas questões, compreendemos, baseando-nos em Braudel, que o catolicismo, tomado enquanto uma instituição religiosa, instaurou-se, no mundo contemporâneo, como um elemento de longa duração. Com isso, a ideia é de que o tempo social é formado por uma gama de correntes que funcionam em tempos sociais distintos, uns mais lentos e outros mais rápidos, e que esses pouco teriam a ver com o tempo da história tradicional, por exemplo, mas estariam mais atrelados a traços estruturais e geográficos, segundo o autor

(BRAUDEL, 1978, p. 43).

Olhando por este prisma, perceberemos que algumas estruturas, por sobreviverem por mais tempo, assentam-se na sociedade, chegando até mesmo a passar a sensação de serem naturais naquele meio. Percebemos muito essa ideia nas falas de liguistas⁴ em relação ao catolicismo no Brasil. Já outras estruturas não se fixam com a mesma força e acabam se esmaecendo em uma velocidade acelerada (BRAUDEL, 1978, p. 49).

As estruturas pensadas aqui vão para além de um projeto arquitetado ou uma montagem, consistem em algo que vai se desenvolvendo e se entranha na organização social. Essa estrutura, a de longa duração, rompe-se com o passar dos anos, sem se alterar de forma drástica, mas constantemente sofrendo desgastes, que podem ser restaurados ou não. É por conta disso que seus traços se transformam de modo lento e ela permanece por um longo tempo (BRAUDEL, 1978, p. 106).

Adotando esses embasamentos, surgiram as questões: a Liga Católica, quando fundada no Brasil, dialogava com a igreja de seu tempo? As pautas defendidas também faziam parte do seu meio social? Estava ela lutando contra algo? Contra algum costume que desestabilizava a ordem dos homens envolvidos?

Para começarmos a compreender as questões postas, é relevante conhecer a procedência do grupo. Sua fundação ocorreu na Bélgica, em meados do século XIX, recebendo o nome “Archiconfrerie de la Saint Famille⁵”. O seu principal idealizador foi o capitão do exército Henrique Belletable, que, ao passar a maior parte do dia junto aos seus soldados e aos operários da fundição de canhões, acreditou que lhes faltava fé e sobrava descaso com a própria família. Assim, acatando conselhos do padre redentorista Victor Deschamps e de seus amigos, Carlos José Hacken e Gil Jongen, Belletable, cogitou organizar um grupo que tivesse como intuito corrigir o modo como os homens estavam se portando perante a família e conduzi-los à prática católica (LEITE, s/d, p. 8 a 11).

A formulação e a apresentação do grupo foram bem aceitas pela comunidade católica local, o que estimulou Belletable a expandi-lo. Entretanto, o entusiasmo do capitão foi dosado pelos seus demais companheiros, que compreendiam a necessidade de de concentrar e fortalecer o grupo, além de regulamentá-lo perante a Igreja Católica. As questões legais foram assumidas pelo padre Deschamps e pelo bispo de Liège, Cornélio van Bommel, no ano de 1845 (LEITE, s/d. p.11 e 12).

⁴ Os que pertencem à Liga Católica Jesus, Maria, José costumam se denominam “liguistas”.

⁵ Em português, Arquiconfraria da Sagrada Família. Nossa tradução.

Nesta ocasião, o bispo van Bommel se interessou bastante pela obra e tratou de logo aprovar os estatutos, cujo primeiro artigo dizia sobre “honrar a Sagrada Família e proporcionar socorros espirituais a esta porção da humanidade que, por ser muitas vezes esquecida, não é a menos preciosa, são olhos da razão e da fé - a classe operária”. Destarte, o foco inicial do grupo seria um olhar atento àqueles que, por causa das transformações da sociedade, acabavam ficando afastados e esquecidos da prática religiosa, que, segundo o olhar desses homens, eram os operários. Foi assim que, em 07 de abril de 1845, o bispo erigiu solenemente a associação e presidiu a primeira consagração de 116 membros (BODAS LCJMJ, 1927, p. 13). Logo o grupo ganhou corpo e se expandiu pelo país. Sua extensão internacional viria em seguida, junto à ampliação da Congregação Redentorista na segunda metade do século XIX (LEITE, s/d, p. 11 e 12).

Dentro do contexto de crescimento da arquiconfraria e da congregação, está inserida a primeira fundação do grupo no Brasil, mais precisamente no ano de 1902, na cidade de Juiz de Fora (MG). A formação se deu a partir do padre redentorista Henrique Brandão, que adotou um novo nome para o grupo. Desde então, em terras brasileiras, levaria o nome de “Liga Católica Jesus, Maria, José” (LEITE, s/d, p. 24).

A constituição de um grupo leigo católico nesse momento parecia propício ao cenário local. Assim, nota-se uma rápida aceitação tanto pela hierarquia eclesiástica quanto pelos fiéis. O bispo da diocese de Mariana – da qual Juiz de Fora fazia parte – Dom Silvério Gomes Pimenta, mostrava-se preocupado com a vida espiritual da cidade. O catolicismo estava permeado por práticas populares, havia poucos clérigos atuando na cidade, os leigos não obedeciam à hierarquia da igreja, além da ocorrência da presença de outros grupos religiosos como protestantes, espíritas e maçons. Logo, a constituição de uma liga que conduzisse homens para dentro da igreja poderia ser um caminho junto às reformas que pretendia realizar em sua diocese.

Sobre esta preocupação, lemos uma carta, enviada pelo redentorista, vigário do curato de Nossa Senhora da Glória, ao bispo d. Silvério, em janeiro de 1901, falando sobre o empenho dos religiosos em defender os católicos da cidade, “do assalto das seitas heterodoxas que roubam o sagrado depósito da fé”. Preocupa-o o fato de alguns pais matriculem seus filhos em colégios que não seguem os preceitos cristãos, o que expõe os alunos a professores protestantes ou mesmo sem religião. O sacerdote acha isso perigoso, pois as crianças não estão recebendo educação religiosa adequada em seus lares e nas escolas, onde se deparam com esse cenário, estão tornando-se “distantes de Deus” (CARTAS, Arquivo da Província do Rio, 1901).

Deste modo, percebemos que, antes da fundação da Liga Católica, no ano de 1901, já

era relatado pelos sacerdotes redentoristas um incômodo com as práticas religiosas da cidade. Segundo eles, os pais não educavam seus filhos sobre a importância da religião e além disso ainda os matriculavam em colégios que não possuíam vínculos com a igreja católica.

Diante desse quadro, a apresentação da Liga Católica no Brasil aconteceu no encerramento de uma missão organizada pelos padres redentoristas de Juiz de Fora (BODAS LCJMJ, 1927, p.17). Para este marco, houve uma reunião no dia 31 de março de 1902, às 14h, na capela de Nossa Senhora da Glória. Neste dia, estiveram presentes 300 homens, de todas as idades, interessados em compreender mais sobre o assunto. A esses foi informado que a Liga Católica era um grupo masculino de leigos católicos, que tinha como finalidade “facilitar a todos os homens a prática da verdadeira vida cristã”. Ao término dessa reunião, quase todos os homens presentes registram interesse em participar do grupo (LEITE, s/d.p. 22).

A partir da fundação, os padres redentoristas passaram a divulgar a Liga Católica durante a realização das suas missões. Os resultados obtidos com a divulgação foi uma rápida aceitação e expansão pelas cidades onde os missionários passavam. O crescimento foi tamanho que, na década de 1920, devido à dificuldade de comunicação entre as Ligas Católicas formadas no Brasil e a sede, situada em Liège, na Bélgica, foi criada, na igreja Santo Afonso, no Rio de Janeiro (RJ), uma Liga Primária, responsável por organizar e associar todas as fundações ocorridas no Brasil, de modo autônomo da sede belga. Isso quer dizer que, antes, todas as Ligas Católicas fundadas no país deveriam se agregar à sede primária, que exercia suas funções em Liège, mas, a partir do Breve Apostólico de 14 de novembro de 1922, o Brasil passa a acolher uma sede que tivesse a mesma autoridade da primária de Liège. O órgão foi nomeado como sede primária Liga Católica de Santo Afonso (LEITE, s/d, p. 22 a 27). A partir dessa fonte, observa-se que houve registro de Ligas Católicas por quase todos os estados do país (GROOVER, 2010, p. 67).

A Liga Católica elaborou e divulgou um modelo de família que acreditava ser o ideal e o correto para os cristãos seguirem. Deste modo, a tese pretende analisar e compreender como tal modelo foi composto e em quais elementos religiosos foi baseado. De imediato, é possível pressupor que a base do modelo de família para a Liga Católica é a Sagrada Família de Nazaré que, inclusive, aparece no nome original do grupo, o qual, no Brasil, foi substituído por Jesus, Maria, José – as três pessoas que compõem a Sagrada Família.

Assim, a pesquisa discutirá o conceito de família e tentará compreender como se dava esse modelo de família defendido pela Liga Católica Jesus, Maria, José, levando em conta como ele foi proposto e como ele se propagava, uma vez que está presente desde a origem do grupo até os dias de hoje no Brasil. Para cumprir tal finalidade, buscaremos identificar os elementos

religiosos presentes no conceito de família da Liga Católica, observando se ocorreu mudança sobre a compreensão de família do grupo e quais poderiam ter sido os elementos que influenciaram essas mudanças.

A tese estará dividida em seis capítulos. O primeiro trata da introdução ao assunto e dos aspectos metodológicos utilizados na elaboração desta pesquisa. O enfoque dos capítulos dois e três da tese será analisar o contexto histórico de fundação do grupo na Bélgica e compreender como se deu a devoção à Sagrada Família. Já o quarto capítulo demonstrará o modo como a associação operava, partindo, sobretudo, da sua terra natal. No quinto capítulo, retornaremos a uma análise histórica, atentando, dessa vez, para o cenário brasileiro. No sexto, analisaremos de modo mais profundo a implementação do modelo e seu possível desgaste. Compreendendo a forma em que a religiosidade do país se encontrava, poderemos estudar, na prática, como a Liga Católica Jesus, Maria, José operou no Brasil até meados do século XX, quando ocorreu o Concílio Vaticano II, e como as mudanças na Igreja Católica também transformaram a estrutura da Liga Católica.

Portanto, o foco do primeiro capítulo será traçar conteúdos que apresentem o objeto escolhido, sobretudo sua construção ao longo do tempo. Para isso, trabalhamos com as análises de Fernando Braudel a respeito das estruturas sociais que se mantêm em “longa duração”. E, ainda, com as análises de José D’Assunção Barros, que serão importantes para a compreensão sobre a utilização dos jornais como fontes históricas.

No segundo capítulo, inicia-se o recorte histórico de nosso trabalho, quando, a partir das primeiras décadas do século XIX, faremos uma análise do contexto vivido por Henrique Belletable: em que ponto da história e da geografia estava a família de Belletable, as discussões políticas, econômicas e religiosas e, ainda, como se deu o ingresso do jovem Henrique no exército. Esse momento é significativo, pois dirá sobre o seu amadurecimento, seu afastamento da religião e sua conversão religiosa. Esse foi um momento complexo na vida desse indivíduo, mas, a partir dos embasamentos, sobretudo de Alves, Otto e Eliade, poderemos compreender tal trama.

O terceiro capítulo busca compreender como se fundou a devoção à Sagrada Família. Em termos técnicos, não encontramos essa expressão na Bíblia. Por isso, são questionamentos: quando este nome, “Sagrada Família” surgiu? Como foi se elaborando a simbologia em torno dos nomes de Jesus, Maria e José? O que a Sagrada Família representa para o meio cristão? Essas questões conduziram a escrita deste trecho do trabalho.

No quarto capítulo, o trabalho será de perceber quais eram as condições e os costumes empregados pelo grupo, para que conseguisse formar chefes de família e católicos praticantes

ao mesmo tempo. Esse modelo foi pensado em Liège a partir de Henrique Belletable e mais dois amigos e, sobretudo, no final do século XIX, espalhou-se por outros países, junto à expansão da Congregação Redentorista.

Chegando ao quinto capítulo, abordaremos o contexto histórico do Brasil, no final do século XIX e princípio do século XX. As mudanças políticas, durante a passagem do Império para a República, repercutiram no campo religioso, que passou a reformar suas bases, a fim de atualizar o catolicismo nacional e enquadrá-lo segundo as diretrizes e hierarquias estabelecidas pela Santa Sé. Neste momento, vemos a chegada da Congregação Redentorista no Brasil e a fundação da primeira Liga Católica no país, que, com o esforço de se mostrar diferente das antigas irmandades cristãs, propôs um modelo que conduziria o homem à prática religiosa.

Avançando para o sexto capítulo, perceberemos como funcionou a implementação desse modelo entre os homens. Para isso, foi fundamental a leitura de cartas, atas, manuais, estatutos, mas, principalmente, dos jornais que passaram a ser editados pelo grupo. No decorrer do século XX, a Liga Católica se unificou, através da sua sede no Rio de Janeiro, mas também através dos jornais mensais que instruíam seus sócios sobre o caminho a ser percorrido. O engajamento funcionou de modo expansivo até a metade do século, mas percebemos que, a partir da década de 1960, com o advento do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica se transformou, os ares do grupo mudaram. Tal constatação possibilitará uma análise mais apurada em outro trabalho.

As fontes históricas para essa pesquisa são provenientes sobretudo do Arquivo da Província do Rio, responsável por guardar os materiais produzidos pela Congregação Redentorista nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Neste arquivo, havia referências sobre a criação da Liga Católica no Brasil, fotografias e materiais produzidos pelas primeiras Ligas Católicas; também foi importante para a pesquisa o Arquivo da Liga Católica do Rio de Janeiro, onde foram acessados os jornais e livros que embasaram a leitura sobre o funcionamento do grupo; o Arquivo da Comunidade Redentorista de Curvelo forneceu parte dos jornais do grupo; e, por fim, foi pesquisado também o Arquivo da Confederação Nacional das Ligas Católicas Jesus, Maria, José, que se encontra na cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro. Lá estão importantes documentos históricos e uma coleção bem completa dos jornais da Liga Católica.

Por conseguinte, ao lado das leituras de teóricos da História, Sociologia, Ciência da Religião e Teologia, essa pesquisa contará com a análise de biografias e de documentos, pois percebemos que, nestes dois formatos textuais, estão os principais elementos utilizados pela Liga Católica na construção do seu conceito de família cristã. Os documentos a serem pesquisados são, em sua maioria, produzidos pelo próprio grupo. Dentre eles constam atas das

reuniões, cartas, livretos, mas especialmente o jornal “Liga Católica J.M.J”, que se mantém em produção desde 1925, contendo instruções, informações e elementos que embasam o funcionamento da Liga Católica.

Os jornais possuem funções muito úteis para a sociedade. Hoje, o formato de papel impresso está caindo em desuso, devido ao crescimento da divulgação da informação via internet. Atualmente, os jornais estão migrando para as plataformas digitais e, por isso, sendo acessados em sites e/ou rede sociais. Entretanto, o baixo custo do jornal em papel tem uma relevância de acesso nos locais em que o uso da internet ou o seu domínio ainda são restritos. Sendo assim, a sua acessibilidade, a sua importância histórica, ou até mesmo (por que não?) o seu charme e seu cheiro, enfim, fazem com que o jornal continue a ser impresso e vendido.

O jornal é um grande veículo de comunicação e um importante produto cultural, cuja principal função é a leitura e a informação. Muito utilizado ao longo da Idade Moderna e também utilizado na Idade Contemporânea, os jornais fazem parte de um grupo textual maior, denominado periódicos, que compreendem também os boletins, os almanaques, os catálogos, as revistas, dentre outros. Pensando nos impressos, são colocados para circular publicamente, com certa periodicidade. Espera-se que essa periodicidade siga um padrão, que pode ser diário, semanal, mensal, anual, mas, independente da regularidade, é relevante que estabeleça um padrão, mas também pode funcionar sem isso. Os jornais podem ser vendidos ou distribuídos gratuitamente. São encontrados em banca de jornal, lugar mais típico, mas podem chegar por correspondência, estar disponíveis em sedes de instituições, ser entregues em vias públicas, ou qualquer outro meio que os faça circular (BARROS, 2019, p. 179 e 180).

Os jornais se ancoram em uma base discursiva, que pode mesclar textual-imagética. Informam, mas também instruem, ou seja, comunicam ideias e valores e, assim, vão agindo em meio à sociedade. Talvez pareça uma ideia de que jornais, por serem um meio de informação, são imparciais, mas não o são necessariamente, pois podem tender a um lado, seja ele político, cultural, religioso, o que quer que seja. São formas valiosas de elaborar discursos que podem trazer desdobramentos para a sociedade (BARROS, 2019, p. 183).

Barros trabalha com a ideia de que os jornais trazem uma polifonia de textos. Ele quer dizer com isso que há uma pluralidade de textos em uma publicação e que esses textos podem ser até mesmo contraditórios. Os jornais se dividem em seções e são elaborados, normalmente, por mais de um autor, ainda que nem todos sejam identificados. Um fato de muita relevância, que cabe muito bem para nossa pesquisa, é que, ainda que os jornais sejam editados para um determinado público, a sua circulação faz com que pessoas muito diferentes umas das outras os acessem, por isso, o cuidado com a sua edição e com a forma de escrita pode determinar o

quanto esse veículo vai ter um longo alcance (BARROS, 2019, p. 184).

Durante a criação de um jornal, pode-se ter uma data de início e outra de fim, mas o que normalmente se espera é que a publicação consiga se estender durante um tempo, se possível longo. Como esses jornais estão localizados no tempo? Se, em um primeiro momento, ele carrega a função de informar, no segundo momento, ele pode funcionar como uma fonte histórica, testemunha de um momento passado. Daí resulta que estudar uma sequência do jornal pode ser uma importante forma de compreender a elaboração da ideia de um grupo (BARROS, 2019, p. 185).

Usar jornais como fontes históricas pode ser uma saída para nos aproximar de nossos objetos de estudo. Por ser uma forma de comunicação barata, ter uma periodicidade, formar um hábito, o jornal consegue uma boa inserção social (BARROS, 2019, p. 187, 190 e 193).

Tomando conhecimento sobre a relevância dos jornais para a compreensão de um grupo, optamos por acompanhar as edições do jornal da Liga Católica, do momento de sua fundação, em 1925, até o ano de 1959. Escolhemos não continuar a leitura durante a década de 1960, pois, nesse contexto, estava acontecendo o Concílio Vaticano II, e as décadas posteriores seriam o momento de adaptação da Igreja Católica às mudanças pós-concílio. Assim, encerramos o recorte de nossa pesquisa em 1959.

2- CONSTRUÇÕES NO TEMPO: ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A ASSOCIAÇÃO DA SAGRADA FAMÍLIA

A Associação da Sagrada Família surgiu na Bélgica, mais precisamente na cidade de Liège, o ano de 1844. Sua elaboração partiu da inquietação do capitão do exército Henrique Belletable e do apoio de seus dois amigos, Carlos José Hacken e Gil Jongen. O propósito desse grupo, que estava em gestação, era despertar o interesse pela prática religiosa dos operários da cidade, que por vezes estavam entregues ao trabalho excessivo ou aos vícios, de modo que haviam abandonado os princípios religiosos e a preocupação com sua família e seus filhos.

Para compreender o surgimento do grupo, antes estudaremos o contexto histórico, no qual o grupo estava inserido, tomando como ponto de partida o nascimento de Henrique Belletable, compreendido aqui como o principal fundador da Associação da Sagrada Família, devido a sua experiência religiosa seguida pelo intuito de elaborar um grupo que pudesse orientar os demais homens sobre a relevância da prática religiosa.

Paralelamente à história de vida de Belletable e a seu ingresso no exército, discutiremos sobre o momento em que a Bélgica sobrevinha, na tentativa de compreender os atos do capitão. Tomando conhecimento sobre a conjuntura vivida por Belletable, poderemos avançar sobre os motivos que levaram à elaboração do grupo e à busca pela conversão religiosa de mais homens.

2.1 - DO SEIO FAMILIAR À CARREIRA MILITAR: MOMENTOS INICIAIS DA TRAJETÓRIA DE HENRIQUE BELLETABLE

Para conhecer a formação da Arquiconfraria da Sagrada Família, seus objetivos e sua frente de ação, antes se faz necessário conhecer o seu principal idealizador, Henry Belletable⁶. Nascido na cidade de Venlo, nos Países-Baixos, no dia oito de abril de 1813, recebeu o nome de Henrique Hubert Belletable. Ele era o sétimo filho de um total de oito. Seu batismo aconteceu no dia seguinte ao seu nascimento, na igreja de São Martinho (GROOVER, 2010. p.8).

Seu pai, Domingos Belletable, era farmacêutico. Os relatos mostram que ele era oriundo de uma pequena cidade alemã, denominada Heinsberg, bem próxima à Holanda e carregava

⁶ O primeiro nome de Belletable passa por algumas variações, de acordo com a tradução do idioma. No Brasil, é recorrente o nome de Henrique. Todavia, em outros idiomas podemos ler Henry, Herirus, Heinrich. Neste ponto específico do texto, utilizamos o nome Henry, seguindo a referência do livro “Meulemeester, M. De. **L’Archiconfrerie de la Sainte Famille: Une page d’histoire religieuse contemporaine (1847-1947)**. Louvain: Bibliotheca Alfonsiana, 1946”. No restante da tese, adotaremos a versão em português “Henrique”.

consigo o brasão da família Belletable, o que poderia sugerir a descendência de uma família pertencente à nobreza. Ainda jovem, Domingos se mudou para Venlo, onde conheceu e se casou com Doroteia Timermans, filha do prefeito municipal da cidade (GROOVER, 2010, p. 9). A mãe de Henrique exercia a função de cuidar dos filhos, assumia economia doméstica e se dedicava à religião. Ao longo de sua rotina, Doroteia frequentava recorrentemente missas na Igreja Católica (GOVERS, 1957, p. 4).

Conhecendo um pouco sobre os progenitores de Henrique Belletable, fica implícito que a renda da família provinha da farmácia de Domingos. Esta, por algumas vezes, chegou a passar por instabilidades, o que levou Domingos a abandonar seu negócio e seguir para trabalhar na Companhia Holandesa das Índias Orientais, no ano de 1818. Isto se deu no contexto em que o governo holandês, com o intuito de consolidar sua posição dentro das colônias, passou a contratar e enviar a elas trabalhadores, com ofertas de bons salários. Seguindo essa possibilidade, o filho mais velho da família, Bernardo, também optou por trabalhar na companhia (GROOVER, 2010, p. 10).

A opção de sair de casa foi com o fim de tentar melhorar as condições de vida da família, por isso, parte do ordenado de Domingos era encaminhado para sua esposa. Contudo, a situação fora de Venlo não foi das melhores. Bernardo vivenciou um conflito e acabou falecendo. Seis anos depois, seu pai contraiu tísica e veio a óbito. Assim, a família perdeu sua fonte de renda. A solução para o problema do sustento veio através de uma pensão vitalícia proposta pelo governo holandês, estimada em 550 florins, para que se pudessem suprir as necessidades básicas da casa (GOVERS, 1957, p. 5).

Com o cenário do pai e do irmão mais velho fora de casa para trabalhar e, em seguida, com o falecimento de ambos, Henrique acabou passando sua infância bem próximo de sua mãe e dos seus demais irmãos. Tudo foi transcorrendo adequadamente dentro do possível, até que, próximo aos seus 14 anos, Henrique começou a se desentender com uma irmã e então passou a vislumbrar um novo caminho para sua vida (GROOVER, 2010, p. 11).

Logo, em 1827, Henrique Belletable escolheu seguir a carreira militar. É possível que o ambiente militar da cidade o tenha influenciado, além do fato de um dos seus irmãos também já ter passado pelo exército. Tomada a decisão, Henrique viajou até Maastricht – cidade localizada no sul da Holanda – e se alistou, no dia 13 de outubro de 1827. Nesta ocasião, assumiu o compromisso por um prazo de oito anos de trabalhos militares. Sua primeira designação aconteceu para a 14ª Companhia de Infantaria holandesa (GROOVER, 2010, p. 11).

Inserido no meio militar, Belletable encontrou seu estilo de vida. Passou a se deslumbrar com o serviço e a almejar se tornar um oficial. Certamente, esse não seria um caminho fácil.

Para alcançar as patentes desejadas, empenhou-se nas ciências e na arte militar. Tamanha foi sua dedicação que, com apenas 15 anos de idade, já alcançara o posto de sargento (GROOVER, 2010, p. 11 e 12).

Profissionalmente, é possível perceber que o jovem militar poderia ter um futuro promissor no meio. Sua dedicação e sua vontade de prosseguir na carreira militar demonstravam que ali era seu lugar. Contudo, em sua biografia, lemos que, à medida que progredia em sua trajetória profissional, distanciava-se, cada vez mais de sua família e da vivência cristã (GROOVER, 2010, p. 11 e 12).

A esta altura, os relatos de sua vida colocam Belletable em uma nova fase. Dividindo seus aproximadamente 15 ou 16 anos em dois períodos, temos que, em um primeiro momento, Henrique viveu em um ambiente familiar e devoto. Já em um segundo momento, ele passou por alguns desentendimentos com familiares e resolveu seguir uma carreira profissional como militar. Nesse contexto, foi abandonando aquele meio familiar e se desvinculando de uma formação e da prática religiosa. Chama a atenção o modo como o padre redentorista Groover coloca tal distanciamento entre Belletable para com sua família e com a religião. Segundo esse religioso, a convivência no exército proporcionou o distanciamento, pois “as seduções mundanas e o espírito totalmente irreligioso que reinava no exército acabaram contaminando o jovem sargento” (GROOVER, 2010, p. 11 e 12).

Eliade, em sua obra “O sagrado e o Profano”, ajuda a compreender a fala do redentorista. Para o autor, o humano religioso compreende o espaço por ele habitado como heterogêneo. Com este plano, a pessoa nota frestas e, então, escala de forma díspare algumas porções de espaços. Logo, podemos elencar a existência de locais sagrados e, por isso, de maior relevância em termos de importância para o humano religioso e, por outro lado, alguns lugares são interpretados como não sagrados e, por isso, são consequentemente amorfos. Ou seja, para esse religioso, o espaço sagrado se faz como o único real entre o todo que o cerca (ELIADE, 2010, p. 25). A forma como o texto nos apresenta esse percurso inicial de Belletable demonstra que ele perdeu a sensibilidade para identificar o espaço sagrado ou, então, esse espaço deixou de ter tanta importância, à medida que ele se tornou um homem militar e passou a se identificar com os ambientes não sagrados.

2.2 - O CONTEXTO HISTÓRICO DA BÉLGICA NO PERCURSO MILITAR DE HENRIQUE BELLETABLE

Henrique Belletable nasceu na década de 1810. Nesta ocasião, quais eram as circunstâncias vividas pela Bélgica? Para poder compreender melhor os caminhos adotados por Belletable, sobretudo a partir do seu ingresso no exército, é relevante conhecer a situação política, econômica e religiosa do país, para perceber as implicações tomadas dentre as decisões de Henrique Belletable.

2.2.1 - CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA BÉLGICA NO SÉCULO XIX

O Estado belga tem proporções territoriais relativamente pequenas. Ele dispõe de uma área de 30.688 km². Sua localização geográfica pode ser identificada como noroeste da Europa, com saída para o Mar do Norte e fazendo fronteiras com os Países Baixos ao norte, com Alemanha e o Grão-Ducado do Luxemburgo ao leste e com a França ao sul do país⁷. A sua localização e as suas fronteiras explicam muito sobre o desenvolvimento histórico do país, sobre os conflitos políticos traçados ao longo do tempo e sobre a adoção de mais de um idioma oficial.

Não temos a pretensão de desenvolver um histórico completo sobre a História da Bélgica, apenas elencar alguns momentos que demonstram a relevância da região e alguns exemplos de disputas políticas que ajudaram a formar essa nação que adota três idiomas oficiais, a saber o neerlandês, o francês e o alemão.

Desde a época do Renascimento, a região fornecia uma importante possibilidade de passagem para especiarias, para a circulação do capital e para a presença contínua de negociantes, uma vez que o território estava situado entre o continente europeu e o mar. Palco de inúmeras disputas, em 1555, tal território – que nesta época era denominado de “XVII Províncias” – foi dominado por Filipe II da Espanha. Cabe ressaltar que, durante seu governo, ocorreram diversas perseguições aos que professavam a fé católica. O resultado das disputas foi a divisão do território em duas partes: uma de maioria católica, onde séculos mais tarde estaria parte do país hoje denominado Bélgica, e uma outra parte que era composta por uma maioria calvinista e que viria a formar o território holandês (PRINS; JAMBERS, 1964, p. 23).

⁷ Informações geográficas retiradas do site <https://www.belgium.be/fr/la_belgique>. Acesso em: 23 de nov. de 2022.

Avançando para o século XIX, após o Congresso de Viena, em 1815, observamos uma junção entre a Bélgica e a Holanda, da qual Guilherme I tornou-se o rei (PRINS; JAMBERS, 1964, p. 28). É neste contexto que Henrique Belletable nasce e, no início de sua vida adulta, alista-se no exército. A junção entre a Bélgica e a Holanda se estendeu até 1830. Ao longo desse período, os interesses de grandes empresários se chocaram com a lógica política mercantil holandesa, favorecendo a formação de um nacionalismo belga, cuja liderança passou a ser vislumbrada na figura de Leopoldo I, então coroado como o rei da Bélgica (HOBSBAWM, 1977, p. 153).

2.2.2 - QUESTÕES INDUSTRIAIS, TRABALHISTAS E RELIGIOSAS NA BÉLGICA DO SÉCULO XIX

Em meio às disputas políticas pelo território, podemos ler várias transformações sociais, econômicas e mesmo religiosas nesse território da atual Bélgica. O historiador Eric Hobsbawm aponta, em seu livro “A Era do Capital”, que a Bélgica estava próxima a Inglaterra, na Primeira Revolução Industrial (2012, p.79). Esse contexto é relevante para pensarmos na expansão que a região vai conhecer ao longo dos séculos XIX e XX nos campos industrial e financeiro (PRINS; JAMBERS, 1964, p. 38). A região ganhou feições de um país industrial contando com a existência de subsolo rico em insumos para o impulsionamento da industrialização, ladeado por uma abundância de mão de obra (OGRIZEK, 1948, p. 76).

As transformações pelas quais passa a Bélgica na época em que Belletable viveu, como expõe Groover (2010), acontecem tanto nos campos industrial, econômico e das disputas políticas como nos aspectos religiosos. Para Hobsbawm (2012, p. 408), a esfera religiosa passa a perder espaço de importância dentro daquela sociedade, havendo um afastamento das práticas religiosas por parte da população. Esses relatos vão aparecer, por exemplo, nas preocupações do capitão Belletable, como encontramos em algumas de suas biografias⁸.

O afastamento do operário da prática religiosa, devido ao envolvimento com o trabalho nas fábricas, era uma questão para a Igreja e, por vezes, era mencionado em textos. Isso ocorria, sobretudo, no contexto de desenvolvimento industrial. No Brasil, por exemplo, lemos no jornal

⁸ A saber: GOVERS, N. **Vida do Cap. Henrique Belletable**. Rio de Janeiro: Mariana Editora, 1957; GROOVER, Padre N. **Capitão Henrique Belletable: Fundador da Liga Católica Jesus, Maria e José**. In: Jornal da Liga Católica J.M.J. janeiro de 1996 edição especial e reeditado em maio de 2010; MEULEMEESTER, M. de. **L’Archiconfrerie de la Sainte Famille**. Louvain: Bibliotheca Alfonsiana, 1946.

da Liga Católica, em fevereiro de 1927, um relato escrito pelo Diretor Geral do grupo, pe. João Baptista Smits, cujo título é “o patrão”.

Ter boas relações entre patrões e empregados. O esquecimento das leis de Deus fez com que, por vezes, patrões se preocupassem mais com as máquinas do que com as pessoas ao seu redor. E os operários, por vezes, caem em más companhias. O correto é que ambos sigam as leis de Deus (JLCJMJ, fev, 1927, p.1).

Neste trecho, podemos observar que o sacerdote se direciona diretamente para os empregadores e para os empregados, dizendo que ambos os lados estavam se importando mais com o trabalho e com as companhias do que com a religião, porém segundo o religioso, todos deveriam focar a atenção nas “leis de Deus”.

Em outro texto do mesmo jornal temos um texto assinado pelas iniciais A. de C. discorrendo sobre a importância da oração e de não trocar o descanso dominical pelo trabalho (JLCJMJ, fev, 1927, p. 2). Nestes dois trechos, percebemos falas que buscam alertar os trabalhadores sobre o equilíbrio entre o mundo do trabalho e a religião. Deixa-se a entender como o trabalho estava afastando os homens da prática religiosa e isso vale tanto para os empresários quanto para os operários.

Para o historiador Hobsbawm, o contexto de meados do século XIX, vivido na Europa, favorecia a laicização. Os avanços no campo das ciências questionavam algumas passagens das escrituras judaico-cristãs. Fica mais evidente e militante um ateísmo intelectual, como observa o autor, somado a uma crescente política anticlerical (HOBSBAWM, 2012, p. 408).

É interessante notar – voltaremos adiante a este assunto – que a classe operária estava se aproximando de ideologias revolucionárias e, também, de uma filosofia materialista. Disto resultava não apenas um distanciamento por parte dessa classe em relação às práticas religiosas, mas também uma posição de crítica e de ataque a elas (HOBSBAWM, 2012, p. 408).

O arquivista da Província da Bélgica da Congregação Redentorista, padre Meulemeester, escreveu um livro em 1946, visando resgatar o histórico e comemorar os 100 anos de fundação da Associação da Sagrada Família, como Arquiconfraria. Neste, o sacerdote relata que, em meados do século XIX, o capitalismo explorava e sugava a força do trabalhador, no sentido de o esgotar, de deixá-lo extremamente cansado. Ele ainda ressalva que isso valia não apenas para os homens, mas também para as crianças. Assim, segundo o autor, por vezes, a classe dos trabalhadores procurava um escape para as mazelas nas orgias e nas bebedeiras. Meulemeester entende que, uma vez que esses homens estão exaustos, recorrem a prazeres para o corpo e, por conta disso, eles se afundam em uma ignorância religiosa e se distanciam de suas famílias, implicando em escassez de amparos, conselhos e coordenação

(MEULEMEESTER, 1946, p. 7 a 9). Apesar da situação, Meulemeester não culpava integralmente esses homens, dado que os próprios chefes das indústrias, que promoviam a exploração do trabalhador, também não faziam questão da participação deles junto à religião. Assim, o próprio clero encontrava barreiras para acessar e instruir esses homens. O padre aponta ainda para o fato dos burgueses, e aqui ele generaliza a classe, maldizer os sacerdotes e tratá-los como socialistas, porque amparavam os trabalhadores (MEULEMEESTER, 1946, p. 10).

O padre arquivista observa, entretanto, que a atuação dos católicos com revolucionários socialistas não passou de “algo efêmero” e, conseqüentemente, isso não pode ser tratado como um “socialismo cristão”. Inclusive, ele prossegue apontando que o socialismo não passava de uma ilusão. Ou seja, Meulemeester vai tecendo críticas à forma pela qual o capitalismo conduzia os trabalhadores e vai buscando dissociar a junção do cristianismo com o socialismo. Ele demonstra uma profunda preocupação com a pouca prática religiosa, pois, segundo o autor, nela estaria a “salvação, e não nos prazeres mundanos”. A religião seria algo que ultrapassa os modelos capitalistas ou socialistas, pois ela aproxima ricos e pobres em torno de uma mesma causa (MEULEMEESTER, 1946, p. 11).

O cenário belga dessa primeira metade do século XIX foi de inúmeras transformações. Disputas territoriais, desenvolvimento industrial, afirmações de ideologias, tanto capitalistas como socialistas. Contudo, o pe. Meulemeester deixa claro, em seu livro, que a preocupação com a prática religiosa estaria ficando em segundo plano. Há um afastamento da religião e a preocupação apenas com as coisas terrenas, com o mundano. O intuito do autor é demonstrar que na religião o trabalhador e mesmo os burgueses, como ele denomina, encontrariam um real conforto e a salvação para a vida eterna. Belletable nasce nesse contexto e vivencia essas transformações.

2.2.3 - A ESCOLHA DE UMA NAÇÃO E A ENTRADA DEFINITIVA PARA O EXÉRCITO

Devido às disputas de poder, no momento em que Belletable ingressa no exército, a Bélgica pertencia à Holanda. Foi somente após um levante contra os holandeses, ocorrido no ano de 1830, que a Bélgica alçou sua independência. O momento não foi, entretanto, propício para a progressão militar de Henrique. Dado que a cidade de Maastricht, onde ele atuava, passou para o domínio dos belgas e, conseqüentemente, os oficiais holandeses foram mandados para

casa (GROOVER, 2010, p. 9 e 12).

Neste retorno, Belletable percebe o quanto o ambiente religioso mantido por sua família o entediava. Segundo Groover, no exército, ele “vivía uma vida leviana, sem sentido e desregrada. Se ainda praticava algo ligado à religião, era por insistência de sua mãe, a acompanhando às missas aos domingos e dias santos” (GROOVER, 2010, p. 13). Por mais que Belletable tenha ressignificado sua compreensão sobre a religião, Eliade diz que essa percepção profana não é totalmente pura. Justifica, ainda, que se tenha optado por uma vida profana, a pessoa não se desvincula por completo do comportamento religioso (ELIADE, 2010, p. 27). Belletable apresenta esses traços. Ainda que por respeito a sua mãe, ele frequenta o espaço religioso.

No ano seguinte, em março de 1831, Henrique, buscando retomar sua carreira militar, seguiu para Liège, cidade belga, e lá ingressou mais uma vez no exército, ocupando o posto de segundo sargento e, dois meses depois, o de primeiro sargento.

Neste momento, serviu às divisões em Antuérpia (GROOVER, 2010, p. 13). Naquele mesmo ano, ocorreu um confronto entre as forças armadas da Holanda e da Bélgica. O conflito chegou a atingir a frente organizada por Henrique. Ao término da expedição, Belletable foi dispensado e mais uma vez retornou para casa da sua mãe. Contudo, esse retorno não foi pacífico como o anterior. Desta vez, Belletable havia lutado contra o exército holandês, no qual alistara-se anteriormente, o que desagradou profundamente sua mãe. Somente após intervenção de sua irmã, ele pode retornar à casa. Ao final do prazo de licença, Henrique seguiu mais uma vez a Liège e, em dezembro de 1831, foi promovido a suboficial, no exército belga (GOVERS, 1957, p. 7).

Percebemos uma disputa mental de territórios. Doroteia, mãe de Belletable, não conseguia aceitar muito bem o fato de o filho ter servido ao lado dos holandeses e em seguida ter ingressado no exército belga. Por outro lado, temos Belletable, que havia iniciado a sua carreira no exército holandês, mas, tendo sido dispensado por esse, encontrou caminho no exército belga. A consciência nacional, como afirma Hobbsbawm, não é construída de modo uniforme, padronizada entre as pessoas, mesmo entre grupos. Pelo contrário, é concebida de modo diferente pelos que a vivenciam. Usando um termo empregado por esse mesmo autor, a “heterogeneidade nacional” acaba sendo aplicada na prática, devido às necessidades maiores, ou aos interesses de instâncias do poder. Por exemplo, seria uma forma de pequenas nações entrarem em uma lógica maior, atualizarem-se e deixarem de ser atrasadas, pensando em uma lógica de progresso estrutural e financeiro. Contudo, isso pode fazer menos sentido para o nível de consciência da pessoa comum, como percebemos em Doroteia, inclusive, o próprio

historiador, usado como base essa ideia, ressalta que não se sabe ao certo o sentimento exato das pessoas comuns, referente aos novos estados e às nações construídos, pela pouca quantidade de fonte (HOBSBAWM, 2008, p. 18, 46, 88, 90 e 93).

No sentido mais geral do termo, nação poderia ser compreendida como junção de uma “associação histórica com um Estado existente, a existência de uma elite cultural longamente estabelecida que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito” (HOBSBAWM, 2008, p. 49). Quando mencionamos a questão de escrita, ou da linguagem na Bélgica, entramos em um campo ainda mais complexo, por estarmos tratando de um país que possui três idiomas oficiais, como mencionamos anteriormente.

O neerlandês, ou o holandês, é um dialeto herdado dos flamengos, enquanto o francês é de antecendência dos povos valões. Para completar, o alemão é utilizado, sobretudo no leste do país. As diferenças linguísticas e mesmo culturais por vezes foram sistematizadas pela governança de um mesmo príncipe e pela religião, que neste contexto era de maioria católica. Isto é, a linguagem do poder e a linguagem religiosa podem ter funcionado como aproximação dessas singularidades (PRINS; JAMBERS, 1964, p. 14).

2.3 - A FIM DE CORRIGIR ERROS MUNDANOS, O CAPITÃO BELLETABLE PROPÕE UM OLHAR ATENTO À FAMÍLIA E À RELIGIÃO

Belletable deixa a casa de sua família para seguir seu sonho de ser militar. Afastado dos cuidados de sua mãe, abandona a prática religiosa e passa a se dedicar ao exercício militar e aos prazeres mundanos. Contudo, no meio desse percurso, Henrique se deparou com uma situação que o transformou. Uma conversa de beira de estrada o fez repensar sua vida e sua relação com a religião. Podemos chamar isto de conversão religiosa. Após ter repensado seu modo de viver, Belletable e seus amigos vão se organizar e fundar um grupo, que pretende se dedicar aos homens, mostrando a eles o caminho para a prática religiosa.

2.3.1 - BELLETABLE VIVENCIA A CONVERSÃO RELIGIOSA

Esta insistência em retomar a vida militar manifesta o quanto Belletable ansiava a carreira, concomitantemente, os relatos sobre sua vida apontam, também, para o quanto se afastava da prática cristã instruída, sobretudo, por sua mãe. Após retornar para o exército e

romper com sua família, Belletable conheceu Elizabeth Itssart e e logo se apaixonou por ela. Decidiram viver juntos, porém não se casaram na Igreja Católica (GROOVER, 2010, p.15). Suas escolhas apontam que cada vez menos se importava em seguir os ritos determinados pela Igreja. Eliade explica que o a-religioso se desvincula da importância dos rituais praticados no ambiente religioso, assim, passagens como o nascimento, o casamento e a morte tornam-se acontecimentos que dizem respeito ao indivíduo e a sua família, perdem uma compreensão sacra ou uma importância sacramental (ELIADE, 2010, p. 151).

Groover diz, entretanto, que a esta altura “essa vida desgarrada dos ideais cristãos estava com o tempo contado”. No ano de 1837, Belletable estava em seu quartel chefiando sua guarda – durante o tempo pascal⁹ – quando o capelão militar de Liège foi ao quartel para atender os que quisessem se confessar. Belletable disse ao capelão que seu serviço não era necessário ali e o dispensou. Nesse momento, Henrique percebeu que algo estava diferente em sua consciência. Após ter dispensado o capelão, ele foi tomado por um remorso. Neste mesmo dia, enquanto retornava para sua casa, encontrou pelo caminho um sacerdote, o qual já havia encontrado outras vezes, porém, desta vez, sentiu vontade de se confessar (GROOVER, 2010, p. 16).

Esse remorso seguido da vontade de se confessar sinalizaram alguma transformação interna em Belletable. Segundo as informações biográficas, talvez a mudança em sua vida nem mesmo fosse clara para si. Foi na tentativa de compreender os sentimentos religiosos que afloravam em si, que Henrique percebeu o quanto estava desdeixado com a religião, o quanto humilhava aqueles que professavam a fé. Esse momento marca Belletable por uma indecisão, ao mesmo tempo em que ele relutava a religião, ele tentava compreender a religião em sua vida. Certa vez, ao passar por um prédio, notou um tronco de carvalho que acabara de ser derrubado. Voltou-se para o empreiteiro, que estava no local, e disse: “mas que beleza esta árvore”, ao que o homem lhe respondeu: “sim, beleza por fora, mas não serve para nada, a não ser para arder na fogueira”. Logo, Belletable questionou o motivo para tal afirmação e o homem se pronunciou: “está podre por dentro”. Este diálogo fez com que o militar se calasse mais uma vez e o deixou ainda mais pensativo. A ideia que o rodeava a partir de então era “podre por dentro; isso é você!” (GOVERS, 1957, p. 8).

As reflexões que passaram a permear os pensamentos de Belletable o conduziram para sua conversão. Isso se tornou mais evidente durante um dia de seu trabalho, quando um de seus

⁹ O Tempo Pascal é um período do Ano litúrgico cristão católico, que segue 50 dias depois do Domingo de Páscoa.

soldados, já muito doente, solicitou a presença de um sacerdote para se confessar. Se outrora Belletabel afirmou que em sua guarnição não havia serviços para um capelão, desta vez ele mesmo fez questão de chamar algum padre. Dirigiu-se até à residência do vigário de São Servácio – aquele com que cruzara pelo caminho tempos atrás. Belletable o chamou durante o almoço, mas o vigário não se importou, largou o almoço e foi encontrar o enfermo. Esse ato comoveu Henrique, que não conseguia mensurar a caridade daquele sacerdote que se esquecia de si mesmo para socorrer o outro. Perturbado pelas questões que afloravam em seu interior, Belletable se pôs a rezar. E, no momento em que orou, sentiu que uma força espiritual se apoderava dele e lhe dava coragem para romper com o pecado. Foi então que decidiu se colocar de joelhos aos pés de um sacerdote, pedir perdão de seus pecados e assim mudar de vida (GROOVER, 2010, p. 17 e 18).

A sequência de acontecimentos com Belletable até o momento em que se pôs em oração o contorna em um sentimento de criatura, momento esse tratado por Otto como estado psíquico de majestosa devoção e arrebatamento. Esse relevo aponta que não se trata apenas de um êxtase moral, mas uma sequência de sentimentos específicos que o levaram a tal prática. Pensando dentro da lógica cristã, esse arrebatamento vai além dos sentimentos de gratidão, de confiança, de amor, de esperança, de humildade, de sujeição e de submissão. O autor prossegue dizendo ser esse um sentimento confesso de dependência o qual ultrapassa os sentimentos naturais, sendo qualitativamente diferente. Belletable, que dispensava a prática dos ritos católicos e dispensara o serviço do clérigo, neste último momento, desvaneceu-se em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura. Otto ainda completa dizendo que a sensação de mistério, que abarca a pessoa, somente se torna possível a quem despertou uma predisposição psíquica peculiar, diversa das capacidades cotidianas. É a partir de então que surge uma função própria e nova de espírito humano em vivenciar e valorizar a dimensão sagrada. (OTTO, 2007, p. 40 a 42 e 47). Assim, surge um novo sentido que se revela separando a relação entre a pessoa-mundo, de modo que o mundo ganha vida própria para além da capacidade de interpretá-lo (ALVES, 2005, p. 75).

Para Alves, a palavra conversão não é gerada ou faz parte apenas do cenário religioso; ela se fundamenta em outros círculos fenomênicos, como na terapia, onde se busca construir uma nova estrutura de valores. Esse termo vai compreender um processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valores em uma pessoa. Não é garantido que a conversão aconteça, mas, quando ocorre, normalmente envolve alguma crise interna vivida pelo sujeito e/ou algum episódio externo que tenha presenciado. A conversão produz uma nova síntese para a pessoa. Funciona como uma espécie de indicação de que a personalidade passou

por uma metamorfose, instaurando-se, assim, uma nova atitude de valores diante da vida, capaz de reorganizar a personalidade. A pessoa passa a observar o mundo de modo diferente e, conseqüentemente, passa a falar de modo diferente, abandonando discursos anteriores como se as mensagens, antes dissonantes, a partir de então, entrassem em harmonia. Isso permite que as emoções anteriores de confusão, culpa e ansiedade sejam substituídas por um sentimento de paz, alegria e poder. Deste modo, a experiência de conversão a um novo sistema de significação é capaz de organizar os dados esparsos da biografia da pessoa produzindo sentimento de liberdade e satisfação (ALVES, 2005, p. 72 a 75).

Fábio Leite aponta que a conversão traz consigo transformações vividas durante um processo estimado como único. Contudo, o que é importante acontece para além da vontade da pessoa. É uma transmutação que chega a redimensionar toda a existência, não só do convertido, mas também dos que o cercam, justificando assim a compreensão de uma nova vida, uma ruptura com a realidade interior e um novo equilíbrio das suas relações (LEITE, 2014, p. 45).

Talvez, possamos compreender essa conversão dentro da ideia de Eliade de manifestação do sagrado, identificada assim, pois se faz de modo totalmente diverso do profano. Para exemplificar, ele propõe usar o termo hierofania, tomando com significado algo de sagrado revelado ao humano. Conforme Eliade, na história das religiões, podem-se identificar várias hierofanias, como manifestações das realidades sagradas (ELIADE, 2010, p. 17). Casos de conversão e manifestação do sagrado se fazem presentes, por exemplo, com Charles de Foucauld. Sua história, inclusive, apresenta algumas semelhanças com a vida de Belletable. Foucauld também entrou cedo para o exército, contudo resolveu abandoná-lo para viver outras experiências. Não era uma pessoa muito preocupada com religião. Viveu algumas experiências de estoicismo e gosto pela virtude pagã. Seu olhar para o cristianismo veio a partir da bondade do coração de uma mulher que o amou, Marie de Bondy. Diante dessa mulher, que atuava através do seu silêncio, seu amor, sua bondade e perfeição, Charles passou a pensar que a religião poderia não ser tão absurda. A partir destas correspondências de sentimentos, Charles passou a frequentar a Igreja Santo Agostinho e passou a orar, à sua maneira. Procurou também um mestre, pediu que o ensinasse a religião. Ele disse isso ao padre Huvelin, em 1886. Ele se confessou e comungou, aos poucos se converteu à fé cristã (SIX, 2008, p. 35 e 36).

Após retomar as suas orações, Belletable sentiu a necessidade de se confessar. Groover descreve que ele seguiu até a casa do vigário de São Servácio e bateu à sua porta:

- Entre, tenente; que deseja?
 - Senhor Padre, há um soldado doente; precisava do seu auxílio.
- O vigário tinha muito que fazer na ocasião; mas, foi logo respondendo:
- Pois não, vamos lá agora mesmo.

E já ia se aprontar para acompanhar o tenente. Este, porém lhe retrucou:
 - Não. Senhor Padre, não é preciso sair. O doente... sou eu! Meu corpo está
 são, mas minha alma é que está precisando do senhor.
 - Pois bem, sente-se, então, tenente (GROOVER, 2010, p. 18).

É interessante observar nesse diálogo que Belletable se descreveu como o tronco de carvalho que ele havia encontrado pelo caminho tempos atrás. Em sua descrição, ele se coloca aparentemente bem fisicamente, mas a questão se fazia em seu interior, lá é que se sentia doente, como aquele tronco que internamente estava apodrecido. Foi então, durante a conversa, que o vigário auxiliou Belletable para uma confissão geral que ocorreria na cidade. Ele compareceu a esta e, finalmente, sentiu-se transformado. Belletable compreendeu que, a partir de então, pertencia por inteiro a Deus (GROOVER, 2010, p. 18).

O militar vivenciou uma metamorfose e passou a agir de outra maneira. Essa mudança não aconteceria somente com ele, mas também afetou as pessoas ao seu redor. Henrique sabia que, por conta do ambiente a-religioso em que vivia, haveria críticas e afrontas ao seu novo modo de compreender o mundo, porém ele acreditava que esse seria o melhor caminho para poder professar a sua fé. Govers traz um episódio desses:

Certa vez, oficiais se puseram a zombá-lo, então ele disse: “Meus senhores, não me envergonho de minha fé. Sirvo ao rei e com esta espada estarei pronto a defendê-lo, porém sirvo também a Deus e essa outra arma jamais abandonarei”, quando tirou um terço de seu bolso e exibiu com orgulho. Os oficiais se calaram e mais tarde um foi castigado por Deus perdendo sua língua (GOVERS, 1957, p. 9 e 10).

Nesta citação, Belletable é apresentado como o homem que mantém e sustenta seus ideais militares junto à sua corporação e sua incumbência com o país, porém é um homem convertido, agora também serve a Deus e não se envergonha de se expor aos seus companheiros, ainda que estes vivam em um ambiente a-religioso. Seu fardo, a partir da conversão, será carregar em suas mãos dois instrumentos: a espada, a qual usa para defender o rei, mas também o terço, que expõe e professa a sua fé. Cada um desses símbolos apresentará uma mensagem e uma missão a desempenhar, tendo em vista assegurar seu equilíbrio pessoal ou restabelecê-lo.

Pensando no terço que ele apresenta aos companheiros, Eliade mostra que esse tipo de símbolo o coloca diante dos outros como pertencente a uma religião, no caso católica. Além da identificação, tal símbolo pode conectá-lo aos demais católicos, pois torna-se um símbolo de identificação de sua fé, como se sua crença externasse o seu mundo particular e passasse também a ser demonstrada para os outros, para o mundo. Assim, os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, elaborando uma nova compreensão

de mundo. O autor vai explicar que, ao compreender o símbolo, a pessoa religiosa também passa a viver o universo da religião, (ELIADE, 2010, p. 172).

Podemos refletir então que o militar, Belletable, teve em sua infância, uma aproximação com a religião, muito por conta do ambiente em que vivia e da devoção de sua mãe. Entretanto, sua profissão e os lugares que passou a frequentar o conduziram a não mais tomar a religião como um lugar necessário. Até este momento, notamos que o meio conduziu Belletable para participação ou não na religião. Quando se converteu para a religião, ali sim compreendeu o caminho que deveria seguir. A transformação foi tão profunda que se impressionava “vendo tantos homens dos quais a paixão e a incredulidade fazem sua perda em detrimento de sua própria alma, da família e sociedade” (BODAS LCJMJ, 1927, p. 11). E a possível saída para esse seu incomodo seria conduzir outros homens para a conversão religiosa.

Eliade ajuda a compreender que a conversão de Belletable e a sua experiência do sagrado elabora um mundo para si. Ele não mais se baseava no mundo ao seu redor, mas passou a dar atenção para um mundo seu, que, nesse caso, tinha como ponto determinante a religião. Nesse mundo,

O sagrado se manifesta no espaço, o real se revela, o mundo vem à existência. Mas a irrupção do sagrado não somente projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um Centro no Caos; produz também uma rotura de nível, quer dizer, abre a comunicação entre os níveis cósmicos e possibilita a passagem de ordem ontológica, de um modo de ser a outro. Esse centro permite a comunicação com o transcendente (ELIADE, 2010, p. 59).

Para lhe orientar dentro desta nova jornada, Henrique tomou como diretor espiritual o padre Deschamps¹⁰, que pertencia à Congregação Redentorista e residia na cidade de Liège. Passou a adotar uma vida sóbria, desinteressou-se por festas, farras, tavernas e bares, sua satisfação era encontrada na participação ativa em atividades religiosas. Durante os domingos, frequentava o Seminário Maior dos redentoristas, em companhia dos alunos filósofos e teólogos. Alí orava, imóvel, ao pé do Santíssimo Sacramento. Diariamente, assistia à missa, muitas vezes aproximava-se do altar e se colocava em oração, por horas. Sua biografia também o apresenta com uma aparência jovial, divertida e alegre, tomando sua simpatia como responsável por conquistar os que o rodeavam. As narrações acrescentam ainda que ele vai adotar uma vida sem luxos. Escolheu um quarto simples para residir, não gastava mais que meio franco por dia, ou a quantia para que pudesse atender às suas necessidades básicas. Sempre se trajava de farda, com intuito de economizar com vestimentas para se capacitar a dar esmolas e

¹⁰ Mais tarde, Deschamps tornar-se-ia cardeal da Igreja Católica.

a espalhar boas leituras. Deste modo, usava parte de sua renda para enviar livros a vigários, sobretudo aos mais carentes, para que esses fizessem propaganda e espalhassem leitura que considerava sadia ao estilo de vida e fé das pessoas (GOVERS, 1957, p. 10 e 11).

Outra mudança que a conversão trouxe para Belletable foi sobre o seu relacionamento com Isabel Stassart. Moravam juntos, porém não eram casados. Após a transformação em sua vida, Henrique optou por se separar de Isabel, até que pudessem estar unidos pela Igreja. Pe. Groover conta, porém, que não era tão simples realizar esse casamento. A lei, naquele tempo, exigia a quantia de 40.000 francos da mulher que pretendesse casar-se no religioso sem ter feito antes o contrato civil. Este valor era alto para as condições da família de Isabel. Belletable também não possuía tantos recursos. Neste período, era tenente do Exército, mas o salário que ganhava não permitia juntar tal quantia (GROOVER, 2010, p. 28 e 29). Portanto, ainda que fosse uma ação de grande relevância para a Igreja Católica, compreendido como um sacramento, havia grandes dificuldades para se casar de modo religioso. Essas barreiras financeiras certamente apontam para um afastamento dos casamentos religiosos. Se retornarmos ao contexto vivido por aquelas pessoas na Bélgica, em que, por exemplo, os homens se dedicavam mais ao trabalho e aos prazeres humanos, distanciando-se da prática religiosa e os custos do casamento eram tão altos, dificilmente esses homens procurariam a Igreja para oficializar uma união perante a religião.

O padre Dechamps também se tornou diretor espiritual de Stassart, que se arrependera por não levar uma vida religiosa. Algo que discutiremos adiante, mas desde já cabe a menção é que, segundo a interpretação do grupo, uma vez que o marido, o homem, tivesse se convertido à prática religiosa, toda a sua família compreenderia a importância da fé e, também, passaria a se dedicar à religião. Assim, orientando o casal, Dechamps se preocupava em regularizar a situação deles. Até que combinou com Henrique e Isabel para que se apresentassem juntos na igreja de Nossa Senhora, onde ele era Reitor, e, terminados os exercícios vespertinos, com autorização especial da autoridade eclesiástica, os abençoou. Assim, fizeram-se oficialmente unidos pela Igreja no dia 8 de dezembro de 1843 (GROOVER, 2010, p. 28 e 29).

A conversão de Belletable o levou a se preocupar com o descaso dos outros para com a religião. Individualmente, conversava com os mais próximos, na tentativa de levá-los a uma vivência realmente cristã, porém sentia que era necessário fazer mais, algo que consolidasse a permanência desses homens na religião e que pudesse se tornar mais amplo, como vimos no próprio caso de sua companheira. Desde 1838, aproximadamente, Belletable pensava em formular algo que tivesse maior eficácia para atrair os homens para a religião, sobretudo os operários (GROOVER, 2010, p. 28).

Caminhando para meados do século XIX, difundiram-se pela Bélgica alguns grupos de homens leigos como a Sociedade de São Vicente de Paulo e um em Liège dedicado a *Saint-Paul*, os quais Belletable chegou a conhecer e se acredita que ele tenha participado deste último. Assim, é possível que o modelo desses grupos tenha servido de inspiração para Henrique. No entanto, algo que ele notava é que tais grupos não conseguiam atrair os jovens e os operários, ou, quando faziam isso, eram esvaziados pelos empresários e intelectuais. Logo, quando Belletable começou a formular a criação de um grupo que levasse o homem para a prática católica, ele pensou em voltar esse para os operários. A sua preocupação vinha com seus próprios subordinados da fundição de canhões. Incomodava-lhe observar a miséria e o fracasso moral. Agradava-lhe a ideia de aproximar esses trabalhadores da prática religiosa (MEULEMEESTER, 1946, p. 9 a 17).

Após a conversão, Belletable se convenceu de que deveria levar a religião até as demais pessoas. Sua esposa, na sequência, compreende a importância da fé e concorda em se casar na igreja. Observando os grupos que se constroem pela cidade, Henrique se preocupa com a baixa participação masculina nesses e pensa que não há uma interação entre jovens, operários, burgueses e intelectuais em um mesmo grupo. Contudo, através de um olhar externo, a ideia que passa a acometê-lo é um tanto contraditória quando observamos que mesmo sentindo falta da interação mencionada, ele focou em construir um grupo que se dedicasse a atrair o operário belga, sendo que, a princípio, não juntasse homens de todas as classes sociais.

Aos poucos, Belletable traçava alguns planos, mas essas ideias só vieram a ganhar corpo após sua amizade com Gil Jongen e José Hacken. Jongen era carpinteiro e muito fiel à Igreja Católica. Hacken era alfaiate, um homem muito piedoso, já conhecido de Belletable. De vez em quando, encontravam-se e conversavam sobre a situação dos operários e o tenente lhes expunha os seus planos, mas ainda sem encontrar um modo de colocá-los em prática. Os pontos que mais os preocupavam era ver os

Operários trabalharem aos domingos e beberem na segunda-feira e blasfemar todos os dias [...], além disso, ou por causa disso, a vida de família era um descalabro. O próprio Belletable afirmou várias vezes que esses pobres infelizes pouco caso faziam de suas famílias e que não faziam caso nenhum da educação de seus filhos (GROOVER, 2010, p.28).

Somada a essas questões, Belletable e seus amigos se preocupavam também com a presença da Maçonaria que “por vários meios, sobretudo pela imprensa, procurava descristianizar o povo simples, operários e camponeses”, segundo a interpretação deles (GROOVER, 2010, p. 27 a 30).

Em maio de 1844, Belletable se reuniu com Jongen e Hacken e discutiram a

possibilidade de fundar uma associação para melhorar a situação material e, sobretudo, moral dos homens e de suas famílias. Jongen propôs que as reuniões poderiam acontecer em sua casa (GROOVER, 2010, p. 31 e 32).

A princípio, o plano era reunir pequenos grupos de trabalhadores, para realizar conversas amigáveis que também falariam sobre religião, ensinariam a rezar e preveniriam sobre os perigos que ameaçavam a fé e os bons costumes. Belletable pensava em formar vários grupos, que, ao reunirem doze pessoas, deveriam ser divididos em dois grupos de seis, cada um passaria a atuar em locais diferentes, seguindo uma diretriz única (MEULEMEESTER, 1946, p. 9 a 17).

Meulemeester afirma que não se sabe ao certo de onde ele tirou essas ideias. Há uma possibilidade de Belletable ter entrado em contato com biografias de Santo Afonso e nelas ter conhecido as *Oeuvre des Chapelles*¹¹. Nesse começo da década de 1840, chegou na Bélgica um livro escrito pelo pe. Antoine Tannoja, contando sobre a vida de Santo Afonso Maria de Ligório¹² e sobre a Congregação do Santíssimo Redentor. O encontro entre Belletable e a obra pode ter ocorrido através de um amigo, chamado François. Segundo os relatos, o tio de François teria a biografia e pode ter emprestado ao militar convertido (MEULEMEESTER, 1946, p. 9 a 18).

Mesmo antes de seguir a caminhada sacerdotal, Afonso de Ligório já havia experimentado a participação em associações e confrarias religiosas. Como exemplo, chegou a ser membro da Congregação de Nobres de Nossa Senhora das Mercês, Compagnia de Santa Maria Sucuri Miseris, entre outras. Após sua ordenação, Ligório desenvolveu um trabalho, tomado como original, que foi sua atuação pastoral nas Capelas do Entardecer. Afonso desenvolveu e atuou nesse grupo desde pelo menos 1727, até cerca de 1732, quando fundou a Congregação Redentorista (VIDAL, 2022, p. 471 a 474).

Na biografia escrita por Tannoja¹³, temos que, logo após seu primeiro ano de sacerdócio, Afonso recebeu do Cardeal Pignatelli a faculdade de ouvir confissões, o que o levou a percorrer

¹¹ Em italiano *Capelle Serotine*. Encontramos traduções para o português que chamam a obra de Capelas Vespertinas ou Capelas do Entardecer. Este último será adotado neste trabalho.

¹² Santo Afonso Maria de Ligório foi ordenado padre em 1726, fundou a Congregação do Santíssimo Redentor em 1732, sagrado bispo de Santa Ágata do Godos em 1762 e faleceu em 1787. Foi canonizado no ano de 1839, declarado doutor da Igreja em 1871 e patrono dos confessores e moralistas em 1950 (MAJORANO, 2012, p. 21).

¹³ É possível que tenhamos acessado a mesma edição que Henrique Belletable, ou uma edição bem próxima, pois o livro que lemos para este trabalho foi impresso em francês no ano de 1842. (TANNOJA, Antoine-Marie. *Mémoires sur la Vie et la Congregation de S. Alphonse-Marie de Liguori, Évêque de S.-Agathe des Goths et Fondateur de la Congregation des Prêtres-Missionnaires du Très-Saint Rédempteur*. Tome Premier. Paris: Gaume Frères, Éditeurs-Libraires, 1842).

um importante caminho para o restante de sua carreira. Passou a atentar às histórias que lhe eram contadas. O volume de penitentes aumentava e Afonso passava a não ter tanto tempo para entregar todas as instruções que julgava necessárias. Foi então que pensou em passar a reunir as pessoas, ao longo de tardes, para tentar instruí-las (TANNOJA, 1842, p. 66 a 74).

A junção dessas pessoas foi ganhando um caráter de assembleia e agregando mais indivíduos que buscavam instruções (TANNOJA, 1842, p. 75). Isso por volta de 1723, ainda sem uma estrutura bem definida. Somente por volta de 1728 é que esses encontros ganharam características mais bem definidas, por exemplo, ao cair da tarde, com a presença dos sacerdotes e dos que buscavam os ensinamentos. O lugar se deslocou das proximidades da Igreja de S. Teresa dos Descalços, até que se fixaram na praça Stella, próximo ao convento dos padres Mínimos (REY-MERMET, 1984, p. 188 e 189).

Outra característica desse grupo é que era frequentado por pessoas pobres e humildes, chamadas de *lazzaroni*¹⁴, entre eles estavam pedreiros, carpinteiros, barbeiros, entre outros. Os religiosos pregavam para essas pessoas sobre os perigos do vício e sobre as virtudes cristãs. Apesar do assunto e da finalidade tratados nos encontros, pessoas de fora do círculo estranhavam a junção daquelas pessoas e daqueles sacerdotes. Passaram a ser espionados e até denunciados para as autoridades locais. Ao que se apresenta, o Cardeal Pignatelli não se assustou com as denúncias, pois confiava no trabalho do então pe. Afonso de Ligório (TANNOJA, 1842, p. 75 e 77).

O movimento foi ganhando corpo e forma, passando a se chamar de Capelas do Entardecer e se difundindo pela região, ocupando, com o passar do tempo, oratórios públicos e até igrejas. Além das pregações, as pessoas que se reuniam aprendiam a rezar, a usar o rosário e encontravam esperança. Um detalhe é que os grupos eram formados apenas por homens. O pe. Afonso até procurou criar um segmento para mulheres, mas esse não se desenvolveu da mesma forma (TANNOJA, 1842, p. 84 e 86).

Deste processo cabe destacar o seguinte: tratava-se da ação de alguns sacerdotes e preocupados com o estilo de vida de pessoas mais humildes, que moravam em condições precárias e não tinham nem assistência social e nem assistência espiritual. Outro biógrafo de Santo Afonso, Rey-Mermet, compreendeu as Capelas do Entardecer como um movimento “de educação de base, de restauração social e de saneamento dos costumes”, com isso, o autor alega que se incentivava a ajuda mútua, a libertação dos jogos e bebedeiras, motivos de tantos gastos. Assim, buscava-se demonstrar a importância da religião e de se dedicar à família (REY-

¹⁴ Podemos ler como os Lazzari, os Lázaros.

MERMET, 1984, p. 196). Ainda segundo esse autor

As capelas da noite são verdadeiramente uma planta nova, não é um galho proveniente de associações ou confrarias existentes, mas uma criação original, nascida de Afonso e de sua fé nos humildes (REY-MERMET, 1984, p. 188).

Em 1732, Afonso Maria de Ligório funda a Congregação do Santíssimo Redentor, com a missão de pregar “aos pobres a Palavra de Deus” (C.Ss.R. CONSTITUIÇÕES, 2004, p. 3), isto é, evangelizar os mais abandonados. Segundo Almeida,

Abandonados são os que ainda não contaram ‘com o anúncio da Boa Nova do redentor nem com a acolhida pela Igreja’. São os deixados à própria sorte de desumanização, injustiça, crueldades. Entre os mais abandonados, os pobres, visa-se à libertação e à salvação integral da pessoa humana (ALMEIDA, 2012, p. 11).

Nesse sentido, podemos observar que a preocupação com o abandonado espiritualmente, por parte de Afonso de Ligório, é anterior à própria criação da congregação. Entre esses que não acessam a evangelização, ou pouco acessam, estão os homens e pobres; é para esse público que Afonso se direciona. É nesse caminho que vamos vendo ser construída na Bélgica uma associação a partir de Henrique Belletable.

2.3.2 - A NECESSIDADE DE CONVERTER O PRÓXIMO

Como vimos anteriormente, nas Capelas do Entardecer, Afonso de Ligório proporcionou uma estrutura para reunir homens que buscavam aprender e se aproximar da religião, entretanto o grupo foi além e também possibilitou uma maior aproximação social entre essas pessoas (VIDAL, 2022, p. 475). Nesse sentido, percebemos que Belletable, ao lado de seus amigos, Gil Jongen e José Hacken, amadurecia uma ideia de formar um grupo que pudesse converter e aproximar os homens da prática religiosa, mas que também consolidasse laços de fraternidade entre eles e uma maior atenção com a família. Como o próprio Belletable passou a repugnar as festas mundanas e deixara de frequentar os bares, pensava em levar a religião, as boas leituras e a caridade ao próximo (GROOVER, 2010, p. 21).

Na segunda feira de pentecostes, dia 27 de maio de 1844, realizou-se a primeira reunião do grupo. Compareceram oito homens. Belletable tomou a direção, tirou o terço e fez um caloroso discurso,

Meus amigos, vamos concluir uma aliança. Nas fundições de canhões, eu vivo no meio de operários, que sempre me despertam o interesse. Porém, desde há muito, sinto inconsolável mágoa, já que muitos entre eles, por própria culpa, se infelicitam. Afeiçoam-se ao vício da bebida, vivem sem religião, trabalham aos domingos, se embriagam na segunda feira, nem se importam com a

educação de seus filhos. Haveis de realizar um bem imenso se cooperardes para melhorar a sorte deles e das suas famílias, se puserdes mãos à obra a fim de trazer os vossos amigos e colegas à vossa reunião de segunda feira à noite. Melhoremos a sua vida reconduzindo-os a orar a religião (GOVERS, 1957, p. 14).

O padre Groover chama a atenção para o fato de que Belletable sempre se apresentava nas reuniões em sua farda de oficial. E o sacerdote explica que era proposital, pois fazia-o para mostrar que um oficial do exército poderia estar com civis e pessoas humildes, como os pobres operários. Outra justificativa para essa conduta, como vimos anteriormente, é que Henrique evitava gastar dinheiro com roupas civis, pois assim poderia economizar e ajudar o próximo (GROOVER, 2010, p. 34). A imagem 01 se refere a uma representação recorrente de Belletable no Brasil. Pensamos que os motivos para escolhê-la vão além das justificativas acima. O fato de Belletable aparecer fardado nas reuniões e ser representado como tal reproduz certa seriedade à associação. Talvez tenha sido um recurso adotado para legitimar o grupo. Observamos, nesta imagem, o seu semblante sério, seu olhar focado para adiante, o cabelo penteado, o bigode bem feito e o traje militar alinhado. Tudo isso demonstra a organização que o grupo se propunha.



Imagem 01 - Capitão Henrique Belletable¹⁵ (GOVERS, 1957).

¹⁵ Imagem retirada da capa do livro Govers, N. Vida do Cap. Henrique Belletable. Rio de Janeiro:

Tudo transcorria bem, porém, ainda em setembro de 1844, o regimento de Belletable foi deslocado de Liège para Mons e o tenente precisou acompanhá-lo. Este momento foi delicado para Belletable. Ele havia formado o grupo há pouco tempo, era importante a sua presença. José Hacken, que também desempenhou um importante papel na formação do grupo, se encontrava afastado, pois fora convocado para o exército, a fim de participar das manobras no campo de Beverloo (GROOVER, 2010, p. 36).

A situação só não foi mais delicada, porque antes de Belletable se mudar para Mons, Hacken foi dispensado de suas obrigações militares e pode voltar à obra. Belletable o encarregou de continuar a associação e, para solucionar problemas futuros, solicitou que se construíssem seções de até doze membros, conforme o seu plano inicial. A divisão proposta por Belletable, além de manter o número de doze pessoas, buscando uma referência na quantidade de apóstolos de Cristo, também tinha um resquício de sua formação profissional no exército. Ele compreendia que, dividido assim, por seções, seria melhor manter a disciplina e o controle dos membros. Era, por exemplo, uma forma de manter a fidelidade dos participantes, garantindo a sua atuação e evitando ausências nas reuniões.

Com um número contado de participantes, cada um teria a sua função acertada para o encontro (MEULEMEESTER, 1946, p. 31 e 32). Esse modo de acompanhar os participantes, desde o início, será constante no funcionamento da associação. Mais a frente, veremos que, no Brasil, também era recorrente a cobrança pela participação nas reuniões.

De volta a Liège, Hacken optou por não assumir imediatamente a liderança, mas propôs uma eleição, na qual foi escolhido. Neste momento, o número de participantes aumentava continuamente e, por isso, a casa de Jongen não comportava a quantidade de associados. Pensaram se esse seria o melhor momento para por em prática a divisão dos sócios em seções de doze membros, mas compreenderam que ainda não era viável. Belletable insistiu, então, para que houvesse a presença de um sacerdote, tomando a direção das reuniões (GOVERS, 1957, p. 15). Para sanar a questão do espaço físico, o Padre Dechamps – que era o grande incentivador desta obra – ofereceu uma capela dedicada a Santo Afonso e, para solucionar a falta de um sacerdote, nomeou o jovem e entusiasmado padre Carlos Schwing (GROOVER, 2010, p. 38).

Durante o período em que Hacken esteve à frente da obra, refletiu-se sobre o nome e a devoção que deveriam conduzir o grupo. O grupo já estava ganhando estrutura e corpo, era preciso oficializá-lo, afirmá-lo em volta de um nome e uma proteção. A princípio, Belletable pensou em denominá-la “Associação dos doze apóstolos”, por causa de sua ideia primitiva de

dividi-la em grupos de doze homens, mas o nome não estava firmado. Por outro lado, algo que percorreu junto com o grupo desde a reunião inicial foi o ato de ajoelharem diante da Virgem. Logo, conversavam no sentido de converter os sócios à vivência e à prática cristã. Assim, em uma das reuniões, Hacken se manifestou:

Fazia eu a leitura do livro do padre Grou, *Vida interior de Jesus e de Maria*, quando de repente me senti impelido a exortar aos meus confrades a ficarem firmes, pois, apesar da partida de Belletable, devíamos cerrar fileiras e perseverar, pois, éramos uma pequena semente de mostarda, da qual sairia uma grande árvore que estenderia seus ramos por toda parte; propus-lhe então, como padroeiros da nossa associação a Sagrada Família Jesus, Maria e José (GROOVER, 2010, p. 37).

Hacken era devoto da Sagrada Família e neste momento de inspiração, propôs usá-la como protetora da obra. Sua ideia foi bem aceita, o nome passou a constituir atrativos ao grupo, ao mesmo tempo em que caracteriza sua natureza. Bastava então a aprovação eclesiástica (BODAS LCJMJ, 1927, p. 12). Belletable estimou tanto o nome que afirmou: “Henrique Belletable da Sagrada Família, será esta divisa de minhas armas” (GOVERS, 1957, p. 15).

Partindo para as elaborações legais do grupo, em janeiro de 1845, o Diretor foi incumbido de compor os estatutos da associação. No dia 13 de fevereiro, ocorreu sua aprovação oficial e, no dia 07 de abril desse mesmo ano, por decreto episcopal, erigiu-se oficialmente na Diocese de Liège a “Associação da Sagrada Família”. Nesse dia, o próprio Bispo Cornélio van Bommel presidiu a reunião, que foi realizada com solenidade. Neste encontro, estiveram presentes Henrique Belletable, José Hacken, Gil Jongen e mais 113 homens, que fizeram sua consagração solene a Jesus, Maria e José (GROOVER, 2010, p. 39). Neste percurso de regulamentação do grupo até pelo menos 1850, o grupo usava o idioma francês para seu funcionamento. Depois disso, com a formação de um grupo de maioria flamenco, é que ocorreu uma adaptação para o holandês (MEULEMEESTER, 1946, p. 59)

Groover comenta que as obras de Deus não se fazem sem provações e completa que uma das grandes provações de Belletable foi não ter uma morada permanente. Como militar, foi transferido para diversas cidades belgas, precisando ficar afastado de sua família e de sua Associação da Sagrada Família. Tinha que se contentar escrevendo-lhes cartas e de longe recebendo notícias de sua associação (GROOVER, 2010, p. 41). Esse sentimento de criatura, de estar à prova de Deus, é interpretado por Otto como sentimento de *majestas*. Ele explica que é aquele sentimento de criatura que contrasta com o avassalador, um sentido objetivamente, que provoca uma sensação de ser anulado e que constitui a matéria-prima *numinosa* para o sentimento de humildade religiosa. Assim, de um lado, temos um sentimento de *criaturalidade*, de uma nulidade própria perante a supremacia, enquanto, do outro, está a realidade exclusiva e

total do transcendente (OTTO, 2007, p. 52).

A Associação da Sagrada Família obteve boa aceitação por parte dos homens de Liège, apresentando um potencial de expansão. Assim, estudou-se a possibilidade de ampliá-la para além da cidade. O bispo local, dom Boommel, que se entusiasmara com a formação desta associação, pensou em torná-la internacional e, para tanto, redigiu uma súplica, pedindo à Santa Sé que se pudesse elevar a confraria à dignidade de arquiconfraria. Borges explica que essa medida possibilitaria construir um grupo de confrarias, que orbitariam em torno de uma confraria-mãe, sendo que esta poderia conceder indulgências e privilégios às demais (BORGES, 2005, p. 53).

O pedido foi elaborado e o padre Deschamps ficou incumbido de entregá-lo ao papa. O resultado se concretizou através de um Breve datado dos dias 20 e 23 de abril de 1847, em o papa Pio IX outorgou os favores pedidos e enriqueceu a arquiconfraria com inúmeras indulgências. No Breve consta que a arquiconfraria obteria a aprovação para as pessoas de todas as idades e de qualquer sexo (GOVERS, 1957, p. 16). Inicialmente, o grupo foi pensado para o público masculino, pois se acreditava que esses se desgarravam da religião, prejudicando assim a si mesmos, aos bons costumes e à sua família. Contudo, o documento lavrado pelo papa possibilitaria a abertura para o público feminino.

O pesquisador francês, Agulhon, diz que diversas associações laicas, formadas por homens, acabavam ganhando características de confrarias, que poderiam ser compreendidas como detentoras de um nome específico, carregar um caráter religioso em seu princípio, garantir uma autonomia e ter a posse de um patrimônio. As diferenças entre elas vão aparecendo no que tange ao seu objeto específico. Essa fórmula se tornou muito popular, sobretudo, a partir do século XVIII. Os recursos para sua manutenção por vezes vinham de cotas, ofertas ou multas e eram utilizados para ajudar membros doentes, em funerais e casos específicos (AGULHON, 1984, p. 19, 23, 67, 68). A confraria construída por Belletable e seus amigos não preenchia todos os pré-requisitos apontados por Agulhon, pois a autonomia do grupo era bem cerceada pela participação de um sacerdote. Os lugares que usavam para as reuniões e missas não necessariamente eram próprios, mas por vezes pertencentes a instituições religiosas ou diocesanas.

Um destaque aqui, é para o fato de que Agulhon menciona que as confrarias vão perdendo o fervor religioso e, principalmente dentro de um contexto de laicização, por volta do final do XVIII, transformando o aspecto corporativo mais destacado do que o aspecto místico. Nesse sentido, em suas pesquisas, ele percebe um deslocamento de pessoas das confrarias em direção às lojas maçônicas (AGULHON, 1984, p. 72, 112 e 118). A lógica da Confraria da

Sagrada Família é um tanto diferente das apontadas por Agulhon, pois essa confraria procura justamente se aproximar da lógica religiosa e repelir a atuação da maçonaria.

A possibilidade de ampliação da confraria e de abertura para homens e mulheres foi testada no ano seguinte ao Breve papal. O padre Dechamps foi nomeado superior da comunidade redentorista de Tournay em janeiro de 1848. Rapidamente, foi solicitada a fundação da associação nessa cidade. O pedido foi bem recebido e executado pelo padre dois meses após sua chegada. Para além do esperado, Dechamps ainda fundou um grupo só para mulheres, seguindo os moldes dos grupos masculinos e com o objetivo de oferecer às mulheres a possibilidade de uma vida cada vez mais cristã para tornarem-se assim valiosas auxiliares no apostolado familiar e social (ATA, I SEMINÁRIO, 2010, p. 09).

Aconteceu a inserção da mulher dentro da lógica pensada para a então Arquiconfraria da Sagrada Família. Contudo, os grupos eram separados: havia as seções masculinas e outras femininas. É no mínimo curioso ponderar que o grupo carregue o termo família, mas que não esteja aberto a juntá-la por completo nas reuniões. A princípio, somente o homem participaria e, nesta complementação, a mulher fora colocada em seções à parte. A imagem deixada é que o grupo não necessariamente traz a família para si, mas cria conteúdos para os sócios, para que esses coloquem em prática em suas famílias.

A expansão da Arquiconfraria prosseguia. Em 1848, Belletable soube que os redentoristas se fixariam na cidade de Mons, onde ele estava residindo. O tenente logo se movimentou e, com a ajuda dos religiosos, conseguiu fazer, no dia 19 de março de 1849, uma primeira reunião da Arquiconfraria da Sagrada Família naquela cidade, com a participação de vinte e cinco homens. Quando Belletable viajou a Bruxelas, encontrou, na Igreja de Santa Madalena, outra ramificação de seu grupo, da qual ele pode participar das reuniões durante toda sua estadia na capital. Belletable era perseverante na sua missão de aproximar os homens da prática cristã. Por isso, ele incentivava ao máximo a expansão da arquiconfraria e

Se regozijava porque queria que os homens, criados à imagem e semelhança de Deus, se tornassem filhos de Deus e, unidos num só coração e numa só alma, constituíssem uma grande família, onde reinasse o amor a Deus e o verdadeiro amor ao próximo. (GROOVER, 2010, p. 49).

Diante da dedicação empenhada por Belletable, encontramos algumas passagens que criam uma série de narrativas sobre sua dedicação à causa de Deus e sua santidade. Um exemplo disso é o que teria ocorrido no ano de 1848, quando Belletable e sua companhia estiveram em uma pequena cidade, próxima a Mons, onde pernoitaram, até o retorno. Lá, o prefeito era o responsável por cuidar do alojamento de oficiais e soldados. Ele distribuía cartões, que indicavam os locais a serem ocupados por cada militar. Para Belletable, fora designada uma

modesta casa, onde residiam duas senhoras idosas que eram donas de um pequeno comércio. Após a partida dele, as senhoras falavam sobre a passagem de um santo fardado de militar e sobre o fato de que sua loja, antes pouco movimentada, passou a prosperar significativamente, a ponto de ampliarem o número de funcionários (GROOVER, 2010, p. 46 e 47). Eliade mostra que o mito aponta para o modo como uma realidade emergiu à existência. Nele está contida uma história sagrada imbuída por um mistério. Uma vez que o mito é proferido e/ou revelado, ele estabelece a verdade absoluta. O homem religioso passa a assumir uma humanidade que tem um modelo trans-humano. Ele só se reconhece verdadeiramente homem quando imita os deuses, os heróis civilizadores ou os antepassados míticos. Em suma, o homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. Eliade completa dizendo que o homem religioso não é dado, mas faz a si próprio quando se aproxima dos modelos divinos, os quais são conservados pelos mitos (ELIADE, 2010, p. 69 a 97). A santidade de Belletable não é reconhecida pela Igreja Católica, porém muitas de suas ações, pós-conversão, caminham para a construção de um mito, sobretudo quando há a narrativa de seu esforço em se aproximar de modelos sagrados.

Groover diz que devido à sua militância pública como católico, Belletable não alcançou as promoções a que fazia jus, pois em toda sua carreira militar não passou de capitão, embora fosse considerado um brilhante oficial. Quando esteve na cidade de Gand, foi também um dos mais fervorosos e ativos vicentinos, todavia seu nome não foi constatado na lista dos membros da Conferência de São Vicente de Paulo, é possível que sua função dentro do exército da época não permitisse sua associação a tal grupo. Foi nesta cidade que Belletable alcançou o grau de capitão, no ano de 1852. O autor da biografia de Henrique mostra que essa promoção foi postergada, pois “o liberalismo e a maçonaria que ‘gangrenavam’, então, altas patentes do exército, não suportavam ver um santo entre os militares”, ainda que fosse dado tamanho esforço de Belletable em ser um militar perfeito, que cumpria escrupulosamente o seu dever (GROOVER, 2010, p. 48, 52 e 54). Mais uma vez a mensagem deixada é que aspectos tomados como mundanos, a exemplo do liberalismo e da Maçonaria, atrapalham os caminhos daquele que servia de forma devocional a Deus.

Somente no ano 1855, Belletable receberia um posto fixo no exército. Em vista de sua saúde bastante precária, já não aguentava mais o serviço pesado e agitado das diversas unidades do exército. Contraíra uma doença cardíaca que progredia a cada dia, portanto necessitava de um trabalho em que pudesse conservar o restante de sua saúde. Apesar da afecção cardíaca, ele não deixava de ir à Missa todos os dias e de comungar frequentemente, ressalva-se. Quando as crises provocadas pela enfermidade se agravavam, Belletable tomava uma pequena imagem de

Nossa Senhora, pedia-lhe um pouco de alívio e era imediatamente socorrido (GROOVER, 2010, p. 58, 61 e 62).

Não havendo mais esperança de cura para Belletable, informaram sua esposa do que estava ocorrendo. Prontamente, ela viajou até Huy, onde seu marido estava. Lá, Belletable, sentindo aproximar-se de seu fim, pediu os últimos sacramentos.

No momento de receber o Santo Viático, esforçou-se por se levantar da cadeira de braços na qual repousava, para pôr-se de joelhos. Não foi capaz, devido à fraqueza. Pediu, então, ao seu ordenança e ao guarda da fortaleza, que lá se achava que o ajudassem a ajoelhar-se. Fazia questão de receber, pela primeira vez, de joelhos o seu sacramento. Percebendo que lhe haviam tirado o escapulário, ao lhe mudarem a roupa, disse: “Deem-me o escapulário; não comungo sem ele”! E, de joelhos, com os braços cruzados sobre o peito, o comandante recebeu, com piedade angélica, sua última comunhão. Depois exclamou: “Ó meu Jesus, eu vos suplico, tende piedade de minha esposa e de meus pobres filhos”! Foram suas últimas palavras. (GROOVER, 2010, p.62)

Ainda que adoentado e com pouca força, Belletable seguiu sua disciplina, sacrificando-se para que pudesse receber os seus últimos sacramentos. Desde a sua conversão, seu escapulário acompanhava seu traje, seja no seu ofício, seja em seus momentos de devoção. Em suas palavras finais, o capitão pede intercessão divina para sua família, compreende que seu momento terreno chegou ao fim.

À noite, Belletable se encontrava reclinando na cadeira, quando sofreu uma nova crise cardíaca. Sua esposa estranhou que ele adormeceu tão rapidamente. O chamou, porém não houve resposta. Henrique havia vindo a óbito no dia 5 de dezembro de 1855, aos seus quarenta e dois anos e oito meses de idade. Encontrava-se em uma pequena cidade da Bélgica, em uma modesta pensão, longe de seus filhos¹⁶, amigos e, completa o padre Groover, “longe de toda glória humana, na pobreza e na humildade, digno em tudo, na vida e na morte, de seu amado Mestre, que morreu na cruz” (GROOVER, 2010, p. 63 e 64). Retornando ao que afirma Eliade sobre a construção do mito, mais uma vez nos deparamos com uma cena na qual o personagem central é posto próximo aos modelos divinos.

A missão de Belletable se cumpriu. Após sua conversão, fundou um grupo, que poderia aproximar outros homens da prática cristã e dos bons costumes para a sociedade, mas, sobretudo, da sua família. Com a aprovação eclesiástica, a Arquiconfraria tomou uma dimensão talvez não esperada em seu início. Suas ramificações se espalharam pela Bélgica, mas também para além dela, chegando à França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e América do Norte (MANUAL. 1922. p.13). Essa expansão contou com a colaboração dos missionários

¹⁶ Não encontramos referências sobre quantos filhos Henrique Belletable teve com sua esposa.

redentoristas que levavam consigo nas novas missões o modelo da Arquiconfraria da Sagrada Família (GROOVER, 2010, p. 66).

3 - A SAGRADA FAMÍLIA – JESUS, MARIA E JOSÉ

Henrique Belletable e seus amigos José Hacken e Gil Jongen começaram a elaborar um grupo, cuja finalidade era demonstrar ao homem um caminho a ser seguindo dentro das expectativas da prática religiosa, para que ele se fizesse mais presentes em sua casa, afastando-se de vícios, do trabalho excessivo e mesmo das associações que eram entendidas como perigosas para os cristãos. Neste percurso, vislumbraram a possibilidade de se colocarem sob a proteção da Sagrada Família de Nazaré, pois idealizavam nela um modelo de família perfeito.

Tomando como direção o uso desta unidade “Sagrada Família”, buscaremos compreender como se fundou a devoção à Sagrada Família. O nome em si não consta no livro sagrado cristão, a Bíblia. Logo, desde quando este nome, “Sagrada Família”, vem sendo usado? Como foi sendo elaborada a simbologia em torno dos nomes de Jesus, Maria e José? Essas questões vão embasar parte da nossa compreensão sobre o motivo de utilizar tal família como um modelo de família cristã.

3.1 - UMA DEVOÇÃO À SAGRADA FAMÍLIA

Antes de falarmos sobre o funcionamento da Arquiconfraria da Sagrada Família e compreendermos a sua chegada ao Brasil, gostaríamos de refletir sobre a devoção à Sagrada Família. Para começar, é importante refletir sobre o próprio termo, “Sagrada Família” e seus componentes. Se, em um primeiro momento, pode nos parecer simples ligar a ideia de que Jesus, Maria e José compõem uma família que é sagrada, uma vez que temos Jesus com um caráter divino em terra, logo a sua família ganha uma aura sagrada.

Esse termo “Sagrada Família” não consta na Bíblia. Em algumas passagens da Bíblia, como no Evangelho segundo Lucas, consta que “os pastores vieram apressadamente e encontraram Maria e José com o recém-nascido deitado numa manjedoura” (Lc 2,16). Esta passagem pode nos demonstrar a formação daquela família, composta por um homem, José, que vai ser entendido como o pai; por uma mulher, Maria, a mãe, e pelo recém-nascido, Jesus, o filho. Temos aqui um possível modelo de família, o qual encontramos recorrências nos tempos atuais e do qual veremos referência entre a Associação da Sagrada Família.

Entretanto, de novo, a denominação “Sagrada Família” não aparece explicitamente no texto bíblico. Então, isso nos leva a crer que o termo surgiu em um contexto posterior à escrita

e compilação da Bíblia, construindo, assim, uma devoção de pessoas que passaram a recorrer não às pessoas em separado, como José, Maria e Jesus, mas à junção dos três. Essa junção passou a elaborar uma ideia de devoção única.

A ideia é tentar compreender como isso foi se formando. Por exemplo, no início, Belletable mesmo não havia pensado em elaborar um grupo que tivesse como título a Sagrada Família, ou mesmo um título em que constasse família. A preocupação imediata nem mesmo era com a família, mas com os homens que estavam entregues ao trabalho e aos prazeres mundanos e, como consequência, abandonaram a fé, a prática religiosa e a organização do lar e da família.

Assim, o intuito norteador do militar foi buscar inspiração nos doze apóstolos de Cristo – até por isso o nome do grupo seria algo nesse sentido – e aproximar os homens da religião. Somente depois, quando já estavam reunidos, é que Hacken teve a ideia de denominar o grupo e colocá-lo sob a proteção da Sagrada Família, devido à sua própria devoção (GOVERS, 1957, p. 15).

Essa devoção, a procura por entrar em contato com o sagrado, pode ser compreendida a partir de Eliade, quando é mostrado que o humano se aproximando do sagrado – como esta família em específico – compreende uma manifestação singular, perceptivelmente diversa do que poderia ser encontrado no meio profano. Ele explica que a manifestação se faz em uma ordem diferente, que aparenta não ser de nosso mundo, apesar de usar espaço ou objetos do nosso meio (ELIADE, 2010, p.17). A família em questão, a “Sagrada Família” emana, em vários sentidos, singularidades que a tornam, digamos, especial e, por conta disso, permitem que seja pensada como algo sagrado, como algo uno, ainda que composta por três pessoas.

As relações compreendidas entre essas três figuras, Jesus, Maria e José, são reunidas em um elemento para a devoção à “Sagrada Família”. A relação de santidade entre eles é que vai somar os três e compor algo único (BODAS LCJMJ, 1927, p.7). É claro que se pensa na “Sagrada Família” como uma unidade, mas sem tirar a relevância e o papel desempenhado por cada membro da família.

Fazendo uma aproximação deste grupo com a Congregação Redentorista, é possível ver em Santo Afonso um olhar atento para a família de Jesus. A acomodação simbólica proporcionada nesta unidade familiar permite que se formulem espaços imaginários, que podem esbarrar tanto no meio social quanto no meio religioso, fazendo com que ambos os lugares se fundamentem nesta lógica de família, em que primeiro consegue trazer um paralelo para o mundo real da família e depois a “experiência familiar real, mediante uma transposição simbólica, que organiza o universo religioso” (VIDAL, 2022, p. 392 e 393).

Seguindo a lógica de pensamento afonsiano¹⁷, a Sagrada Família, “como imagem para um conteúdo teológico ou espiritual”, acaba por elaborar uma possibilidade de modelo a ser aplicado no plano terreno. O que vai ganhar destaque nesse modelo familiar começa no amor e, para Santo Afonso, está nesse ponto o caminho para a prática da vida cristã (VIDAL, 2022, p. 393). Aqui, podemos encontrar uma trilha para compreender como a família de Jesus pode se tornar um modelo para as famílias que a tomam como referência. A questão vai ser observar se há distorções nesta leitura, se outras concepções são engendradas no modelo e como isso vai sendo conduzido ao longo do tempo.

Ainda pensando na lógica de Santo Afonso, dentro da Sagrada Família, podemos compreender os papéis dos personagens da seguinte forma: José, o pai de família, vai equivaler ao governante, tomado em algumas leituras como o cabeça da família, ou seja, aquele que pensa, que age, o racional, o que porta a voz. Maria, a mãe, à qual Afonso dedica mais trabalhos compostos, é aquela que ama, até possui autoridade sobre o filho, mas acaba desempenhando o papel de cuidadora, a que acolhe, o papel de equilibrar o externo, os problemas que chegam de fora da família, e o interno, o amor que deve reinar em casa. Por fim, Jesus, o filho, é entendido como o filho de Deus, sua divindade é reconhecida, mas, dentro desta lógica, deve obedecer os seus pais na Terra, deve manter o respeito dentro de casa e, com sua mãe, entregar-lhe confiança e, também, amor (VIDAL, 2022, p. 396). Esta seria uma leitura religiosa da Sagrada Família. Temos nela a posição e a função de cada um de seus membros que, com o passar do tempo, vão ganhando um caráter de unidade e compondo, assim, um modelo a ser seguido pelas famílias cristãs.

Então, como e quando teria surgido essa devoção à unidade de Jesus, Maria e José? Encontramos na carta pastoral, escrita por Taschereau, cardeal arcebispo de Québec, no ano de 1892, respostas para essas questões. Para esse cardeal, a devoção à Sagrada Família teve um campo muito fértil e mesmo mantenedor no Canadá, em especial em Québec (TASCHEREAU, 1892, p. 3). Consta em sua carta que,

No primeiro dia de maio de 1637, dizem as relações dos jesuítas, o sr. governador mandou erguer em frente à igreja uma grande árvore enriquecida com uma coroa tríplice, ao fundo da qual havia três grandes círculos, um no topo do outro, enfeitados com festões, que traziam estes três lindos nomes escritos como em um escudo: Jesus, Maria, José. Esta árvore foi saudada por um pelotão de arcabuzeiros que veio cercá-la (TASCHEREAU, 1892, p. 4).

Não fica claro o lugar onde essa manifestação ocorreu, o indício nos leva a crer que foi na França, pois, na sequência, padres franceses teriam conduzido essa estrutura da Sagrada

¹⁷ Fazendo referência a Santo Afonso de Ligório.

Família até Québec. Entretanto, na citação anterior, é possível perceber que as revelações iniciais em torno da junção de Jesus, Maria e José se deram no século XVII, com um religioso chamado Gouverneur, que desenhou círculos se entrelaçando – ou podemos pensar em alianças que se uniam – e dentro deles os nomes do filho, da mãe e do pai desta família, que podemos ler como Jesus, Maria e José. É interessante observar que, deste então, o nome do filho, Jesus, passa para a frente do nome da família. É mais costumeiro que, quando se nomeia uma família, o nome do pai venha à frente, pois, como vemos em Afonso de Ligório, o pai é o cabeça da família. Contudo, não estamos falando de uma família comum, mas de uma família em que o filho é entendido como possuidor de um caráter divino. Mesmo com essa dividade, o filho deve obedecer ao seu pai, José, que é o cabeça de sua família, mas seu nome, Jesus, desponta essa denominada Sagrada Família (TH. DEHAU, 1947, p. 35).

A simbologia passou a ser saudada naquela região e, em 1659, foi levada a Québec, pelo bispo François Laval, o primeiro bispo de Québec. Desde então, o culto à Sagrada Família vai ganhando espaço e se popularizando na então colônia francesa (TASCHEREAU, 1892, p. 4). As datas no texto parecem confusas, ou, possivelmente sofreram erro de formatação, pois consta que um padre, chamado Pijard, fundou, em 1650, uma irmandade nomeada de Sagrada Família, em Villemarie, na Ilha de Montreal. Ou seja, nove anos antes do bispo Laval ter levado o culto para o Canadá. Em seguida, consta que o fundador da irmandade e verdadeiro promotor desta devoção foi o jesuíta, padre Chaumonot, que fora com o bispo Laval, que a fundara em 1663, em Montreal. Esta última informação também é encontrada na homilia do bispo Lacroix em 2015 (LACROIX, 2015).

A irmandade foi pensada em Montreal, mas foi erigida canonicamente em Québec, próxima ao bispo Laval, assim como lá foi fundado um seminário, dedicado à Sagrada Família de Jesus, Marie, Joseph, em 14 de março de 1665. Assim foi publicado um documento aprovando e recomendando o estabelecimento da Sagrada Família em Québec (TASCHEREAU, 1892, p. 4).

Voltando a atenção para essa fundação, então, poderíamos ter a primeira irmandade erigida e que toma como patrona a Sagrada Família, que, desde o início, leva como princípio esse modelo de família cristã (TASCHEREAU, 1892, p. 4). Neste sentido, os homens deveriam se inspirar e imitar São José, enquanto as mulheres deveriam ter como base Maria e as crianças se comportarem como o menino Jesus (LACROIX, 2015). Cabe destacar que, nos regulamentos desta irmandade, há o direcionamento para as mulheres. Seria das mulheres a missão de imitar Maria (TASCHEREAU, 1892, p. 7). Devemos lembrar aqui que, segundo a construção desse modelo familiar, a mulher é a parte efetiva e emocional da família. Uma vez que ela deveria

equilibrar as relações internas à família, a irmandade seria um local para que se aprendesse isso.

A carta pastoral de Taschereau justifica que fazer circular esse modelo da Sagrada Família pela colônia objetivava que os franceses cristãos, compreendidos por ele como “civilizados”, pudessem ensinar aos nativos – ou como ele os denominou, os “selvagens” – como adorar um símbolo sagrado e adotar tal inspiração (TASCHEREAU, 1892, p. 5). Portanto, o bispo Laval sustenta uma lógica em que o europeu, neste caso o francês, detentor da fórmula civilizatória, faz uma boa ação ao entregar aos selvagens um modelo ideal de se viver.

Desta maneira, percebemos que houve a elaboração de um imaginário, em torno de Jesus, Maria e José, para formar uma unidade simbólica, denominada de Sagrada Família, a qual passaria ser um modelo para se seguir pelas famílias e pelos membros que compõem cada uma dessas famílias. Ao que nos parece, o modelo consiste em seguir o respeito e amor de pessoas que convivem e se relacionam entre si. A partir deste caso em Québec, vemos a devoção e a criação de outras fundações, dedicadas à Sagrada Família, cujo idioma em comum é o francês. Se avançamos para o século XIX, vamos encontrar a Congregação da Sagrada Família fundada na França em 1816 por Santa Emília de Rodat e a Própria Arquiconfraria da Sagrada Família, fundada na Bélgica em 1844.

Vemos também menções em países não francófonos. No livro escrito por Tannoja, em 1842, encontramos menções à Sagrada Família na Itália no século XVIII, a partir do bispo Matthew Ripa, que colocou seu colégio, conhecido como Colégio dos Chineses, com o qual Afonso de Ligório teve contato, sob a proteção da Sagrada Família (TANNOJA, 1842, p. 91 e 92). Devemos lembrar também da construção da Catedral da Sagrada Família em Barcelona, Espanha, que se deu a partir do ano de 1882.

Aos poucos, vamos percebendo, então, que há um movimento maior em torno dessa devoção no século XIX. Retornando ao cardeal Taschereau, vemos que, no ano de 1865, o ofício da Sagrada Família passou a incorporar o breviário e o missal, livros utilizados no rito católico romano, sendo então formalmente aprovados pela Santa Sé (TASCHEREAU, 1892, p. 6).

No século XIX, há, ainda, a atitude do papa Leão XIII que, em sua Encíclica de 1892, *Magnae dei Matris*, proclamou a Sagrada Família como exemplo a ser seguido e, até mesmo, como protetora para as famílias que se colocam dentro da lógica cristã (LEÃO XIII, 1892).

3.2 - SOBRE A FORMAÇÃO FAMILIAR CRISTÃ

Na edição de março de 1927 do jornal da Liga Católica, encontramos o seguinte trecho, creditado da Pastoral Coletiva dos bispos alemães de 1913:

Quando a família está doente, toda a nação está doente; quando a família degenera, a nação decai, nem riqueza alguma, nem cultura, nem força militar, nem influência internacional pode deter a decadência (JLCJMJ, mar, 1927).

É interessante termos como conhecimento que, para esse grupo, a família é compreendida como a base fundamental para o funcionamento da sociedade e mesmo da nação. Logo, se a família se encontra com problemas, a interpretação adotada é que esses problemas podem se desencadear para o restante da sociedade. Por este motivo, então, o grupo justifica a sua atenção para a família e justifica o seu modelo na santidade da Sagrada Família.

A formação de um grupo chamado família, assim como sua denominação como cultura, é algo que perpassa as civilizações ao longo do tempo. Segundo o sociólogo Norbert Elias, família, normalmente, é associada a um grupo de pessoas que carregam uma “carga afetiva” alta entre seus membros, apesar dessa carga mudar de acordo com o contexto. Ele explica que, em sociedades muito remotas, a afetividade e o vínculo entre os membros chegavam a ser de sobrevivência, mas que, com o passar do tempo, foi se construindo, também, a possibilidade de se desligar desse grupo sem perder totalmente os laços entre os mesmos (ELIAS, 1994, p. 136).

Há certa dificuldade em definir o que é família, pois os modelos vão se transformando de acordo com o espaço e o tempo. Tomando como base o direito romano, é possível encontrar algumas definições: o termo tem origem no latim, *familia*, se derivando de *famulus*, indicando uma ideia de servidor, de criador, sendo este núcleo interpretado como o *locus* de ação do *pater*, em que constava também a esposa e os filhos, além do patrimônio e mesmo aqueles que prestavam serviços (MALUF, 2010, p. 11).

Já no hebraico, o termo família pode ser traduzido para *bêt'ab*, que sugere uma ideia de “casa do pai” ou algo relacionado a esse caráter patriarcal. Seria uma unidade social, que estaria posterior ao clã e à tribo. Na lógica seguida pelo Antigo Testamento, eram considerados como pertencentes à família aqueles que provinham de uma mesma origem sanguínea e/ou que se encontravam habitando uma mesma residência. Deste modo, poderia ser composta pelo homem, que era o pai e o marido, sua esposa, mas poderia ser mais de uma, seus filhos, os que trabalhavam para a família, e até mesmo os hóspedes, que poderiam ser estrangeiros. Essa unidade ganhava uma conotação religiosa, moral, de sustento e de proteção. Normalmente, não se vivia exterior a ela (MCKENZIE, 1983, p. 308 e 309).

Além de uma carga efetiva, a composição da família pode ser algo bem distinto, sobretudo quando analisamos o tempo e o espaço em que esses grupos, ou melhor, essas famílias, estão inseridas. Por exemplo, em sociedades agrárias, pode haver a inserção de uma gama extensa de parentes, enquanto em sociedades contemporâneas e urbanas, o número de envolvidos pode ser bem menor. Segundo Maldonado, observa-se que

Na parte norte-ocidental do mundo, onde os efeitos da industrialização se fazem sentir há bastante tempo, a família nuclear tende a ser normativa. No Sul, onde outros modos de produção e organização social coexistem, e a sobrevivência depende em grande parte das redes de parentesco, o termo tem um sentido mais amplo. Ou seja, as definições de família forjam-se cultural e historicamente (MALDONADO, s/d, p. 12).

Ainda em Maldonado, percebemos que

A família distingue-se de outros grupos sociais por suas funções: a determinação de um lugar comum de residência, a satisfação de necessidades sexuais e afetivas, o estabelecimento da unidade primária de cooperação econômica, a procriação e a socialização de novas gerações (MALDONADO, s/d, p. 12).

Como podemos notar, os modelos de famílias vão ganhando características próprias conforme o tempo e o espaço. Não há uma regra única, mas, nos casos mencionados anteriormente, o que observamos de comum foi o comando exercido a partir da figura masculina do pai.

Segundo Elias, imaginando uma estrutura de construção civil, as pedras utilizadas para esse fim não estão isoladas, mas relacionadas, ou, misturadas com os demais elementos que compõem essa estrutura, e essas vão passar a sustentar construções diversas que estarão compondo uma cidade, por exemplo (ELIAS, 1994, p. 23). Ainda seguindo o raciocínio desse autor, vemos que as relações desenvolvidas em famílias

Por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. São diferentes em sociedades com estruturas diferentes. Por essa razão, as peculiaridades constitucionais com que um ser humano vem ao mundo têm uma importância muito diferente para as relações do indivíduo nas diferentes sociedades, bem como nas diferentes épocas históricas de uma mesma sociedade (ELIAS, 1994, p. 24).

Logo, pensando na lógica de construção social de Elias, podemos compreender que a elaboração da individualidade, da formação e do funcionamento de uma família sofre a interferência de uma configuração preexistente, mas que não é engessada, mas também se transforma (ELIAS, 1994, p. 24).

A organização, o volume e a função das famílias variam de acordo com o contexto analisado. A descrição de famílias encontrada na Bíblia, por exemplo, é de grandes grupos

sociais, mas também, naquele tempo, havia a existência de famílias entendidas como nucleares, ou seja, formadas apenas por pai, mãe e filhos (MALDONADO, s/d, p. 12).

Deste modo, se observássemos com atenção a família de Jesus, dentro do seu tempo, seria possível notar que ela destoava do comum, devido à recorrência das famílias em possuir prole numerosa. Já a família denominada Sagrada Família deve ser compreendida de modo diferente das demais de seu tempo, pois deve ser levado em conta o mistério que contorna esta família. Retornando à ideia de Otto, o mistério aqui deve ser pensado como aquele que é capaz de operar para além das faculdades cognitivas, como aponta o autor. “O fato em si é captado realista o suficiente para se abster de dar uma explicação que o negue”. Deste modo, a compreensão do mistério dessa família deve ser considerada para aqueles que a tomaram como uma nova concepção e escolheram vivenciar e valorizar isso (OTTO, 2007, p. 43 e 47).

O mistério dessa família envolve, por exemplo, o fato de o filho ser compreendido como superior aos seus pais José e Maria. Apesar disso, ele mantém a obediência e o respeito para com eles. Poderíamos elencar também a interpretação de Maria ter concebido Jesus e manter-se virgem, ou a questão de José ser pai adotivo de Jesus, uma vez que ele é filho do próprio Deus, mas esta seria uma discussão que fugiria ao nosso propósito (TH. DEAHAU, 1947, p. 32 e 34).

Portanto, aqui, notamos que o modelo lido por aqueles que acreditam na Sagrada Família é um modelo que extrapola a análise prática da família, avança para o campo da crença, do mistério ou, como já dissemos, para um olhar no amor que é tecido entre os três elementos que compõem a Sagrada Família.

Lendo o livreto de comemoração dos 25 anos de fundação da Arquiconfraria da Sagrada Família no Brasil¹⁸, perceberemos que seus membros liam a Sagrada família como “protetores mais poderosos” em que

Jesus, a seu Pai Celestial, com toda segurança, sei que me atendereis sempre; Maria, onipotência suplicante; José a quem Deus pôs como chefe de sua casa e que, na qualidade de pai adotivo de Jesus e esposo da Santa Virgem, tem uma certa autoridade sobre ele (BODAS LCJM, 1927, p.8).

Esse formato de família é tomado como um modelo a ser seguido pelo grupo, contudo foi interessante observar nas leituras das fontes, como jornais e atas, que não era comum aparecer algum outro modelo de família, digamos, como um contraponto ao estruturado em pai, mãe e filhos. Esse modelo apareceu, ao longo das leituras, como único. O que surgiu de

¹⁸ A Arquiconfraria da Sagrada Família, como veremos adiante, no Brasil, receberá o nome de Liga Católica Jesus, Maria e José.

conteúdo sobre o modelo de família é o olhar sagrado para ele, e como os pais devem proceder para com seus filhos, mas, sobretudo, como o homem deve agir no seio de sua família.

Em janeiro de 1927, o Pe. João Batista Smits assinou no jornal da Liga Católica, um texto em que dizia que,

Com o nascimento de Jesus estava completa a Sagrada Família: pois via-se ali o Pai, a Mãe e o Filho. Estavam-se realizando o plano da Providência Divina de apresentar a família, instituição mais importante e fundamental da humanidade, um modelo perfeito no qual poderia mirar-se e animar-se e consolar-se, no qual todos os membros da família poderiam ver as virtudes mais próprias a suas condições e os exemplos mais perfeitos de dedicação e fidelidade no cumprimento do dever. Mais influência exerce sobre nós o exemplo do que a palavra e por isto Deus não somente nos deu sua lei, mas também nos apresenta exemplos perfeitos para que os imitemos.

Se as famílias procurarem seguir os exemplos da Sagrada Família, certamente a sociedade humana mudará de aspecto. Se os pais de família imitarem a santidade de São José, seu amor ao trabalho, sua dedicação aos seus, sua paciência e resignação: quanta felicidade haverá no seio das famílias, quanto bem-estar, quanta disciplina e boa educação, quanta paz e caridade com os vizinhos, pois um pai que procura imitar a São José, certamente há de fazer felizes os seus quanto estiver a seu alcance. Se as mães de família imitarem a Maria Santíssima, de quanto amor e carinho saberão rodear os seus, de quanta dedicação e paciência se armarão nos trabalhos nas dificuldades da vida, de quanta alegria e harmonia encherão o seu lar, quaisquer que sejam seus recursos materiais. Se os filhos imitarem o Jesus Menino quão carinhosos e obedientes serão para com seus pais, quanta satisfação e alegria lhes darão, quanto lhes tornarão doce e agradável.

E por que não haviam de esforçar-se todos para imitarrem modelos tão preclaros e tão atraentes? O que se lhes pede, não é coisa impossível nem superior a suas forças auxiliadas por Deus, pois é apenas o cumprimento fiel dos deveres cotidianos - dos deveres que o próprio estado a própria condição de vida impõe. Os modelos que nos são apresentados, são de tal forma dignos de nosso amor e entusiasmo que praticam esses deveres cotidianos de uma maneira tão natural e singela, tão convincente e perfeita que a sua imitação para todos é uma obrigação suave, uma doce necessidade. Quem contempla a Sagrada Família em sua vida tão humilde e tão santa, tão tranquila e tão perfeita, tão humana e tão celeste, inflama-se em desejos de seguir tão santos exemplos e participar de tanta virtude e de tanta felicidade. O apóstolo Paulo resume nas seguintes palavras os deveres da família que são ao mesmo tempo os pontos que se deve imitar a Sagrada Família: "Esposas, sede submissas aos esposos, como é preciso, no Senhor. Esposos, amais vossas esposas e não sejais ásperos para com elas. Filhos, obedecei aos pais em tudo, pois isto é agradável ao Senhor" (JLCJM, jan, 1927, p.1).

Neste texto, escrito pelo diretor da Liga Católica, o pe. Smits, podemos ler o que se esperava de uma família, baseada no modelo da Sagrada Família. Para isso, ele explica que o arquétipo se tornou completo com o nascimento de Jesus Cristo. Portanto, o autor afirma que esse modelo é uma providência divina e por isso ganha um caráter relevante e fundamental para a humanidade. Segundo o sacerdote, a família possui características de uma instituição, contudo ela é capaz de se estruturar, se organizar e se consertar, ou seja, pode se entender que a família

é uma estrutura autônoma.

Pe. Smits, ainda descorre que, ao seguir a conduta dos membros da Sagrada Família, no sentido de imitá-los, estaríamos de certa forma cumprindo os deveres cotidianos e, entre esses, os próprios deveres que o Estado estabelece. Nesse sentido, podemos notar que há uma ligação entre a organização familiar esperada pelo meio cristão e pelo Estado. Ou seja, os valores cristãos e os códigos civis caminham próximos. Mais a frente, veremos que, no início do século XX, havia sim uma aproximação entre as condutas cristãs e os civis no Brasil.

Retornando à fala do sacerdote, podemos concluir que, além das leis, Deus criou um modelo prático de família, porque assim seria mais fácil de os homens compreendê-lo e segui-lo. Assim, sendo dado esse modelo, caberia ao homem, no papel de pai, imitar a santidade, a dedicação, o labor e o zelo de José. À mãe ficaria a missão de copiar Maria em sua santidade e capacidade de unir o lar. E, aos filhos, restaria a obediência, como Jesus Menino obedecia seus pais. O interessante dessa descrição é que o autor demonstra ao leitor a importância de seguir as ações de Jesus, Maria e José. É o agir que deveria ser imitado, para que as famílias se fizessem santas.

Ainda sobre o modelo de família cristã, na edição de agosto de 1927, o jornal da Liga Católica traz a seguinte ideia no texto intitulado "A família cristã":

Uma das maiores preocupações dos que deveras se interessam pelo bem da sociedade humana é o estudo da constituição da família, de suas bases, dos meios de prosperá-la, com o fim de protegê-la dos males que a ameaçam [...]. Cada família é uma molécula de um corpo social e por isso, qual for a família, tal será necessariamente a sociedade. Se quisermos sondar as causas dos males profundos que infelicitam a sociedade de hoje, não será necessário ir muito longe. Estudemos a família, vejamos quais são seus ideais, como entende a responsabilidade assumida por seus membros e descobriremos a fonte das calamidades que se avolumam de dia para dia. Esse passear impune do vício pelas ruas, essa condescendência com o despudor no vestir, no falar, no ler e no ver, e com o realismo obsceno das telas cinematográficas, esse apregoar infrene da liberdade, apara tudo menos para o bem e para a virtude - tudo isso tem sua origem no esfacelamento do lar, onde já não há amor nem respeito, não há compreensão do sacrifício que alicerça as amizades duradouras, não há ideais alevantados, visitas cristãs, purezas, enfim. Vemos a família atrofiada pela influência pagã do meio ambiente e pelos germes nocivos que lhe comunica o contato dessas fragilíssimas uniões, a que sancionam os governos acatólicos. Uniões que são apenas um contrato fundado no amor-sentimento, tendem afrouxar e desaparecer com os anos; ao passo que o verdadeiro matrimônio transforma o amor do coração humano, e faz dele uma virtude; toma da sociedade esse contrato matrimonial e converte-o a um sacramento; e ao toque das mãos divinas, essas duas coisas frágeis e mortas se impregnam da divindade do supremo Legislador (JLCJM, ago, 1927, p. 1).

Mais uma vez, o jornal trabalha a ideia de que, antes da preocupação social, deve haver a preocupação com as famílias, pois seria a família a base para o bom funcionamento da

sociedade. Deste modo, a concepção que o trecho faz é que as famílias estruturam a sociedade. Logo, se há má conduta, se há maus costumes, como os vícios, as falas inapropriadas, as leituras e filmes incorretos, é porque o inimigo está conseguindo se infiltrar nas famílias e desestruturá-las, segundo o texto. Não fica explícito quem é esse inimigo, mas o tom da fala demonstra que a interferência do Estado na constituição familiar é que estava atrapalhando as famílias e consequentemente o próprio funcionamento do Estado.

Desde o início da República, no Brasil, o Estado assumiu algumas funções que por muito tempo foi realizada pela Igreja, como a união matrimonial. E a justificativa entregue pelo grupo, naquele momento, é que essa união civil, sem o sacramento religioso, levando em consideração apenas o “amor-sentimento”, não teria durabilidade, na verdade, constituiria uma família fragilizada, uma estrutura que facilmente poderia ser desmontada. Ainda interpretando este trecho, compreendemos que o matrimônio só pode ser fortalecido pelo elemento religioso, pois é isto que vai solidificar a união dos nubentes e não a elaboração feita a partir do universo civil. Logo, uma solução apresentada por eles para reverter os problemas da sociedade é que a preocupação pública deveria estar voltada para a prosperidade e proteção da família, desse modo a sociedade estaria assegurada.

Avançando para março de 1942, lemos no Jornal da Liga Católica uma preocupação com o tamanho da prole. Para poder respaldar o argumento, o autor desconhecido inicia o texto dizendo que a opinião da matéria tem como embasamento a fala do “senhor Celso Kelly”, o qual faz parte de uma corrente pedagógica que não possui vínculos com os católicos. A justificativa é que, buscando uma fala de fora do meio católico, estariam produzindo um discurso “isento de preconceitos ou dogmatismo”. Procurando essa neutralidade e confiabilidade o texto vai relatar que,

As famílias reduzidas prejudicam a educação de seus filhos, afetam a economia pública, são nocivas a moral, incorrem em prejuízo para a sociedade. Já está por demais dito e redito que o filho único é o problema difícil em educação vindo arcar com sérios prejuízos em seu desenvolvimento se cedo não se lhe proporcionar companhia infantil. A média de crianças para um convívio harmonioso, sob o ponto de vista psicológico é de três crianças. Criança requer criança e, fora dessa fórmula, não há sabedoria pedagógica. As convivências da educação estão a reclamar família numerosas. A economia se nutre na produção e a produção exige o braço jovem e o espírito moço. A sociedade tem como núcleo a família: vitalizada esta, em número e sobretudo em média de mocidade, apresentará aquela, outros índices de energia. Por isso, compreende-se que o Estado tenha o maior interesse na constituição de famílias numerosas. E independente do interesse comum, tão elevado, do país que precisa de homens, que apoderem dos benefícios morais que decorrem da existência de grandes famílias em contraste com a monotonia dos lares vazios (JLCJM, mar, 1942, p.3).

É interessante que para esse assunto o jornal tenha se baseado fora do meio católico e buscado suporte na ciência. Assim, vai dizer que uma família reduzida é prejudicial para a própria educação do filho e inclusive é prejudicial para a economia do Estado. O autor menciona que família pequena é nociva para a moral, mas não explica especificamente o motivo disso. Segue apontando que a família em pequeno número de filhos acata em prejuízo para a sociedade e dá um número, sendo a cifra mínima de três.

Antes de continuar a análise desse texto, é curioso observar que os discursos da Liga Católica atacam a interferência do Estado na formação da família, mas o tempo todo ensinam como a família deve ser, como se legitimasse a interferência da religião na família, afinal, como estamos lendo, é o vínculo espiritual caracterizado pelo sacramento do matrimônio que torna a família especial, logo a religião não interfere, mas ensina qual é o modelo correto da família.

O texto ainda vai dizer que a justificativa para uma família com muitos filhos se faz, devido aos fins pedagógicos, pois as próprias crianças ajudam às demais se formarem, de modo que uma casa com apenas um filho pode ser ruim para o desenvolvimento da própria criança. E, por fim, diz que o país precisa de mais homens e que esses sejam moralmente educados, ou seja, há uma preocupação com uma família numerosa, mas sobretudo que tenham homens, pois eles é que atuam na sociedade, por isso sua relevância moral.

Quando lemos o argumento sobre o porquê de ter uma família numerosa, mais uma vez confrontamos o modelo confiado, a Sagrada Família, composta por três pessoas, sendo eles pai, mãe e filho, e mais uma vez percebemos que o esperado dela é a imitação de suas ações, de sua santidade, afinal essa família em si é abarcada por um mistério, ela é singular, pois conta com um elemento divino, por isso sua configuração é diferente, mas a sua santidade deve ser copiada.

Seguindo para dezembro de 1957, o jornal da Liga Católica traz um texto no qual questiona “quem manda em sua casa?”

Esposo e esposa têm tarefas diferentes; o marido é a cabeça do lar e a esposa é o coração; o homem exerce a direção da casa e a mulher, o amor; para evitar discussões a respeito de "quem manda aqui", respeitando determinados limites, deve-se reconhecer que predomina a influência do esposo, no entanto, a mulher não deve se sujeitar a suas manias, deve sujeitar-se apenas a sua autoridade; a mulher não deve criar os filhos com moleza; a mulher não pode atender aos caprichos da autoridade do marido; a mulher não deve queixar-se de ter muitos filhos; as senhoras se sentem mais infelizes quando não se sujeitam a seu marido, por amar e ser amada, a mulher cumpre suas funções de esposa e de mãe; a mulher foi criada por Deus como adjutório do marido e não como uma escrava; As mulheres sejam sujeitas a seus maridos como ao

senhor [...] Maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja [...] Quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem - a mulher é submissa ao marido e este a Cristo. O exemplo mais sublime é o da Sagrada Família: São José humildemente guiava as duas pessoas mais santas do mundo (JLCJM, dez, 1957, p. 6).

Neste texto, o grupo vai demonstrando a posição de cada um dentro da família. Cada membro ocupa funções distintas, sendo assim, o homem ocupa a chefia da casa e a mulher submete-se à sua autoridade e deve administrar o cotidiano do lar. Há algumas falas que alertam os homens e as mulheres sobre os excessos no tratamento, mas de qualquer modo a palavra mais importante se torna a do homem e a mulher deve obedecê-lo e fazer a rotina da casa funcionar. Por fim, o texto vai ligar esse modelo de família à religião, dizendo que acima do homem está Jesus, como que em uma escala hierárquica. E o texto exemplifica a hierarquia com o modelo da Sagrada Família, explicando que, mesmo com as santidades de Jesus e Maria, a gerência da família era de José. Esse era o modelo que o grupo esperava para uma família cristã ideal.

Um ponto importante nessa singularidade da família de Jesus é que essa diferença chama a atenção para dentro do meio em que ela está inserida. Expliquemos melhor: sendo a Família de Jesus, Maria e José relativamente diversa das demais famílias judias, muda-se a perspectiva de visão sobre ela. É possível que, se essa família fosse como as demais, não haveria tantos holofotes sobre si (CARVALHO, 2012, p. 369).

Percorrendo referências de o que é ser um homem e ser uma mulher cristã, vamos percebendo alguns padrões, em que o homem vai se apresentando como o chefe e coordenador do lar. Marianno lembra que essa característica condiz muito com a forma e o meio em que a própria Bíblia foi sendo elaborada. Assim, é importante lembrarmos que, se os textos bíblicos eram transmitidos de modo oral, só após anos, e mesmo séculos, passaram a ser sistematizados em formato de texto escrito, pois, no contexto em que ocorreu esse processo de escrita, havia uma lógica patriarcal, que acaba por influenciar o resultado final dos escritos. Dentro dessa lógica, Marianno afirma que houve momentos de maior protagonismo das mulheres, seja dentro da família, seja na sociedade, mas, por vezes, isso foi silenciado dentro daquilo que permaneceu redigido (MARIANNO, 2005, p. 11).

É dessa forma que vamos lendo a figura do homem, associado ao papel de marido, de provedor da família, aquele que a governa e, por isso, torna-se o senhor de sua esposa e também de seus filhos. A casa onde moravam, conforme descrito no Novo Testamento, tem como líder os pais, sendo os filhos responsáveis por desempenhar certas tarefas, sob supervisão da mãe (LOCKMANN, 2005, p. 82 e 86). Ao homem, também, é atribuída a função de transmitir

valores fundamentais como a fé, as leis, as tradições e mesmo a história (CARVALHO, 2012, p. 361).

A mulher, por sua vez, como afirma a teóloga Bingermer, pode ser associada ao pecado. Seu papel ganha espaço como esposa e mãe na tradição judaico-cristã, ou seja, acaba por ficar restringida ao ambiente doméstico (BINGEMER, 2002, p. 106). Assim, as mulheres desempenhavam trabalhos pesados, dentro de casa e por vezes nos campos. Após a infância, as que permaneciam solteiras se mantinham sob tutela do pai. Logo, claramente, as mulheres não eram tratadas como os homens perante a sociedade (MALDONADO, s/d, p. 17).

Segundo as palavras do papa Pio XII,

A graça de uma mulher diligente alegra o seu marido, e a sua ciência da casa tornou-o mais agregado a ela. Mas a graça sobre a graça é uma mulher santa e casta (Eclesiastes). A mulher é o sol com a sua generosidade e dedicação, com a sua constante diligência, com a delicadeza vigilante e provida, sempre pronta a alegrar a existência do marido e dos filhos. Se é verdade que a felicidade de um lar está em que cada um dos cônjuges só tenha o desejo de ser agradável ao outro, tal desejo deve ser a primeira virtude da mulher. Ao receber humilhações, não quer retrucar-lhes senão com dignidade e respeito, como o sol que alegra com o seu fulgor as manhãs nebulosas e inunda os vales mais fundos com o esplendor de sua luz. Vai dizer que a esposa é o sol da família, com a linha indefectível de seu porte e com o prestígio da sua palavra sempre cristã. Porte e palavra que penetram da semente nas almas e as ajudam ao combate contra as paixões e chamam o homem à alegria do bem e da intimidade do lar, depois de um longo dia de trabalho e talvez sofrimentos [...]. Vida de sacrifício, então, a da mulher no lar? Sim, mas não só de sacrifícios. E haverá mulher cristã que pense que o marido não tem que fazer sacrifícios e as vezes bem grandes, para, honradamente, prover sustento da casa? São, afinal, estes sacrifícios materiais que da vida conjugal estabilizam aquela nobreza que se exalta no afeto e na gratidão dos filhos. Se o sacrifício da mulher é grande e constante, temperá-lo-á a virtude do alto, a graça de Deus. Sobre os tempos modernos que obrigam a mulher ir para o campo de trabalho, mesmo então, o sentimento religioso e a confiança em Deus continuem a ser o fundamental da vida das famílias [...]. Não muda a lei da família, não muda o inefável exemplo da Família de Nazaré, grande sol de três sois, um mais divinamente fulgido do que os dois que o rodeiam. Confortai-vos, esposas cristãs, nos sacrifícios e nas penas da vida. Os sacrifícios e pena de um lar cristão não humilham, mas exaltam” (JLCJMJ, ago, 1942, p. 7).

Portanto, os textos vão diferenciando o papel da mulher e do homem, na sociedade, e, no nosso caso, observando sobretudo o seio familiar. Ainda que o pontífice trace elogios às mulheres, ao longo de seu texto, deixa bem claro que seu vínculo familiar está dentro de casa com a função de administrar e, principalmente, de harmonizar a vida familiar.

Outro aspecto que vamos percebendo é a mudança da relação do homem com a religião. Se, por exemplo, entre os homens israelitas, as orações faziam parte da sua rotina diária, no mundo greco-romano, o homem também participava da educação dos filhos (LOCKMANN,

2005, p. 83). Avançando no tempo, chegando à Idade Contemporânea, isso foi se transformando e a participação do homem, tanto na prática religiosa quanto na formação do seu lar, parece que se perdia, conforme lemos as queixas de Belletable, sobretudo entre as classes sociais mais baixas. A princípio, essa preocupação era mais da ordem espiritual do que financeira ou social, poderíamos dizer. Talvez houvesse uma pincelada de preocupação com o social e com o financeiro, quando lemos no lema “Ora et **Labora**”, mas tendemos a pensar que a preocupação maior era com a religião e com como ela estava sendo praticada, sobretudo pelos homens operários.

Quando olhamos mais para próximo para o caso brasileiro, notamos que o modelo de família recebeu influências do direito canônico, sendo uma consequência da colonização portuguesa no período colonial e mesmo durante o Império, o que normalmente gerava as famílias eram os casamentos “arranjado ou por interesse” (MALUF, 2010, p. 35).

Durante o Império, o catolicismo era a religião oficial. Os que pertenciam a outra religião poderiam viver no Brasil, contudo não poderiam manifestar publicamente sua crença, assim, por exemplo, não poderiam erguer templos públicos para professarem sua fé. Para atender a união dessas pessoas, desde de 1827, eles poderiam adotar o casamento civil, enquanto os casamentos dos católicos, normalmente, eram constados pela própria instituição católica (MALUF, 2010, p. 35).

Avançando para a República, na Constituição de 1891, o casamento civil passa a ser adotado integralmente pelo Estado, inclusive com a realização de celebração gratuita, há, assim, um rompimento com a instituição matrimonial antes realizada pela religião católica. E essa passou a ser a forma oficial de constituição da família (MALUF, 2010, p. 43).

Diante desses modelos e do próprio surgimento da devoção à Sagrada Família, vamos voltar nossa atenção para como a Associação da Sagrada Família se organizou, se estruturou, defendeu e divulgou um modelo de família compreendido como ideal para o cristão, usando como base a junção de Jesus, Maria e José.

4 - *ORA ET LABORA*: PRINCÍPIOS QUE DEVEM ORIENTAR UM BOM CHEFE DE FAMÍLIA

José Hacken era devoto da Sagrada Família. Desse modo, demonstrou a Belletable e seus amigos que seria interessante colocar o grupo sob a sua proteção. Afinal, além de conduzir o homem à prática religiosa, visava instruir os homens sobre a importância de cuidar da sua própria família.

O olhar mais atento para a família e para a prática religiosa estava sendo elaborado em um momento em que as próprias relações sociais estavam em transformação na Bélgica. O contexto vivido por esses homens era reflexo dos desdobramentos da Revolução Industrial, do Iluminismo e da Revolução Francesa. Esses momentos, que marcaram a história da Europa, também transformaram as relações nos campos laboral, social e político.

É em meio a tantas transformações históricas que observamos a fundação da Associação da Sagrada Família, que deu seus primeiros passos em Liège e aos poucos foi se espalhando por outras cidades da Bélgica e, em seguida por outros países, sobretudo, acompanhada pela expansão da Congregação Redentorista.

4.1 - OS NOVOS TEMPOS E AS NOVAS PREOCUPAÇÕES PARA A FAMÍLIA

O capitão do exército, Henrique Belletable, passou experiências diversas na vida. Nasceu em meio a uma família católica, na qual sua mãe cuidava veementemente da educação cristã de seus filhos (ATA, I SEMINÁRIO, 2010. p.6). Logo, dentro da própria família de Belletable, podemos perceber que a mãe, mulher, é quem conduzia a religião dentro de casa. Os homens, enquanto crianças, seguiam os passos da religião, mas, após tomar consciência da vida adulta, como Henrique, vão deixando esses princípios em segundo plano, até que alguns homens o abandonam por completo.

O jovem Belletable saiu bem cedo de casa para tentar seguir a carreira militar. Com o passar dos anos, Henrique abdicou das práticas religiosas, não se importando mais com os costumes morais ensinados pela Igreja. Já adulto, ocorreu-lhe um conflito interno a respeito do modo como tratava a religião para si e como a julgava para os outros. Foi a partir dessa desorganização de pensamentos que ele experimentou a conversão. Desde então, sentiu a necessidade de vivenciar uma fé antes não experimentada. Entregou-se à oração e à convivência com religiosos, mudou seus hábitos e costumes, procurou externar essas mudanças e buscou

conduzir outros homens a essa transformação.

Após a sua conversão, Belletable procurou demonstrar que a religião o modificara. Não abandonou a carreira militar, mas, junto à sua farda e às insígnias do exército, trazia o rosário, companheiro inseparável de suas orações e comunhões, tomando-o como símbolo e como afirmação de seu pertencimento à igreja católica. Para Belletable, não bastava a sua guinada, ele almejava mais, ansiava por converter mais pessoas para a prática cristã. Mais especificamente, procurava apresentar aos homens a importância de se viver a fé católica. Por trabalhar próximo aos operários da fundição de canhões, setor que chefiava, Belletable se entristecia com o modo como desrespeitavam o domingo santo, como se entregavam à bebida e não davam atenção à família (ATA I SEMINÁRIO, 2010, p. 6).

Outro fator que preocupava Belletable era a presença da maçonaria que, no seu entender, buscava medidas para anular a religião. Ele acreditava que os maçons eram homens da elite e que usavam recursos, sobretudo a imprensa, para desvirtuar trabalhadores, operários e camponeses. Relatava-se que um vigário de Ardenas afirmara que “apenas os sacerdotes liam os dois jornais católicos que circulavam na região. O restante da população lia os jornais ruins, vendidos a preço baixo, e isso causava um mal enorme, já que, para o camponês não esclarecido, tudo que está impresso é evangelho”. Por ideias como esta, Henrique também se preocupava com leituras que pudessem afastar cada vez mais as pessoas da religião (ATA I SEMINÁRIO, 2010, p. 6). Portanto, julgava que os trabalhadores e camponeses possuíam baixa instrução e, por isso, poderiam ser mal influenciados pela maçonaria, que agia de forma acelerada para derrotar a religião. Essas acusações da Igreja contra a maçonaria faziam parte de uma longa tradição católica que teve como primeiros registros a condenação pontifícia de Clemente XII, com sua Carta Apostólica de 1738, sendo seguida por inúmeras outras ao longo de todo o século XIX. De forma geral, a maçonaria incomodava pelo caráter secreto de suas reuniões, consideradas ilícitas e suspeitas, ou pelo “segredo fielmente guardado sob juramento”. Também incomodava pelo perigo que poderia representar à segurança do Estado e da Igreja e pelo perigo para a pureza do catolicismo, decorrente da reunião de homens de várias religiões (FERENZINI, 2010, p. 102). Cabe ressaltar que a maçonaria representou uma das primeiras tentativas para se formar uma irmandade ecumênica de pessoas de todas as religiões (VIEIRA, 1980, p. 43).

Foi o descaso dos homens com a religião e com a família que fez com que Henrique elaborasse, por anos, a construção de um grupo que lhes pudesse apresentar uma nova perspectiva sobre a religião. Entre suas intenções, procurava romper com o estigma de que o homem deveria ter vergonha de crer na religião, gostaria de demonstrar o perigo de perder a fé,

sobretudo quando esses homens trocavam a vivência religiosa e familiar por lugares promíscuos, regados por um consumo exagerado de álcool, fazendo leituras perigosas e falando contra a religião, a Igreja e seus ministros (MANUAL. 1922, p. 87).

O percurso de vida de Henrique Belletable, que passou por uma infância mais ligada à prática religiosa e, na adolescência e vida adulta, distanciou-se e deixou de praticar a religião, faz parte de um contexto de seu tempo. Os tempos em que a lógica católica predominava em uma sociedade mais homogênea, em termos religiosos, estavam ficando para trás, enquanto as ideias do período Iluminista estavam sendo cada vez mais difundidas. Segundo Portella, é neste curso que se percebe, no século XIX, que parte da Igreja vai moldando um caráter antimodernista, passando a denunciar os valores abraçados pela modernidade, sob a justificativa de serem perigosos, não só para os humanos, mas para a própria Igreja (PORTELLA, 2013, p. 258).

É importante pensarmos que a história é composta por compassos temporais distintos. Em Braudel, percebemos a elaboração de uma ideia que vai trabalhar com um tempo longo e com variações até chegar em um tempo individual, ou um tempo curto. Quando falamos em longa duração, compreendemos que, no transcorrer da vida, vão surgir mudanças, mas que só são perceptíveis quando vistas como um todo. Por isso, por vezes, na longa duração, tem-se a impressão de viver em ciclos que recomeçam. Como rituais contidos na lógica religiosa, que acontecem buscando retornar a uma ação original (BRAUDEL, 2016).

Caldeira nos leva a observar que a Igreja pode ser compreendida dentro dessa lógica de longa duração, uma vez que seu desenvolvimento se dá em um processo lento ao longo do tempo e discorrendo por múltiplas variáveis (CALDEIRA, 2007, p. 84). Para completar essa ideia, lemos em Camurça que

O tradicionalismo das cosmologias, mitos e simbolismo ritual da Igreja se encontra com a modernidade, quando o catolicismo visto como uma ‘estrutura de longa duração’ se recombina com os fatos transformadores da contemporaneidade que ele atravessa (CAMURÇA, 2011, p. 753).

Deste modo, torna-se significativo considerarmos, ainda que não de maneira profunda, o que entendemos por modernidade. Devemos saber que não há uma data exata, mas podemos compreender a modernidade como um momento da história europeia que tem início entre os séculos XIV e XV e se desdobra até, pelo menos, oséculo XIX (CARRARA, 2016, p. 819). O termo, inclusive, passa a ser usado no século XIX trazendo a ideia de atualidade, de algo recente (CALDEIRA, 2004, p. 99). Entre suas características, notamos um contraponto à Idade Média,

quando pensamos, por exemplo, na progressiva emancipação do homem¹⁹ sobre o religioso tomado como sentido e ordem de vida. O desenvolvimento e a diversificação do campo científico, durante a modernidade, estabeleceram condições para uma cosmovisão autossuficiente para o mundo, cada vez mais organizada a partir de sua dimensão física, ainda que, como apontou o teólogo Carrara, a própria “modernidade permitia incorporar a ‘hipótese Deus’”. A dimensão religiosa não desapareceu totalmente. Ela apenas se deslocou” (CARRARA, 2016, p. 830 e 831).

Tomado esse panorama, torna-se compreensivo o motivo pelo qual o termo moderno vai se assemelhando a uma característica pejorativa no círculo religioso, no caso estudado aqui, em específico, no meio católico (ZULIAN, 2009, p. 48 e 49). O cientista da religião, Portella, discorrendo sobre grupos conservadores no século XXI, mostra que, em outros momentos históricos, como o vivido por Belletable, a eficácia simbólica vai cedendo espaço para o meio plural enquanto grupos passam a ser formados com o intuito de restaurar uma ordem anterior, um momento em que a identidade católica se fazia intensa e exclusivista (PORTELLA, 2013, p. 263).

Retornando ao Manual Brasileiro da Arquiconfraria, de 1922, lemos,

Que todos os católicos sinceros venham buscar proteção contra os ardores dos erros e vícios modernos, alívio e conforto para a conservação e o desenvolvimento do espírito da verdadeira prática cristã, no meio e a despeito das aberrações de nosso século (MANUAL. 1922, p. 16).

Em outro exemplo, temos o Diretor Geral do grupo no Brasil, o pe. Francisco Ferreira, que escreveu no “Jornal do Brasil”, em 1955, sobre o centenário de morte de Henrique Belletable: “O socialismo pagão que reinava largamente na Bélgica, fazendo vítimas para a religião e arrancando milhares de famílias do seio da Igreja” (JORNAL DO BRASIL, 1955, p. 9). Nos dois exemplos, percebemos a elaboração de um discurso que vai contra aquilo que se desenvolvia no mundo moderno, seja na direção de costumes, seja em relação à política. Em ambos os casos, o que se apresenta como solução é a aproximação da religião, católica no caso, para alcançar uma vida melhor.

Logo, a modernidade vai ganhando contornos em que traz para o centro da observação e, para a finalidade, o indivíduo. Inclusive, a individualidade vai ganhando cada vez mais ambiente nas relações, assim como se amplia a preocupação com a racionalidade. Aquele cosmo sagrado, vivido no momento anterior, dirigido pela Igreja, responsável por cimentar as

¹⁹ Optamos por escrever homem aqui, e não humano, pois desenvolveremos mais este ponto nos capítulos posteriores.

esferas sociais, agora dividia espaço com a autonomia do indivíduo (PORTELLA, 2007, p. 34).

Nesse decurso, vamos encontrando também o conceito de secularização, que explica sobre as mudanças ocorridas em esferas da sociedade, assim como da cultura, que se emancipam do monopólio religioso. Portanto, notamos um contexto de pluralidade sendo formado, inclusive no caso religioso, quando observamos a Reforma Protestante, e não poderíamos deixar de lembrar do contato com culturas para além da Europa (CALDEIRA, 2009, p. 23).

Para Hobsbawm, aconteceu, a partir do século XVIII, um gradual crescimento em torno secularização e mesmo uma indiferença religiosa na Europa. Certamente, esse movimento foi acompanhado pela reação das religiões, que chegavam inclusive a apelar para formas emocionais, para a formação de pessoas militantes e até mesmo literais. O autor ainda menciona que, pensando nas massas, o incentivo à reação era um modo encontrado para lutar frente à construção de uma sociedade que tendia a ser cada vez mais fria, desumana e defensora de um liberalismo. Constituíam-se, assim, meios para se atentar às políticas, ao social e à educação, que resistissem às transformações dos tempos modernos (HOBSBAWM, 1977, p. 251).

A selcularização das massas era algo distinto naquele tempo. Também estava sendo observado que a prática religiosa era continuada cada vez mais pelas mulheres, enquanto os homens vinham no seu crescente abandono. Neste contexto, como apontou o historiador Hobsbawm,

Os homens polidos e instruídos poderiam tecnicamente acreditar no ser supremo, embora esse ser não tivesse qualquer função exceto a de existir, e certamente sem interferir nas atividades humanas nem exigir outra forma de veneração do que o reconhecimento benevolente (HOBSBAWM, 1977, p. 240).

Junto à ideia de que o Ser Supremo existia, mas não interferia na Terra, também se dissipavam e atingiam outras classes sociais certo desprezo e atitudes hostis à prática religiosa (HOBSBAWM, 1977, p. 240).

Desse modo, a secularização, “rebento da modernidade”, como disse Portella (2007), conduz os indivíduos para uma organização social em que a religião já não perpassa todos os seus momentos. Não é a absoluta anulação da religião perante a coletividade, mas, se outrora esta tinha um predomínio sobre a sociedade, desde então passava a dividir espaço e tempo com a individualidade, somada às novas preocupações empíricas, ao pensamento lógico e a outros códigos justapostos ao meio (GIDDENS, 1991, p. 98). A partir de então, a religião vai se tornando algo particular para o ser, generalizando a ideia no ocidente, realocando-se e dividindo espaço com outras esferas para poder influenciar as escolhas éticas e cognitivas (PORTELLA,

2007, p. 35 e 40).

Torna-se importante compreendermos a modernidade devido à repercussão que ela trará para a instituição religiosa, objeto de estudo aqui. O processo histórico envolvendo a modernidade e a Igreja vai desenhar novos rumos para as identidades individuais (CALDEIRA, 2004). Neste cenário, então, a religião vai ganhando outras interpretações. Trazendo a ideia de Berger, o indivíduo vai se tornando independente do “dossel sagrado”, em que a locução religiosa rejuntava todo o piso social (BERGER, 1985).

Aos poucos,

A própria Igreja Católica, comprometida em princípio com a resistência à invasão dos valores modernos, passou a contribuir para reforçar esse ponto ideológico, ao invocar argumentos ‘naturalistas’ em sua defesa de limites aos valores individualistas. Isso foi particularmente notável, por exemplo, na ideia do modelo de família (DUARTE, L. F. D.; JABOR, J. M.; GOMES, E. C.; LUNA, N, 2006, p. 22).

A defesa de um modelo ideal de família vai ganhando espaço e, a partir do século XIX, por vezes vai sendo baseada na ideia da Sagrada Família. Na segunda edição do jornal da Liga Católica, em agosto de 1925, o diretor pe. João Batista Smits escreveu:

As verdades da religião, ensinadas pela Igreja Católica dão-nos toda garantia de absoluta certeza e não há nem a mais leve razão de duvidar de qualquer uma entre elas, pois que Deus não se pode enganar. Esta convicção firme é um elemento muito precioso em nossa vida, pois nos livra do tormento cruciante da dúvida, nos é caminho certo no meio de tantos erros do mundo e faz as verdades traduzir-se na prática por uma vida conformada à Religião (JLCJM, ago, 1925, p. 2).

O grupo que surge na Bélgica e depois se alastra para outras partes do mundo vai carregando consigo a missão de defender a prática religiosa do homem, a estruturação desse homem como chefe de família e assim instruir sobre a importância de ele se afastar das práticas que são tomadas como ameaças do mundo moderno. Tais ameaças vinham de lugares mundanos, podendo ser compreendidas como os locais onde se consumia excesso de álcool, lugares destinados a jogos e os prostíbulos. Entretanto, também compreendiam outras ameaças, como a maçonaria, as publicações editadas por espíritas, protestantes e ateus, enfim, tudo aquilo que pudesse desviar a atenção da prática religiosa e do cuidado para com a família.

4.2 - A ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA PASSA A ORIENTAR OS CHEFES DE FAMÍLIA

Belletable testemunhava constantemente as questões envolvendo o afastamento do homem da religião. No quartel, por vezes, seus companheiros se manifestavam contrários à religião e aos religiosos, assim parodiavam sua nova postura. Na fundição de canhões, onde chefiava operários, ele se incomodava com a forma como os trabalhadores insultavam os bons costumes religiosos. Na mesa de comunhão, incomodava-lhe observar que praticamente só havia mulheres e crianças fazendo o sacrifício da fé (GROOVER, 2010, p. 67).

A esses trabalhadores, Belletable dizia,

Meus amigos, vamos fazer uma aliança. Trabalho na fundição de canhões, vivo no meio de operários, estou vivamente interessado na sorte deles. Desde muito tempo sinto grande tristeza ao ver que grande número deles são infelizes por sua própria culpa, entregam-se à bebida, vivem sem religião, trabalham aos domingos, embriagam-se na segunda-feira e descuidam completamente da educação de seus filhos. Vocês farão um grande bem e muito contribuirão para melhorar a situação deles e também a das famílias deles, se vocês unirem os seus esforços para trazer os seus companheiros e amigos à reunião das segundas-feiras (GROOVER, 2010, p. 33).

O resultado de seu empenho foi a criação da Arquiconfraria da Sagrada Família, fundada no ano de 1844, junto com seus amigos José Hacken e Gil Jongen, em Liège, na Bélgica. O grupo teve, desde o princípio, a orientação dos padres redentoristas e trouxe como principal meta “proporcionar aos homens um instrumento de prática real e mais consciente de sua fé religiosa e, com isso, atender ao bem das respectivas famílias” (MANUAL DA LIGA, 2013). A partir dessa sentença, percebemos que o principal intuito de tal associação era o de aproximar o homem da prática religiosa, na expectativa de que isso resultasse em frutos positivos no interior de sua família. A ação adotada com o foco no homem é justificada pelo seu distanciamento da religião e seu papel de chefe de família, conforme aponta a literatura sobre o grupo (LEITE, s/d, p. 21 e 23).

Pouco a pouco, a associação alcançou novos adeptos e a aprovação da Igreja Católica. As reuniões, que se iniciaram na casa de Gil Jongen, passaram a ser feitas em uma capela dedicada a Santo Afonso, devido ao alto número de adeptos ao grupo (GOVERS, 1957, p. 16). Segundo pe. Schwing, que orientava espiritualmente as reuniões, havia cerca de 200 participantes. Para assegurar a participação e fidelidade deles, resolveu-se dividi-los em sessões, que contariam com um responsável para garantir a ordem, a presença e o funcionamento das mesmas (MEULEMEESTER, 1946).

O grupo foi tecendo outras atividades para além das reuniões. Eram organizados retiros,

nos quais outros interessados tinham a oportunidade de conhecer o funcionamento da associação, o que culminava em mais pedidos de adesão. Estima-se que uma procissão, ocorrida por volta de 21 de junho de 1846, tenha aglutinado mais de 400 homens, percorrendo as ruas de Liège, portando estandartes e ecoando vozes com canções e orações, sob organização dos missionários redentoristas. Certamente, foi um fato de destaque para aquela sociedade. Tal organização despertou interesse de sacerdotes e outros homens. Foi sendo construída, assim, a tradição das procissões entre o grupo (MEULEMEESTER, 1946, p. 32 e 33).

O pe. Meulemeester diz que esse fervor causava incômodo nos empresários, na Bélgica, pois estes, observando seus empregados nas manifestações, deixando de estar no trabalho, acabavam punindo-os de alguma forma: eram ameaçados de demissão, por exemplo. Diante da retaliação, uns persistiam na sua fé, outros acabavam desistindo e se desligando da associação, enquanto alguns não deixavam o grupo, mas só participavam de eventos internos, optavam por não expor em público sua fé (MEULEMEESTER, 1946, p. 34 e 35).

Aqui, temos uma mudança que acabará sendo adotada no grupo que se formará no Brasil. Devido ao fato de os operários estarem com receio de participar do grupo e acabarem perdendo seus empregos, o foco da associação vai se desviando da exclusividade para os trabalhadores e passa a objetivar a presença de outros homens, que também eram chefes de família, porém dependiam menos de patrões. Isso ficou evidente no ano de 1847, na elaboração de um regulamento do grupo. Neste, a Associação, então, vai suprimir o termo “olhar para os trabalhadores” substituindo-o por “o olhar para o homem de boa vontade” (MEULEMEESTER, 1946, p. 35 e 36). Ou seja, a finalidade inicial do grupo era criar suporte religioso para os trabalhadores que, devido à exploração, haviam se desvinculado da igreja e da família. Contudo, boa parte desta classe, especificamente, ou não se rendia à demonstração pública da prática religiosa, ou colocava seu trabalho em risco. Logo, a saída para a permanência e expansão da associação foi a abertura para homens de outras classes sociais.

Nos relatos do pe. Meulemeester, vai sendo possível perceber a participação de artesãos, botiqueiros e mesmo burgueses, que também se colocavam ao lado dos operários, para aprenderem e professarem a fé (MEULEMEESTER, 1946, p. 53 e 59).

Todavia, o próprio Meulemeester faz uma leitura crítica dessa inserção. Segundo o autor, desde o princípio, o grupo não era exclusivamente de operários. Nas reuniões, Belletable aparecia fardado como militar. Havia um outro aspecto, que limitava a participação dos homens no meio: era preciso ser alfabetizado, pois as reuniões consistiam em leituras e debates (MEULEMEESTER, 1946, p. 37). Consta, no livro do historiador Hobsbawm, “A era das revoluções”, que, no século XIX, na Europa, boa parte da população não tinha instrução.

Estima-se que, na Bélgica, em meados do século XIX, entre 40 e 50% da população era analfabeta (HOBSBAWM, 1977, p. 155).

Desta forma, o grupo dá uma guinada, de certa forma, do seu propósito inicial, o de evangelizar os trabalhadores em exclusividade, mas o caráter de caridade da associação se manterá para o cuidado com o trabalhador. Aos que conseguem se integrar e participar do grupo, o Estatuto de 1847 se mantém com a finalidade de ensinar a prática religiosa e a oração, e manter os homens afastados dos vícios e dos maus costumes. Esperava-se que as diferenças sociais fossem suprimidas internamente, pelo denominador comum, a religião, e pelo grau de familiaridade que passariam a construir entre si (MEULEMEESTER, 1946, p. 38).

Outro fato significativo para a associação, a partir de 1847, na Bélgica, é a construção de um segmento feminino. Foi preciso criar uma segmentação paralela, não encontrada no registro da participação conjunta de homens e mulheres. A associação feminina atingiu resultados bastante significativos. Meulemeester relata que a esposa e a filha de Jongen faziam parte da associação. No início, não eram assistidas por um sacerdote, mas constava reivindicação para isso. Quando o grupo passou a se difundir por outras cidades, além de Liège, aconteceu, por exemplo, de, em Tournai, as mulheres alcançarem mais destaque na associação do que os homens, fato que pode ser explicado devido à participação deles em outras associações já existentes na cidade (MEULEMEESTER, 1946, p. 47, 48 e 52).

Vamos percebendo, assim, o crescimento do grupo, que vai ampliando os espaços para as reuniões, que antes aconteciam na casa de Jongen, com o tempo, passaram a frequentar uma capela, até oficializarem a igreja dos redentoristas em Liège. Inclusive, o documento assinado pelo papa Pio IX, em 23 de abril de 1847, elevava tal igreja à categoria de “Sede Primária” de todas as Associações da Sagrada Família no mundo (GROOVER, 2010, p.38). Desse modo, a produção oficial do grupo, como os estatutos e as novas fundações, precisariam de aprovação dessa sede primária para ser validada como pertencente à Associação da Sagrada Família (LEITE, s/d. p.12).

Concomitantemente ao desenvolvimento da associação veio sua institucionalização. A formação militar de Belletable o norteou para organizar as seções da associação, que seriam divididas em pequenos números de participantes, que seriam chefiados pela participação de um religioso e um prefeito²⁰. Além disso, os sócios estariam sentados em fileiras de cadeiras, divididas igualmente (GROOVER, 2010, p. 41). Outro recurso foi a elaboração dos estatutos, logo aprovados pelo bispo de Liège, Dom van Bommel, que se mostrou entusiasmado pela obra,

²⁰ Prefeito é o representante e responsável pela seção.

sobretudo pelo primeiro artigo do documento que dizia: “Honrar a Sagrada Família e proporcionar socorros espirituais a esta porção da humanidade que, por ser muitas vezes esquecida, não é a menos preciosa, são olhos da razão e da fé - a classe operária” (BODAS LCJMJ, 1927, p. 13).

Por conseguinte, confirmamos a finalidade da Arquiconfraria da Sagrada Família. Como apontado acima, os sócios se colocam sob a proteção e a honra da Sagrada Família de Nazaré que, segundo a tradição católica, faz-se representada nas figuras de Jesus, sua mãe Maria e seu pai José. Outro aspecto mencionado é sobre o socorro espiritual dos operários. Como já dissemos anteriormente, os trabalhadores por vezes abandonavam a prática religiosa, por vários motivos, dentre eles, as leituras de textos que os desvirtuaram e a exaustão causada pelo trabalho, que os levava a procurar prazeres junto à bebida e lugares de promiscuidade, como apontou Goovers. A ação sobre esses operários aconteceria então sobre os homens. Segundo o fundador, “queremos melhorar a sorte dos homens, reconduzindo-os à religião”. Destarte, a finalidade do grupo seria cristianizar o homem como chefe de família, pelo chefe a família toda e pela família a sociedade (ANTONIO, 1946, p. 7).

Esses homens deveriam participar das reuniões propostas pelo grupo, aprender os conteúdos trabalhados e levar os conhecimentos a público. Deveriam estar presentes nas manifestações públicas, nas quais a associação se fizesse presente. E nestas, os sócios se mostrariam como “católicos de convicção, homens de caráter” (BODAS LCJMJ, 1927, p. 18). Deste modo, deixam a mensagem de que o grupo traz em seu conteúdo modelos moralizantes a serem seguidos pelos homens cristãos. A aparição em público foi algo pouco problemático inicialmente, uma das primeiras manifestações públicas oficiais do grupo aconteceu em 1846, durante as solenidades comemorativas da festa de *Corpus Christi*. Nesta, a associação reuniu muitos homens nas ruas da cidade, onde se pode observar os que estavam dispostos a mudar a forma de viver, como Belletable fez, ou os que ainda não haviam se entregado de fato ao grupo. Essa observação foi tomada com base nos que se mantiveram presentes durante todo o tempo de procissão e nos que a deixaram, porque não tinham entrado para aparecer em público, ou porque ficaram com vergonha de serem caçados (BODAS LCJMJ, 1927, p. 13). Deste modo, observamos que vez ou outra os textos sobre o grupo tratam desse embaraço que os homens sentiam em se mostrarem ligados à religião, que era normalmente associada à participação feminina.

Para reverter esta possível sensação de acanhamento nos homens, elaboravam discursos dizendo que poucos teriam coragem de ser cristão prático e demonstrar isto, de assistir à missa, de confessar-se e comungar, pois acabam se entregando às más conversas, às críticas sobre a

religião e seus ministros, por receio de “serem chamados de beato”. Contudo, a solução para isto seria a junção de homens, cujo intuito é defender a religião e praticá-la (Antonio, 1946. p. 20). Portanto, há uma tentativa de encorajar a participação masculina pela coletividade, como se mais homens unidos em torno de uma mesma causa e realizando uma mesma prática não os constrangesse, e sim os fortalecesse.

Outra recorrência dentro dos textos era a função da associação em contribuir para o realce e a defesa da religião católica. No manual editado em 1922, utilizado pela associação no Brasil, percebemos os seguintes questionamentos: “Quem ignora as fontes de corrupção no século atual?; Quanto não se faz para alienar e afastar a humanidade dos princípios da fé e das virtudes cristãs?”. Para justificar tais indagações prossegue,

Tudo tem por fim substituir o apego à religião e aos conhecimentos religiosos pelo espírito do indiferentismo. Não é de se estranhar que, em consequência disso, a desorientação e a imoralidade vão crescendo dia a dia entre as classes da sociedade. É contra estas ondas encapeladas de corrupção que Deus lançou um dique pela instituição da Liga Católica (MANUAL, 1922, p. 10).

O conteúdo apologético contido neste manual aponta para os perigos existentes no mundo e que ameaçam a Igreja e a fé cristã. Assim,

Todos os católicos sinceros venham buscar proteção contra os ardores dos erros e vícios modernos, alívio e conforto para a conservação e o desenvolvimento do espírito da verdadeira prática cristã, no meio e a despeito das aberrações de nosso século (MANUAL, 1922, p. 16).

Logo, a associação é apontada como um local seguro e de defesa para os verdadeiros cristãos, como constantemente dizem, pois essa se põe contra os aspectos mundanos que afastam os homens de sua família e da vivência cristã, como jurar falso, blasfemar, violar os votos e juramentos, faltar à missa ou trabalhar nos domingos, ser descuidado com a educação, correção e vigilância de seus filhos, não separá-los das ocasiões de pecado, tais como leituras, companhias, saraus, divertimentos e amizades perigosas (MANUAL. 1922. p.89). Além disso, aspectos mais gerais, como o espírito modernista, o liberalismo acusado de ser anticristão e o desprezo da lei divina, preparam a tormenta que ora se desencadeou sobre o mundo (JLCJM. nov, 1942).

Chama a atenção, nos textos do grupo, a repetição da ideia de que a associação compartilha a verdadeira prática cristã, que deve ser transmitida e realizada pelos homens. Por exemplo, no livreto escrito em 1927, para comemorar os vinte e cinco anos da chegada da associação no Brasil, consta a informação de que a finalidade do grupo é

Facilitar aos homens de todas as classes e condições a prática da vida verdadeiramente cristã e contribuir para o bem, tanto material, como espiritual de seus membros e para o realce da Religião Católica; como também para

defender e propagar verdades católicas (BODAS LCJM, 1927. p.17 e 18).

No manual de 1922, lemos no artigo Art.23 que,

Todos devem considerar-se filhos da mesma família: a Liga. Tendo protetores especiais: a Sagrada família de Nazaré, sendo, por conseguinte, irmãos, deve reinar entre eles a mais cordial fraternidade, qualquer que seja a classe a que pertencem, ou a sua condição; serão como os primeiros cristãos um só coração e uma só alma (MANUAL. 1922, p. 27).

Deste modo, podemos observar tamanha preocupação em apreender um modelo ideal de cristianismo, buscando referências na Bíblia, com a prática dos primeiros cristãos, como em um processo de retorno às origens, para poder viver uma religião mais pura. Os manuais também afirmam que a aproximação com o grupo trará a santificação pessoal de seus associados e do apostolado leigo em geral. O sócio alcançaria essa santificação com os insumos trabalhados nas reuniões e com o exercício de uma “vida de oração”. Assim, tomam como lema *Ora et Labora*²¹. No entendimento do próprio grupo, tais palavras são inspiradas na vida de “Jesus, de sua Mãe e de São José”²² (MANUAL DA LIGA, 2013.p. 10 e 26). Esse lema deve ser tomado como uma regra de vida, de modo que os sócios devem procurar santificar o seu dia pela oração e pelo trabalho. Assim, lhes é recomendado:

Tenham **espírito de oração**²³ e transmitam esse espírito aos seus. Quer dizer, rezem as orações da manhã e da noite. Com atenção, assim como antes e depois das refeições. Façam o possível para que essas orações sejam “em comum” na família. Saibam rezar nas horas de dificuldade como de alegria. Frequentem sempre, nos domingos, a santa missa e participem deste santo sacrifício, se possível, comungando. Se no lugar não houver missa, façam o Culto Católico (MANUAL, 1983. p.27).

Essa utilização de *Ora et labora* nos chamou a atenção, traz um caráter piedoso ao grupo e, segundo a afirmação, foi inspirada na vida de Jesus e de seus pais, porém a origem dessa expressão remete à Ordem de São Bento, algo não mencionado no manual. Além desse lema, não encontramos relatos que liguem o grupo belga com os beneditinos. Sabemos que o grupo belga foi orientado, desde seu início, pelos padres da Congregação do Santíssimo Redentor. Apesar do termo “trabalhai” constar na regra de vida do sócio, na citação mencionada, não constam instruções para exercer o trabalho, mas somente para a prática de oração. Outros dois pontos que devem ser levados em consideração são: a prática da “caridade para com o próximo”, mas não se explica como praticar essa caridade, apenas se indica que deve haver respeito para com o outro; além dessa, o manual diz que o sócio deve ser “apóstolo no lar e na

²¹ Segundo a tradução do próprio grupo, “Rezai e Trabalhai”.

²² Informação retirada do Manual da Liga Católica nas versões de 2006 e 2018.

²³ Grifo do autor.

sociedade”, contudo, também não explica o que seria esta prática (MANUAL, 1983. p.27).

Estes princípios, ao que consta, eram bem aceitos pela Igreja e algumas vezes elogiados pelos pontífices. Consta que Pio X havia dito que a Arquiconfraria da Sagrada Família pertence às associações religiosas principais de que seu tempo precisava. Bento XV afirma que o grupo é, entre as associações religiosas, a mais inestimável. Pio XI teria afirmado que os sócios da associação devem ser os alto-falantes das encíclicas do Papa, especialmente a encíclica *Casti Connubii* sobre o matrimônio cristão e da encíclica *Quadragesimo Anno* sobre a questão social (ANTONIO, 1946. p. 8).

Alguns discursos elaborados por papas, referentes à Família e à Sagrada Família, também repercutem entre os associados, tornando-se referência para o grupo, como as menções de Leão XIII na encíclica *Rerum Novarum*, em que afirmou,

Só a religião pode extirpar o mal até a raiz, todos devem saber, antes de tudo é preciso restauração da moral cristã sem a qual mesmo os meios, que se dizem mais eficazes, não darão resultado. A salvação da sociedade está na imitação da Sagrada Família (apud ANTONIO, 1946. p. 8 e 9).

E do Breve *Neminem Fugit* em que o pontífice disse que,

Na Sagrada Família, os pais acham em São José um sublime modelo de vigilância e cuidado paternal; lá as mães acham na Virgem Santíssima e Mãe de Deus o ideal de amor, de castidade, de submissão e perfeita fidelidade. Os filhos têm em Jesus, que lhes era submisso, um exemplo divino de obediência para admirá-lo, venerá-lo e imitá-lo. Os de descendência nobre aprenderão, daquela família de estirpe real, como se preservar de excessos em prosperidade e como guardar a dignidade em adversidade. Os ricos aprenderão, daquela família, que a riqueza vale menos do que a virtude. Os operários, porém, e todos que estão exasperados por causa das poucas possessões e estado inferior, terão na contemplação dos santos membros daquela família um motivo para antes gloriar-se do que entristecer-se da sua posição social; pois tem as mesmas aflições como a Sagrada Família, as mesmas dificuldades em sustentar a família. Também, São José devia ganhar o pão de cada dia pelo trabalho; até as mãos divinas de Jesus trabalharam (apud ANTONIO, 1946. p. 8 e 9).

Esses textos reforçam a ideia de que os sócios devem praticar a religião e defendê-la, pois esse é o caminho da restauração da moral cristã. Porém, mais do que isso, lhes é ensinado o modo como se deve laborar o modelo familiar ideal. A inspiração do pai, da mãe e dos filhos cristãos deve ser a vida de José, Maria e Jesus; é preciso imitá-los. Os operários, em vez de se lamentarem pelo exercício do trabalho, devem enxergar a glória, pois vivem aflições como as da Sagrada Família. E, para finalizar, a citação afirma o papel do homem como provedor do sustento do lar. O pai de família deve trabalhar para arrecadar proventos, assim como esse deve ser o destino do filho. Antes, a mulher é colocada sob o papel de submissão, deve se inspirar em Maria e prezar pela fidelidade, castidade e amor ao lar. Esse modelo de família era o

praticado e ensinado dentro da Arquiconfraria da Sagrada Família. A associação apresenta frequentemente que os princípios para o homem cristão devem ser o de provedor do lar e chefe de família, típico de um modelo patriarcal.

Para poderem transmitir esses princípios aos sócios, encontramos um pequeno manual, redigido por Antonio (1946), no qual encontramos os modos como os grupos deveriam ser organizados e o modo como deveriam operar. Além da prática religiosa, as reuniões constituem algo de suma importância para a existência da associação. É através delas que as ideias são impressas para os sócios. Devem acontecer necessariamente uma vez ao mês, não sendo tão significativo o dia em que acontecerá. A associação “não foi feita para santificar o domingo. Ela deve contribuir para a santificação do domingo, mas o fim é aprofundar a vida religiosa dos sócios”. Para que os membros se mantenham no grupo, é importante que as reuniões sejam familiares e atraentes. Como familiar, entendem que o padre “diretor deve aparecer de batina, com uma corrente linda, com a medalha da sagrada família” e atraente, diz que a reunião não deve ser “enfadonha em orações e cânticos”. E o conteúdo dessas reuniões deve ser, primeiro, a imitação da Sagrada Família, algo que deve ser repetido incansavelmente, seja a imitação na vida particular ou pública. Ensinar a prática da vida cristã, de que precisam os sócios para serem católicos praticantes. Para isso, lhes deve ser ensinada a oração, os sacramentos e os perigos da falta de fé e da moral (ANTONIO, 1946, p. 10, 11, 34 e 35).

Para os sócios da associação, o conhecimento da fé é importante para a prática católica. O manual argumenta que muitos católicos “não conhecem as verdades da fé, ignoram por completo o consolo, a força que a religião dá”, pois por vezes se profissionalizam para a vida, pensando que o conhecimento adquirido na infância referente à fé já lhes é suficiente, logo não desfrutam de todo o potencial que a religião oferece. Acreditam que apenas a participação das missas aos domingos não é suficiente para compreender todas as verdades da fé católica, por isso, é importante a associação a um grupo, que tenha como finalidade ensinar a conhecer a fé (ANTONIO, 1946. p. 21). Então, mais uma vez, o manual reforça que, para encontrar a verdade, é preciso estar vivenciando a fé católica, pois é lá que a verdade está.

O pequeno manual ainda traz diretrizes para a fundação dessa associação. Diz que a criação de uma nova confraria da Arquiconfraria da Sagrada Família pode ocorrer em dois casos, durante uma missão promovida pela Congregação Redentorista ou fora dela. Quando acontece durante a missão, os redentoristas, já instruídos, promovem nos últimos dias da missão cerca de três conferências com os homens do local. Nestas, informam o que é a associação e como funciona. Deixam uma lista na sacristia da igreja e os interessados se inscrevem. Ao final da missão, os redentoristas acertam com o vigário local um dia para

acontecer a primeira reunião preparatória e, nesta, deverão estar presentes os inscritos. Todavia, mesmo sem acontecer uma missão redentorista, o vigário que conhecer as atividades do grupo e se interessar em tê-la em sua paróquia deve entrar em contato com a diretoria geral da Arquiconfraria e, em seguida, receberá um modelo de bilhete de propaganda e um manual do grupo, onde encontrará informações sobre o modo de funcionamento e a organização. Uma vez que o grupo esteja montado, iniciarão os preparativos, que acontecerão ao longo de três meses. Neste período, ocorrerão reuniões semanais, em que o vigário deve explicar os estatutos e ensaiar os cânticos. Todas essas informações constam no manual. Ainda antes da primeira reunião oficial, o próprio vigário escolherá o prefeito, o vice-prefeito e, se preciso, um conselho. Lemos ainda, no pequeno manual, que, desde o início, essas pessoas escolhidas devem ter se mostrado como sócios exemplares. São bons sócios os homens que assistem as reuniões, divulgam a associação e que possuam influência sobre os outros sócios. Deste modo, se estabelece o dia e a hora para as reuniões, bem como o preparativo para a inauguração da liga. É importante que o bispo seja informado da inauguração e que haja licença para isto, assim o grupo poderá se agregar à Sede Primária (ANTONIO, 1946.p. 22 a 37).

O volume de manuais e jornais dizendo como os liguistas deveriam se portar, como as ligas deveriam ser montadas e atuar, como o grupo salvaria a família também era fomentado através de imagens. As imagens que mais circulavam entre o grupo eram as da Sagrada Família. Muitas vezes a família se encontrava em ações cotidianas, no sentido que José era representado trabalhando, Jesus aparecia perto ajudando-o e Maria ou realizava algum trabalho doméstico ou os observava. Também, há imagens em que a sagrada família apenas se põe lado a lado. E ainda há as representações em que aparece o Capitão Belletable. Como já vimos anteriormente, era comum que Belletable aparecesse representado com trajes militares nas representações da Liga Católica. Assim, sua imagem por diversas vezes era estampada em livretos e em folhetos. Contudo, a imagem a seguir nos chamou muita a atenção:

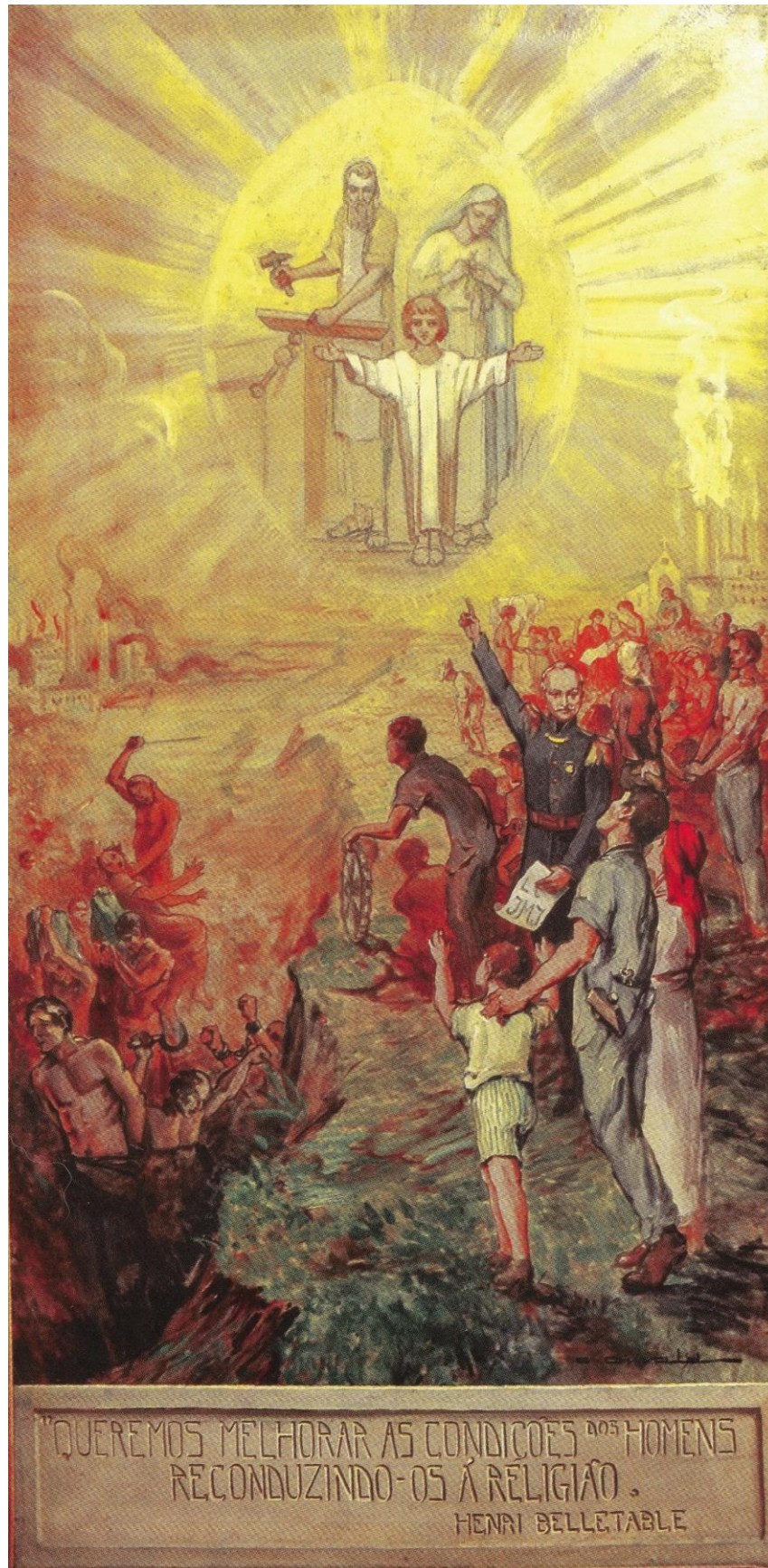


Imagem 02 – Paineel para a Liga Católica. Século XX. Carlos Oswald. Igreja Santo Afonso, Rio de Janeiro (VELOSO Jr., 2015, p. 63)

Esta imagem encontra-se na igreja Santo Afonso, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Foi pintada por Carlos Oswaldo e dedicada à Liga Católica Jesus Maria José, não há a data precisa da sua elaboração. Nela vemos, na parte superior e ao centro, a Sagrada Família, envolta por linhas que sugerem raios de luz, sendo organizada pela sequência de José (pai), Jesus (filho) e Maria (mãe). José está com ferramentas e madeira nas mãos, passando a impressão de que trabalha, mas tem seu rosto direcionado para baixo e para o centro, olhando na direção de Jesus que possui feições de menino está com os braços abertos demonstrando estar receptível aos cristãos e Maria com a cabeça baixa, encontra-se com algo na mão, talvez como se costurasse algo. A impressão é que a Sagrada Família está no céu. Abaixo dela vemos à esquerda fábricas soltando fumaças pelas suas chaminés e à direita, além de fábricas, uma igreja.

Do meio para baixo, na pintura, à esquerda, em um plano inferior, há algo como se simbolizasse o Inferno, isso fica reforçado pela tonalidade da cor vermelha. Nesse plano, as figuras com formas humanas carregam um semblante de sofrimento. Há uma figura despida que parece chicotear uma mulher, enquanto outras passam a impressão de estarem realizando trabalhos pesados, como carregando pedras, e estarem sendo escravizadas. Um homem segura uma foice, outros parecem estar acorrentados, como em uma situação de aprisionamento. À direita, no plano superior, simbolizando a vida na Terra, vemos um gado ao fundo e uma sequência de pessoas, umas mais vestidas do que as outras, as quais parecem estar desempenhando diversas funções. Uns trabalham, outros ensinam, alguns estão olhando para o céu. Essa sequência conduz nosso olhar para Henrique Belletable, que, no centro da imagem, está vestido com trajes militares. Belletable segura um papel com as letras LCJMJ, que são as iniciais de Liga Católica Jesus Maria José. Parece dialogar com uma família, formada por um pai, com roupa de operário e um martelo no bolso, ao lado da sua esposa e de seu filho que ergue os braços em direção ao céu. O capitão, olhando de modo sério para a tal família, aponta para o plano superior onde está a Sagrada Família.

Na parte inferior da pintura, há uma inscrição, como se tivesse gravada em uma pedra, dizendo: “Queremos melhorar as condições dos homens reconduzindo-os à religião” e o nome de Henri Belletable. Basicamente, podemos compreender que Belletable tenta mostrar para a família, mais direcionado ao homem que é operário, que o caminho a ser seguido é o caminho dos céus, e que o modelo a ser imitado para alcançá-lo é o da santidade da Sagrada Família, ainda que esta família esteja rodeada pelos perigos dos novos tempos, como a escravização através do trabalho urbano. Assim, a salvação seria encontrada através da Sagrada Família e um meio para conquistar a salvação é seguir a Liga Católica.

Todas esses recursos tentavam conduzir os homens para dentro da igreja e para a

participação na Liga Católica. Retornando ao manual, observamos também que os detalhes contidos neste material são precisos e minuciosos. O manual procura apresentar ao responsável pela nova fundação que é importante valorizar os homens que mais se mostraram interessados pelo grupo. Um modo de reconhecê-los e valorizá-los seria lhes ofertando cargos administrativos dentro do grupo. Também, é destacada a importância de manter os vínculos entre a associação e os sócios, com a hierarquia da Igreja. Para ocorrer uma nova fundação, é preciso o conhecimento e consentimento de um vigário, assim como do bispo responsável pela localidade. Há instruções até para o modo como as propagandas de divulgação da associação devem acontecer. Uma vez criado o grupo, deve ser fundada uma comissão de propaganda, que deverá entregar “nas famílias boas” um folheto com uma pequena explicação da Liga e com um convite para o homem, chefe de família, fazer parte desta. Essa comissão deve insistir, retornar às casas e influenciar a decisão do homem (ANTONIO, 1946.p. 22 a 37).

Deve ser informado, durante as conferências e visitas, que a assiduidade às reuniões é primordial. Sempre lembrarão sobre a próxima reunião, sobre as festas de que devem participar, assim como avisar sobre o que está acontecendo na Igreja, no país e no mundo. Os pré-requisitos para participar do grupo é o homem ser católico e, para ser admitido definitivamente, deve ter ao menos 16 anos de idade. Salvo essas condições, é importante que o candidato a ingressar no grupo prove “durante algum tempo, que é digno de ser sócio, frequentando as reuniões e procedendo como um bom católico” (ANTONIO, 1946.p. 22 a 37).



Imagem 3 - Liga Católica de Manhumirim, MG. Datada de 21 de julho de 1929. Fonte: Arquivo da Província do Rio.

Na fotografia acima, podemos ter uma dimensão de como um grupo da Arquiconfraria da Sagrada Família se portava. Diante da igreja, com a presença de sacerdotes à frente do coletivo, homens bem-vestidos, carregando no peito a medalha de sócio do grupo. No fundo, não é possível precisar, aparenta haver um estandarte com a imagem da Sagrada Família, o que é uma regra de funcionamento do grupo. É possível que a fotografia tenha sido feita em um período de festa, o que indica que sejam as bandeirinhas espalhadas na frente da igreja. Observamos que só há a presença de homens, de várias idades, alguns mais velhos, outros mais jovens e, à frente, também observamos algumas crianças. Alguns homens, sobretudo à frente, portam uma espécie de diploma, que pode indicar que foram recentemente aceitos como sócios. Apesar de se apresentarem bem-vestidos, as roupas sugerem diferenças de classes sociais, por exemplo, as roupas do senhor e do menino que estão à frente do lado direito sugerem ser mais simples e, possivelmente, ambos estão descalços. Além disso, observamos também a maciça presença de brancos e apenas alguns poucos homens negros compondo o grupo.



Imagem 04 - Grupo da Liga Católica Jesus Maria José²⁴. Fonte: Arquivo da Província do Rio.

Na imagem acima, observamos a presença de um sacerdote, de homens aparentando várias idades, sendo que à frente estão as crianças, seguidas de jovens e, atrás, encontram-se os adultos. Como de costume, praticamente todos usam terno e gravata, à exceção das crianças. O que se destaca nesta imagem é a quantidade de garotos, confirmando a participação de menores de idade, sugerindo que era preciso ensinar a prática católica aos homens desde cedo.

É baseada nos princípios de trabalhar e orar que a Arquiconfraria da Sagrada Família vai difundindo seus ideais em defesa da prática religiosa dos homens e da sua dedicação junto à família. Afinal, o homem era compreendido como o chefe de família, portanto ele deveria se comprometer a sustentá-la e a fazer com que funcionasse em sua plenitude, neste caso, segundo os preceitos católicos. Foi a partir dessas ideias, que o grupo chegou ao Brasil e passou a funcionar próximo aos missionários redentoristas.

²⁴ Na legenda desta fotografia não consta a data, nem a localidade. Acreditamos, pelo contexto das demais fotos do álbum, que se trata de um grupo, do estado do Rio de Janeiro, na década de 1940.

5 - A ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA CHEGA AO BRASIL

A Arquiconfraria da Sagrada Família chega ao Brasil nos princípios do século XX. Neste momento, as mudanças políticas, durante a passagem do Império para a República, trouxeram repercussões diretas no campo religioso, que passou a reformar suas bases, a fim de atualizar o catolicismo nacional e enquadrá-lo segundo as diretrizes e hierarquias estabelecidas pela Sé.

Parte desas mudanças na Igreja chegaram a Minas Gerais, mais especificamente à Diocese de Mariana, que nessa época compreendia a cidade de Juiz de Fora. É nesse cenário que vemos a chegada da Congregação Redentorista ao Brasil e junto a ela a fundação da primeira Arquiconfraria da Sagrada Família no país, que altera seu nome para Liga Católica Jesus Maria José. O grupo vai se estabilizando, mostrando que se enquadra às reformas pretendida pelos bispos da região e, assim, afirma-se como um grupo diverso das antigas irmandades cristãs, para propor um modelo que conduziria o homem à prática religiosa.

5.1 - OS DESDOBRAMENTOS DO SÉCULO XIX ATÉ A CHEGADA DA ARQUICONFRARIA DA SAGRADA FAMÍLIA AO BRASIL

A aproximação entre a Associação e os redentoristas rendeu frutos, a partir da segunda metade do século XIX. À medida que os missionários expandiam a sua área de atuação, levavam consigo essa fórmula associativa, que se fixava em lugares cada vez mais distantes. Inicialmente dentro da própria Bélgica, mas depois na França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e América do Norte (MANUAL. 1922. p.13).

Foi nesse contexto que ocorreu a chegada da Arquiconfraria da Sagrada Família ao Brasil, no ano de 1902, através dos padres redentoristas da Igreja de Nossa Senhora da Glória, localizada na cidade de Juiz de Fora. Porém, cabe destacar que, no Brasil, o nome Arquiconfraria da Sagrada Família foi substituído – sem uma explicação muito clara – por Liga Católica Jesus, Maria, José, nome o qual passará a ser utilizado nesta pesquisa²⁵ (LEITE, s/d.p.5). Como nos demais países, a responsabilidade eclesiástica nacional das Ligas Católicas foi entregue aos padres redentoristas, tendo como principais articuladores os pertencentes à

²⁵ A partir de então, para nos referenciarmos à Arquiconfraria da Sagrada Família no Brasil, utilizaremos o nome Liga Católica Jesus, Maria, José, ou simplesmente Liga Católica, como o próprio grupo se designa.

Província do Rio de Janeiro (MANUAL DA LIGA, 2013. p.8).

Apesar da mudança no nome, a Liga Católica no Brasil manteve como referência a arquiconfraria fundada na Bélgica. Tanto a primeira Liga Católica fundada em terras brasileiras, como as posteriores, precisavam da aprovação da Sede Primária, estabelecida em Liège. Os textos contendo os regimentos e as normas também não foram puramente criados no Brasil, mas foram baseados nos escritos anteriores à recém- fundação. Consta que, no ano de 1903, a Liga Católica fez uma adaptação do regimento predecessor, chegado da Holanda²⁶, passando a chamá-lo de estatuto, o primeiro manual de funcionamento do grupo editado em português foi impresso em 1913 (ATA, I SEMINÁRIO, 2010, p. 10).

No Brasil, a Liga Católica se manteve aberta ao apostolado em geral, atuando especialmente junto às famílias e à classe operária e rural, ou seja, aos mais humildes e pobres, para que, deste modo, pudesse levar o homem à vida de Igreja (GONÇALVES, 1991, p. 18). A reunião entre os sócios foi mantida pelo menos uma vez por mês, com a realização de preces, de cânticos, das conferências sobre assuntos religiosos ou religiosos-sociais e da benção do Santíssimo Sacramento (MANUAL, 1922, p. 17).

No Brasil, a presença desse grupo também foi bem-vista pelo prelado. Vários bispos incentivavam a formação de Ligas Católicas em suas arquidioceses e dioceses. O primeiro deles foi o bispo de Mariana, dom Silvério Gomes Pimenta. Posteriormente, no ano de 1923, o cardeal do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, disse sobre a Liga Católica, que nela “representantes de todas as classes sociais, intelectuais e operários, altas patentes militares e humildes soldados, ao lado uns dos outros, juntos recebem instrução religiosa e celebram os louvores de Deus” (MATOS, 1990, p. 210). Apesar de Belletable sempre dizer que a associação era voltada para homens de todas as classes sociais, o foco do seu trabalho era o grupo dos operários, portanto, os mais humildes da sociedade. Neste discurso, dom Leme amplifica essa participação. É possível que houvesse a participação de pessoas das altas classes sociais.

²⁶ Nesse período, os redentoristas residentes em Juiz de Juiz de Fora eram originários da Holanda, por isso se justifica os regimentos terem sido escritos em holandês.



Imagem 5 - Romaria da Liga Católica do Rio de Janeiro a Aparecida. Década de 1920 ou 1930. Fonte: Arquivo da Província do Rio.

Esta imagem já desgastada pelo passar do tempo mostra uma Romaria da Liga Católica do Rio de Janeiro até o Santuário de Nossa Senhora de Aparecida, localizado na cidade de Aparecida, SP. Estima-se que a foto tenha sido realizada entre a década de 1920 e 1930. Nela, observamos a presença de homens, bem vestidos, portando alguns estandartes, sendo o primeiro com a representação da Sagrada Família e com o lema *Ora et Labora*. Ao fundo, é possível ver as torres do Santuário. Não fica visível nesta fotografia a presença de um sacerdote, porém podemos observar como há um padrão mais ou menos similar de vestimenta. Além disso, no centro da fotografia, aparece um homem com fardas militares. É possível que, para esta romaria, tenham comparecido homens com certa condição financeira, em se tratando de uma viagem, entre Rio de Janeiro e Aparecida, entende-se que seria preciso um desprendimento de tempo e recursos para realizá-la.

Dom Leme chegou ao Rio de Janeiro como arcebispo coadjutor do cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, em 1918. Segundo Azzi (2000, p. 190), podemos tomar este momento como um “marco de uma nova etapa da vida católica no Brasil, conhecida como Restauração Católica”. Esse período testemunhou uma intensa preocupação da Igreja Católica com a sociedade brasileira. Sabe-se que a reforma católica se iniciara no século XIX,

caracterizada por uma orientação defensiva da instituição eclesiástica, diante do avanço liberal e positivista. Desde este período, a Igreja Católica buscava afirmar uma ordem política e social fundamentada nos princípios cristãos. Próximo à segunda década do século XX, observamos algumas permanências da reforma do século anterior, como o investimento na formação do clero e na instrução religiosa da população, a atitude apologética contra a maçonaria, o protestantismo e o espiritismo e a mentalidade conservadora no que diz respeito aos problemas políticos e sociais. Porém, para além desses fatos, a Restauração Católica trouxe a consciência de uma presença efetiva no âmbito da sociedade brasileira e o comprometimento por uma maior aproximação e colaboração entre a Igreja e o Estado. Com isto, pretendia-se formar uma sociedade que respeitasse os valores tradicionais do catolicismo. Desta forma, princípios morais, religiosos e sociais encontram inspiração em uma mentalidade conservadora, em que predominavam os valores de ordem e autoridade em contraposição aos avanços de ideias liberais, democráticas e socializantes (AZZI, 2000, p. 190).

Seguindo nesta direção, a Liga Católica viria ao encontro da restauração trabalhada por dom Leme. Coincidiam as preocupações, como o investimento na esfera da família e da educação das crianças. A Igreja se mantinha firme para manter a indissolubilidade do matrimônio e o caráter religioso desse vínculo. Além disso, a instituição reivindicava os direitos de ensino da religião pela doutrina católica e os fomentos para o ensino particular instruído nos colégios católicos (AZZI, 2000, p. 191).

5.1.1 - O CONTEXTO RELIGIOSO DE JUIZ DE FORA E A CHEGADA DOS REDENTORISTAS

A constituição da cidade de Juiz de Fora acontece por volta de meados do século XIX. Nesse contexto, em termos eclesiais, forma-se uma nova paróquia, que se desliga de Simão Pereira e é elevada à categoria de matriz, passando a compor a Diocese de Mariana. No período, o bispo responsável pela região era o lazarista Dom Antônio Ferreira Viçoso (PEREIRA, 2003, p. 16). Essa jurisdição religiosa do bispado de Mariana durou até 1924, quando foi criada, então, a diocese de Juiz de Fora.

Nos últimos anos do século XIX, os missionários redentoristas registraram que, na cidade de Juiz de Fora, havia cerca de 15 mil habitantes e, se fosse levado em conta o seu entorno, esse número dobraria. Três igrejas estavam prontas para atender o povo e uma quarta estava em construção (ALMEIDA, 1995, p. 8). Essas informações foram relatadas pelos

primeiros missionários redentoristas aos seus superiores instalados na Holanda, logo nos anos iniciais à sua chegada em Juiz de Fora. A ideia de trazer esses dados é para que possamos ter uma aproximação do número de sacerdotes para atender a uma região majoritariamente católica.

Dentre toda essa estatística, o que chamou a atenção dos padres redentoristas foi o fato de que, “dos 15 mil não se encontram 1.000 que aos domingos assistem à missa, e entre eles não se enumeram nem 200 homens” (ALMEIDA, 1995, p.8). A carência de fiéis e, sobretudo, da participação masculina nos cultos, foi algo que despertou a atenção dos missionários redentoristas desde a chegada na cidade.

Retomando algumas décadas antes da chegada desses, precisamos conhecer parte do cenário que compunha a diocese de Mariana. Não vamos nos alongar, mas pensar a partir da segunda metade do século XIX, quando se destacam dois bispos dentro da diocese. São eles d. Viçoso e d. Silvério. Ambos agiram em um sentido reformista da Igreja local, procurando afastar as práticas religiosas de cunho popular, implementando o caráter hierárquico da Igreja Católica – segundo os princípios estabelecidos no Concílio de Trento, do século XVI – e, depois, atraindo e formando um novo corpo de religiosos, mais conciso (AZZI, 2000, p. 16 e 21).

Segundo Hauck, não havia tanto contato entre o povo e os sacerdotes. Por vezes, o relacionamento acontecia durante as festas, que marcavam importantes datas para a Igreja, ou devoção de algum santo. Neste sentido, o povo, que demonstrava ser bastante religioso, acabava por fazer a religião funcionar por si mesmo. Logo, o leigo apresenta um papel fundamental nesse contexto e, ao lado dele, as ordens terceiras e as irmandades. Junto a esses grupos, não podemos deixar de mencionar a importância da família para a manutenção da religiosidade daquelas pessoas. No dia a dia, a “religião brasileira era mais doméstica e privatizada do que institucional”, pois era em seu interior que as crianças aprendiam as orações e os comportamentos religiosos, que seriam continuados adiante. Deste modo, a família, que acabava se estruturando como uma sólida instituição social desse momento, funcionava como uma grande utilidade para a transmissão da prática religiosa, que vai penetrar em uma grande parte da cultura brasileira, de caráter popular (HAUCK, 1985, p. 13 e 56).

Para contextualizar, podemos ver em Hauck, e também em Sanchis, que a formação religiosa dos que viviam nas terras brasileiras e eram católicos, na virada do século XIX, era permeada por elementos de uma herança medieval, na qual percebe-se a presença do sagrado ao longo das atividades cotidianas, mas que, além disso, era permeada por elementos das

culturas indígenas e africanas, o que vai moldando uma prática religiosa expressa na vida familiar e de modo individual. Isso vai sendo passado de geração para geração em forma de orações, devoções e benzeduras, ao buscar, por exemplo, na figura de santos da igreja, uma intimidade com esses intermediários, para alcançar o desejado (HAUCK, 1985, p. 112; SANCHIS, 2018).

Por vezes, o lastro que era construído com essa santidade era materializado em um objeto, seja em alguma imagem, fita, medalha, rosário ou outro objeto. A questão era que se tecia uma relação, digamos, misteriosa, com as almas que possivelmente habitavam outro mundo. Uma relação que mesclava sentimentos de respeito, mas também de piedade e medo, semelhante ao que lemos em Otto (2007) como *mysterium*, segundo o autor, um contato que se torna tão próximo a uma realidade que fica difícil negá-lo. Essa relação tinha como interesse, ou necessidade, a partir de rituais, orações e conversas, buscar proteção contra alguma doença, animais perigosos ou nocivos à saúde, possíveis maus-olhados e feitiços. Então, o desenvolvimento dessas relações espirituais fazia com que os próprios leigos desempenhassem as funções religiosas sem tanta necessidade de padres (HAUCK, 1985, p. 112).

Podemos compreender o projeto de romanização, neste contexto, como transferência do padrão de cristandade, com raízes medievais, utilizado nos tempos de colônia do país, para uma fórmula de uma igreja que instrui, para uma “sociedade perfeita” e hierarquizada, ou seja, de um caráter universal, cujo arranjo vem de um lugar específico, da Santa Sé, a partir das decisões tridentinas. Vai ser a partir desses novos rumos que a Igreja em Minas Gerais toma, que passaremos a ver as orientações para formar os homens cristãos, chefes de família, aqueles que seguem as diretrizes, compreendidas como corretas, para com a sociedade (CAMURÇA, 2004).

São os desdobramentos destas orientações que vão passar a moldar, então, a sociedade cristã, nas últimas décadas do século XIX, em Juiz de Fora. Em um primeiro momento, D. Viçoso buscou implementar mudanças na forma de proceder com a religião em sua diocese, contudo as raízes da prática do catolicismo tradicional e popular chegaram a resistir às mudanças (PEREIRA, 2003, p. 17).

Para compreender o que estava acontecendo no município naquele momento, precisamos observar como a economia local se desenvolvia e o que isso implicava na vida religiosa, tanto dos fiéis quanto da instituição católica. Neste cenário, o crescimento urbano e industrial se formava por parte do capital acumulado e convertido em investimentos de infraestrutura e na intensificação do comércio, proporcionando, assim, a atração de imigrantes à cidade e, conseqüentemente, a presença de culturas e costumes diversos aos vividos pela maior parte do estado de Minas Gerais.

As transições pelas quais Juiz de Fora passava interferiam também na vida religiosa do município. Como no restante do estado, a cidade era formada quase por uma totalidade de católicos, porém, junto à circulação de novas pessoas, presenciemos a chegada de outras tradições religiosas, como as espíritas, metodistas e luteranas, o que preocupava as autoridades católicas da região. Neste recorte, observa-se um esforço por parte do prelado em conduzir o povo para uma vida religiosa em sintonia com os padrões tridentinos e em conter a expansão das diversidades religiosas.

A respeito das mudanças internas, interessa-nos observar as reformas que os bispos da arquidiocese de Mariana fizeram, no sentido de eliminar progressivamente elementos considerados profanos no culto religioso, como espécie de purificação da religião do povo, e entregar ao clero a total direção das manifestações de culto e das associações religiosas. Se possível, transformá-las em instrumento da catequese popular. Neste exercício, ocorreu o afastamento dos agentes que promoviam a religião tradicional, oriundos das camadas populares, como os benzedores, os rezadores e os beatos, sendo substituídos por clérigos europeus (AZZI, 2000, p. 16 a 19). É neste panorama que localizamos a chegada dos missionários redentoristas ao Brasil e a fundação da Liga Católica.

Neste contexto, é importante salientar ainda que, em escala nacional, até a Proclamação da República, a Igreja no Brasil estava sob o poder do padroado, que, dito de maneira breve, pode ser compreendido como o imperador articulando boa parte do funcionamento católico no país. Pois, essa característica política do país acabou por esvaziar a parte da função episcopal. Além disso, a formação de religiosos e mesmo as bases educacionais católicas estavam em suspenso no território, desde a expulsão da Companhia de Jesus do país (HAUCK, 1985, p. 13). Somente com a chegada da República e a separação entre o Estado e a Igreja, a instituição eclesiástica ganhou mais espaço para poder se reorganizar e buscar métodos de recatolicizar o Estado, segundo novas orientações e incentivando a formação da elite intelectual católica (CALDEIRA, 2009, p. 84).

Portanto, com a laicização do Estado, a Igreja vai procurar se reorganizar, fortalecer suas bases e diretrizes, sem deixar de moldar suas frentes, no sentido de manter sua influência próxima ao poder temporal, ao mesmo tempo em que se desdobrava para brejar certos avanços de ideias modernas em seu próprio meio (CALDEIRA, 2009, p. 84).

Observando a forma como o catolicismo ia sendo conduzido pelas autoridades religiosas, vamos percebendo que as reformas utilizadas na ocasião não possuíam características de um movimento de base ou de inspiração popular, mas, pelo contrário, eram movimentos de caráter eminentemente hierárquico, impostos de cima para baixo, tendo como

principais executores os próprios bispos reformadores. A presença desses na diocese fez com que a cidade de Juiz de Fora assumisse um cunho clerical expressivo, que se direcionava à contramão do espírito urbano e moderno do município (AZZI, 2000, p. 19, 21 e 54).

Voltando o olhar para o município, temos que a formação social da localidade convivia basicamente com a presença de dois grupos, sendo, de um lado, os que estavam vinculados à antiga tradição senhorial aristocrática e católica e, do outro, os membros da nova burguesia emergente com características modernas e seculares (AZZI, 2000, p. 36). Os mais ligados aos movimentos tradicionais católicos seguiam de tal forma as regras propostas pelo prelado de Mariana que, na biografia do médico Pedro Nava, registrou:

Qual é de nós, mineiros do centro, que não apoiaria o arcebispo de Mariana? Se ele também um dia declarasse: “Se o Santo Padre vier aqui com inovações, eu suspendo logo ele de ordens...” Porque somos católicos, apostólicos, marianos e a encíclica por que nos guiamos não é de Roma e sim a sacratíssima *Folhinha Eclesiástica da Arquidiocese de Mariana*²⁷, que tem cem anos e, mesmo quando anuncia neve para o nosso tropical dezembro, prevalece contra os observatórios porque nela o meteoro é regulado pela bênção do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo – Papa de Minas, Vigário do Senhor na Terra, Deus no Tempo, Deus Cronos, Deus Fado, cujo nome – Viçoso, Silvério, Helvécio – é venerado em cada parede onde se cola aquele calendário (NAVA, 1983, p. 118 a 119).

Como podemos ver nessa passagem – de modo caricato – as vozes e as mensagens da arquidiocese de Mariana ecoavam por toda Juiz de Fora, o que sinaliza que os discursos proferidos pelo prelado seriam acatados por parte dos católicos da cidade. Os três bispos citados ao final da passagem referem-se aos mais atuantes no município. Contudo, para esta pesquisa, o nono bispo da diocese de Mariana e primeiro arcebispo da arquidiocese de Mariana, dom Silvério Gomes Pimenta, torna-se mais significativo. Foi durante o seu episcopado que ocorreu a chegada e a formação da primeira comunidade da Congregação do Santíssimo Redentor no Brasil e a fundação da Primeira Liga Católica Jesus, Maria, José.

Levando em conta a formação romanizada, o comprometimento com os princípios tridentinos e a longevidade no cargo, tanto de d. Viçoso quanto de d. Silvério – que juntos somaram quase 60 anos de episcopado –, tudo isso foi significativo para a implementação da reforma desejada por eles, alterando, assim, o funcionamento de parte da Igreja em Minas Gerais, mais especificamente na diocese de Mariana (CAMURÇA, 2004, p. 219).

Como mencionado anteriormente, se estendermos o assunto, podemos compreender que essas reformas consistiam na adoção da Reforma Ultramontana e no processo de romanização, centralizando as diretrizes da Santa Sé. Essas mudanças visavam, principalmente, substituir o

²⁷ Grifo do autor.

catolicismo luso-brasileiro por um catolicismo mais de acordo com o modelo romano e suplantando, assim, as características medievais, de cunho mais familiar e devocional (FERENZINI, 2010, p. 41). O termo ultramontano é originado da França, tendo como ponto de partida o conflito que opôs Filipe IV e Bonifácio VIII, pelo fato de os papas residirem para além das montanhas em relação à França (FERENZINI, 2010, p. 40). No século XIX, a chamada Reforma Ultramontana, grosso modo, apresenta uma proposta de colocar a Igreja Católica não apenas em uma posição a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também contra uma série de instituições que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja, entre essas estavam o protestantismo, a maçonaria, o socialismo, os racionalismos e os demais tipos de liberalismo (VIEIRA, 1980, p. 33).

A reforma ainda contou com o processo de romanização que preconizava o monopólio jurisdicional da Igreja Romana e do papado sobre as igrejas particulares, a reforma do clero, o incentivo pela atuação de congregações europeias, a substituição do tradicional catolicismo luso-brasileiro por um catolicismo romanizado, a subordinação dos leigos ao poder clerical, dentre outros (FERENZINI, 2010, p. 21, 22 e 43). Essas reformas tiveram um marco significativo na década de 1890, após ter ocorrido a Proclamação da República e a separação legal entre o Estado e a Igreja Católica. Assim, a instituição católica passa a usufruir de uma maior liberdade de ação. Cabe ressaltar que, apesar desta separação, o Estado Republicano manteve relações com a Igreja Católica, sobretudo no que diz respeito à direção intelectual e moral para a sociedade, tendo assim o intuito de formar bons cidadãos e bons católicos (FERENZINI, 2010, p. 54 e 55).

A primeira edição do jornal da Liga Católica no Brasil, em julho de 1925, traz um texto que é vinculado a Ruy Barbosa, posicionando-se sobre a separação da religião e do Estado brasileiro. O título da matéria é "O verdadeiro espírito de separação da Igreja e do Estado, no Brasil - Palavras de Ruy Barbosa",

A religião na América não participa diretamente no governo da sociedade; mas é, contudo, a sua mais alta instituição política [Tocqueville]. E eu tenho por certo que os americanos consideram a religião indispensável à manutenção das instituições republicanas. [...]. Veda a Constituição, ali, como aqui, aos poderes federais qualquer aliança entre a Igreja e o Estado: circulava entre este e aquela a separação mais completa. Mas os atos mais soberanos do governo invocam em nome de Deus [...]. O juramento nas instituições federais, como nas estaduais, se deferem sobre as Escrituras Sagradas aos que não a rejeitam. As leis da União como as do Estado consagram o descanso dominical [...] nas escolas neutras, enfim, o horário profano abre espaço ao ensino religioso, distribuído pelos ministros dos vários cultos nos próprios recintos escolares [...]. A liberdade religiosa, baseando-se nos EUA, não é liberdade materialista (JLCJM, jul, 1925, p. 2 e 3).

Ao longo do texto, é sugerido que a religião faz parte da vida da população, neste caso, ele delimita o campo de observação à América. Contudo, aqui vamos nos ater ao Brasil. A religião se faz como uma instituição, que é capaz de permear a grande maioria da população e que, com isso, consegue constituir um ponto em comum entre as pessoas, trata essa religião como um cimento que une os brasileiros, ainda que o Estado e a Igreja estejam separados oficialmente. Mesmo tendo ocorrido a separação, é possível ver os próprios atos políticos traduzidos em elementos religiosos, como a invocação divina em documentos oficiais, os juramentos realizados sobre o livro sagrado dos cristãos e mesmo o consenso nacional de colocar o domingo como o dia de descanso. Esse dia também é pensado como o dia de se ir ao culto. Ou seja, essa separação aconteceu em termos legais, mas não há uma irreligião, pelo contrário, a religião continua permeando as instâncias políticas, até porque, na maior parte das vezes, os próprios políticos se identificavam com a religião católica.

Para realizar o investimento intelectual, vê-se a chegada de diversas instituições religiosas no país, e um movimento de saída do clero brasileiro para se formar no exterior (VIEIRA, 1980, p. 33). A chegada de novas congregações religiosas e o investimento para os estudos do clero local também ocorreu em Juiz de Fora, procurando satisfazer, sobretudo, aos anseios de d. Silvério Gomes Pimenta, que se mostrava preocupado com a diversidade religiosa vivida na cidade. Em uma breve observação, pode-se perceber a presença de católicos e luteranos na colônia alemã, bem como a presença de metodistas norte-americanos, grupos de espíritas e da ação da maçonaria espalhada por toda cidade (FERENZINI, 2010, p. 16). Para trabalhar ao lado das ideias de Dom Silvério, destacam-se na cidade três sacerdotes, sendo eles, padre Dr. Venâncio de Aguiar Café, padre Júlio Maria e padre João Emílio Ferreira da Silva²⁸. Depois deles, também se vê a chegada de congregações religiosas europeias, dentre elas a Congregação do Santíssimo Redentor em 1894, a Congregação do Verbo Divino em 1900, as Irmãs de Santa Catarina em 1898, Irmãs Servas do Espírito Santo em 1902 e as Irmãs do Bom

²⁸ Em uma breve apresentação, vemos que o padre Venâncio Ribeiro de Aguiar Café teve sua formação junto aos padres lazaristas, quando aprendeu sobre o espírito ultramontano. Foi ordenado sacerdote em 1873. Chegou a ser deputado provincial em 1880, pelo Partido Liberal, e em 1886 foi morar em Juiz de Fora, onde atuou junto ao magistério. Chegou ainda a morar em Roma, onde se doutorou em teologia e em direito canônico. O padre Júlio Maria, ou Júlio César de Moraes Carneiro, formou-se em Direito, na Academia de Direito de São Paulo em 1875. Foi promotor público em Mar de Espanha. Ficou viúvo por duas vezes, quando decidiu ingressar no seminário de Mariana. Foi ordenado sacerdote em 1891 e em 1892 foi residir em Juiz de Fora. Por fim, o padre João Emílio Ferreira da Silva estudou humanidades em Congonhas e logo depois se matriculou no seminário de Mariana. Foi ordenado sacerdote em 1886 e em 1888 tornou-se capelão em Juiz de Fora. Escrevia no jornal “O Pharol” sobre instituições de caridade, inclusive fundou a Associação Protetora da Pobreza, na cidade (AZZI, 2000, p. 101, 103 e 106).

Pastor em 1902 (FERENZINI, 2010, p. 59 e 61).

Portanto, para o movimento de reforma, esperava-se o afastamento dos agentes que promoviam a religião oriunda das camadas populares, como, por exemplo, os benzedores e os rezadores, substituindo-os por clérigos europeus ou de formação baseada nas reformas da Igreja Católica europeia. No primeiro momento deste novo modelo eclesial, torna-se perceptível que as expressões religiosas se apresentam distantes das raízes culturais do país, caracterizando-as com algo realmente importado. Os reformistas buscavam eliminar elementos que eram caracterizados como profanos no culto religioso, colocar o clero na total administração das manifestações de culto e também à frente das associações religiosas, de modo a poder utilizá-las como instrumento da catequese popular (AZZI, 2000, p. 19). Este último ponto, inclusive, se aproxima bastante do contexto de criação da Liga Católica Jesus, Maria, José.

Na Europa, as práticas religiosas populares e a não obediência hierárquica determinada pela Igreja Romana incomodavam os clérigos desde os séculos XII e XIII, sendo motivo de observações e perseguições da Igreja, deixando sucessivos relatos em que essas apropriações religiosas singulares aparecem como algo rotineiro no cotidiano das vilas e das comunidades rurais europeias. Os bispos que defendiam a reforma religiosa no Brasil se incomodavam com manifestações que fugiam à ortodoxia católica e reforçavam uma religiosidade paralela aos sacramentos defendidos pela Igreja (PETERS, 2017, p. 32).

É nesse cenário que os missionários redentoristas são convidados a compor o quadro de religiosos da arquidiocese de Mariana. No ano de 1890, dom Silvério escreveu ao internúncio dom Francisco Spolverini, queixando-se da falta de padres. Este, que havia trabalhado na Holanda e era amigo dos redentoristas de lá, pensou na possibilidade de os religiosos holandeses tentarem uma fundação em Minas Gerais. As articulações foram acontecendo, até que, em 1892, dom Spolverini escreveu ao superior da congregação, padre Mauron, informando sobre a solicitação. Esperava-se que os padres redentoristas pudessem desenvolver atividades missionárias a partir de uma fundação na cidade de Congonhas do Campo, MG. Lá, havia um Santuário, por onde passavam cerca de 50 mil peregrinos todos os anos. As negociações prosseguiram até maio de 1893, quando o superior da congregação na Holanda, padre Jacob Meeuwissen, concordou em enviar alguns padres para a diocese de Mariana. Os pioneiros desta empreitada foram os padres Matias Tulkens e Francisco Lomeyer (DUTRA, 2007, p. 93 a 97).

O texto *Litterae annales de rebus gestis Provinciae Hollandicae Congregationis Ss. Redemptoris* consiste na compilação de cartas, enviadas para a revista holandesa *Volks-Missionaris* e sistematizadas em forma de texto em 1896, traduzidas do latim na década de 1990 pelo missionário pe. João Batista Boaventura Leite e organizadas em uma publicação no ano

de 1995, pelo provincial da província do Rio de Janeiro, pe. Dalton Barros de Almeida. Nesse texto, consta uma série de elementos do momento de chegada desses missionários redentoristas em Juiz de Fora, como apresentaremos adiante.

O pioneiro do estabelecimento da congregação no Brasil, pe. Matias Tulkens, disse que a escolha por Juiz de Fora se deu porque a cidade era

Elegante e espaçosa, com muitas e largas ruas e habitantes civilizados. Possui invenções de tempos mais recentes como: estrada de ferro, luz e companhias elétricas, telégrafos, telefones e quejandos. Tem 30.000 habitantes, dos quais 5.000 ou 6.000 não são católicos. Mas quantos entre os católicos negligenciam o dever pascal, nunca se confessam e dificilmente assistem o sacrifício da missa aos domingos e dias de festa (ALMEIDA, 1995, p. 8).

O sacerdote escreveu aos seus superiores, informando sobre a opção, os quais concordaram por fazê-la oficial. Então, em janeiro de 1894, padre Matias chegava a Juiz de Fora para fundar a primeira comunidade redentorista no Brasil. Lá, estariam designados a atuar na “igreja dos alemães que será perpetuamente entregue aos redentoristas, de modo que não prestariam contas da administração nem ao pároco, nem à irmandade” que a administrava. Sobre a decisão, d. Silvério noticiou:

Brevemente verei cumpridos meus ardentes desejos, e a diocese de Mariana possuirá esses homens apostólicos, filhos de Santo Afonso, de que tanto necessitava. E, na verdade, bondoso padre, a visita que faço à parte leste da diocese mais e mais me persuade de que esta gente se perderá por falta de homens apostólicos. Meu Deus, quanta carência de clero! Uma região de mais de 400 léguas tem apenas oito sacerdotes! Sua velhice e doenças os tornam incapazes, de tal modo que os fiéis se veem destituídos dos sacramentos em vida e na hora da morte, assim como da instrução religiosa e de todo auxílio na luta espiritual. Contemplando essa misérrima situação chorei, visto que sou incapaz e destituído de forças para levar auxílio a essa gente em suas necessidades espirituais. Venham, pois, os padres Redentoristas para evangelizar um povo tão infeliz, arrebatando as almas das fauces de satanás, reivindicando-as para Deus e para o céu. Venham, e o mais depressa possível!” (BOOMAARS, 1994, p. 10).

Portanto, atendendo ao pedido dos redentoristas, de poderem atuar com maior independência e liberdade pastoral, dom Silvério criou o curato de Nossa Senhora da Glória, com bastante autonomia, inclusive, da paróquia de Santo Antônio, à qual estava subordinada e na época era dirigida pelo padre Café. Uma vez que os pioneiros se estabeleceram, outros confrades chegaram da Holanda, organizando, assim, o curato dentro de normas bem definidas como horário para as missas, o catecismo e o atendimento (AZZI, 2000, p. 140).

No primeiro contato entre os missionários redentoristas e a população local, houve certo estranhamento quanto à observação dos hábitos e dos costumes. Apesar da presença maciça de adeptos ao catolicismo, o que proporcionava certa unidade religiosa, o catolicismo, dito popular

ou, como vimos, o catolicismo com características pré-tridentinas, constituía a expressão dos católicos. Dutra explica que, em sua prática, não havia fronteiras tão claras entre o sagrado e o profano, o que possibilitava, por exemplo, que as festas religiosas realizadas fossem praticamente as únicas celebrações que congregassem o povo, mas que estas passavam, às vezes, de modo inconsciente dos atos religiosos às folias populares, sem que isso constituísse uma transgressão (DUTRA, 2007, p. 27). Os redentoristas contavam que os populares “apreciam muito as solenidades da região com pompa externa: bastam imagem de algum santo, rosário, medalha, escapulário, como o imã atrai o ferro, para atraí-los também, embora não percebam o sentido interior destas realidades” (ANAI, 1994, p. 7).

No início dos trabalhos dos missionários redentoristas no Brasil, eles relatam a impressão de se depararem com uma população religiosa, porém, que praticava uma religiosidade rasa, ou superficial, cuja principal marca eram as festas, entretanto “faltando a verdadeira convicção da fé católica”. Por exemplo, Camurça relata em seu texto que o pe. Wayenburg não concordava sobre como as missões eram pregadas, pois ganhavam uma conotação de festas para os brasileiros. A preocupação deveria ser com os sacramentos e com as pregações, mas o que acabava se destacando eram os fogos de artifício, as bandas de música. Portanto, o religioso demonstrava que não tinha certeza se essas missões seriam capazes de mudar a mentalidade daquelas pessoas. Prosseguindo o relato, pe. Wayenburg lamentava que, durante as pregações, por vezes, era preciso pedir silêncio e os homens, ao invés de aprenderem com as falas, deixavam a igreja para poder fumar ou tomar alguma bebida (CAMURÇA, 2004, p. 226).

Eliade nos fala que a festa religiosa é a prática, o rememorar, de um acontecimento primordial. Nela, trabalha-se uma história sagrada cujos atores são os deuses ou os seres semidivinos. Por consequência, no momento da festa, os participantes se tornam contemporâneos dos deuses, podem experimentar de um tempo primordial e santificado, devido à presença e atividade dos deuses. Sendo assim, o calendário sagrado fica incumbido de regenerar periodicamente o tempo, uma vez que faz coincidir o presente com o tempo da origem, o tempo tomado como forte e puro. Logo, a experiência religiosa da festa, ou dizendo de outra forma, a participação no tempo sagrado, permite aos homens, periodicamente, estar na presença dos deuses (ELIADE, 2010, p. 93). Este apontamento mostra que a festa é algo presente no meio religioso e, portanto, os missionários holandeses as conheciam e praticavam. Contudo, a queixa relatada por eles se referia ao desalinho envolvendo elementos religiosos e profanos (DUTRA, 2007, p. 27).

Eliade entende que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no

mundo, sendo elas duas situações existenciais assumidas pelos humanos ao longo da história, mas ambas não são semelhantes. A pessoa toma conhecimento do que é sagrado, porque este se manifesta como algo absolutamente diferente do profano. Tratam-se de espaços não homogêneos, mas repletos de roturas e, conseqüentemente, espaços qualitativamente diferentes uns dos outros (ELIADE, 2010, p. 17, 20, 25, 26). Apesar de as pessoas se envolverem com a religião e com as festas, parecia não estar claro para elas, naquele momento, o que era sagrado ou profano. No entanto, a visão desta confusão dos elementos era uma interpretação dos sacerdotes, pois se tratava de um acontecimento singular em relação ao que estavam habituados. Na experiência da população local, a festa ganhava importância e conotação religiosa. Era um momento em que rompiam com as atividades rotineiras, organizavam o evento e se dedicavam a um santo ou a algum elemento ligado à religião. Como podemos compreender essas festas como não sagradas?

Inicialmente, os missionários holandeses demonstraram dificuldades em assimilar as diferenças culturais existentes entre a prática cristã na qual foram formados e as expressões tradicionais de fé do catolicismo luso-brasileiro. Esses redentoristas relatavam a existência de uma religiosidade superficial, caracterizada por evidências festivas, porém sem conteúdo. Suas conclusões apontavam para um povo que não estava verdadeiramente convicto da fé católica em suas celebrações e devoções (AZZI, 2000, p. 141). Brandão, por sua vez, mostra que mais visível do que a face profana desse domínio popular, é na expressão religiosa que os proletários e, sobretudo, os camponeses criam as suas crenças mais duradouras, derivando-as da docência erudita das igrejas, ou recriando-as segundo as suas próprias experiências em todos os setores de trocas sociais. Com isto, ele nos mostra que esses, normalmente tomados como subalternos, se apropriam ativamente de modo erudito e imposto de crença e de práticas religiosas, mas também criam, por sua conta e risco, os próprios modos sociais de produção do sagrado (BRANDÃO, 1980, p. 17).

Prosseguindo sobre a percepção inicial do local, os missionários disseram:

A missão do Brasil, embora no presente um tanto difícil, traz ótima esperança para o futuro. O povo é batizado, imbuído da religião católica que muito estima, mas completamente ignorante dos dogmas e preceitos. A tal ponto chega essa ignorância que não tem ou quase não tem conhecimento da doutrina cristã e julga dar no mesmo ser católico, protestante ou metodista. Essa ignorância, qual mãe fecundíssima dos vícios, é acompanhada do indiferentismo. Esse é tão grande que quase 80% não iam às missas aos domingos e dias de festas, e o que é mais de se lamentar a triste negligência da comunhão pascal. A grande maioria nunca ou uma ou duas vezes recebeu durante a vida os sacramentos da Eucaristia e da Confissão, e em geral, morrem sem os socorros da igreja (ALMEIDA, 1995, p. 7).

E mais adiante constou,

Acrescente-se que essa ignorância e indiferentismo são causa porque se contraem casamentos mistos, outros somente no civil vivem e continuam a viver em concubinato. É um verdadeiro milagre de Deus misericordioso, exclama um missionário, que a fé ainda permaneça nessas regiões, se considerarmos os perigos em que vivem e os escândalos a que as pessoas estão continuamente expostas (ALMEIDA, 1995, p. 7).

E, por fim, concluíram que

As possíveis causas para isso podem ser: as primárias são a leitura de jornais e de livros depravados, as sociedades secretas e maçônica, e principalmente a extrema carência de sacerdotes. Acrescente que se encontram muitos homens de todas as classes e de todas as idades filiados à seita maçônica. Se sempre e em toda parte costumam ser hostis à religião, muito mais o são numa região onde quase não existe instrução religiosa, onde os habitantes que, se não cuidam muito das coisas materiais, muito menos ligam para as coisas espirituais, e alegremente se contentam com o rito externo. Porém a maior causa da ignorância e da indiferença está na lamentável penúria de sacerdotes. (ALMEIDA, 1995, p. 7).

As informações contidas em textos como esses são preciosas para a compreensão daquele momento vivido. Segundo o autor, a população vivia a fé católica, seguia alguns sacramentos, porém não trazia consigo elementos da doutrina vivida na Europa. Não se pode, assim, acusá-la de não ser religiosa. É preciso perceber que se tratam de lógicas distintas sobre um mesmo assunto. Outra preocupação dos redentoristas dizia respeito à influência de grupos esclarecidos e modernos, mas que estavam ligados a outras correntes de pensamento, não compreendidas por eles como cristãs. Como referência, falam sobre a maçonaria. Essas influências não ajudavam na construção religiosa do povo. Deste modo, para esses religiosos, seria importante investir na instrução religiosa e na inserção do povo dentro da prática sacramental.

O catolicismo brasileiro, entendido como popular, é uma espécie de religião doméstica e comunitária. Foi justamente o interior das casas o espaço mais comum de transmissão da fé, transmissão essa que tornava o povo tão religioso, contudo isso ocorria segundo um modelo que se diferenciava do proposto pela Sé, no século XIX. O modelo praticado no Brasil, do momento retratado, pode ser compreendido a partir de um catolicismo praticado pelos portugueses, no contexto de colonização da nova terra. A carência de sacerdotes elaborou uma crença transmitida pelos pais, sobretudo pela mãe da família de modo hereditário. Embora as verdades religiosas não fossem transmitidas de forma sistemática, normalmente carregavam três eixos básicos: o poder divino na criação do mundo, a pequenez do homem e a necessidade da intercessão dos santos (AZZI, 2000, p. 23).

Poderíamos realçar que o modo como ocorriam essas práticas e as devoções não era

exclusividade da cultura portuguesa, mas também do catolicismo praticado em outras regiões da Europa e presente, inclusive, em meados do século XVIII. Logo, possivelmente, esses redentoristas atuantes no Brasil na virada do século tiveram contato com esse tipo de manifestação religiosa, ou com literatura a respeito, não sendo assim algo inédito, como se poderia pensar. Certamente, eles sabiam como lidar com as exterioridades da fé ou mesmo como incorporá-las ao seu discurso (PETERS, 2017, p. 50).

Como apontou Peters, se em um primeiro momento houve estranhamento, ele foi seguido por uma admiração e por uma “esperança para o futuro”, como o relato acima nos mostrou. As práticas não foram suprimidas ou silenciadas, mas havia uma preocupação em desenvolver nos brasileiros uma religiosidade que valorizasse, para além das promessas, das procissões e dos festejos, os sacramentos, principalmente a missa, a eucaristia e a penitência. É possível que essa também tenha sido a intenção dos bispos reformadores. Ainda que aparentassem ser autoritários em seus discursos, na realidade, eram maleáveis, permitindo a sobrevivência de práticas religiosas exteriorizadas dentro do catolicismo, desde que elas não superassem os valores internalistas e nem profanassem o espaço sagrado (PETERS, 2017, p. 49 e 47). Assim, observamos que, aos poucos, as manifestações foram sendo compreendidas e algumas vezes incorporadas ao seu dia a dia. E, da mesma forma, pode-se compreender que tenham propagado algumas de suas devoções próprias e mesmo algumas de suas tradições (DUTRA, 2007, p. 48).

Além do caráter popular, do desenvolvimento religioso, que, no nosso caso, vemos em Minas Gerais, há também o funcionamento de grupos, formados por leigos, que, com fins religiosos, devocionais, católicos, filantrópicos e de ajuda mútua, vão se alastrando e formando raízes consolidadas, mas que, por vezes, laboram de modo independente da hierarquia da Igreja. São as chamadas irmandades que, nesse momento, também vão tecer algumas divergências com as reformas previstas.

5.1.2 - UM BREVE RELATO SOBRE A ATUAÇÃO DAS IRMANDADES

As irmandades ocuparam um espaço significativo na história religiosa da Igreja. Anteriormente, falamos sobre a existência de confrarias e irmandades na Bélgica, assim como mencionamos a que carregou a devoção à Sagrada Família em Québec. Optamos por falar um pouco mais desse assunto neste ponto da tese, pois a chegada da Associação da Sagrada Família ao Brasil vai acontecer no momento em que vemos as reformas religiosas acontecendo na

diocese de Mariana, em que, como falamos, há uma busca pela centralização da prática religiosa na mão do sacerdote, seguindo a orientação hierárquica da Igreja.

Nesse sentido, a Associação da Sagrada Família vai se construir mais dependente da liderança religiosa, se compararmos com o modo de organização das irmandades e, por conta disso, o nome escolhido para o grupo no Brasil vai sofrer mudanças, como diremos mais adiante.

Retornando aos escritos dos primeiros redentoristas que chegaram ao Brasil, vemos que o trabalho desses religiosos se desdobrou para além das “correções” para com as práticas populares do catolicismo. Havia entre eles uma preocupação e um cuidado especial com alguns movimentos leigos, mas, sobretudo, com as irmandades (ALMEIDA, 1995, p. 42).

Os missionários disseram a respeito,

Não há quem ignore que no Brasil se encontram ‘comissões leigas’ que, cuidando das coisas temporais seja de igrejas, seja de irmandades, não raro se imiscuem em coisas alheias às suas tarefas e até mesmo em assuntos sacros (ALMEIDA, 1995, p. 42).

A atuação dessas comissões leigas era tão autônoma que, quando chegava algum religioso novo na localidade, ele sentia receio de atuar e outras vezes até criava embates para poder afirmar a autoridade sacerdotal. Esse estranhamento, por exemplo, ficou visível no trecho mencionado. As irmandades eram espécies de associações religiosas, capazes de reunir leigos, seguindo orientações de um catolicismo tradicional, mas que, por vezes, funcionavam sem uma supervisão eclesiástica. Pereira diz que as irmandades “funcionavam como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social” (2002, p. 47). Foi durante a Baixa Idade Média que ocorreu um desabrochar dessas comunidades fraternais. Nascidas sob a inspiração e a égide do poder espiritual, logo se pautaram por um sentido claramente laico e assumiram, assim, um papel suplementar ao da Igreja, com finalidades dinâmicas que acompanhavam o processo histórico (BOSCHI, 1986, p. 12). No caso do Brasil, fizeram-se presentes desde o período colonial, tendo como modelo inspirador as organizações fraternais portuguesas. Essas irmandades são múltiplas e distintas umas das outras, porém as brasileiras se caracterizavam por normalmente trazerem como base a solidariedade e a sociabilidade, formando, assim, uma matriz de autoajuda e assistência (BORGES, 2005, p. 43).

Entre as características dessas irmandades, destacamos o fato de elas elaborarem estatutos, registros e, a partir deles, estabelecerem uma relação de direitos e deveres, que deveriam ser desempenhados por todos os seus membros. Os documentos de regulamentação desses grupos mesclavam aprovações civis e eclesiásticas, que condicionavam a seguir os

compromissos aprovados. Era comum que cada membro agisse de modo ativo em suas atividades (PEREIRA, 2002, p. 47).

Ao lado das irmandades, também é comum observar a criação de confrarias. Ambas denotavam situações semelhantes, por exemplo, tratavam-se de associações de leigos católicos, muitas vezes eram masculinas, que tinham por intuito promover o culto a um santo de devoção. Na prática, estabeleciam funções similares, todavia traziam singularidades entre si, do ponto de vista das legislações e de seus princípios organizacionais. Se houvesse um estatuto para regimentar sua organização, era chamada de irmandade, ao passo que as que se erigiam para promover tão somente o culto público eram designadas de confrarias. As irmandades se diferenciavam entre si também. Os documentos que estruturavam as irmandades indicavam se estas eram de devoção ou de obrigação. Explicamos. As irmandades de obrigação eram conhecidas por serem portadoras de uma estrutura definida, assim, possuíam estatutos, livros que registravam a vida da organização e uma mesa diretora, sendo todos esses elementos reconhecidos pelas autoridades, eclesiásticas e seculares. Enquanto isso, as irmandades de devoção se mantinham isentas de qualquer ato formal de elaboração. Entre as finalidades das irmandades estava a promoção do culto católico, a proteção dos seus membros, a assistência aos enfermos, velhos e irmãos pobres, acompanhamento dos funerais e cuidado de suas almas por meio de missas individuais e coletivas (BORGES, 2005, p. 52).

Normalmente, não havia muitas barreiras para fundar grupos como esses. A iniciativa de constituir uma irmandade poderia partir de um cristão, sendo ele leigo ou clérigo. A localização e o funcionamento de tais grupos também era livre, poderiam se encontrar em templos próprios ou cedidos por outros. Essa liberdade de criação e de funcionamento proporcionou insumos para sua rápida proliferação. A autonomia dessas irmandades era tamanha que, por vezes, elas celebravam suas festas e seus ofícios sem mesmo a presença de uma autoridade ou a assistência de párocos e vigários, subtraindo desses os emolumentos devidos e usurpando-lhes a jurisdição e as regalias à sua posição hierárquica (BOSCHI, 1986, p. 23 e 76). Entre si, promoviam a caridade e a devoção, muitas vezes interferindo diretamente nos assuntos da Igreja, o que consequentemente causava entraves com a hierarquia Católica (BORGES, 2005, p. 61).

Então, por vezes, as irmandades desempenhavam funções em relação tanto à vida quanto à morte dos seus confrades. Deste modo, alcançavam espaços da esfera religiosa, contudo de modo autônomo ou com pouca margem para a atuação do sacerdote. No período em que de fato o número de religiosos para atender aos fiéis era bem restrito, elas ganharam

bastante espaço de atuação. Porém, quando a igreja no Brasil passa a se reformar e buscar esses espaços novamente, começou a criar alguns embates com as irmandades (PEREIRA, 2003, p. 20).

Assim, a atuação das irmandades chegou a incomodar algumas atividades do clero. Ao final do Império, quando alguns bispos brasileiros iniciaram reformas religiosas em suas (arqui)dioceses, houve também uma campanha contra o poder das irmandades religiosas, alegando que elas administravam os bens de associações sem o controle clerical; além disso, assumiam posturas políticas pouco condizentes com o magistério eclesiástico (AZZI, 2000, p. 261).

Uma das posturas adotadas como reação à autonomia das irmandades sobre os assuntos da Igreja era a articulação de religiosos reformadores que procuravam a reestruturação paroquial, objetivando implementar a pastoral defendida pelo Concílio de Trento em vastas regiões abrangidas pela cristandade. O incentivo à centralização da vida litúrgica na igreja paroquial era para colocar sob direção clerical os elementos rituais da religião popular. A reforma atingiu, sobretudo, as irmandades envolvidas diretamente na promoção dos cultos religiosos. Tal interferência sobre as associações fraternais, contudo, não foi pacífica. As irmandades faziam resistências, pois sentiam que o clero colocava em xeque a autonomia da vida confraternal. Vale ressaltar que estava em causa não só uma questão de autoridade, mas também uma questão financeira, em decorrência da cobrança de altas taxas dos emolumentos para a administração dos sacramentos (BORGES, 2005, p. 62 e 64).

Logo, a interferência do clero em relação à organização e ao funcionamento interno das irmandades ia crescendo e, aliada a isso, uma disputa em torno do monopólio da prática religiosa desses grupos. Religiosos e confrades passaram a disputar o exercício dos cultos, às vezes até demonstrando forças de quem teria mais preponderância. Em Bourdieu, podemos ler que a disputa por parte da instância religiosa oficial sobre o poder religioso legítimo tem a ver com o ensaio da manutenção do controle, da concepção e da proliferação dos “bens de salvação”. Desse modo, a administração dos bens sagrados, que podem ser compreendidos como simbólicos, vai permitir aos seus gestores a posse das representações e, inclusive, das práticas religiosas, que vão lhe exprimir um *habitus* que, como trabalhado pelo sociólogo, pode ser compreendido como “um princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações” (BOURDIEU apud. BORGES, 2005, p. 76).

É assim que vamos percebendo as novas relações entre as duas partes, de um lado, estavam os confrades das irmandades, que ora limitavam, ora afastavam os poderes dos sacerdotes. E, do outro lado, estava o clero buscando influenciar as eleições, as celebrações

litúrgicas e cobrando taxas de funcionamento (BORGES, 2005, p. 76 e 108).

A reivindicação do clero pelo pleno controle das manifestações de culto e das novas associações religiosas resultou no afastamento drástico dos homens com relação à instituição católica, sendo esse espaço ocupado progressivamente pelas mulheres, sobretudo através das associações, como as Filhas de Maria e os Apostolados da Oração. Essa hegemonia feminina, vinculada ao domínio religioso europeu, começou a ser questionada paulatinamente pelos próprios membros da Igreja, que proclamavam a necessidade de uma integração maior da força masculina nas expressões do culto e na prática da vida cristã (AZZI, 2000, p. 261).

Neste caminhar, percebemos que as irmandades foram muito presentes em Minas Gerais e também estiveram presentes na cidade de Juiz de Fora desde os momentos da formação do município. Entre as existentes, é possível elencar a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de Santo Antônio (PEREIRA, 2002, p. 48).

Além dessas, no curato de Nossa Senhora da Glória, em Juiz de Fora, havia uma irmandade, denominada Culto Católico. Algumas vezes, ocorreram desencontros de interesses entre os redentoristas e esse grupo. Todavia, de modo geral, em Juiz de Fora, a atuação das irmandades não foi tão impactante como em outras localidades. Esse foi um dos motivos para que os pioneiros da missão redentorista escolhessem Juiz de Fora. Muitas vezes, eles optavam por fundar casas em locais onde não houvesse atuação efetiva de irmandades, pois consideravam que elas poderiam limitar ou impor obstáculos aos seus trabalhos (PETERS, 2017, p. 83).

Diante deste panorama no Brasil, e mesmo observando o contexto em meados do século XIX, quando Belletable fundou seu grupo dedicado à participação masculina dentro da igreja e influente em seu lar, o pe. Groover disse que até havia homens nos cultos e alguns deles participavam de associações religiosas, muitas vezes, as quais eram denominadas irmandades, cujos membros se apresentavam revestidos de roupas coloridas, nas procissões e nas festas eclesiais. Porém, sua crítica acerca da religião era de que, para muitos desses homens, a prática se reduzia praticamente a isso. O que o incomodava era que a religião não ganhava uma conotação de transformadora da vida, para a maior parte dos homens, a religião era vazia de sentido vital (GROOVER, 2010, p. 66).

É assim que retomamos a arquidiocese de Mariana, com o intuito de notar os esforços que aprovam a criação – a partir dos padres redentoristas – da Liga Católica Jesus Maria José. Ao possibilitar a formação dessa associação, os redentoristas puderam se aproximar das atuações dos leigos, trazer o homem para participar das práticas religiosas, utilizá-la como um

caminho para catequizar seus membros, sendo os próprios sacerdotes figuras importantes para a Liga Católica, assim como estava previsto nos ideais de dom Silvério (AZZI, 2000, p. 146).

5.1.3 - AS MISSÕES REDENTORISTAS

O último ponto a ser levantado neste subcapítulo é sobre as “Santas Missões” realizadas pelos redentoristas. As missões fazem parte da estrutura da congregação e foram praticadas desde a chegada dos redentoristas em Juiz de Fora, desempenhando um papel fundamental na divulgação da Associação da Sagrada Família, como veremos a seguir.

As missões dentro de Minas Gerais foram solicitadas pelo próprio prelado, que esperava dos redentoristas auxílio aos que eram mais humildes e estavam abandonados. Este cuidado com os esquecidos estava no cerne da própria congregação.

Além de atender a esses abandonados, as missões tinham como intuito, segundo consta no jornal da Liga Católica Jesus Maria José do ano de 1926, despertar os sentimentos religiosos das pessoas, olhando especificamente para esses que estavam sendo menos assistidos pela religião (JLCJMJ, ago, 1926, p.2).

Camurça faz uma interessante análise sobre a vinda dos missionários redentoristas para o Brasil. Segundo o autor, dois papéis a serem desempenhados por esta congregação seriam importantíssimos para o prelado de Mariana. A própria realização das Santas Missões, que acabavam funcionando como uma catequese para o público das cidades atendidas e, paralelamente, onde eram incutidas as ideias tridentinas para reformar o catolicismo local. Outra função seria no sentido romanizado, de manter, junto à esfera hierárquica da Igreja, o controle dos centros de devoção popular. Como exemplo, podemos mencionar o convite para esses missionários aceitarem a administração do Santuário em Congonhas (CAMURÇA, 2004, p. 119).

Desde as regras da Congregação Redentorista, que entraram em prática com a sua chegada ao Brasil, constava a importância e a finalidade dos redentoristas com as Missões. Os missionários deveriam estar preparados, espiritual e intelectualmente, para tal (DUTRA, 2007, p. 84). Dentro da lógica da Igreja, esse termo missão vai ganhar uma conotação de “pregação da fé” que, no caso dos redentoristas, pode ser em direção aos que estavam afastados da religião, mas também àqueles que professavam outra fé. A ideia é ir “acendendo” a fé das pessoas que a presenciam e trazê-las para a prática religiosa (ORLANDI, 2019, p. 317).

Dentro desse projeto, estão incutidas ainda mais algumas frentes para reformar o catolicismo local. Não poderíamos deixar de mencionar a própria “europeização da religião

nativa”, como mencionou Camurça. Nesse sentido, percebemos a presença dos religiosos europeus, que traziam consigo canções próprias da Europa. Os missionários trabalhavam, ainda, a questão da justiça divina e os perigos do castigo eterno, que poderiam acometer aqueles que pecavam em Terra. Tanto a confissão quanto a comunhão e mesmo o matrimônio eram evidenciados por esses religiosos, na busca de que os fiéis não esquecessem os sacramentos afirmados no Concílio de Trento (CAMURÇA, 2004, p. 219 a 221).

Desta forma, com a vinda da Congregação Redentorista para o país, há um novo fôlego na execução das missões. Essas realizações movimentavam as comunidades por onde passavam de tal modo que mexiam com a rotina local. As Santas Missões eram organizadas a partir de manuais, os quais instruíam os missionários sobre os horários em que aconteceria cada porção da missão, quais os temas que deveriam ser abordados, a própria maneira de falar e o que não deveria ser consumido durante os dias em que decorriam as missões. Tanta organização era pautada na finalidade de atingir as pessoas, no sentido de instruí-las, ensinar-lhes orações e práticas, construir o hábito de realizar o exame de consciência, para que se confessassem mais (PEREIRA, 2003, p. 27).

As missões eram conhecidas e recorrentes na Península Itálica, no século XVIII, quando Afonso de Ligório viveu. Normalmente carregavam consigo explicações da Bíblia, doutrinavam as pessoas segundo os preceitos da Igreja, reafirmavam a fé e corrigiam os costumes, sobretudo daqueles que se encontravam mais afastados da prática religiosa (DUTRA, 2007, p. 81). A metodologia de como proceder nas missões foi algo recorrentemente discutido entre a Congregação, desde sua fundação em 1732. Encontram-se registros de métodos desde 1744. Neles há muito do proposto por Afonso de Ligório, mas não só, os demais confrades, membros da congregação, foram se especializando e moldando o modo como as Missões Redentoristas deveria acontecer (ORLANDI, 2019, p. 321 e 322).

Percebe-se que, apesar da existência de uma estrutura, por vezes era necessário traçar algumas adaptações e, talvez, isso explique a sua constante revisão. Santo Afonso fundou a congregação com o propósito de evangelizar os esquecidos, utilizando as missões, mas ele próprio não teve oportunidade de participar por muitos anos dessa prática, até mesmo pelo fato de ter sido nomeado bispo e depois ter retornado já com a idade avançada para uma comunidade redentorista (ORLANDI, 2019, p. 323).

Sobre sua participação nas missões e as adaptações que são feitas, podemos ler o seguinte trecho, a respeito de uma missão no ano de 1785:

Na falta dos jesuítas, aquela região é um tanto abandonada. As missões, porém, devem ser diferentes das nossas. Lá entre os luteranos e calvinistas é

mais útil a catequese do que os sermões. Deve-se antes fazer recitar o credo e depois preparar o povo para deixar o pecado (ORLANDI, 2019, p. 323).

Nesse sentido, notamos como era importante conhecer o lugar onde seria aplicada a missão e, também, como a catequese e as pregações perpassavam os planos das missões. Isso também será aplicado em terras brasileiras.

Não só as regras eram importantes para a eficácia da missão, mas a própria formação e a atuação do missionário. Não bastava apenas um pregador carismático, mas era preciso o envolvimento de toda a equipe missionária, cada um desempenhando um papel em sua execução (DUTRA, 2007, p. 83). Assim, além do apresto espiritual, era demasiadamente importante a formação cultural e mesmo intelectual desses sacerdotes.

Estudaram com empenho e se debruçaram sobre os livros para se tornarem plenamente capacitados. Ser missionário pressupunha ser um pregador entusiasmado e um bom confessor, isto é, bons teólogos e moralistas (ORLANDI, 2019, p. 326).

O contexto do Brasil, mais precisamente de Minas Gerais, era permeado por pessoas que tinham ligações com a religião, boa parte do povo que era atingido pelas missões eram batizados, contudo, lhes faltava a “verdadeira” prática religiosa, eram “completamente ignorantes dos dogmas e preceitos”, como diziam os primeiros missionários holandeses que atuaram no Brasil. O desconhecimento da doutrina era tamanho, segundo os relatos, que, em Juiz de Fora, onde havia um número considerável de praticantes de outras religiões, as pessoas não distinguiam ao certo as práticas católicas, luteranas ou metodistas. Junto a essa confusão, os redentoristas alegavam que a prática religiosa também era deixada de lado pelo tempo gasto com vícios (ALMEIDA, 1995, p. 7).

Outras queixas dos missionários eram relativas aos casamentos mistos, os que, quando regulamentavam o casamento, o faziam apenas no registro civil,

É um verdadeiro milagre de Deus misericordioso, exclama um missionário, que a fé ainda permaneça nessas regiões, se considerarmos os perigos em que vivem e os escândalos a que as pessoas estão continuamente expostas (ALMEIDA, 1995, p. 7).

Os missionários escreveram aos confrades holandeses, informando sobre a situação da Missão no Brasil. Se, por um lado, faltava preocupação em seguir os ditames da instituição, por outro, a população era extremamente empenhada nas festas devocionais. Aqui, de novo, observamos o vínculo maior que era construído junto à devoção dos santos e menos na prática religiosa instituída pela Igreja. Para concluir essa narrativa, os sacerdotes ainda lamentavam o envolvimento das pessoas com a leitura de “jornais e livros depravados”, o contato com “as sociedades secretas e maçônicas” e, sobretudo, a insuficiência de presbíteros para poder atender

toda a comunidade católica (ALMEIDA, 1995, p. 7).

Sobre as primeiras Missões praticadas no Brasil, os missionários holandeses disseram que

Os padres são em pequeno número, pois 8 compõem a comunidade do convento, dos quais a metade, no princípio do ano, não dominava ainda satisfatoriamente a língua portuguesa para poderem sair a trabalho; acrescente-se a isso a enorme ignorância do povo, destituído de quase toda ajuda espiritual e de instrução de modo que os missionários devem empregar muito tempo para instruí-los sobre as coisas cristãs mais fundamentais; acrescente-se finalmente a imensa distância dos lugares, os meios de condução ora de trem, ora a cavalo, ou em burro, tudo isso muito difícil, e as estradas intransitáveis em razão das curvas copiosas (ALMEIDA, 1995, p. 26).

Os redentoristas estabeleceram a comunidade em Juiz de Fora no ano de 1894; no ano seguinte, começaram a realizar missões na cidade. As três primeiras aconteceram nas regiões de Gramma, São Pedro e Benfica, com duração de cerca de 10 dias (PEREIRA, 2002, p. 119). Os sacerdotes relatam que, nessas missões, eles chegavam a visitar algumas famílias, que se deslumbravam com a presença do clero, pois alegavam que nunca haviam recebido a visita de um sacerdote (ALMEIDA, 1995).

Já no ano de 1896, com mais confrades holandeses disponíveis na comunidade, as missões puderam se estender para outras cidades, totalizando um número de 29. Aconteceram, na maior parte, em cidades pertencentes à diocese de Mariana, em uma linha geográfica que ligava Juiz de Fora até Belo Horizonte. Nos anos subsequentes, as Missões foram aumentando em termos de quantidade e avançando para cidades mais distantes, dentro do estado de Minas Gerais e até para fora dele. Na correspondência dos padres missionários, dirigida ao padre Provincial na Holanda, podemos ter uma ideia bem clara da sequência dos trabalhos das Santas Missões (PEREIRA, 2002, p. 119).

Pereira transcreve em sua dissertação de mestrado em História o relato do pe. Beks no ano de 1897:

Para as missões, temos agora um plano fixo, baseado na experiência dos lazaristas e em nossa própria experiência; ele é autenticamente afonsiano. A duração das missões é de quinze dias completos. Durante as missões, organizamos algumas solenidades e comunhões gerais. Na segunda ou terceira noite, há uma solenidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, nossa padroeira. Faz-se um sermãozinho sobre a história do quadro e depois a entrada na igreja de vargenzinhas, banda de música e sacerdotes com saudação a N. Senhora do Perpétuo Socorro feita pelo missionário. A sequência dos sermões é a seguinte: Primeira noite: Salvação; Segunda: Pecado; Terceira: Morte; Quarta: Juízo Final; Quinta: Inferno; Sexta: Impureza (BEKS *apud* PEREIRA, 2002, p. 119).

Pelo relato, é possível perceber que havia um padrão a ser desempenhado nessas

missões. Nesse roteiro, encontramos o período de execução das missões, o destaque para a comunhão, a realização de algumas solenidades, entre elas a apresentação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – ícone entregue pelo papa Pio IX em 1866 para que os redentoristas o venerassem e o tornassem conhecido – também eram de grande relevância as pregações, momento em que os participantes eram instruídos sobre a religião. Podemos notar que havia, ao longo das missões, a inserção de festas e comemorações. A participação das bandas musicais nesses eventos nos revela isso.

As missões no Brasil, nesse contexto de virada de século, caracterizaram-se pela grandiosidade. Ao saber da chegada dos missionários, era organizada na cidade uma comitiva para recebê-los na estação de trem. Formavam-se cortejos, queimavam-se fogos de artifício e enfeitava-se a cidade com flores e luzes (ALMEIDA, 1995, p. 50)

Tais movimentos ajudaram na formação e na correção dos costumes dos fiéis, que por muito tempo se encontraram desassistidos das esferas clericais. Aos poucos, os bispos reformadores colocaram em prática as estratégias de converter o catolicismo praticado de modo autônomo pelos leigos por um modelo romanizado, seguindo, então, a hierarquia proposta pela instituição. As missões, dessa forma, foram um importante aliado dos bispos, pois, para além de auxiliar na formação das ideias propostas na reforma, ainda conseguiam penetrar em lugares distantes e aproximavam o clero, afinando esses com a instituição paroquial (PEREIRA, 2002, p. 121).

Foi ainda dentro desse contexto de reformas e de missões que vimos os religiosos conduzindo os fiéis para associações que, diferente das antigas irmandades, contavam com a participação mais efetiva, dos religiosos. Próximo aos redentoristas, podemos citar a criação da Congregação Mariana, da Pia União das Filhas de Maria, do Apostolado da Oração, da Obra de São Geraldo, da Liga Católica Jesus Maria José (PEREIRA, 2003, p. 27).

5.2 - A INSERÇÃO DA LIGA CATÓLICA NO BRASIL

No ano de 1902, aconteceu, na última quinzena da Quaresma, entre os dias 16 e 31 do mês março, a chamada “Primeira Missão Geral Urbana”, na cidade de Juiz de Fora. Para a atividade, foram escalados os pregadores pe. Henrique Brandão, pe. José Goossen e pe. Severino Servens. Eles, simultaneamente, estiveram na Matriz de Santo Antônio – hoje Catedral Metropolitana – na igreja Nosso Senhor dos Passos e no curato de Nossa Senhora da Glória. O destaque para essa missão é justificado por algo que ocorreu ao seu final. No último

dia de missão, foi apresentada aos homens participantes a Liga Católica Jesus Maria José (BODAS LCJMJ, 1927, p. 17; LEITE, s/d, p. 22).

Neste último dia da missão, na Igreja Nossa Senhora da Glória, diante de cerca de 300 homens, o pe. Henrique, superior das missões, explicou que a finalidade do grupo era

Facilitar a todos os homens a prática da verdadeira vida cristã, pela rigorosa observância das leis de Deus e da Igreja e constituir um baluarte para animar, proteger, defender e propagar as verdades do Catolicismo e resistir à impiedade que pretende avassalar o mundo moderno (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 1).

Após o discurso, os homens foram convidados a se inscreverem no grupo, quando também receberam os estatutos impressos e aprovados pelo bispo de Mariana, d. Silvério Gomes Pimenta. A primeira reunião com os inscritos ficou agendada para o dia 07 de abril seguinte (HISTÓRICO da Liga, 1902, p.1). Neste relato, observamos que o intuito inicial, apresentado pelo capitão Belletable, se manteve. O propósito era direcionar o homem para a vivência católica, sendo que, nessa associação, encontraria o verdadeiro modo de viver de forma cristã, opondo-se aos valores do mundo moderno.

Desde os primeiros trabalhos em terras brasileiras, os missionários redentoristas já haviam se incomodado com o afastamento entre o homem e a religião. A missa, aos domingos, era composta por um número muito maior de mulheres do que de homens. Assim como a participação masculina na comunhão tinha uma participação baixíssima.

Este caso já era conhecido dos redentoristas, que, na Bélgica, viram florescer a Arquiconfraria da Sagrada Família, que extrapolou suas fronteiras até a Holanda e, agora, poderia ser útil para a lógica cristã no Brasil, bastava adaptá-la à realidade do país (BOOMAARS, 1994, p. 33).

5.2.1 - NÃO UMA IRMANDADE, MAS UMA LIGA MASCULINA, QUE TRABALHA JUNTO À IGREJA, PARA O BEM DA FAMÍLIA

A Arquiconfraria da Sagrada Família chega ao Brasil, bem no princípio do século XX, segundo os planos dos missionários redentoristas instalados em Juiz de Fora. Contudo, em solo brasileiro, o grupo muda a sua designação. Os nomes “Arquiconfraria da Sagrada Família”, ou a “Associação da Sagrada Família”, cedem lugar para a “Liga Católica Jesus, Maria, José”. Como veremos adiante, salvo algumas adaptações, os princípios, as orientações, as normas e mesmo a regulamentação do grupo foram feitas diretamente com a sede do grupo, que se

encontrava em Liège, na Bélgica. Entretanto, o título mudou “para não dar a impressão de fundar mais uma Irmandade, tiveram a feliz ideia de chamá-la Liga Católica Jesus, Maria e José” (SANTOS, 2008, p. 125), como encontramos em alguns relatos.

Nos chama a atenção o fato de atas e crônicas não explicarem o motivo da troca de nome. Por que deixou de se chamar Arquiconfraria da Sagrada Família, para se chamar Liga Católica Jesus, Maria e José? Especula-se que o termo Liga

Aparentasse mais moderno, mais fácil de pronunciar, menos “beato”. Se a associação tinha como finalidade ajudar o elemento masculino a “vencer” o respeito humano, temos de reconhecer que os redentoristas holandeses foram inspirados. O nome “Liga” nada tinha de clerical. Já era bem usado tanto na linguagem belga, quanto na esportiva. E o derivado “liguista” ficou até privativo para designar sucintamente o membro da Liga Católica no Brasil (LEITE, s/d, p. 28).

Contudo, esses argumentos são no mínimo curiosos: a associação buscava ir contra a modernidade, mas precisava de um nome mais moderno? Queriam a participação dos homens nos ritos católicos e a prática da moral e dos bons costumes, mas procuravam um nome menos beato? Selecionaram um nome “nada clerical”? Essas são algumas questões que nos perpassam a respeito da mudança do nome e a justificativa para tal. O redentorista padre Leite ainda tenta argumentar, dizendo que o nome “Arquiconfraria” seria difícil de pronunciar, até mesmo um nome mais fácil, porém do mesmo comprimento, como associação, não vinha a calhar, como o de Liga, que era um termo antigo e frequente, de fácil compreensão para o vocabulário popular (LEITE, s/d, p. 28 e 68).

O nome “Liga Católica” não é algo inédito, criado por esse grupo. Não encontramos qualquer indício que ligue uma história à outra, mas vale dizer que *Ligue Catholique* já havia sido usado no século XVI, no contexto de “guerras de religião”. Retornando a esse período, por volta de 1559 e 1598, aconteceram diversos conflitos na França, sendo que um dos deflagradores foi a motivação religiosa. Tratavam-se de cristãos disputando a hegemonia na França, sendo de um lado os católicos e do outro os protestantes. Isso em um caráter mais local, se comparamos, por exemplo, com a Guerra dos Trinta Anos, que se arrastou de 1618 até 1648, em que outras nações da Europa se envolveram. Giumbelle comenta que a França, nesta passagem do século XVI para o século XVII, trazia à discussão uma série de elementos que criavam laços entre a religião e a modernidade. A partir dessas relações, é possível que tais conflitos tenham aberto caminho para uma espécie de “política secular” e, mesmo, para a “liberdade religiosa” (GIUMBELLI, 2001, p. 810).

Assim, as disputas vão sendo confeccionadas com a política religiosa, desde aproximadamente a regência de Francisco I, que esteve no poder entre 1515 e 1547, e o

soberano Henrique II, que governou de 1547 até 1559. Ao longo desse tempo, ocorreu o esforço para erradicar a heresia, segundo seus pontos de vista, e isso prosseguiria pelos anos subsequentes. Na época de Henrique III, que assume o poder em 1574, o Estado vê partidos políticos se fortalecendo e a própria família real se fragmentando, devido a posições religiosas. De um lado, os protestantes iam se engajando em forças militares e políticas, enquanto, do outro, os católicos passaram a organizar as denominadas Ligas Católicas, que, inclusive em defesa dos interesses políticos e religiosos, chegaram a conquistar certa autonomia, até mesmo do poder central. Com a morte do rei, seu sucessor seria Henrique de Navarra, que, por sua vez, era um líder protestante. Os católicos, visando impedir essa ascensão, reforçam-se junto às ligas, que proporcionavam visibilidade de devoção e simultaneamente organização política. As tensões desenvolvidas no contexto levaram à abjuração de Henrique de Navarra, houve retomada do catolicismo e, desde então, mediante acordos, conseguiram cessar as guerras de religião (GIUMBELLI, 2001, p. 812 e 816).

Talvez os fundadores da Liga Católica Jesus Maria José no Brasil tivessem ouvido o nome “Liga Católica” e quisessem repeti-lo para o grupo nascente. Estamos tratando de contextos singulares, mas é possível notar alguns pontos em comum. Grosso modo, estamos tratando de grupos de homens que se reúnem pela defesa da fé cristã. Ou seja, uma ideia de militarização poderia remeter a um aspecto em comum desses dois movimentos, separados pelo tempo e pelo espaço.

Retornando para o século XX, o que pode ser mais bem compreendido, pela mudança do nome, é o fato de quererem se distanciar da lógica de irmandades, ao mesmo tempo em que queriam aproximar os homens da prática religiosa. Como falamos anteriormente, as irmandades ganharam grau de autonomia das esferas clericais, e, nesta mudança de século, as autoridades religiosas queriam justamente o contrário. Portanto, não seria interessante preservar o termo arquiconfraria, pois poderiam conectar o grupo ao passado das irmandades. Por outro lado, esse grupo não seria tão moderno, como lemos na citação acima. Na verdade, parte do seu objetivo era lutar contra o mundo moderno, que afastava o homem da religião. O intuito, então, era formar um nome que, de um modo atual e prático, atraísse os homens para seu seio (Liga Católica), deixando claro que o propósito transitaria em torno da preservação da família (Jesus, Maria e José).

5.2.2 - COMO ORIENTAR O CHEFE DE FAMÍLIA BRASILEIRO

Se, a princípio, podemos notar que se o nome Arquiconfraria da Sagrada Família é diferente de Liga Católica Jesus Maria José, posteriormente, observamos que os outros elementos que vão compor este grupo no Brasil remetem ao grupo iniciado lá na Bélgica. Tomando como contexto o que lemos anteriormente sobre a atuação das irmandades, campo da religião nesta virada do século XIX para o século XX, optamos por dizer, já no primeiro momento, que foi importada para o modelo brasileiro que a função do diretor do grupo seria exercida por um sacerdote e que, na sequência, os leigos seriam seus auxiliares. Esse detalhe já diferenciava o grupo das demais irmandades, em que os leigos poderiam assumir a função de diretor (ANTONIO, 1946, p. 27). E isso era explícito no próprio manual, “o diretor será um sacerdote sob a autoridade do prelado diocesano” (MANUAL. 1922). Com isso, os redentoristas conseguiam demonstrar que estavam promovendo um grupo excelente para os planos de dom Silvério. Além da aproximação do homem com as práticas religiosas e de ser um meio para o ensinamento da moral e dos bons costumes da igreja, o grupo ainda estaria sob as ordens hierárquicas do clérigo.

Fechando a missão em Juiz de Fora, no dia 31 de março de 1902, é então exposta aos homens a Liga Católica Jesus Maria José. Um pouco antes da apresentação, o bispo de Mariana, d. Silvério, já havia lido e aprovado os estatutos do grupo, proposto pelos redentoristas (BODAS LCJMJ, 1927, p. 17).

E, para dar início ao grupo, ficou agendada para o dia 07 de abril a primeira reunião da Liga Católica. Nesta, pe. Thiago foi aclamado, pela sua assistência, diretor, ao lado do conselho, formado por Dr. Luiz Andrés, secretário; Severino Barbosa, tesoureiro; e Luiz Dilly e Jacob Krass, assistentes. Também foi decidido que aconteceriam no primeiro domingo de cada mês, às 14h, as reuniões extraordinárias. E a Liga de Juiz de Fora seria dividida, inicialmente em quatorze seções (HISTÓRICO DA LIGA CATÓLICA, 1902 – Tomo I). Cada uma das seções deveria contar com 20 sócios, sendo elas encabeçadas por um prefeito e um vice-prefeito, tendo seus padroeiros próprios, que deveriam ser estampados em estandartes. A ideia é que esses estandartes estivessem ao lado da bandeira da Sagrada Família nas procissões (LEITE, s/d, p. 12 e 27).

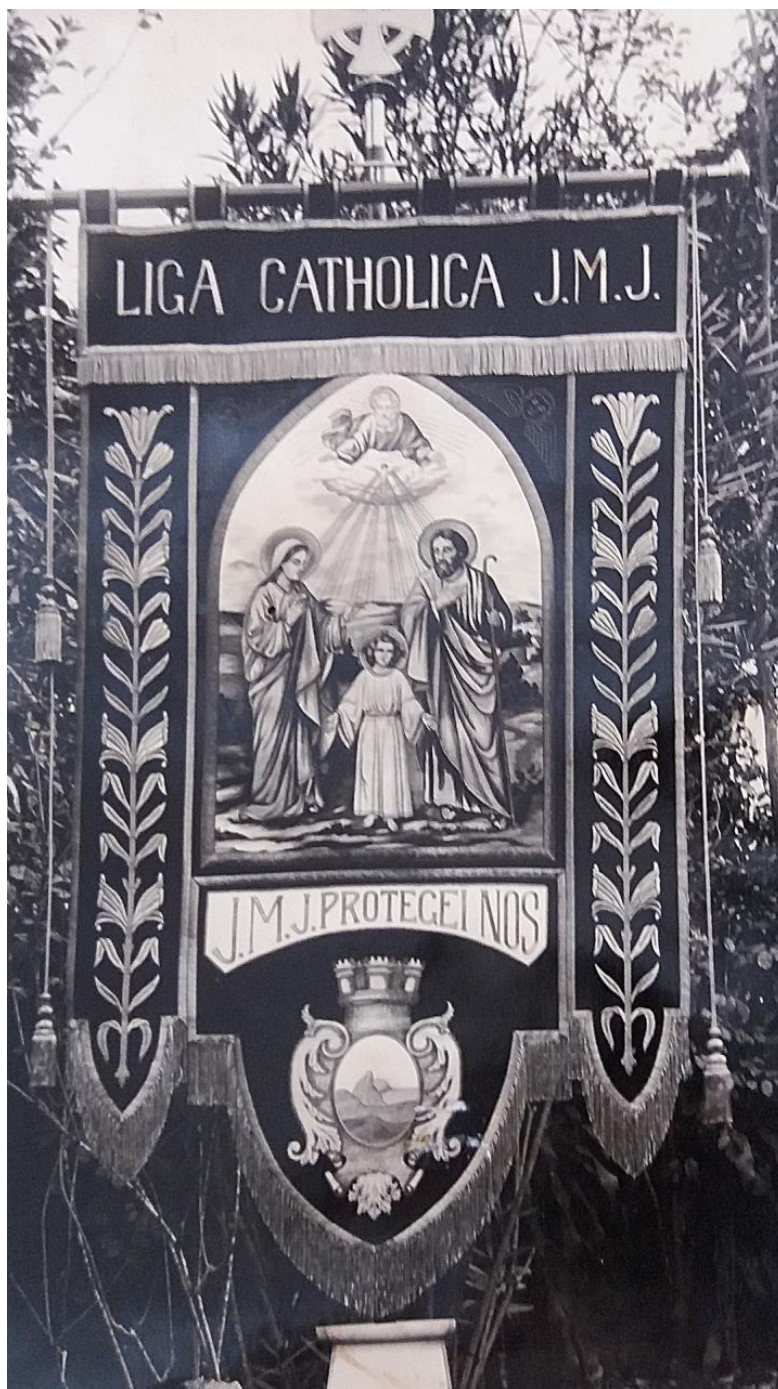


Imagem 06 - Estandarte da Liga Católica Jesus Maria José. Sem data. Arquivo da Província do Rio.

Na imagem acima, temos um estandarte com a estampa da Sagrada Família. Era costume, desde a fundação do grupo, que cada seção escolhesse um patrono e esse era estampado em um estandarte, que ficava junto ao grupo durante as reuniões e percorria as ruas em procissões, junto aos homens que o conduzia. Assim, os estandartes eram elaborados de tecido, por vezes ornamentados com franjas. Na parte superior, era atravessado por uma base de madeira, que é encaixada em um mastro. Na estampa acima, observamos ao centro o menino

Jesus, à sua direita está Maria e à sua esquerda, José. A família está sendo iluminada pelo Espírito Santo, representado em forma de pomba e, acima dele, há uma possível representação de Deus, já entre as nuvens. Nas laterais constam dois lírios brancos, que normalmente aparecem juntos, as representações de São José, que buscam passar uma ideia de pureza. Abaixo da imagem da Sagrada Família, consta a frase “Jesus, Maria e José (J.M.J) protegei-nos” e, por fim, há um brasão, que normalmente representa instituições ou famílias nobres, que, neste caso, mostra em seu interior montanhas.

Após a primeira reunião, foi instruído que a admissão dos sócios ocorreria com um ato solene; todavia, somente “depois de [ele] ter provado durante algum tempo, pela frequência às reuniões e pelo procedimento de um bom católico, que é digno de tal privilégio, pois a Liga Católica deve, sobretudo pelo bom exemplo, concorrer para dar brilho a nossa religião” (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 1).

O primeiro livro histórico da Liga Católica registrou que no dia “30 de julho de 1902 houve comunhão geral. Aproximaram-se da sagrada mesa 180 homens, espetáculo nunca visto na Igreja da Glória”. A primeira procissão do grupo aconteceu no dia 15 de agosto de 1902. E em cinco de outubro ocorreu a primeira festa de admissão solene da Liga (HISTÓRICO da Liga, 1902. p. 5). Neste dia, adornou-se a Igreja com flores, bandeiras, escudos e arcos de folhagens (LEITE, s/d, p. 24). A notícia sobre a fundação logo se espalhou. No dia 18 de outubro daquele ano, foi publicado no jornal Santuário de Aparecida,

O dia 5 de outubro de 1902 será uma data memorável nos fatos do curato de N. Senhora da Glória, em boa hora entregue ao zelo inextinguível dos Revdms padres Redentoristas. Nesse dia foi solenemente fundada a Liga Católica Jesus, Maria, José, a primeira no Estado de Minas e quiçá no Brasil. [...] Na missa de abertura houve mais de 180 comunhões de homens. Nunca talvez houvesse aqui tão grande número de Comunhões de homens em um só dia: foi um espetáculo edificante e magnífico. [...] Às duas horas da tarde, houve reunião onde se realizou a entrega de diplomas e medalhas dos que tinham frequentado reuniões por seis meses, até esse acontecimento. O Reitor, padre Augusto Beukers discursou sobre o grupo. [...] Parabéns ao diretor da Liga, padre Thiago, por reunir mais de 200 homens ao longo das sessões. [...] Parabéns a Juiz de Fora, onde começam a ligar-se os católicos para, com os seus exemplos, combater os assaltos atrevidos da impiedade e da heresia! (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 6).

A reunião de tantos homens em uma celebração, fora de uma festa, parece ter chamado a atenção dos religiosos, de modo que isso ficou registrado em crônicas e periódicos da época. Essa informação também pode ser lida na carta enviada pelo cura, pe. Augusto Beukers, C.Ss.R. para o Bispo de Mariana, d. Silvério, comentando sobre a admissão dos sócios,

No dia 30 de março de 1902, com a licença do Bispo, na Igreja Nossa Senhora da Glória, foi ereta a “Confraternitas Virorum” - “Irmandade dos Homens”,

Chamada Liga Católica Jesus Maria José. O estatuto já havia sido aprovado pelo bispo em 19 de fevereiro de 1902. Os frutos desta fraternidade foram vistos como abundantes no uso de seis meses, e a assistência também foi realizada. O ônus do culto divino e a frequência do sacramento. Ele, ao mesmo tempo, era geralmente promovido com espírito religioso, de modo que mais de duzentos homens foram considerados dignos da provação de seis meses, que foram solenemente admitidos como membros de sua irmandade; assim, o dirigente da mesma sociedade dirige-se humildemente a Vossa Excelência, rogando-lhe que juridicamente requeira a agregação com assiduidade, que está sob a vocação da mesma família (Correspondência enviada, sem data, Arquivo da Província do Rio).

Nesta correspondência, confirmamos a aproximação do grupo com os religiosos e o retorno dos missionários ao bispo, explicando sobre como se deu a admissão dos sócios na Liga Católica. Segundo o livro Histórico da Liga Católica, já no dia seguinte ao reconhecimento dos novos sócios, a então primeira Liga Católica do Brasil foi oficialmente inscrita no Centro Internacional da Arquiconfraria da Sagrada Família, na cidade de Liège, na Bélgica (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 8).

Dado esse início, bastava então formar os homens para a prática religiosa e, conseqüentemente, fornecer insumos para que eles cuidassem bem da própria família. Uma vez que as reuniões eram mensais, encontramos, por exemplo, nos jornais, algumas recomendações para que estas sejam atrativas e não desagradáveis. Assim, incentivava-se fazer reuniões breves, não monótonas, e era recomendado que mesmo as reuniões que aconteciam dentro da Igreja, ocorressem “com absoluta exclusão das senhoras, fato que constituiria o legítimo encanto dessas reuniões”. Pairava essa ideia de que, se as mulheres comesçassem a participar do grupo, ele poderia não ter mais o mesmo encanto (JLCJMJ, ago 1928, p. 1).

Sobre as reuniões, o diretor geral da liga, pe. João Batitas Smits, disse, em 1926, que era importante se reunirem mensalmente, pois

A reunião é a prova melhor da pujança da associação, pois, os que ali se encontram, são os membros disciplinados e dedicados, a força com que se pode contar, o elemento de escolha e os batalhadores de confiança, mas é de responsabilidade dos diretores deixarem as reuniões mais interessantes! (JLCJMJ, set. 1926, p. 1).

A ideia é que o grupo se encontre dentro de uma rotina, para que se conheçam aqueles que podem realmente estar interessados e compartilham os objetivos do grupo e, mais uma vez, retornam à função da direção e fazem esse movimento ser interessante, para que, conseqüentemente, se consiga agregar mais sócios. Nessas reuniões, explica o pe. João Batista Smits na segunda edição do jornal, “Os sócios oram juntos, cantam juntos, chegam juntos à Sagrada Mesa, desfilam juntos pelas ruas em solenes procissões e romarias” (JLCJMJ, ago, 1925, p. 1). Nessa mesma edição, um texto sem assinatura desenvolvendo o propósito da Liga

Católica inicia com o seguinte questionamento,

Em que consiste o vigor da Liga Católica Jesus Maria José? A Liga Católica é uma associação verdadeiramente admirável, útil e, mesmo para os nossos tempos, moralmente necessária. [...] É útil essa obra, como bem se compreende pelos fins a que ela se propõe e que consiste em proporcionar aos homens e à sociedade os meios de alcançarem seus altos destinos, dos quais depende a felicidade verdadeira aqui na terra e a eterna na pátria celeste. [...] A Liga Católica é uma agremiação de homens, na qual reina a disciplina, ordem e paz. A Liga Católica é uma sementeira de homens profundamente patriotas. A pátria pode contar com eles (JLCJMJ, ago, 1925, p. 1).

O trecho do jornal, mencionado acima, vai descrever o que eles entendiam pela eficácia da Liga Católica, naquelas primeiras décadas do século XX. Assim, entendia a Liga como um grupo necessário naquele momento, pois ela iria ajudar a reformar a moral cristã, que disputava lugar com valores modernos. Deste modo, forneceria aos homens formas de viver adequadamente, para que estivessem plenamente em terra e alcançassem o paraíso na vida eterna. Para isso, promove-se a disciplina para os homens, que acabariam se tornando exemplos para a pátria. Deste modo, a formação cristã católica é entendida como a melhor para o país. E uma vez que esses homens são bem formados, seriam, em decorrência, pessoas mais justas para compor a sociedade, causando um bem para o país. O curioso, em todo esse recorte é que não se fala da família, mas da formação do homem, que terá desdobramentos positivos para o todo.

A Liga Católica surge no Brasil nessa virada de século, com a proposta de formar os homens. Esperava-se que os homens procedessem com uma boa conduta entre o grupo e na sociedade. Na década de 1990, o pe. Oliveira disse sobre a experiência da Liga Católica:

Para viver do jeito da Sagrada família, é preciso vivenciar e encarnar os valores humanos e cristãos vividos por Jesus de Nazaré e a Família Sagrada, para a vida pessoal, o compromisso de viver os valores do reino de Deus e os valores particulares do seu grupo, a Liga; próprio da família, o liguista deve ajudar a sua família a viver de maneira boa, humana e cristã; comunidade paroquial, ele vive permeado pela paróquia, por isso deve ajudar as demais famílias a viver de maneira humana e cristã, convidar outras pessoas para o grupo, buscar soluções humanas e cristãs adequadas. Deve ter envolvimento social cristão, “ajudar a fazer acontecer história social justa e humana, em vista do bem comum de todos, sem fazer do grupo um partido político social” (Oliveira, 1991, p. 22).

Essas ideias acompanham a Liga Católica desde sua fundação na Bélgica. Por exemplo, o fato de sempre estarem pautados nos ensinamentos de vida da Sagrada Família pode instruir o homem, para que ele possa seguir a prática religiosa, para que possa levar esses valores para o interior da sua família e isso tem que ser visto e ensinado para a sociedade, para que outros homens possam experimentar a Liga Católica. Como Belletable, a ideia é que a conversão pessoal possa servir de modelo para a conversão do outro. Consta no jornal da Liga,

O apostolado da Liga: Todo liguista deve ser apóstolo: Ensinar e esclarecer aos outros a doutrina de Jesus, agitar as ideias católicas na sua família e em seu ambiente social, defender sua religião, difundir a boa leitura, trabalhar pelos interesses da Religião em geral e da Liga (JLCJMJ, ago, 1928, p. 1).

Um meio usado pelo grupo para atrair novos homens era através de eventos, como lemos no jornal de julho de 1930: “A liga católica e suas festas: Estimula as ligas a organizarem festas atraentes a fim de atrair mais homens para a prática religiosa e para a liga. ‘Não há coisa mais bela que uma festa só de homens!’” (JLCJMJ, jul, 1930, p. 1). E, no mês seguinte, saiu a seguinte nota: “dedos de prosa: O desfile de irmandades de senhoras é a coisa de todos os dias, mas a passagem de milhares de homens [...] não deixa de dar um realce extraordinário a uma procissão religiosa” (JLCJMJ, ago, 1930, p. 2). Essa postura de afastamento da mulher se faz muito presente ao longo desse desenvolvimento do grupo.

Quando o grupo possuía uma sala para a realização das reuniões, esperava-se que estivesse presente, para acompanhar os homens, uma estátua ou imagem da Sagrada Família, isso era importante para que os liguistas soubessem dos que os guardam. A Sagrada Família também aparecia estampada nas medalhas, que deveriam acompanhar cada membro admitido ao grupo. Uma forma de celebrar tudo isso é através da comunhão (MEULEMEESTER, 1946, p. 152). As comunhões gerais vão ganhando um papel de destaque, pelo fato de conseguirem reunir diversos homens em torno do altar. Esse destaque vai sendo noticiado em livros, jornais e crônicas.

É importante compreender que os sacramentos proporcionam um movimento coletivo, mas eles extrapolam esse sentido. Os sacramentos acabam por trazer sentido para a vida daquele que neles creem e acabam por moldar o que seria a identidade daquele fiel. Pensando desta forma, para compreender o sentido da comunhão para esse fiel, é importante compreendermos que a comunhão funciona como um elo da vida de Jesus e dos seus ensinamentos com aquele que tem fé e a recebe. Seria um modo de condescender o Reino de Deus, que Jesus anunciou a vida e, mais ainda, seria o entrar em contato com o momento fundante, desta fé, deste mistério. Une dois tempos, o vivido e aquele partilhado por Cristo como um só (BERKENBROK; MARCHINI, 2019, p. 25 e 29).

Até a década de 1920, as orientações, as normas e os estatutos da Liga Católica eram baseadas segundo a Sede Primária da Arquiconfraria da Sagrada Família em Liège, na Bélgica. Entretanto, devido à expansão da Liga no Brasil, assim como as dificuldades de comunicação entre a sede e as novas Ligas fundadas, foi criada, na igreja Santo Afonso, no Rio de Janeiro, RJ, uma Liga Primária para as Ligas Católicas Jesus, Maria e José do Brasil. Esta, seria, então, a responsável por organizar e associar todas as fundações brasileiras, de modo autônomo da

sede belga. Essa regulamentação veio a partir de um Breve Apostólico, no dia 14 de novembro de 1922 (LEITE, s/d, p. 22 a 27). Apesar desse marco para as Ligas Católicas no Brasil, percebemos que tal fato não foi noticiado nas crônicas da Liga Católica de Juiz de Fora, que foi a primeira a ser instituída no Brasil.

Se, nesse primeiro momento, as normas para funcionamento do grupo eram importadas de Bélgica, a partir de agora, veremos a elaboração do material por aqui mesmo, no Brasil. Um exemplo disso é a edição, ainda em 1922, do Manual da Liga Católica Jesus, Maria, José. Nesse manual, é possível ler sobre o propósito dos grupos, sobre como os membros deveriam proceder, como deveria ser a organização burocrática e o que deveria ser usado nas reuniões.

Esse manual vai abordar, por exemplo, a familiarização entre os liguistas. Entendia-se que os liguistas deveriam se considerar pertencentes a uma mesma família, esta é a Liga, e a sua proteção será a Sagrada Família de Nazaré. Uma vez criado esse laço de irmandade entre esses homens, instrui-se que sejam cordiais entre si, sejam fraternos, independente da classe ou da condição social “serão como os primeiros cristãos, ‘um só coração e uma só alma’” (MANUAL, 1922, p. 27). Percebemos que a socialização entre eles cria uma aura em torno do grupo, como se ali estivesse o modelo ideal de ser cristão. Um modelo que vai resgatar uma originalidade e, por isso, ser verdadeiro.

Em um recorte de jornal, encontrado no segundo Livro Histórico da Liga Católica de Juiz de Fora, aparece o relato de uma romaria da Liga Católica até a Igreja Nossa Senhora da Glória. No texto consta que foi

Expressiva, nesse sentido foi a recepção na estação. Homens que não se conheciam, se cumprimentavam e se abraçavam. Bastava ver a insígnia ou a medalha e já se conheciam como irmãos duma e mesma família: a *Sagrada Família* (Histórico II da Liga até 1952, p. 16).

Por meio da identificação através de insígnias, esses homens criam uma identificação de grupo, que tende a diferenciá-los perante os demais da sociedade. Assim, criam um laço entre si e, com isso, elaboram a ideia de que são especiais. No manual do grupo, consta que a insígnia que identificará cada sócio será “um laço, cordão ou botão com medalha da Sagrada Família, que se dará no dia da admissão solene”. É exigido o seu uso durante as reuniões e ao longo das procissões, pois “esta insígnia lhes servirá de distintivo e exortará a se comportarem sempre como sócios dignos da LCJMJ” (MANUAL, 1922, p. 29).

Essas insígnias passam a acompanhar os liguistas nas conferências, que visavam instruir seus sócios “dando-lhes convicção e firmeza e interessá-los vivamente nas ideias da Liga Católica Jesus, Maria e José, contribuindo para a felicidade e prosperidade dos indivíduos como das famílias e de toda Pátria Brasileira”. E também deveriam estar presentes nas manifestações

públicas. Nestas ocasiões, “os sócios da Liga Católica mostram-se católicos de convicção, homens de caráter!” (BODAS LCJMJ, 1927, p. 18). Logo, a Liga procura se mostrar como um meio de moldar um modelo ideal de cristão, que por consequência será um bom cidadão para a pátria. Uma forma de distinguir esse cristão era através das insígnias.

Junto aos documentos históricos da Liga Católica encontrados em Juiz de Fora, constava um bloco de folhas, identificado apenas como “Ideias para a Liga”, mas sem uma assinatura clara e sem data. Sobre esse documento, pela forma como é escrito e pelos termos e nomes que vão aparecendo ao longo da sua redação, é possível interpretá-lo como uma pregação utilizada em alguma data especial ou em algum retiro do grupo. E é possível entender que foi elaborado pelo pe. Henrique Brandão, que faleceu em 1933²⁹.

Nesse documento, encontramos explicações sobre as cores e os objetos da Liga. Por exemplo, as medalhas eram acompanhadas por cordões que eram distinguidos por cores. As cores utilizadas eram o verde, o vermelho e o amarelo. Cada uma dessas cores simbolizava elementos que diziam sobre o grupo, sobre o lugar em que ele foi instalado e sobre o cristianismo. Assim, o verde era compreendido por estar presente na bandeira do Brasil, mas também por compor as cores dos pastos e das matas do país, “os verdes são as montanhas de Minas que elevam sem pique para o céu, irradiando a esperança d’uma boa colheita, d’uma prosperidade, d’uma felicidade, d’um futuro feliz”, essa cor ainda é associada à mirra, que foi ofertada por um dos três magos no nascimento de Jesus Cristo.

O vermelho, por sua vez, é compreendido como a cor da vida, associando a vida ao sangue que percorre as nossas veias, que por vezes é derramado para libertar o povo, ganhando, deste modo, o sentido de sacrifício, para que se alcance a ordem e o progresso. Portanto, o sangue, segundo a interpretação do autor, vai estar associado ao sacrifício, podemos assim ler como o sacrifício de Cristo pela humanidade, mas a explicação é concluída com os dizeres positivistas, contidos na bandeira do Brasil, “ordem e progresso”, ligando a ideia cristã com a pátria, trazendo a impressão de que os sacrifícios realizados pela religião trarão bons feitos para o país, como a ordem e o progresso.

Por fim, há o amarelo, que é associado ao sol, “radiante o sol da justiça que brilha e o fusca diante os olhos da nossa fé”, assim, através desse elemento, somam-se a justiça e a fé, sendo a justiça tomada como Jesus que traz a luz. Sem ele, segundo a explicação, haveria a sombra. E prossegue-se associando o amarelo ao ouro, que compõe o cálice e a patena que

²⁹ Data retirada do livro LEITE, J. e VIEIRA, B (orgs). *Aqueles que nos precederam na fé*. Volume I. Juiz de Fora: Gráfica Dom Orione, 2012.

contém o corpo e o sangue de Cristo (IDEIAS PARA A LIGA, Documentos Históricos da Liga Católica, s/d).

Essas cores que vão compor os cordões dos sócios da Liga Católica também são visíveis na bandeira do grupo, como podemos ver na imagem adiante:



ORA ET LABORA

Imagem 07 - Bandeira da Liga Católica Jesus Maria José. Arquivo da Província do Rio.

Na imagem acima, representando a bandeira da Liga Católica, encontramos o nome do grupo, as cores descritas anteriormente e a cor azul, para a qual não encontramos explicação. No centro da imagem, há uma cruz, simbolizando o cristianismo, e a expressão “Ora et Labora”, que vai ser utilizada como um norte para o grupo, no sentido de valorizarem a oração e o trabalho.

Seguindo a leitura desse bloco de anotações pensado para a Liga Católica, encontramos uma parte em que havia o título “Tríduo da Liga Católica JMJ” e o nome do pe. Henrique Brandão, elementos que nos levaram a associar o documento a esse sacerdote. O texto, a partir de então, parece ter sido elaborado para orientar os homens que participaram de algum possível tríduo com o pe. Brandão. As palavras que vão conduzir a fala dizem sobre a Sagrada Família como um modelo uno, santo e indissolúvel. É, então, esse o modelo esperado de uma família cristã. Prosseguindo, diz o autor,

Nossa liga quer concorrer o mais eficazmente possível para esta Reforma urgente e pela imitação salutar de nosso grande modelo de Nazaré defender a Religião contra os lobos vorazes (IDEIAS PARA A LIGA, Documentos Históricos da Liga Católica, s/d).

Assim, instruí aos ouvintes que a base da família cristã está na união e na santificação da Sagrada Família, o que deve ser imitado, como uma oposição aos inimigos, cujo intuito era destruir a religião, aqui compreendida como a católica. Inicialmente, não se especifica quem são esses “lobos vorazes” ameaçadores da religião, mas, pelo contexto, é possível lê-los como os tempos modernos, que secularizam a vida das pessoas, que afastam os homens da prática religiosa e que trazem ideias de dissolução da família.

No desdobramento do texto, os inimigos vão ganhando nomes. Vai se desenvolvendo a narrativa de que, entre aqueles que ameaçam a religião, mais perigosos são aqueles que pregam a caridade, mas mutilada, então são chamados de espíritas e maçons. Na sequência, explica-se o que os espíritas falam da caridade, contudo não se associa esse feito ao “sublime motivo da caridade cristã”, pois, no caso dos espíritas, segundo o autor, a caridade é empregada para fins de satisfação social, dando a entender que, no caso cristão – portanto os espíritas estariam fora da lógica cristã –, há sentimentos mais profundos, que não são especificados na fala.

Outro grupo ameaçador, dando sequência à leitura do documento, é constituído pelos maçons, que são interpretados como os que “negam hermeticamente a providência divina e blasfemam, que Deus depois de ter criado o mundo, já não se importa conosco”. Eles também falam de caridade, mas, para o autor, essa é uma “caridade meramente humana, entre homens abandonados por Deus” (IDEIAS PARA A LIGA, Documentos Históricos da Liga Católica, s/d).

Esses outros grupos são assumidos como os “lobos vorazes” e, segundo interpretação do autor, querem destruir a religião, devem ser evitados. O caminho que o sacerdote aponta como correto é o da imitação da Sagrada Família, e ele vai descrevê-lo:

Queremos lares em que as mulheres, conforme também exige São Paulo, sejam submissas aos maridos no Senhor; lares em que os homens amem suas esposas e nunca as tratem com asperezas; lares em que os filhos obedeçam aos pais por agradar isso ao Senhor; lares em que os pais não excitem à aspereza seus filhos para estes não desanimarem.

Queremos, pois, em primeiro lugar o restabelecimento da autoridade paterna, não para si próprio, sua satisfação ou orgulho, mas para a boa administração dos bens e necessária defesa do lar; autoridade temperada pela ternura materna e exercida com amor e justiça assegura a paz, tranquilidade e prosperidade domésticas

Queremos homens que compreendem ser o matrimônio antes de tudo uma união de almas que mutuamente se amam com amor desinteressado e generoso; homens que procuram no matrimônio completar-se com as virtudes e boas qualidades da esposa.

Queremos homens que não procuram para si só as consolações, os prazeres e as vantagens da vida conjugal e deixam para as esposas só as dores, sofrimentos e amarguras.

Queremos homens que compreendem a sagrada missão de ambos perpetuarem o gênero humano sobre a terra e de educarem seus filhos para a vida presente e para a glória do céu.

Queremos pais que comuniquem e desenvolvem sua vida em filhos que possam ser continuadores dignos e nobres. Por isso queremos dirigir-lhes inteligência e formar-lhes consciência. Por nossos exemplos iremos na frente dos filhos e afastamos deles, com todo o cuidado a praga de revistas levianas e de maus companheiros (IDEIAS PARA A LIGA, Documentos Históricos da Liga Católica, s/d).

A partir desta explicação, elaborada pelo pe. Brandão, vemos que, por volta da década de 1920, o objetivo da Liga Católica, no Brasil, ainda se aproximava do propósito de fundação da Associação da Sagrada Família, na Bélgica. Tomando como base as cartas de Paulo, na Bíblia, a família modelo deveria ter a mulher submissa ao marido que, por sua vez, estaria em devoção ao Senhor (BÍBLIA, Sagrada, 1991, Efésios, Colossenses e 1 Timóteo). Assim, o homem, administraria o lar e deveria amar sua esposa e filhos, cuidando bem deles. Os filhos deveriam obedecer aos pais. Dessa forma, o pai, que abandonara a família, por conta dos tempos modernos, retornaria a ter autoridade em casa, adotando o matrimônio como uma junção de almas, compreendendo que é importante equilibrar, junto da esposa, os problemas e as felicidades, assim como deve estar junto da esposa para educar os filhos, tanto para o mundo quanto para a vida eterna, afastando-os, por exemplo, das leituras ruins e das más companhias.

Salvo a questão do trabalho excessivo e dos vícios com o álcool, que aparecia nas falas de Belletable, e que não aparece nesse discurso, a condução do homem para uma vida mais doméstica e religiosa fica muito evidente como propósito formador da Liga Católica. Porém, sobre a estrutura da família, interpretamos dois momentos. O primeiro, em que ele vai dizer que a família deve tomar como base a Sagrada Família, nos quesitos união e santidade. Ao desenvolver isso, ele especifica que esse modelo deve ser formado pelo pai, detentor da autoridade, a mãe, submissa, e os filhos obedientes. Se, a princípio, é possível compreender uma estrutura familiar mais ampla, baseada em valores, na sequência temos a descrição dessa família com os lugares determinados para cada membro dela.

Dando sequência, na estrutura funcional da Liga, encontramos outros elementos que vão afirmando quem são os seus sócios. Por exemplo, no Manual editado em 1922, ele menciona o diploma, que deveria ser entregue a todo liguista admitido, deixa clara a necessidade do estandarte com a representação do santo padroeiro, além de um grande estandarte, que conterà a Sagrada Família, que sempre deverá estar presente nas procissões (MANUAL. 1922, p. 30).

Em setembro de 1927, o jornal da Liga Católica trouxe uma nota dizendo que diversas

Ligas em São Paulo carregavam consigo, além dos estandartes, uma grande bandeira, que estampava as cores pontificais, a saber, amarelo e branco, e junto uma grande cruz no centro, na cor vermelha e encimada com os dizeres "Viva Cristo Rei". Segundo o autor da nota, a bandeira vai incutir “um aspecto varonil” ao grupo e ser um meio mais prático de ser conduzida em romarias e outros eventos (JLCJMJ, set, 1927, p. 3). Deste modo, observamos a inserção de outros elementos, antes não previstos nos estatutos e manuais, contudo, que ajudariam na visibilidade do grupo, seja perante a população, seja sob o aspecto de que aquele grupo era formado por homens e, por isso, queria agregar mais homens.

Além das insígnias e da preocupação com a formação da família, os sócios da Liga Católica também atentavam para a solidariedade interna em caso de doença ou morte. Consta no manual de 1922:

A caridade, que deve ligar os sócios, praticar-se-á principalmente para com os sócios que se acharem doentes ou necessitados, a quem não deixarão de visitar e de socorrer conforme seus haveres especialmente os da sua seção. Ainda para com os falecidos a quem, onde for possível, acompanharão na ocasião do enterro e por quem farão súplicas nas reuniões gerais. Outrossim, assistirão à missa que a Liga manda celebrar pelos sócios falecidos da sua respectiva seção, procurando na ocasião receber a Sagrada Comunhão pelo repouso eterno do falecido (MANUAL, 1922, p. 27).

A participação do liguista no momento de fragilidade do outro era algo muito importante para o grupo. Ressalta-se o auxílio espiritual para tal situação. Continuando sobre o assunto, o manual vai apontar que,

Inspirados pela mesma caridade, procurarão afastar escândalos, sobretudo quando se trata de qualquer perigo espiritual dos sócios; induzirão os católicos indiferentes, quer com o bom exemplo, quer com prudentes conselhos e exortações, à prática da religião e a receberem os sacramentos, mormente na hora da morte; defenderão a religião quando atacada e propagarão o conhecimento das verdades da nossa santa fé (MANUAL, 1922, p. 27).

A defesa da religião e o bom exemplo aprendido na liga devem estar presentes na vida dos liguistas até no leito de morte e cabe aos demais o auxílio para isso. Uma forma de demonstrar a participação do falecido na Liga Católica era sepultá-lo com a medalha da Liga no peito (MANUAL, 1922, p. 29). Assim, essa era uma forma de diferenciar esse homem dos outros da sociedade, até mesmo no leito de morte.

As indulgências em favor daquele que partiu devem acontecer nas orações das reuniões, em uma missa que deve contar com a participação dos sócios, sobretudo os da sua seção (MANUAL, 1922, p. 29). Na edição de janeiro de 1926 do jornal da Liga Católica, consta que

A congregação das indulgências, no dia 06 de fevereiro de 1895, concedeu uma indulgência de 100 anos aos sócios que com qualquer exercício da Sagrada Família trazem ao pescoço a medalha e devotamente: Jesus, Maria e

José, concedei-me a perseverança nas boas obras até a morte (JLCJMJ, jan, 1926, p. 3).

Para alcançar os gastos com as missas pelos sócios falecidos, a Liga deveria organizar um caixa, que daria conta dessas despesas e, para as despesas com a Liga Católica, também deveria haver um caixa. Dentre as finalidades dessa caixa, estaria pagar as despesas das missas pelos sócios falecidos – algo que também encontramos nas confrarias e irmandades³⁰ – e, essa caixa poderia auxiliar ainda na aquisição de “bons” livros. Esses bons livros podem ser compreendidos como os livros aprovados para leitura do grupo (MANUAL, 1922, p. 29).

Segundo Berkenbrok e Niero, o fiel é o responsável pelos seus atos, que podem ou não levá-lo à salvação eterna. No entanto, no pós-morte, a alma não terá mais essa autonomia. Segundo a tradição, ela fez suas escolhas em vida e aguardará o julgamento no purgatório. Entretanto, tem-se a ideia de que a oração dos vivos pelos mortos pode ser um recurso para ajudar a alma daquele fiel que faleceu. “O entendimento de que vivos e mortos continuam numa mesma comunhão está presente já no cristianismo primitivo, onde também a oração pelos mortos é já uma realidade”, argumentam os autores (BERKENBROK; NIERO, 2015, p. 918).

A intercessão dos vivos para com a alma do outro pode acontecer através de pedidos de missas, sufrágios e orações pelo morto. Vão funcionar como uma espécie de purificação do morto, auxiliando “na purgação das penas e na libertação das almas errantes que penam no purgatório e suplicam por preces” (BERKENBROK; NIERO, 2015, p. 926).

Contudo, todas essas condutas só vão poder acontecer em sua forma plena se os sócios estiverem participando das reuniões. Por isso, desde o princípio, lá na Bélgica, falava-se sobre a fiscalização dos sócios nos grupos e mesmo a admissão desses só aconteceria depois que, além de eles terem provado ser homens dignos, eles se fizessem presentes nas reuniões. Nos registros históricos da Liga de Juiz de Fora, apareceu, em 1913, a importância sobre a edição de “livrinhos de fiscalização”, que teriam a missão de registrar a frequência dos liguistas nas reuniões. Devido à sua importância, ele deveria permanecer guardado com o diretor. O controle do seu uso seria feito pelo prefeito, que seria uma forma de ser informado da presença, inclusive, dos novos aspirantes (LIVRO HISTÓRICO LIGA I).

Além da obrigação de participar das reuniões ordinárias, constava nos estatutos da Liga Católica, desde 1902, que o sócio deveria participar de ocasiões solenes, como a festa de São

³⁰ Agulhon diz que os costumes de auxiliar os funerais eram muito recorrentes entre as confrarias e irmandades. Disse, inclusive, que, quando a cidade era pequena e havia muitas associações desse formato, aconteciam rivalidades entre si, para ver quem ajudaria no funeral, ou quem promoveria o funeral mais “digno” (AGULHON, 1984).

José, a festa do Santíssimo Redentor e as festas que seriam organizadas pelo diretor e seu conselho (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 1).

No cenário que vai se edificando através da Liga Católica, vamos percebendo que há a tentativa de retirar os homens de práticas entendidas como mundanas, ou profanas, e os conduzir para ambientes mais santos. Como lemos em Eliade (2010), esses lugares vão sendo elaborados e distinguidos pelos religiosos. O que percebemos de interessante é que, se a prática for mundana, mas for executada em um ambiente sagrado, então não haverá problema. Esta questão nos passou devido à inauguração, em 1911, de uma mesa de bilhar para os sócios da Liga Católica. O jogo poderia ser um perigo para o homem, que poderia deixar a família para se apoiar nesse vício, mas, ocorrendo ele em um lugar “vigiado”, não seria um problema. No Livro Histórico da Liga de Juiz de Fora, encontramos que este fato foi noticiado nos jornais locais como “Jornal do Commercio” e no “Pharol”. A mesa ficava próxima à biblioteca, que também fora inaugurada para o grupo, a qual podemos interpretar como uma fonte de formação e de exposição a “bons” livros para os liguistas e, neste ano, ainda aconteceu a inauguração da banda de música dos sócios “Santa Cecília” (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 1).



Imagem 08 - Banda de Música Santa Cecília, formada por sócios da Liga Católica Jesus Maria José. Arquivo da Província do Rio.

A Liga Católica prezava pela formação de seus sócios, pela inserção do homem na prática religiosa, pela formação desse homem chefe de família, mas também colocava em uma ordem de importância a participação desses liguistas em procissões e festas. Desta forma, organizar uma banda musical seria de muita importância. Pouparia gastos adicionais com a contratação de músicos terceirizados, aproximaria ainda mais parte dos homens ao grupo que, a partir de então, ocupariam uma função específica e importante para a Liga Católica e poderiam demonstrar para a população a grandiosidade do grupo. Na imagem acima, observamos ao centro a figura de um missionário redentorista, as medalhas penduradas no peito de cada membro da banda e, ao fundo, vemos um estandarte, no qual não conseguimos distinguir a estampa, mas que se faz como um elemento típico do grupo.

Sentados na primeira fileira da Banda de Música Santa Cecília, podemos notar jovens. Era uma preocupação da Liga Católica formar os homens desde muito novos. Como exemplo disso, no Livro Histórico da Liga de Juiz de Fora, foi informado que, em dezembro de 1914, discutiram a criação de uma associação para congregar menores de 12 e 16 anos, como uma forma de prepará-los para ingressarem na Liga Católica. O Grupo seria colocado sob a proteção de São Geraldo. Após completarem 16 anos e demonstrarem dignidade pela causa, seriam promovidos a liguistas sem precisarem passar pelo período de aspirantes (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 1). Portanto, era importante para o grupo que jovens fossem educados dentro dos princípios da Liga Católica, desde muito cedo. Ainda que não admitidos, será recorrente ver crianças e adolescentes nas fotografias oficiais da Liga Católica. Era importante, para o grupo, que este público ouvisse as ideias e estivesse envolvido com as atividades, ainda que de modo informal.

6 - A LIGA CATÓLICA FORMA OS HOMENS CRISTÃOS

A Liga Católica Jesus Maria José foi fundada em Juiz de Fora e aos poucos foi se espalhando para outras partes do país. Seu principal meio de difusão era pela missões redentoristas. Como esse grupo agia na prática? Como o modelo do grupo e o modelo defendido como ideal para família cristã eram proferidos?

Para alcançar as respostas a essas questões, nos foi fundamental ler cartas, atas, manuais, estatutos e, principalmente, os jornais que passaram a ser editados pelo grupo. O grupo que se expandiu nas primeiras décadas do século XX foi unificado e ganhou uma sede primária no Rio de Janeiro. A partir dela, não só se registravam todas as Ligas Católicas nacionais, como passou-se a elaborar um discurso único para o grupo. Uma forma para pronunciar essas ideias, era através dos jornais mensais que instruíam seus sócios sobre o caminho a ser percorrido para a prática religiosa e para a estruturação familiar. O engajamento funcionou de modo expansivo até a metade do século, mas percebemos que, com o advento do Concílio Vaticano II, os ares do grupo se transformaram, o que possibilitará uma análise mais apurada em outro trabalho.

6.1 - UM BOM CIDADÃO, O MODELO IDEAL DE HOMEM CRISTÃO

A Associação chegou ao Brasil em março de 1902, no início do século XX. Naquela ocasião, os Missionários Redentoristas realizavam as grandes missões na antiga Capela da Glória, em Juiz de Fora – Minas Gerais. O princípio do grupo, de origem belga, era levar o homem a uma maior participação dentro do meio católico, sendo esse também o propósito do grupo no Brasil. Desde as últimas décadas do século XIX, na cidade de Juiz de Fora, por exemplo, o pe. Júlio Maria chamava a atenção para o predomínio feminino na expressão da fé católica (AZZI, 2000, p. 253 e 254).

Em uma apresentação do I Seminário da Liga Católica, que ocorreu no ano de 2010, o pe. Braz Delfino Vieira, C.Ss.R. disse que, na virada do século XIX para o século XX, religião constituía, para muitos homens, uma palavra vazia de sentido. Nesse aspecto, para o sacerdote, esses homens viviam de ostentação e aparências exteriores, mas pouco valorizavam ou se importavam com a espiritualidade. Uma vez que os missionários redentoristas chegaram com o intuito de reaproximar os católicos da prática religiosa e não deixaram as missões se tornarem “fogo de palha”, optaram por importar o método formulado por Henrique Belletable na Bélgica. Todavia, era importante deixar claro que aquela formação não era “mais uma irmandade”,

assim, adotaram o nome de “Liga Católica Jesus, Maria, José” (ATA DO I SEMINÁRIO DA Liga Católica, 2010).

Desde os primeiros relatos dos missionários redentoristas no Brasil, é informado que o povo era religioso, carregava consigo uma vivência religiosa, entretanto, deixava a desejar em relação à prática religiosa, sobretudo o homem. As leituras também nos mostraram que a falta de sacerdotes para atender esses católicos foi um fator que os conduziu para uma religião mais doméstica, ou cedeu espaço para que leigos assumissem as funções religiosas, como no caso das irmandades; mas o questionamento sobre a participação masculina na religião vai além.

Em maio de 1926, saiu uma nota no Jornal da Liga Católica, com o título “Respingando”, que continha o seguinte diálogo:

Perguntaram a um velho magistrado:

- Por que será que nas cadeias há menos mulheres do que homens? Ele respondeu:
- É porque nas igrejas há mais mulheres que homens (JLCJMJ, maio 1926, p. 3).

Na Bélgica, como vimos anteriormente, a Associação da Sagrada Família surgiu com o propósito de conduzir os homens para a religião, mas, em determinado tempo, acabou alcançando um público feminino também. A ideia então, seria, ainda que separadamente, formar pessoas que soubessem construir religiosamente a sua família, sob a proteção da Sagrada Família. No Brasil, a bandeira dessa causa acaba sendo direcionada apenas para os homens, pelo menos até o Concílio Vaticano II.

Fica evidente, desde seu princípio entre os brasileiros, a afirmação de que “A Liga Católica é o apostolado entre os homens”. Por conseguinte, o grupo vai procurar formar os homens para a “Ação Católica”, como disse Antonio, no seu manual para os liguistas. Assim, o intuito era estabelecer “homens, católicos praticantes e apóstolos”. Tudo isso seguindo a hierarquia e os preceitos da Igreja Católica Romana, sendo orientados por um sacerdote e seguindo o “espírito cristão [que] é oração, sacrifício e prática de virtudes” (ANTONIO, 1946, p. 7).

No manual, de 1922, instruía-se que

Os sócios devem viver como católicos sinceros, cumprindo fielmente as leis de Deus e da Igreja; como jovens honestos, pais de família exemplares, bons cidadãos, evitando seitas condenadas pela Igreja, as más companhias, as leituras imorais, os jornais anticatólicos, os divertimentos ilícitos e perniciosos à religião e à sociedade (MANUAL, 1922, p. 26).

Portanto, as instruções contidas no Manual da Liga Católica forneciam insumos para a elaboração de um modelo de homem cristão, modelo esse que eles defendiam e achavam

correto. Esse homem segue as leis religiosas, ou seja, dá assistência à sua família, é um bom cidadão, afasta-se de más companhias ou de outros grupos, que no texto são denominados como seitas, em um sentido de inferiorização, assim como não acessam leituras ruins para a religião e não procuram aqueles divertimentos que podem desestruturar os seus lares, como acontece com os demais homens da sociedade.

Dando continuidade às instruções para o homem, o texto alerta sobre

Jurar falso, blasfemar, proferir imprecações, maldições; violar os votos, juramentos, etc., faltar à missa ou trabalhar nos domingos ou festas de preceito; cometer irreverências na igreja, etc. Faltar com respeito, amor, obediência, assistência que deve a seus pais. Ser descuidado na educação, correção e vigilância de seus filhos; não os fazer orar; colocá-los em escolas, oficinas ou em casas em que sua fé e costumes correm perigo; não os separar das ocasiões de pecado, tais como leituras, companhias, saraus, divertimentos amizades perigosas (MANUAL, 1922, p. 89).

Os códigos para esses homens dizem muito a respeito da sua conduta para com a religião. Nesse trecho em específico, vamos percebendo a citação para os procedimentos com a família. Diz-se sobre manter o respeito com os pais e cuidar com os filhos, para que eles não entrem em contato com lugares, leituras e pessoas que possam os desvirtuar da Igreja. Mais adiante, o manual vai citar então o cuidado com o matrimônio, dizendo que é “pecar, se é casado, por desunião, ciúmes, infidelidade, ações criminosas contra a santidade e o fim do matrimônio (MANUAL, 1922, p. 90).

Levando em consideração a leitura dos manuais da Liga Católica e os jornais editados pelo grupo, chamou a atenção o fato de a família, em si, aparecer pouco nas palavras. No manual, como trouxemos anteriormente, encontramos referências voltadas principalmente para estruturar o funcionamento do grupo e sobre o que se entende por um bom cidadão. Nos jornais, encontramos notícias e matérias relacionadas à temática da família, como algum fragmento de carta pastoral, direcionado à família, ou dizendo sobre a importância da criança saber obedecer aos pais e a Deus, ou ainda dizendo sobre a importância de se ter vários filhos e ensiná-los a amar a Deus. Sobre este último ponto, em dezembro de 1926, sai uma nota chamada "Famílias Abençoadas", em que se discorre sobre um senhor que gostava de alugar casas para as famílias numerosas, assim, incentivava-se os cristãos a terem muitos filhos e que se respeitassem essas famílias (JLCJMJ, ago, 1925; set, out, dez, 1926).

Contudo, o que fomos apurando é que, ainda que o texto tratasse sobre família, o destaque era para a participação do pai. Por exemplo, em setembro de 1925, o jornal trouxe uma reflexão sobre a leitura de Eclesiastes capítulo 3 e, nesta, falou sobre a relevância da participação do pai, não só na sua casa, como na religião, dizendo que assim aconteceria um

bom funcionamento para a família. Na edição do mês seguinte, informou que essa participação do pai deveria estar acontecendo próximo ao filho, acompanhando suas leituras e explica que, se preciso, o pai deve castigar sim o seu filho, com o intuito de que ele seja uma pessoa boa no futuro (JLCJMJ, set, out, 1925). Já em fevereiro de 1930, em uma matéria direcionada aos pais, diz-se que as mães mimam muito seus filhos e que algumas vezes os pais também o fazem. Entretanto, os pais – entendendo aqui como os homens – não devem incorrer nesse erro de mimar seus filhos, justificando que assim os filhos poderiam se tornar desobedientes e desrespeitosos (JLCJMJ, fev, 1930.p.5). Desse modo, vamos ganhando sinais de que, para a leitura daqueles que organizam, moldam e direcionam a Liga Católica, o homem é a família. Ou melhor dizendo, o homem que é a figura capaz de fazer a família funcionar em sua plenitude, mas, para que isso ocorra, o homem deve estar instruído e praticar a religião.

Retornando ao manual elaborado por Umberto Antonio, percebemos, com um certo exagero em sua fala, que “antes de ser fundada a Liga, nenhum homem entrava na Igreja, ou assistia à Missa aos domingos, agora, é costume que os homens em grande número vão à Missa” (ANTONIO, 1946, p. 21). Não que não houvesse participação nenhuma de homens nas celebrações antes da fundação da Liga Católica no Brasil, mas os relatos dos padres redentoristas, e mesmo dos bispos, eram de que a participação masculina nas missas não era tão grande.

Destarte, a Liga Católica cumpriu tal anseio e se fez pioneira a um movimento que ganharia maior visibilidade décadas depois. Segundo o jornal “O Diário”, de Belo Horizonte, de 1935, a “Liga [Católica] foi no Brasil o primeiro passo na difícil e abandonada organização masculina”. Com esse grupo, houve uma possibilidade de oferecer ao homem um lugar reservado aos homens, um espaço especial nos templos e nas cerimônias do culto. Depois desses movimentos, presenciamos outros grupos de expressão como a União dos Moços Católicos e o Centro Dom Vital (AZZI, 2000, p. 253 e 254).



Imagem 09 - “Magnífico prestito religioso. Os homens levaram em triunfo as cruzes das Santas Missões. A Cruz das Missões da Catedral”. Procissão masculina no encerramento das Santas Missões Redentoristas, ocorrida no dia 22 de abril de 1929, na Rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora, MG.

Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.

A fotografia sugere como os movimentos católicos masculinos impulsionaram a participação de homens nas práticas religiosas. Nessa cena, observamos um número considerável de homens percorrendo a Rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora, MG. Esses portam a bandeira do Brasil e uma cruz. Essa procissão não partiu de um movimento exclusivo, mas ocorreu durante o encerramento das Santas Missões Redentoristas, no ano de 1929. Ressaltamos que não é possível identificar se esses homens eram ligados a algum grupo laico ou não, salvo alguns, que carregavam no peito a medalha da Liga Católica. Essa associação, como já lemos, incentivava a participação de seus membros em manifestações públicas, inclusive portando seus símbolos, o que afirmava o pertencimento ao grupo. Os homens vão ganhando um lugar próprio dentro das celebrações e, com isso, vão se engajando nas participações.

Além das procissões, passava a ganhar destaque a participação dos homens nas comunhões. Os jornais e as crônicas passam a destacar esse feito e isso chamou a atenção, por exemplo, do padre belga, Meulemeester, que relatou em seu livro que nessas comunhões

“estavam, aliás, verdadeiros católicos de ação”. Em seu relato diz que

Com o objetivo de propagar entre os homens a prática da Comunhão frequente, [um homem] tomou a iniciativa de convocar seus confrades para comungar todos os domingos em pequenos grupos nas várias igrejas da cidade, a fim de dar bom exemplo aos outros; aconteceu que este grupo de formadores chegou a centenas, e pode-se imaginar o quão impressionante foi este apostolado (MEULEMEESTER, 1946, p.148).

O exercício desses homens que vão se convertendo à prática religiosa vai ganhando um caminho de conversão de outros homens. Em abril de 1926, no Livro Histórico da Liga de Juiz de Fora, consta um recorte do jornal “A Bússola” em que lemos que

Domingo último aos verdadeiros católicos desta cidade foi dado ensejo de presenciar edificante e confortadora demonstração pública de fé, desassombradamente feita por mais de 600 homens convictos de suas crenças, fizeram imponente procissão, percorrendo as ruas centrais da cidade, dirigindo-se depois para a matriz, onde foi distribuída a todos a Sagrada Eucaristia, podendo-se neste instante contemplar a magnífica e comovedora cena da grandiosa comunhão geral dos sócios das Ligas da Cidade e de Mariano Procópio (HISTÓRICO da Liga, 1902, p. 40).

Buscava-se noticiar sempre esses grandes números de homens envolvidos com a prática religiosa. Retornando ao pe. Meulemeester, ele vai dizer que esse feito, pela Igreja e pelo engajamento dos homens, era muito apreciado pelos sacerdotes, pois por vezes faziam essa concentração em público e, segundo o autor, a repercussão era tamanha que “recompensavam os indiferentes e mais de uma vez se tornaram o ponto de partida para conversões notáveis” (MEULEMEESTER, 1946, p. 148).

6.1.1 - OS MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO HOMEM

A preocupação com a inserção do homem na prática religiosa esteve presente desde a fundação da Associação da Sagrada Família em 1844 na Bélgica. Mas, o que tem a ver um homem praticante da religião católica e o bem-estar da sua família? As leituras dos jornais da Liga Católica têm nos mostrado que, na lógica dessa instituição, as duas coisas então interligadas.

Em julho de 1925, consta uma matéria no jornal da Liga Católica intitulada “Sê Homem!”, em que se afirma que “ser homem quer dizer ser homem de caráter”. Desse modo, “os princípios de um homem de caráter são sólidos, fundados como estão na fé e na moral cristã, alicerces dos mais resistentes”. O caráter deve ser a grande preocupação da formação dos filhos, por vezes, os pais só se preocupam com as condições materiais e intelectuais (JLCJM, jul,

1925.p.4). Em uma edição de abril 1957, encontramos uma matéria com o título “Vocação e Clima Familiar”, em que lemos,

Em um lar desejoso por um sacerdote, deve-se manter um ambiente de fé viva e, em matéria de fé, o exemplo do pai predomina sobre o da mãe. Se um adolescente pensa que religião é coisa para mulheres, é porque lhe faltou o exemplo paterno (JLCJMJ, abr, 1957.p.4).

Para compreender essa procura pelo engajamento masculino na religião, devemos ter em mente que naquele contexto, para aquele grupo, o homem era compreendido como o chefe da família. Consequentemente, era tomado como o exemplo dentro de casa. A questão que surge no trecho mencionado acima é como o filho homem vai compreender a importância da religião se o pai dele não a pratica, mas apenas as mulheres da sua casa? Se retornarmos à história de Belletable, vemos que a sua participação no meio religioso acontecia durante a infância, enquanto era orientado pela sua mãe, mas, ao chegar à idade adulta, quando saiu de casa para iniciar sua carreira profissional, quando passou a se ajuizar pelos seus atos, a religião parou de ter importância na sua vida. No caso dele, não lemos sobre a participação do seu pai na prática religiosa. O que encontramos sobre a história do seu pai estava ligado à sua formação, ao seu ofício, à sua empreitada de sair de casa para conseguir melhores condições de vida, para conseguir sustentar a casa.

Devido à trajetória de vida do capitão Belletable e ao próprio intuito da formação da sua associação, percebemos que o caso não é uma exclusividade brasileira, mas, ao atentarmos para o Brasil, Duarte aponta que a participação feminina no meio religioso tem sido proporcionalmente maior que a masculina, isto há tempos, e segundo o autor, sobretudo quando observamos as classes mais populares (DUARTE, 2006. p.68). A Liga Católica tem o propósito de aproximar o homem da prática religiosa, em um contexto em que está com sua atenção está voltada para o trabalho e para o divertimento. A preocupação inicial é com os homens das classes menos favorecidas, mas, devido ao baixo engajamento, acaba se reorganizando e permitindo a inserção de todas as classes sociais. Nesse exercício, os homens que se convertem passam a se movimentar, publicamente e em missões, para poder dar exemplo, como se estivessem servindo de modelo para a conversão de outros homens.

A percepção que se vai tendo da situação é que os homens se ligam mais à esfera pública, em manifestações políticas, trabalho ou associações leigas, enquanto as mulheres vão se responsabilizando pelo ambiente doméstico e se aproximando da prática religiosa e da participação de grupos religiosos (DUARTE, 2006. p.68).

As matérias que aparecem nas edições do jornal da Liga Católica seguem a ideia de que o homem precisa do protagonismo dentro das associações para que possa se engajar à causa e

se dedicar à prática religiosa. E isso tende a se perder quando o grupo é misto. Em outubro de 1933, lemos: “as irmandades mistas não dão muito resultado para os homens, porque logo as mulheres tomam conta e os afugentam, por isso, é mais efetivo fazer uma liga masculina” (JLCJMJ, out, 1933.p.3). Neste caso, apesar de começar a afirmação com a palavra “irmandade”, o autor não está direcionando seu raciocínio para exatamente aquele modelo de irmandade que lemos anteriormente, mas para associações religiosas como a Liga Católica, podemos fazer essa interpretação, pois o próprio título da matéria é “A Liga”.

O grupo iniciado na Bélgica pelo capitão do exército Henrique Belletable se consolidou e se expandiu. Difundiu-se para além de suas fronteiras iniciais que o caracterizavam como associação religiosa, defensora da família. Tomando como regra de vida o lema *Ora et Labora*, o grupo traz a ideia de santificação pela oração e pelo trabalho, sendo sua principal finalidade aproximar o homem da prática religiosa, na expectativa de que isto resultasse em frutos positivos no interior de sua família. Além da devoção à Sagrada Família, a arquiconfraria também defende um modelo de família patriarcal, no qual o homem se impõe como chefe e provedor da família. É sob um contexto de mudanças e reformas que o grupo chega ao Brasil no princípio do século XX.

Ao longo do século XIX, é recorrente a preocupação com a reforma do lar, inclusive por parte da Igreja. Sobre esse assunto, o papa Leão XIII destaca a necessidade de salvaguardar a

Integridade dos costumes, essa excelente educação da juventude comece no próprio interior da família, dessa família que, infelizmente perturbada nos tempos atuais, só pode recuperar a sua liberdade por essas leis que o próprio divino Autor lhe fixou ao instituí-la na Igreja (LEÃO XIII, 1878).

Segundo as palavras de Leão XIII, a igreja seria caminho para salvaguardar os bons costumes, que estavam ameaçados pelos tempos modernos. A fala ainda deixa a entender que a preocupação era com a educação da juventude, que poderia ser iniciada dentro de casa, daí a importância de a família seguir os preceitos da religião. Ainda segundo Leão XIII, “cada família é um membro da sociedade”. É interessante, pois a Sagrada Família trata a família como algo único, e ele ainda comenta sobre a própria família ser uma pequena sociedade, segundo ele, anterior à própria sociedade e, por isso, deve ter alguns direitos resguardados para além do Estado, sendo a Igreja um meio de preservar esses direitos (LEÃO XIII, 1891).

As falas do pontífice se seguem por uma busca de

Reforma tão desejável dos costumes e do modo de viver de cada homem em particular, porquanto, assim como de um tronco apodrecido não podem brotar senão galhos estragados e frutos secos, assim também por um triste contágio essa funesta chaga que corrompe as famílias estende-se a todos os cidadãos e torna-se um mal e um defeito comum (LEÃO XIII, 1878).

Deste modo, o papa apresenta a importância da família,

Uma vez moldada a sociedade doméstica a uma forma de vida cristã, cada membro se acostumará pouco a pouco a amar a religião e a piedade, a detestar as falsas e perniciosas doutrinas, a praticar a virtude, a obedecer aos seus superiores e a reprimir essa procura insaciável do interesse puramente privado que tão profundamente abaixa e enerva a natureza humana (LEÃO XIII, 1878).

Essas ideias de cuidado com os filhos, dos bons costumes serem moldados pela família, sob orientação da religião e, por isso, a família ser preservada de modo especial, por vezes para além dos cuidados e interferências do estado, vão se encaixando às propostas apresentadas pela Liga Católica, desde a sua fundação na Bélgica. É esse modelo que vai orientando o homem, como chefe de família, a observar as relações em seu lar. A mulher ganha um papel de submissão, mas não escravização, como companheira. Portanto, o homem deve agir com dignidade em sua casa e para com sua família (PECCI, 2005, 354). A teóloga Maria Clara Bingemer diz que essa visão de poder masculino sobre a mulher acompanha o cristianismo desde a sua separação do judaísmo (BINGEMER, 1986.p.46).

Assim, sendo o homem o chefe da família e sendo-lhe cobradas também a formação e a transmissão da religião para seus descendentes, seria importante, então, haver uma formação, ou uma capacitação, para que esse homem compreendesse os preceitos da religião. Nesse sentido, as associações se transformavam em bons meios de instruções para os homens cristãos. Pensando neste contexto de século XIX para o século XX, em que muitas vezes esses homens estavam ocupados demais com o trabalho, outra possibilidade era a criação de associações operárias cristãs, como disse o próprio papa Leão XIII:

Um bom meio para realizar este objetivo será dirigir e incentivar essas pias associações que, mormente nestes tempos de agora, têm sido mais particularmente instituídas para favorecer os interesses católicos (LEÃO XIII, 1878).

O objetivo a ser alcançado, segundo o proposto, seria a conversão ou a condução da prática religiosa do homem pelas associações. Era importante que esses meios demonstrassem a relevância da prática cristã para os homens e que os tornassem atuantes na causa, como lemos em uma matéria do jornal da Liga Católica em fevereiro de 1943:

A Liga Católica deve ser constituída por homens, mas por homens compenetrados dos seus deveres para com Deus e para com o próximo. Os deveres para com Deus estão contidos na prática da religião, e para com o próximo no próprio espírito da associação, quando preceitua em seus estatutos, a propagação da Liga em todos os setores de atividade social, ou melhor, humana. É preciso fazer a admissão de membros anualmente, para que a Liga não morra. Mas, para isso, também é importante cultivar os antigos sócios. A estratégia para rejuvenescer a liga é manter o espírito de

confraternização interna, fundindo-nos em uma só vontade e uma só direção, colaborando com nossos respectivos diretores. Nenhuma liga se definhará se todos os Liguistas se estimarem e exteriorizarem esta estima, nos seus apelos junto àqueles que não conhecem o bem imenso da religião no lar e nos corações (Jornal LCJMJ, fev, 1943.p.2).

Sempre se afirma a importância da participação masculina no grupo, o que nos leva a perceber que esse buscava ser o diferencial da Liga Católica perante os demais. Não bastava ser homem, era ideal seu comprometimento com a causa, que seria a própria prática religiosa, mas também o cuidado com o outro, seguindo as recomendações de conduta dos estatutos, tentando angariar mais sócios. A estratégia utilizada pelo grupo era de que anualmente se admitissem novos sócios. Houve ocasião de se admitirem novos liguistas duas vezes por ano, como no caso da Liga Católica de Juiz de Fora, mas o habitual era uma vez ao ano (LIVRO HISTÓRICO Liga Católica I, 1902). O objetivo dessas admissões era expandir o grupo e mantê-lo movimentado, conseguir difundir seus ideais a mais homens e fazer com que esses interagissem entre si, estimulando todos a continuar participando. Mais uma vez, a família não é o foco principal do grupo. Isso vai nos despertando cada vez mais a atenção. Somente no final do texto consta levar a religião para aqueles que não conhecem o seu “bem imenso” dentro de casa e no próprio coração. Logo, vai transparecendo uma maior preocupação de formação do homem, que antes não atentava tanto para a religião, e, assim, levaria esses novos hábitos para o lar.

Desse modo, foram iniciados os trabalhos específicos de evangelização dos homens por meio da Liga Católica. O grupo que começou em Juiz de Fora pouco a pouco foi se expandindo, junto às missões realizadas pela Congregação Redentorista. Os religiosos apresentavam a arquiconfraria aos párocos e sacerdotes diocesanos, ou mesmo os bispos que conheciam o grupo recomendavam a sua fundação (LEITE, s/d.p. 13). É possível que o grupo tenha passado por quase todos os estados do Brasil. No “O Diário”, de Belo Horizonte, de 14 de março de 1935, consta que

A Liga foi no Brasil o primeiro passo na difícil e abandonada organização masculina. Congregou homens, deu-lhes certo gosto e consciência de organização, infundiu-lhes algum entusiasmo, ensinou-lhes as reuniões só para eles, restituiu-lhes as igrejas, ergueu-lhes as vozes em preces e cânticos, inspirou-lhes, às vezes, um entusiasmo varonil pelas coisas de Deus, e os trouxe garbosos em passeatas pelas ruas, com os estandartes religiosos desfraldados ao lado da bandeira nacional. Aos beneméritos padres redentoristas é que se deve tudo isto (AZZI, 2000. p. 147).

Segundo Azzi, a Liga Católica vai ganhando contornos que a moldam como uma associação masculina, para formação e comprometimento do homem para com as associações

religiosas. Uma vez que eles estavam participando desse grupo, fizeram-se mais presentes nas missas e, assim, ouvia-se sua voz, inspirando-lhes, como disse o autor, “um entusiasmo varonil”. Ou seja, era um modo de se sentirem varões e viris, dentro de uma associação religiosa e dentro de uma religião.

Essa preocupação de estimular a participação masculina na religião é uma tentativa de anular o estigma de que a educação inicial nos preceitos da fé e a prática religiosa eram coisas de mulheres. Nas próprias leituras sobre a formação da Liga Católica, vai se despontando a ideia de que, salvo o clero, a Igreja Católica estava sob os cuidados de mulheres, que em casa cuidavam da educação religiosa de seus filhos e participavam frequentemente dos cultos e das associações religiosas. É possível perceber uma divisão social em que o trabalho era praticado pelos homens, enquanto as mulheres deveriam se dedicar à casa e à religião. Portanto, a religião vai ganhando contornos da participação de mulheres.

De Theije afirma que, na divisão de tarefas – no nosso caso voltando a atenção para a sociedade brasileira –, a religião é direcionada para as mulheres. Isso fica evidente nas leituras que fizemos da fundação da Liga Católica no Brasil, no princípio do século XX e também se evidencia durante os trabalhos da pesquisadora no início do século XXI, “religião é coisa de mulher” (DE THEIJE, 2002. p.48).

Em setembro de 1928, o jornal da Liga Católica trouxe um apelo para os homens se envolverem mais na prática religiosa, inclusive na formação de novos cristãos. Desse modo, esperava-se que os homens ensinassem o catecismo.

Outra vantagem do catecismo feito pelo sexo forte. Não há como negar: A mesma verdade, ensinada por uma mulher, não se impõe à mente d'um menino com a mesma autoridade que ensinada por um homem. Um rapazito, a quem só mulheres tenham ensinado a religião, quando mais velho, não deixa, por vezes, de pensar o que muitos dizem: - 'A religião é um negócio de mulheres e crianças...' (JLCJMJ, set, 1928. p.6).

O homem é tomado como o sexo forte, logo, segundo a concepção do autor da matéria, isso faz com que as suas palavras ganhem mais validade, se comparadas com as palavras proferidas pelas mulheres. Os rapazes que vão fazer o catecismo com mulheres não adquirem referência de homens no meio religioso e, por isso, desenvolvem a ideia de que a religião é coisa de mulher. Como as crianças costumavam estar junto às mães, a religião se torna algo de mulher e criança. Portanto, percebemos uma elaboração de um modelo de homem em que esse ocupa o lugar de líder, de detentor da palavra e que se envolve com a religião. Então, a ideia é construir o imaginário de que a religião é coisa de homem.

Ainda dizendo sobre a diferenciação entre homens e mulheres, encontramos na edição de setembro de 1929 que,

Em si o homem é mais religioso que a mulher. A fé do homem é mais firme, mais robusta e mais constante. Verdade é que ele, umas tantas vezes, se sente abandonado e negligenciado e então ele se retira da prática religiosa, ficando lá no fundo da Igreja [...]. A Liga Católica tem como fim principal reintegrar os homens outra vez na prática da vida religiosa [...]" (JLCJM, set, 1929.p.1).

Portanto, segundo o texto, o homem é mais religioso que a mulher, a questão é que a grande participação feminina e a falta de protagonismo do homem no meio o afastam da prática religiosa. Nesse caso, segundo a matéria do jornal, a Liga Católica está em exercício, justamente para corrigir esse problema.

Os lugares sociais constituem espaços de diferentes ordens morais. Uma coisa é a rua, que é ocupada pelos homens, segundo vai se demonstrando nos documentos, seja pelo fato de esses saírem para trabalhar, seja pelo fato de esses saírem para se divertir. Dentro de casa, o homem ganha o *status* de chefe. Entretanto, a mulher é a responsável pela sua manutenção e pela educação dos seus filhos, inclusive a educação religiosa. Assim, os costumes demonstram que há uma divisão de papéis sociais entre homens e mulheres dentro da sociedade (DE THEIJE, 2002.p. 49).

Segundo Bourdieu,

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando com sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2020.p. 22).

É claro que esse modelo e as funções vão variar de acordo com o tempo e a disseminação observados, mas retornarmos ao ambiente que estamos estudando, vamos percebendo essa padronização, em que, nesse contexto, até meados do século XX, o que vai se consolidando é a mulher cuidando da administração interna da família, enquanto o homem está fora, ocupando-se de angariar recursos para sustentar a família. Bourdieu vai dizer que o mundo social elabora “o corpo como realidade sexuada”. Desta forma, nele é assentada a tal divisão sexualizante (BOURDIEU, 2020.p.26). Nesta conjunção, Cotrin chama a atenção que, uma vez que o homem fica fora de casa, pode ser que sua autoridade paterna diminua, se o comando vier só da mãe. Deste modo, seria importante, para esse modelo, que o homem, ainda que estivesse fora, buscasse manter seu domínio sobre o lar (COTRIM, 2005.p.57).

Mas De Theije chama a atenção para o fato de que a ligação da mulher com a religião

vai além da sua função como cuidadora do lar. Para a autora, a ligação da mulher com a prática religiosa também pode ser explicada pelas suas aptidões para lidar com a religião e mesmo a personalidade construída para a mulher dessa sociedade pode ser “espiritualmente mais receptiva” para a religião. Bom, para compreender esse raciocínio, devemos lembrar que a religião católica pressupõe hierarquia, em que o sacerdote detém o poder da palavra e os fiéis devem acatá-la. E, no modelo familiar e social que estamos lendo, o homem ocupa o papel de liderança, enquanto a mulher assume a submissão. Ou seja, parte do não engajamento masculino na religião pode ser justificado pelo fato de que o homem resiste à submissão dentro da religião (DE THEIJE, 2002.p.49).

A grande participação feminina nas atividades religiosas, seja em grupos leigos, seja na manutenção da igreja, é perceptível. Entretanto, ainda que menor, há participação masculina. Desta forma, a professora e pesquisadora De Theije elaborou uma pesquisa em Pernambuco, no final do século XX, em que, abordando as mulheres pernambucanas, percebeu a recorrência da ideia de que os homens que participam da religião são “metade macho metade fêmea”. A questão é que, em boa parte das mulheres entrevistadas, observa-se que há a concepção de que religião é coisa de mulher. Os homens que a praticam são compreendidos como homem, contudo não se encaixam no estereótipo do homem viril, que normalmente é associado ao domínio da força, detentor do poder que, se preciso, usa a violência e a agressão para demonstrar sua virilidade e, mesmo, procura afirmar ter potência sexual (DE THEIJE, 2002.p. 49 e 50).

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discurso que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (BOURDIEU, 2020.p.24).

Esta formulação de modelo de homem acaba sendo difundida nos meios sociais e colocando o homem em espaços diferentes dos lugares ocupados pelas mulheres. Quando se encontram, o esperado é que o homem ganhe o papel de destaque e não a mulher. Entretanto, quando observamos os ambientes religiosos, por mais que, hierarquicamente, os sacerdotes, que são homens, ocupem lugares maiores, são as mulheres que movimentam as associações e as práticas religiosas.

A pesquisa realizada pela professora De Theije ainda aponta mais um aspecto interessante, ou seja, os homens que passam a frequentar o meio religioso, que se convertem, deixam explícitas as suas mudanças de comportamento. Como se a atitude anterior à conversão, a que associamos à ideia de virilidade, fosse atitude de um homem errado (DE THEIJE, 2002.p.52). Isso é bem perceptível na biografia de Henrique Belletable, que abandona aquele

modelo masculino sem deixar de ser considerado homem, porém passa a ser um homem temente a Deus. É esse o modelo de homem que vai sendo difundido na Liga Católica Jesus, Maria, José, que tem por função corrigir os erros mundanos nos homens, para que esses, consequentemente, conduzam a sua família de modo correto, segundo os preceitos da igreja.

Quando o grupo foca na participação dos homens e os deixa ocupar lugares de liderança, e mesmo possibilita mais espaços para a sua atuação, encontra-se uma saída para que se possam atrair mais homens para o meio. Uma finalidade desses grupos exclusivamente masculinos no meio religioso é fazer com que o homem não se sinta um mero participante da religião, mas que ele desempenhe funções nesse lugar. É esse ponto que a autora De Theije coloca como “meio caminho” desse homem viril. Desse modo, ele vai assumir as demandas da sociedade, que coloca o homem como portador da voz, mas, ao mesmo tempo, o coloca para praticar a religião, que é mais permeada pelas mulheres. Para a autora, essa posição de liderança funcionaria então como uma desculpa, ou um argumento para a justificação da sua participação (DE THEIJE, 2002. p. 53).

Esta preocupação aparece na Liga Católica. Percebemos que o receio era de que as mulheres se misturassem ao grupo e assumissem lugares antes ocupados pelos homens, uma vez que isso os afastaria ou os desmotivaria de participar do grupo. Como lemos anteriormente no jornal de outubro de 1933, “as irmandades mistas não dão muito resultado para os homens, porque logo as mulheres tomam conta e afugentam eles, por isso, é mais efetivo fazer uma liga masculina” (JLCJM, out, 1933.p.3).

Esta posição do homem era presente no meio cultural, no meio religioso e inclusive era assegurada pela lei. Bourdieu diz que o Estado também contribui para a divisão de gênero, sobretudo quando estabelece a fórmula de família patriarcal como um princípio de ordem social e moral. Deste modo, o homem se mantém como preeminência em relação às mulheres (BOURDIEU, 2020.p.144).

No código civil de 1916, lê-se, no Capítulo II, “Dos Direitos e Deveres do Marido”, no artigo 233, que “o marido é o chefe da sociedade conjugal”, desta forma, ele irá representá-la legalmente e será o responsável pela administração dos bens comuns e dos particulares da mulher. O código dizia, inclusive, sobre o “direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do teto conjugal”. Como obrigações, o homem deveria prover a manutenção da família e atuar, com a colaboração da mulher, de acordo com o interesse comum do casal e dos filhos (LEI Nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916).

É claro que, como apontado por Cotrim, há certo exagero por parte da história e da literatura, que descrevem esse estereótipo do marido totalmente dominador e da mulher

completamente submissa. Existiam, na realidade, variações de comportamento, de acordo com os diferentes lugares, tempos e mesmo níveis sociais das mulheres. Se atentarmos à própria natureza do sistema patriarcal e à divisão de trabalho entre o marido e a esposa, perceberemos, de certo modo, condições para a afirmação da personalidade feminina, dada a sua influência direta junto à família. Havia exemplos de mulheres que, por ausência do marido ou viuvez, zelaram pelo patrimônio da família, gerindo propriedades e negócios. A esposa transformada em chefe domiciliar por morte do marido deveria, no entanto, justificar juridicamente esse encargo (COTRIM 2005.p.57).

O que podemos concluir até aqui é que o grupo, fundado no Brasil com o nome de Liga Católica Jesus, Maria, José, buscou implementar um modelo de família cristã, que tinha como objetivo inicial a inserção do homem na Igreja e, assim, fazer com que os homens frequentassem os grupos religiosos e a comunhão. As demonstrações públicas, seja em comunhões gerais, seja em festas e procissões, tentavam afirmar que a igreja também era um lugar para homens. E que esse homem, já formado espiritualmente, levaria a religião e a prática religiosa para dentro de casa, pois o homem é o chefe da família. A questão que fica então é, como educá-lo?

6.1.2 - A REEDUCAÇÃO DO HOMEM

Compreendemos que havia um modelo em curso que visava afirmar a participação masculina na prática religiosa. Isso não era tão fácil. Era preciso convencer os homens de que estarem inseridos nesses grupos era algo que valia a pena. Em abril de 1928, o jornal trouxe, na coluna “Pela Mocidade Brasileira”, a ideia de que

É preciso ser "esquisitão" em muitos casos o moço que deseja ter caráter. Deve caminhar singularmente, separado dos outros. Os fortes não caminham em rebanho, como fazem os animais fracos. (JLCJMJ, abr, 1928.p.6).

Portanto, para inserir o homem na prática religiosa, o grupo tentava algumas estratégias, como ressignificar a aparência do homem religioso perante a sociedade. Esse, que poderia ser compreendido como um ser esquisito, no senso comum, pelo grupo, seria lido como o homem de caráter e o homem de força, aquele que não se deixa guiar pelos pensamentos dos outros (do rebanho). Fica a impressão de que aqueles que se inserem no grupo, ainda que compondo um grupo, adquirem caráter, enquanto os demais tornam-se apenas massa de manobra e não adquirem caráter.

Um caminho para a elaboração do homem modelo, do homem religioso, seria conduzi-

lo para dentro de associações religiosas. No final do século XIX, o papa Leão XIII, inclusive, vai dizer que este momento está sendo frutuoso para tal gênero. Têm-se fundadas muitas associações, boa parte delas de caráter operário, ou seja, esse era um caminho para reeducar os operários na prática religiosa. Contudo, ainda nesta fala, o pontífice adverte que nem todas as associações operárias têm a finalidade ou praticam o cristianismo, deixando, assim, o pedido de cautela para os seus fiéis (LEÃO XIII, 1891). Em março de 1928, liguistas de Alecrim (RN) escreveram no jornal da Liga Católica que "Para que uma associação operária realize sua finalidade, é absolutamente necessário que ela seja baseada sobre a religião" (JLCJMJ, mar, 1928.p.2).

O modelo esperado pelo papa dizia ter como fundamento “o aperfeiçoamento moral e religioso” (LEÃO XIII, 1891). A Liga Católica procura ressaltar essas ideias, falando sempre em suas publicações sobre “o espírito de trabalho e de oração!” para o chefe de família. Para o grupo, o principal exemplo de família para este homem deveria ser a Sagrada Família, que, segundo o livro comemorativo dos 25 anos de fundação da Liga Católica no Brasil, “se todos os lares fossem cópias fiéis da Sagrada Família, que tranquilidade, que felicidade ver-se-ia reinar neles” (BODAS LCJMJ, 1927. p.8).

Mas, havia outros grupos que condiziam com essas ideias, inclusive são citados pela própria Liga Católica. Em dezembro de 1937, o conselheiro da Liga Católica do Rio de Janeiro, Lino Cunha, proferiu o seguinte discurso:

É o coração do Liguista do Brasil, em arregimentação baseada nas necessidades morais e espirituais dos homens, cumprindo os deveres que lhes são impostos pela palavra do Santo Padre ao ordenar a todos os filhos da Igreja, cerrarem fileiras nesse magno instituto cristão, que se denomina Ação Católica. Nós, Liguistas, essas centenas de milhares que estão semeados por todo torrão pátrio, orgulhamo-nos de pertencer e fortalecer a Ação Católica no Brasil. Porque é de ação que nós precisamos. Renunciando às fúteis divagações, abominando tudo quanto for palavreado oco, devem os católicos, os vicentinos, os Liguistas, os marianos, os terceiros, os sacerdotes, enfim, todos aqueles que se abrigam sob a proteção da Igreja, empenhar-se a fundo para fazer do Brasil a nação modelo do cristianismo, pois temos esse dever, imposto pelo próprio Cristo, que para mais arraigar a nossa fé, e o nosso entusiasmo nos destinos do Brasil, providencialmente colocou no céu brasileiro a cruz de estrela, o Cruzeiro do Sul, como amparo divino às realizações do nosso povo, quando essas realizações forem para defesa da sua Igreja (JLCJMJ, dez, 1937.p.6).

Na época desse discurso, o pontífice não era mais Leão XIII, mas o Pio XI, contudo, é possível ler a preocupação dos liguistas em continuarem o trabalho de levar o homem para a prática religiosa. Desta vez, lemos que um caminho para isso seria através da Ação Católica no Brasil, ou seja, a participação do leigo em grupos religiosos, agora oficializado pela encíclica

de Pio XI, *Ubi arcano Dei Consilio*, de 1922 (CALDEIRA, 2009.p.97).

Assim, lemos nomes de grupos que estavam dentro desse movimento, como vicentinos, marianos, terceiros e mesmo o esforço dos próprios sacerdotes. Em uma edição anterior, de setembro de 1925, lemos ainda os nomes dos grupos União dos Moços Católicos, Escoteiros Católicos e associações de ex-alunos de colégios católicos como salesianos, jesuítas. Destacando a Liga Católica, a matéria vai dizer que

A Liga Católica sempre tem compreendido a importância da salvação da mocidade e sempre tem reconhecido como sócios não somente chefes de família, mas também os jovens desde que passaram dos anos da meninice. A Liga oferece aos moços os recursos espirituais necessários para se conservarem no bom caminho: a frequência dos Sacramentos, as reuniões, as boas leituras, a convivência com sócios virtuosos, a oração. O jovem que aproveita bem estes meios, certamente há de vencer os perigos que o ameaçam e ser sempre puro e virtuoso (JLCJM, set, 1925.p.1).

Neste início de século, a Liga Católica reunia homens e carregava consigo um caráter precisamente religioso. Pouco depois, em 1909, surge em Belo Horizonte outro grupo masculino, porém mais preocupado com a dimensão social, chamado de União Popular. Esse surgiu com inspirações em grupos alemães e também teve apoio da Igreja Católica, neste caso, a adesão do bispo de Mariana, dom Silvério Gomes Pimenta. Entre os vários objetivos desta entidade, destacava-se a arregimentação da mocidade, o respeito ao descanso dominical, a assistência aos tuberculosos, a preocupação com a moralidade e a causa da boa imprensa. Também se fizeram favoráveis ao ensino religioso nas escolas públicas de Minas Gerais e organizaram os primeiros congressos católicos mineiros (AZZI, 2000.p. 254 e 255).

A União dos Moços Católicos surgiu como uma espécie de desdobramento da União Popular. Fundada no ano de 1915, trouxe como principal finalidade tornar-se “uma barreira à corrupção dos bons costumes e à perda de fé”. O grupo ganhou a adesão dos universitários católicos. Esta primeira fundação também foi acompanhada de perto pelos redentoristas, que os orientavam religiosamente. As principais metas da formação diziam respeito a

Reunir a mocidade católica para orientá-la nos seus princípios cristãos e sociais e encaminhá-la na estrada do verdadeiro civismo; propagar a religião católica e defendê-la em qualquer oportunidade; auxiliar as obras católicas e sociais, principalmente destinadas à mocidade (AZZI, 2000. p.255).



Imagem 10 - “Lembrança da ‘União dos Moços Católicos’ de Belo Horizonte. Outubro de 1918”.

Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.

Esta imagem traz uma representação de como era formada a União dos Moços Católicos, neste caso, na cidade de Belo Horizonte, três anos após a sua fundação na capital mineira. Se compararmos a fotografia com as outras já apresentadas da Liga Católica, poderemos constatar uma homogeneização, em termos de faixa etária. Aparentemente, também há uma similaridade de classe social e o fato de todos serem brancos. Nesses termos, o grupo se diferencia consideravelmente da Liga Católica.

Azzi vai dizer que a U.M.C. de Juiz de Fora se apegava a duas frentes, sendo uma a preocupação de tentar melhorar o nível cultural dos jovens, para que esses se atentassem aos problemas sociais, seguindo, é claro, os preceitos cristãos. Isso aconteceria através de formação teórica com reuniões semanais, tendo um sacerdote por perto. O outro desdobramento seria que esses jovens assumissem algum compromisso em benefício da própria comunidade local (AZZI, 2000.p.260).

Neste sentido, lemos nos estatutos da União de Moços Católicos sobre seu lema ser “Deus e Pátria”, sendo a leitura de Deus segundo a concepção da Igreja Católica Apostólica Romana. A finalidade do grupo seria a de agrupar a “mocidade católica” no sentido de ensiná-la o caminho “correto” para o civismo e para a propagação da religião católica. Os estatutos previam, além das reuniões, a manutenção de cursos, bibliotecas, jornais e revistas, para melhor instruir esses moços. Eles deveriam se divertir, desde que as ações fossem lícitas, e

recomendava-se não misturar os pensamentos do grupo com a política (ESTATUTOS DA UMC, 1924.p.3).

Como no caso da Liga Católica, os estatutos da U.M.C. previam a identificação dos sócios perante os não sócios, através de distintivo que deveria ser afixado na lapela do paletó, e de uso obrigatório havia ainda o diploma de admissão e a caderneta de identidade (ESTATUTOS DA UMC, 1924.p.3). A U.M.C. de Juiz de Fora escreveu uma carta para os moços da cidade, possivelmente entre a década de 1920 e 1930, momento em que se encontravam os documentos pesquisados, em que constava que:

O moço do século XX tem uma verdadeira sede de TOTALIDADE. [...] O moço moderno, como tu, vive a plenitude da vida no seu tempo. E essa plenitude de vida pede, exige, com a força das leis naturais, um conceito TOTAL de existência. É da tua estrutura de moço de hoje sentir teu espírito esta busca da TOTALIDADE. Já não suportas mais o conceito parcial da vida que te oferece o LAICISMO e o LIBERALISMO. [...] Queres e TENS o DIREITO de querer uma vida familiar, que a vida pedagógica, que a vida econômica e que a vida política se totalizam na decorrência de um conceito único de DEUS, do HOMEM e do MUNDO” (CARTA ABERTA À MOCIDADE CATÓLICA DE JUIZ DE FORA, s/d).

O texto da carta busca se aproximar do jovem contemporâneo, falando sobre seus interesses e anseios. Entretanto, os alertas sobre os perigos dos tempos modernos, em que se encontram as ideias de laicidade e de liberalismo. A carta vai deixar a entender, então, que os sonhos devem ser realizados, mas com a participação no meio religioso.

Assim, a Igreja Católica ganhava a conotação de um poderoso sustentáculo da ordem social; afinal de contas, prescrevia a seus fiéis a obediência irrestrita às autoridades, conferindo-lhes uma verdadeira missão divina. Deste modo, o discurso católico caminhava em sintonia com o crescente movimento em favor de estados autoritários e totalitários, que acabaram se firmando na década de 1930. Retornando aos grupos em emergência, a União Dos Moços Católicos, até a década de 1920, trazia em seus estatutos a proibição de intromissão em questões políticas nas atividades da associação. Porém, concomitantemente, advertia sobre a necessidade de formar homens patriotas que compreendam com exatidão os seus deveres católicos e de cidadãos brasileiros (AZZI, 2000. p.252 a 259 e 293). Tais ideias eram expressas, por exemplo, no hino oficial do grupo:

Unamos, pois, ó mocidade crente
A Igreja e a Pátria num abraço estreito
Façamos, ó moços, que o Brasil amado
Adore sempre esse florão sagrado
A Cruz de estrelas que nos honra o peito
(AZZI, 2000. p.259)

Sobre a Liga Católica, padre Goovers escreveu, na biografia de Henrique Belletable,

que antes do Concílio Vaticano II, no Brasil, havia cerca de trezentos mil homens afiliados à associação. Após o concílio, apesar dos esforços, a Liga Católica perdeu força em muitas cidades e em algumas chegou a ser extinta. Sua justificativa para isso seria a “crise de fé que grassou no mundo pós-concílio, por causa, justamente, da falta de compreensão das intenções do concílio em muitos católicos e das transformações que se deram na Igreja” (GROOVER, 2010. p. 68).

Lino Mendes da Cunha, conselheiro da Liga Primária de Santo Afonso no Rio de Janeiro, em um discurso redigido na edição de março de 1957 e proferido em ocasião da comemoração do centenário de morte de Belletable, diz que,

[...] para solenizarmos um século de grandes realizações e de relevantes frutos na vida cristã dos homens, e, em consequência, na família, que assombra da bandeira liguista, e da orientação fecunda dos Revmos. Padres Redentoristas, se aprimoram cada vez mais, enfim para levantarmos a nossa voz e o nosso pensamento ao grande apóstolo fundador da Liga Católica Jesus Maria José [...]. Estabelecendo um paralelo entre a vida do século XIX e a vida atual do século XX, notaremos uma diferença de grandes proporções relacionadas com o progresso substancial que o nosso século nos oferece em todos os setores da ciência humana" (JLCJMJ, mar, 1957.p. 2).

O orador descreve o contexto de fundação da Liga Católica pelo capitão Belletable e descreve o contexto vivido pelos liguistas, deixando transparecer receio com o progresso em que se encontram, quando comparados ao momento de Belletable. Dando continuidade a seu discurso, Cunha vai dizer que os meados do século XIX eram um período “mais pacato”, apesar da permanência de alguns erros, ao seu ver, como a indiferença religiosa, em que as famílias que educam seus filhos segundo os preceitos cristãos, mas quando eles chegam à adolescência, por vezes abandonam esses princípios e acabam se entregando aos vícios e se esquecendo dos deveres para com Deus.

Dando continuidade, Lino cunha diz que o próprio "Henrique Belletable não fugiu à regra" e também se desviou da religião durante uma fase de sua vida. No entanto, continua dizendo que a conversão do Belletable mostra que os demais homens também podem se salvar. Continuando o discurso na página 6 do jornal, explica que

A confiança que eu tenho na misericórdia divina é aquela mesma confiança que guiou os passos de Henrique Belletable para a sua recuperação, e que todos nós devemos estar, para nos apresentarmos perante Deus, certos de que como Liguistas, como homens, como chefes de família, soubemos imitar o verdadeiro exemplo do Fundador da Liga Católica, tornando-nos elementos úteis a nós mesmos, aos que nos pertencem, à sociedade, à pátria e à Igreja de Deus" (JLCJMJ, mar, 1957.p. 6).

Logo, fica a impressão de que um caminho rápido e seguro para encontrar a conversão à prática religiosa estava no seio das associações. Elas eram importantes para a Ação Católica,

sobretudo para aproximar o homem desse meio. Seria uma possibilidade de o homem se enturmar com outros, com experiências religiosas parecidas, uma oportunidade de lhes dar protagonismo, no caso que estamos lendo aqui, sobretudo quando esse grupo não era misto, mas apenas masculino e era uma forma de formar esses homens segundo a doutrina da igreja Católica. Para isso, era importante frequentar as missas, as reuniões e adquirir “bons” jornais.

6.1.3 - A INSTRUÇÃO DO HOMEM CATÓLICO

Era preciso instruir os homens, para que eles tomassem consciência da importância da religião em suas vidas. Porém, mais do que isso, era importante que essa instrução os orientasse para que fossem bons chefes de família, que procedessem com o respeito à pátria, adotassem os bons costumes nas suas vidas e se mantivessem afastados dos inimigos. O diretor geral da Liga Católica, pe. Adriano Wiegant, teve uma pregação comentada no jornal da Liga Católica, na edição de novembro de 1927, em que dizia:

O verdadeiro caráter da Santidade Cristã, a qual consiste no amor de Deus e na conformidade da nossa vontade com a de Deus e a observância leal e perseverante das leis divinas aplicadas ao estado de vida de cada um; chama particularmente a atenção às dificuldades especiais, que o *homem* encontra na prática da virtude e cumprimento fiel dos seus deveres. Sendo o fato incontestável, o conferencista analisa as causas do mesmo, que aponta *a falta de uma instrução básica religiosa no tempo da meninice e mocidade às forças das paixões e à influência nefasta do meio social em que vive o homem*. A educação da mulher em via de regra é mais esmerada e mais decididamente religiosa que a do homem [...] e daí mais tarde entre os homens aquela falta de compreensão nítida da religião e a prática da virtude; a causa que, que as paixões consideram a religião como uma barreira, que as incomoda, sendo de notar, que elas são no homem mais fortes que na mulher; a maioria dos maus ou a minoria audaz dos mesmos, que zombam da religião e dos seus preceitos, faz com que seja muito grande o número daqueles que se tornam vítimas do respeito humano. Depois destas considerações, o conferencista passou a demonstrar que o fim da Liga é justamente ajudar aos homens de boa vontade na luta pelo cumprimento dos seus deveres tomados e para eles *uma escola de instrução, uma fonte de graças e um contrapeso contra a influência do século*. [...] Quanto às graças divinas indispensáveis contra a corrente das paixões, a Liga fez dos associados homens de oração e de sacramento [...] e contra a influência do respeito humano a Liga une os bons, os quais já não se sentem mais sós, mas acompanhados. Rezam juntos, cantam juntos, assistem juntos aos atos religiosos, romarias, procissões etc. [A ideia era ensinar aos homens] como deverão defender os mais sagrados direitos da família contra os inimigos do paganismo moderno - e como eles mesmos deveriam organizar, manter e guardar a sua própria família para ser uma família verdadeiramente cristã (JLCJM, nov, 1927.p.6).

A crítica dos sacerdotes redentoristas sempre recaía na falta de comprometimento do homem com a religião, justificando, por vezes, a falta de instrução. Trabalha-se a ideia de que

o homem entra em contato com os aspectos mundanos, com o secularismo, com a modernidade e com o liberalismo, e isso acaba fazendo sua cabeça, afastando-o da religião. Portanto, o meio vai corromper o espírito religioso do homem. Fica a impressão de que a religião é vítima desses novos tempos. E isso não acontece tanto com as mulheres, pois, segundo o texto, a educação delas é mais “esmerada”, ou seja, mais correta, aprimorada, por isso, a mulher se mantém próxima à religião. É para corrigir esses erros, cometidos pelo homem, que a Liga Católica atua, para instruí-los, para seguir no caminho que eles julgam ser o correto.

Na edição do jornal da Liga Católica, em julho de 1925, o pe. João Batista Smits, Diretor Geral da Liga disse que,

Todos esses homens que têm a mesma aspiração, praticam os mesmos atos de piedade, são sócios da mesma coligação da qual vêm os mesmos preciosos benefícios espirituais: estes homens, digo, não podem ficar estranhos uns aos outros, antes devem sentir-se unidos por laços especiais, devem considerar-se como irmãos e estimar-se como tal. Nestas condições, porém, certamente se interessam uns pelos outros, terão viva satisfação em receber notícias dos outros, da vida e do trabalho das outras Ligas, e, geralmente, de tudo quanto se refere à Liga e ao seu desenvolvimento (JLCJM, jul, 1925.p.1).

O grupo, então, tenta padronizar a conduta dos seus sócios, conduzindo-os a tomar a religião como o foco da orientação e transformá-los em confrades que se respeitam, que dialogam entre si. Internamente, isso seria mais prático, pois mensalmente eles se encontram para reuniões. Contudo, a ideia é que todos os sócios, de todas as Ligas Católicas, se comuniquem. Como fazer isso? Era costume a realização de algumas romarias; no primeiro volume do Livro Histórico da Liga, encontramos relatos de romarias que juntavam liguistas de várias Ligas Católicas e seguiam para Congonhas, Curvelo, Aparecida e outras cidades (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA, 1902). Essa era uma oportunidade de reuni-los e ampliar esse sentimento de pertencimento ao grupo, de tentar demonstrar a grandiosidade do grupo, em que homens de várias cidades diferentes se reúnem com os mesmos propósitos, se encontram pela Liga Católica, pela Sagrada Família, pela prática religiosa.

Outro modo de aproximar esses liguistas foi concretizado em meados da década de 1920. Desde os primórdios da Liga, permeia a ideia de afastar o homem dos perigos mundanos, que os atrapalham na religião e na sua atuação dentro da família. Esses perigos podem ser lidos como o excesso de trabalho, os vícios, mas também as leituras consideradas ruins. Essa preocupação com as leituras, anterior à fundação do grupo, aparece na biografia sobre Henrique Belletable. Nela, há o relato de um vigário de Ardenas, que escreveu, em 1843, o seguinte:

Em nosso cantão, exceto os sacerdotes, que leem os dois jornais católicos, todo mundo lê os maus jornais: Le Globe, L’Observateur, Le Journal de Liège, La Tribune, L’Eclairer, etc. São vendidos a preço baixo; o mal que causaram

é enorme. O camponês não esclarecido diz: “Está escrito no jornal”; para ele, tudo que está impresso é considerado evangelho (GROOVER, 2010. p. 27 a 30).

Além dos livros, os jornais também eram uma preocupação. Eles faziam circular, de modo mais rápido e simples, ensinamentos e ideias considerados errados pela igreja daquele tempo, como ideias liberais, comunistas, seculares. Pelo fato de a igreja não conseguir administrar todo o conteúdo produzido nesses jornais, por vezes ela o considerava como ruins e, para fazer frente a eles produzia os jornais católicos. Porém, pela leitura do trecho acima, parece que com um nível de circulação menor.

A preocupação com a leitura de jornais considerados errados foi importada para a Liga Católica do Brasil. Nos documentos produzidos pelo grupo, era comum encontrar falas para que os sócios não se aproximassem dos jornais considerados errados e que adotassem a leitura de jornais aprovados e/ou produzidos pela própria igreja. Em novembro de 1925, encontramos no jornal da Liga que os

Problemas que um pai de família enfrenta no final de ano, renovar assinaturas de jornais e revistas (mas esses periódicos contribuem para a religião no seu lar? Ou atacam a religião, esse é o momento de ponderar a situação). Os filhos que estão em casa de férias não devem aprender coisas que os desencaminham, por isso devem se afastar de companhias perigosas, a vigilância é um dos deveres principais dos progenitores e, quanto mais óbvios são os perigos, tanto maior deve ser o cuidado dos pais. É importante que os pais tomem consciência do colégio que vão matricular seus filhos no ano seguinte, a primeira pergunta deve ser: em que escola a religião de meus filhos não corre perigo? Em que escola recebem eles mesmo instrução religiosa? Nunca um pai pode confiar seus filhos a escolas protestantes, espíritas ou hostis à religião (JLCJM, nov, 1925.p.1).

Mais uma vez vemos a preocupação com as leituras, dessa vez voltadas especificamente para a formação dos filhos. Diz-se que o pai deve se atentar para a assinatura de jornais que não são prejudiciais à fé e que inclusive deve haver a preocupação com a escola em que os filhos vão estudar. Com o advento da República, escolas confessionais não católicas passam a ser permitidas no país e elas são consideradas inadequadas pelo autor. No final da sua fala, podemos compreender que esses “inimigos” da religião nem mesmo são compreendidos como pertencentes a uma religião. Logo, a compreensão é de que apenas os católicos pertencem a uma religião, como costumam dizer, a verdadeira religião.

Pela facilidade, pelo valor e pelo contato, o jornal passa a ser cada vez mais incentivado por esses homens, que vislumbram nele uma possibilidade de instrução daqueles que antes estavam afastados da prática religiosa e que, agora, participando das reuniões da Liga Católica, têm espaço para falar e fazer a leitura de jornais “corretos” pode embasar melhor os seus

discursos. Nesse sentido, o pe. João Batista Smits falou, em dezembro de 1926, sobre a importância de se ler jornal, como um hábito. Contudo, ele alerta sobre o cuidado que se deve ter com os “maus jornais”, os que atacam a religião, os que falam da religião com ar de deboche.

Se o jornal gosta de atacar os sacerdotes, de transcrever a calúnia contra eles levantada, de tentar desmoralizá-los por insinuações pérfidas, ele é mau, não o assinem. Se o jornal gosta de reprisar escândalos ou ofender a moral em seus contos e em suas descrições, se defende o divórcio, ele é mau, não o assinem. Se o jornal sempre ataca as autoridades em termos descabidos, se quer levantar o povo a revoltar-se, se aplaude e prega desordem e anarquia, ele é mau, não o assinem (JLCJMJ, dez, 1926.p.1).

Fica, então, o apelo para que se assinem jornais católicos e que se afastem dos jornais que atacam os sacerdotes e a igreja. Aqueles que gostam de reproduzir horror, que podem ultrajar a moral devem ser evitados, assim como os que incitam o levante contra autoridades. A fala fica generalizada, não se diz claramente o que seria considerado amoral ou desordem, quem seriam as autoridades, a fala que fica mais direcionada é sobre o ataque aos religiosos e os que divulgam o divórcio, e isso deveria ser repudiado por esses liguistas.

Portanto, a Liga Católica vem com esse propósito formativo do homem cristão. Quer que esse pai de família não só siga a religião de modo adequado, como também seja instruído segundo os seus ideais. No primeiro volume do Livro Histórico da Liga, junto aos relatos de 1910, há um recorte do jornal “Universo”, no qual consta que, entre os meios para a Liga Católica atingir seus fins, deve incentivar:

A confissão e a comunhão; assídua assistência às reuniões; prudentes conselhos e exortação à prática da religião; propagar leituras católicas; promover por meio de presentes e frequência de meninos as aulas de catecismo, etc. [...] evitando as seitas condenadas pela Igreja, as más companhias, as leituras imorais, os jornais anti-católicos, os divertimentos ilícitos e perniciosos à religião e à sociedade” (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA I, 1902.p. 14).

Fica evidente a condução desses homens para a prática dos sacramentos da igreja, para a participação das reuniões da Liga, onde eles seriam formados junto com as leituras, e fala-se também dos inimigos da religião, sendo as “seitas condenadas pela igreja” qualquer grupo que não seja católico e as leituras, companhias e divertimentos que são contrários à religião. Nesse momento, a Liga Católica não possuía um jornal oficial próprio, assim, faz algumas recomendações, como no ano de 1914, em que o jornal recomendado para a leitura até então, o “Amigo do Lar”, teria encerrado as suas atividades, entretanto passaram a indicar a assinatura do jornal “Mensageiro da Fé”, logo a ideia é que sempre houvesse a leitura de periódicos, porém dos considerados “bons” (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA, 1902.p. 33).

Somente em julho de 1925 passou a ser editado o Jornal da Liga Católica Jesus, Maria,

José, o qual tem circulação até os dias de hoje. No primeiro livro de “Atas das reuniões do conselho e diretoria da Liga Católica”, consta nos relatos do mês de agosto de 1925 que, durante a reunião dos liguistas da igreja da Glória, foi apresentado o primeiro número do órgão oficial das Ligas Católicas JMJ. E, para fazer conhecer o novo jornal e propagar a Liga, o diretor distribuiu entre os homens os exemplares desse primeiro número e, no final dos informes, o diretor pe. Alberto Pasterloup assinou a ata da reunião (LIVRO I Atas das reuniões, 1925.p.2).

A partir de então, aparecerá nas atas, nos discursos, nas cartas e no próprio jornal da Liga uma campanha para que se assine e divulgue o jornal oficial do grupo. No primeiro Livro Histórico da Liga, consta, em maio de 1927, que o diretor recomendava aos sócios a propagação do jornal da Liga, assim como continuava incentivando a leitura de outros jornais católicos. Em Juiz de Fora, por exemplo, ele sugeria a leitura do jornal “Lampadário”, que era editado pela diocese local (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA I). Isto posto, fica claro que o importante para o grupo era que se mantivesse a leitura de “bons” jornais.

Nos dois primeiros anos de edição do jornal, havia um cabeçalho bem simples, em que constava, na parte superior, o ano de funcionamento do periódico, o local em que ele era rodado - “Aparecida do Norte”-, a data de publicação, o número de edição. Embaixo, constava o nome do jornal, “Liga Catholica Jesus Maria José: orgam official das Ligas Catholicas Jesus Maria José do Brasil”³¹. Na sequência, constava que a publicação era aprovada pelas autoridades eclesiásticas e havia o nome do redator, pe. João Batista Smits.

Na edição de outubro de 1927, esse cabeçalho se modificou. No centro, há uma imagem de José, com um machado na mão, dando a impressão de estar cortando lenha, ao seu redor, há peças de madeira, passando a impressão de seu ofício, carpinteiro. Ele está do lado de fora de uma construção, que possivelmente é a sua casa. Jesus o está ajudando, com um feixe de madeira nas mãos, subindo uma escada em direção à casa e indo ao encontro de Maria, que está dentro dessa casa recebendo-o e pegando as madeiras. No interior da casa, ainda, é possível ver uma espécie de fonalha, do fogão a lenha. Essa imagem é ladeada por dois desenhos, à esquerda constam as iniciais JMJ, indicando os nomes Jesus, Maria e José, e ainda consta uma rosa. Enquanto do lado direito há um lírio que, como já dissemos, pode estar simbolizando José.

A imagem, ao mesmo tempo que passa a impressão de uma família, simples e comum, realizando tarefas cotidianas, deixa transparecer que essa não é uma família qualquer, mas a Sagrada Família, pois seus membros possuem em torno da cabeça uma auréola, simbolizando

³¹ Mantivemos a grafia que constava no jornal, mas que hoje leríamos “Aparecida” (SP), “Liga Católica Jesus Maria José: órgão oficial das Ligas Católicas Jesus Maria José do Brasil”.

a santidade de José e de Maria e a divindade de Jesus, ainda menino. Fica a impressão de José ser o provedor, aquele que está fora, trabalhando, enquanto Maria está em casa, cuidando dos afazeres de casa, esperando por Jesus, que, mesmo sendo divino, auxilia seus pais na Terra.

Além da inserção dessa imagem, o cabeçalho, que agora é mais ornamentado, com uma corda estilizada, também indica que o redator é o pe. Estevam Maria, consta um diretor, pe. Valentim Mooser, e aparece o valor da assinatura anual, que é de dois mil réis (2\$000).

Normalmente, essas modificações na estrutura dos jornais, mesmo a inclusão do diretor e a troca de redator, não eram informadas em texto, mas passavam a constar no cabeçalho. A partir de novembro de 1927, o jornal deixa de ter quatro páginas e passa a ter oito, sendo que a última página trazia propagandas. Aparecem, por vezes, divulgação de remédios, livros relacionados a assuntos católicos e eventos.

Na década de 1940, a imagem do cabeçalho ganha dimensões maiores e mais destaque na parte superior do impresso. O desenho, como se vê abaixo, traz ao centro a Sagrada Família, podendo-se perceber essa informação mais uma vez pela auréola em volta da cabeça de José, Jesus e Maria. José, à esquerda, está serrando uma madeira, ligando-o à ideia de carpinteiro; Jesus, à direita e ajoelhado, auxilia-o, olhando atentamente para seu pai; enquanto Maria está próxima a Jesus olhando serenamente para ele, acompanha e ajuda a execução do serviço. Ao fundo, há algumas construções e árvores; a Sagrada Família não está no plano mais baixo da representação, mas em uma espécie de plataforma; mais à frente do desenho, encontramos dois anjos, um menino e uma menina; esses sim estão em um plano abaixo da família. Os anjos apresentam a Sagrada Família para essas crianças, e o menino, inclusive, se ajoelha na escada que leva à plataforma, como se estivesse orando para Jesus, Maria e José.



Imagem 11 - Jornal da Liga Católica Jesus Maria José agosto de 1942, p.1.

Torna-se recorrente o incentivo dos que escrevem no jornal, inclusive do Diretor Geral da Liga Católica, para que os sócios assinem e divulguem o jornal. Seria através dele que os sócios poderiam acompanhar o que estava acontecendo nas outras Ligas Católicas, espalhadas pelo Brasil, conhecer mais sobre a história do grupo e do seu fundador, receber instruções de como agir de modo correto perante a religião e a sociedade, ler casos de conversão, saber de notícias da igreja, ler cartas escritas por bispos e pelo papa. Na abertura do jornal, em julho de 1925, o Diretor Geral, pe. João Batista Smits, disse sobre o jornal, “todos o apoiarão, como um amigo que vem trazer-lhes notícias de irmãos longínquos e que vêm animá-los e confortá-los na luta da vida, na luta pela santa causa da Religião” (JLCJMJ, jul, 1925.p.1). Portanto, ficou explícito que a causa do jornal é a religião.

Apesar de não constar o número de tiragem, pelo menos até meados do século XX, era costume dizer sobre o crescimento do jornal e incentivar que se divulgasse mais, para alcançar ainda mais assinaturas (JLCJMJ, set, 1927.p.3). Em agosto de 1926 e janeiro de 1927, apareceu o apelo para doação do jornal também:

Não rasgueis vossos jornais - que fazeis dos jornais católicos? Ides inutilizando-os ou atirando a um canto? Oh! Não façaes isso! Empréstais-os ou dai-os a outras pessoas para ler. Mandai-os para famílias conhecidas, que moram fora da cidade, nos sítios, nas roças, onde talvez, raras vezes, recebem um jornal bom e que por serem pobres não podem tomar uma assinatura. Deus voz pagará (JLCJMJ, ago, 1926.p.4).

O próprio jornal sugere que seus assinantes façam os jornais católicos circularem entre

outras famílias, se possível entre as famílias que estão mais distantes. Não consta em palavras, mas dá a entender que esses jornais eram mais acessados nos centros urbanos, e, para acessar as áreas rurais mais distantes, esses próprios assinantes poderiam agir como arautos e compartilhar os jornais já lidos. Em janeiro de 1927, o texto vai falar sobre pedir, para que donos de estabelecimentos disponibilizem jornais católicos para seus clientes (JLCJMJ, já, 1927.p.2).

O incentivo à leitura poderia vir também em formato de histórias, como em abril de 1927, em que lemos um texto intitulado “bons livros”, cujo relato fala sobre um marido que aguardava impacientemente a mulher terminar o jantar e acabou sendo rude com ela. No entanto, essa mulher, de modo muito sereno, não o afronta. O marido, nervoso, joga um livro no chão; porém repara na página aberta, resolve ler e se esquece do jantar. A mulher complacentemente se alegra com a situação e passa a orar, pedindo a conversão do marido. O texto explica que esse é o resultado da boa leitura. O texto era o seguinte:

Um rico negociante voltou um dia do negócio mais cedo que de costume e queria jantar porque estava com fome. Mas o jantar ainda não estava pronto e, como ele já estivesse mesmo de mau humor, começou a enfurecer-se e a gritar. Sua mulher respondeu-lhe com brandura, pediu que tivesse um pouco de paciência, que se distraísse com alguma leitura, e ofereceu-lhe uma "vida de santos". Ele, ainda mais irritado, arrancou-lhe o livro das mãos, atirou-o ao chão e prorrompeu em frases injuriosas. A mulher tirou-se, calada, para ocupar-se com o jantar. Então o negociante também se envergonhou de sua violência, abriu o livro ao acaso e pôs-se a ler. Contava naquela página a admirável conversão de Maria do Egito que, por longos anos de penitência de grande pecadora, tornou-se muito virtuosa. Enquanto lia, passou seu mau-humor e deu lugar a pensamentos piedosos. Lembrou-se que em sua vida também havia muita coisa a ser mudada, que em seu negócio nem tudo era bem-feito, que amontoava o trigo para forçar a alta do preço e outros negócios menos lícitos. Entretanto, veio a mulher e disse que o jantar estava pronto. Espera um pouco, respondeu ele, até que eu acabe de ler esta história. Com todo o gosto, replicou ela contente pela mudança do marido e, no quarto com ele, pediu de joelhos por sua conversão. E a semente que a boa leitura lançou, desenvolveu-se otimamente, o negociante tornou-se muito piedoso e a Igreja o venera como santo, é São João (Jean) Colombini. Quanto bem faz a boa leitura e quanto bem fazem aos outros os que propagam bons livros e jornais católicos. Não poderás, caro leitor, dar ou emprestar bons livros aos outros? Não poderás ganhar novos assinantes aos jornais católicos e emprestar a outros, depois de lido o teu jornal? (JLCJMJ, abr, 1927).

Nessa história, podemos observar o formato de família esperado pelo grupo, aquele cujo homem trabalha fora e a mulher cuida do lar. Por vezes, o homem se irrita, se estressa, mas é importante que a mulher não prossiga com as agressões, será um modo de o próprio homem cair em si e perceber que está errado, isso trará a harmonia de volta ao lar. Neste caso, a leitura sobre assuntos do meio religioso serviu como condutora para a conversão do chefe de família,

junto à oração de sua esposa. Logo, o texto vai pedir aos leitores que ajudem a fazer circular livros e jornais católicos para mais conversões.

Na edição de julho de 1926, um texto vai refletir sobre as coisas que os filhos andam lendo e instruir os pais, para que acompanhem as leituras, para que os filhos não leiam coisas que “possam ferir suas almas”.

O que leem vossos filhos? Esta pergunta não se faz com muita frequência, ela até parece supérflua, especialmente quando o filho se julga mais letrado do que o pai e a filha mais sábia que a mãe, por que fizeram um pouco de estudo. [...] é grande falta de providência da mãe que não desconfia dos livros que os filhos trazem para casa, às vezes ocultamente e escondendo-os com grande cuidado (JLCJM, jul, 1926.p.3).

Os pais precisam vigiar as leituras dos filhos, pois as companhias e os espaços fora de casa podem induzi-los a ler coisas “erradas”. A carga dessa função acaba sendo mais pesada para a mãe, pois ela está mais tempo em casa, logo deve se atentar para as coisas que estão entrando no lar. Curioso que não se chama a atenção para a possibilidade de o filho afrontar a mãe, e de a filha afrontar o pai, como se os filhos tecessem mais contatos com o pai e a filha com a mãe. Por fim, chama a atenção a questão da fala em que os filhos por vezes são mais letrados do que os pais. Isso nos fez refletir sobre quem era alfabetizado no Brasil nesse período.

Consultando os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebemos que a população no Brasil em 1920 era de 30.635.605 habitantes, desses, 75,5% declaravam não saber ler nem escrever. Não encontramos para esse ano a relação de habitantes por religião (CENSO, 1920). Avançando para o ano de 1940, a população sobe para 41.236.315 habitantes, sendo que, desses, 51,6% declaravam não saber ler e escrever. Nesse contexto, 95% da população se declarava católica (CENSO, 1940).

Ou seja, até meados do século XX, mais de 50% da população não sabia nem ler e nem escrever e mais de 90% se declaravam pertencentes à religião católica. Esses dois dados nos chamam a atenção, pois insistiam bastante para que os sócios realizassem a assinatura do jornal e que, após lido, que os compartilhassem, para que mais pessoas os acessassem. Contudo, toda essa preocupação com a leitura, com o contato com textos perigosos, pelo que podemos perceber, era para o acesso de menos da metade da população. Isso nos faz pensar sobre quem seria o público participante desse grupo. Aqueles que iriam se dispor a pagar a contribuição mensal mais a assinatura anual do jornal – não dizendo que fossem valores exorbitantes, a questão é só refletir, sem ter a pretensão de chegar a uma conclusão, de quem destinaria orçamento para isto. Inclusive, em novembro de 1927, há um texto assinado pelas iniciais E.M. que poderia fazer uma alusão ao diretor do jornal, pe. Estevam Maria, que pede mais assinaturas

do jornal, pois o seu valor não é tão caro. Justifica-se que, com mais assinantes, o jornal poderia ganhar elementos estéticos mais bonitos, disso "é quase gratuito, pois há maços de cigarros em que cada um custa mais que isto" (JLCJMJ, nov, 1927.p.2).

O outro ponto é, como já citamos e como veremos mais exemplos adiante, a preocupação que os textos traziam a respeito do contato com outras crenças religiosas, como espíritas e protestantes, sendo que o número de católicos era a grande maioria da população. Por que tamanha preocupação?

Imagina-se que a tiragem desses jornais fosse baixa e a expectativa seria de poder aumentá-la cada vez mais, daí a persistência. Normalmente, os jornais eram usados durante a reunião, para que os sócios soubessem o que estava acontecendo nas demais ligas e para que pudessem usar os textos como base e reflexão das discussões. Não havia uma regra escrita, que exigisse sócios alfabetizados, entretanto, as instruções sobre as reuniões diziam sobre todos os sócios participarem das leituras, discussões, orações e canções, desde modo, por isso o grupo era dividido em sessão, para que todos tivessem a oportunidade de participar. Logo, esperava-se que os sócios tivessem algum grau de instrução. Não havia uma contagem exata do número de sócios pelo Brasil, mas, segundo os dados encontrados, é possível que, na década de 1930, houvesse mais de 120.000 liguistas espalhados pelo Brasil. A ideia era mantê-los unidos no grupo e trazer novos membros, sendo o jornal um caminho para isto.

A respeito da luta contra os "inimigos", percebemos que as religiões que passavam a ter mais liberdade de expressão pública após a Proclamação da República aguçavam a curiosidade das pessoas que, até então, tinham o catolicismo como a religião oficial e aceita no meio público. O receio era que os homens, que já não praticavam a religião, tivessem curiosidade e passassem a frequentar essas outras religiões ou que os que frequentavam a igreja tivessem curiosidade em relação a outras formas de religião. Por isso, essas eram tratadas como perigosas, chamavam-nas de seitas, na tentativa de diminuí-las.

Para convencer os homens a seguirem a religião correta, os jornais por vezes os instruíam como orar, como fazer o símbolo da cruz ou como comungar, como se lê na edição do mês de março de 1927 (JLCJMJ, mar. 1927.p.2). Na década de 1940, o jornal chegou a ter uma coluna chamada de "Liguista Instruído", que explicava sobre a Igreja, a importância do clero e a sua hierarquia, como o papa e o bispo. Em novembro de 1942, por exemplo, o tema foi o motivo pelo qual se deveria ter respeito e amor pelo padre, uma vez que ele estava mais próximo e orientava o fiel para o caminho correto (JLCJMJ, nov, 1942.p.5).

Mas, disso tudo, o que pudemos reparar é que instruíam o homem, dizia sobre os sacramentos, alertava sobre os inimigos, trazia notícias de outras Ligas e da igreja, mas poucos

textos tratavam diretamente da família ou mesmo citavam a Sagrada Família. Por exemplo, em julho de 1926, saiu um texto informando que,

Conforme declaramos no primeiro número, é o fim deste jornal, ser um meio de animação aos liguistas para conservarem a vida e o fervor de tão bela associação, ser um laço de união entre as diversas ligas, dando-lhes notícias da ação e do movimento das outras, enfim, oferecer aos liguistas leituras e informações proveitosas que os confirmem na vida cristã e os auxiliem na defesa dos princípios cristãos (JLCJMJ, jul, 1926.p.1).

A palavra família, ou a “Sagrada Família”, não consta como um fim do jornal. Dá para compreender a importância que esse meio pretende ter para a instrução do homem e para construção de uma sociabilidade entre este grupo. Até para a elaboração desse vínculo, lemos na edição de março de 1928, na coluna “Prosa com os Liguistas”, o pedido que as sessões das Ligas enviem mais notícias para que o jornal possa publicar (JLCJMJ, mar, 1928.p.1). O homem, após seguir esse caminho, viveria conforme os preceitos cristãos. Deste modo, é a formação “correta” do homem que o levaria a ter uma maior atenção e um cuidado com a sua família.

Em janeiro de 1958, lemos o seguinte texto com o título “Conversa com os pais e futuros pais”:

Os pais dão os seres físico, psicológico e moral aos filhos, tal pai tal filho; os pais é que fazem, de certo modo, os filhos santos, ladrões ou assassinos. Os pais devem dar bons exemplos aos filhos e devem influir mesmo nos filhos. [...] as crianças são como a cera informe: os pais poderão fazer delas o que quiserem. Os pais é que são responsáveis pelas crianças diante de Deus. Pode-se premiar o bom comportamento das crianças, mas não pagar para que elas façam o que lhe é obrigação. Muitas vezes, quando os pais batem, eles é que deveriam apanhar... não souberam educar, a culpa é deles! (LCJMJ, jan, 1958.p.3).

Segundo esse texto, então, os pais é que vão definir o caráter dos seus filhos, se esses serão bons ou ruins para a sociedade. Para que sejam bons, é importante que os pais sejam bons e que deem bons exemplos. Mas, para que esses pais sejam bons, a Liga Católica se esforça para formá-los, para ensiná-los que um bom pai é antes um homem devoto, praticante da fé católica, trabalhador e orante, esse é o modelo ideal de homem cristão. Após concluir esta etapa, ele estará formado para agir de modo correto em seu seio familiar e instruir sua esposa e filhos a serem santos, como a Sagrada Família. Isso pode justificar, por exemplo, o exercício do grupo em trazer jovens para seu meio. Em Juiz de Fora, por exemplo, chegou a ter um grupo de pequenos rapazes, até 16 anos, que se formariam em um grupo dedicado a São Geraldo Majela e que, ao demonstrarem bom comportamento e atingirem idade, poderiam ser admitidos na Liga Católica (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA, 1902).

As edições dos jornais, então, vão corroborar que ser um bom cidadão é ir à missa, comungar, não se viciar, não jogar, evitar excessos de álcool, ser frequente nas reuniões, usar as medalhas no peito, sobretudo nos encontros e procissões. Aprendendo a ser assim, se serviria melhor à pátria e à família. O reforço desta ideia pode ser lido, por exemplo, na edição de maio de 1929, em que encontramos, na coluna “2 dedos de prosa”, que “o único meio de unir os liguistas e de uniformizar a orientação e a ação da liga é obrigar todos os liguistas a assinarem e lerem o jornal” (JLCJMJ, maio, 1929.p.2). Assim, seria possível uniformizar esses bons cidadãos. "Liguistas que somos, na estrita obrigação de propagar a fé católica e difundir os princípios sagrados da santa Igreja, não podemos nos intimidar ante a pavorosa hecatombe moral da mocidade" (JLCJMJ, out, 1930.p.5).

6.2 - HOMENS MILITARIZADOS E EM ALERTA CONTRA OS INIMIGOS

Por ocasião dos 25 anos de fundação da Liga Católica Jesus, Maria, José, no Brasil e no curato de Nossa Senhora da Glória em Juiz de Fora, Pe. Thiago discursa durante as festas de comemoração:

Eu era um dos que mais previam triunfos, via em espírito os sócios da Liga Católica como exército bem formado marchar em préstito religioso pelas ruas deste curato e da linda Juiz de Fora. Isso em abril de 1902. Aos 05 de outubro, do mesmo ano mais de 200 sócios receberam solenemente as insígnias da Liga Católica. Desde então podia se ver neste curato da Glória que em cada procissão um batalhão bem formado de homens, os sócios da Liga Católica, davam brilho desusado aos atos religiosos. Houve naqueles tempos pessoas que não compreendiam o grande alcance deste comparecimento incorporado da Liga Católica em procissões, que procuraram ridicularizá-los, falando em formatura militar. A resposta foi fácil. Também Deus tem o seu exército, os homens verdadeiramente e francamente católicos, e estes soldados de Jesus Cristo seriam menos garbosos do que os militares do mundo? E é o apóstolo das gentes S. Paulo, que cada vez de novo chama os católicos soldados de Jesus Cristo, que devem combater o bom combate, vencer a grande cobardia do mundo que é o respeito humano. [...] O que costuma em nossos dias entravar a vida católica? É o maldito respeito humano, aquela cobardia indigna dum homem de caráter, cobardia dos que se envergonham e se curvam diante dos maus, como se o ser bom fosse vergonha, honra o ser mau. O sócio da Liga Católica não se deixa levar por essa fraqueza baixa: ele se mostra por toda a parte francamente católico; a união faz a força; o mútuo exemplo anima, fortalece, torna vigoroso, indomável; e nesse sentido o curato da Glória deve muito à Liga Católica. [...] O que costuma enfraquecer a vida cristã é a falta de alimento. E este alimento é a oração, e os sócios da Liga rezam mais em suas reuniões, em suas famílias. [...] graças às conferências e às boas leituras conhecem melhor a religião e as suas obrigações (LCJMJ, nov, 1927.p.5).

Pe. Thiago faz o discurso comemorativo dos 25 anos de fundação da Liga Católica no

Brasil e dá um tom de militarização do grupo. Ao longo da sua fala, vários termos utilizados para designar os militares são empregados para explicar a formação dos sócios da Liga Católica, como eles marcham, formam batalhões. Essa disciplina alcança o “brilho religioso” esperado por esse sacerdote, ainda que muitas pessoas na cidade não compreendessem esse movimento e os associassem a uma “formatura militar”. Então, o que aparenta é que parte da população da cidade não entendia essa estrutura e debochava deles, pois a Liga agia como se fosse militarizada, pelas ruas das cidades, durante as procissões. Enquanto uns zombavam, pe. Thiago se mostra orgulhoso e questiona: será que esses “soldados de Jesus Cristo seriam menos garbosos que os militares do mundo?”. Portanto, o padre os coloca em posição de soldados da religião, que são comandados por Jesus e, por isso, coloca-os em pé de igualdade com os militares, digamos, mundanos, que vão proteger um Estado.

A fala do pe. Thiago vai caminhando para essa conquista da prática religiosa, alcançada pelos homens que, antes, por tantas vezes, era trocada pelos vícios, pelo excesso de trabalho ou mesmo pelo descaso. Outro ponto caro alcançado pelo grupo, segundo o redentorista, foi o “respeito humano”, com isso ele quer dizer que esses homens compreenderam que se deve respeitar e amar mais a Deus do que aos humanos. E esses homens alcançaram essas transformações, pois estavam alimentados, mas, aqui, o padre vai dizer que o alimento deles é a oração, assim, eles se habituaram a orar nas reuniões e na família. É só no final do discurso que aparece a palavra família, assim mesmo, aparece como um lugar que o homem passa a usar para realizar suas orações. Compreendemos, então, que a Liga Católica estava elaborando um modelo de homem cristão ideal, que, ao se formar, ao se encaixar nesse modelo, colocaria em prática suas novas atitudes no seu lar, na sua família.



Imagem 12 - Comemoração do Jubileu de Prata da Liga Católica Jesus Maria José no Brasil. Igreja Nossa Senhora da Glória. Juiz de Fora (MG). Fonte: Arquivo da Província do Rio.

Acima, vemos uma foto tirada durante as comemorações dos 25 anos de fundação da Liga Católica Jesus, Maria, José, no Brasil. Os liguistas estão na frente da igreja Nossa Senhora da Glória, em Juiz de Fora. Na primeira fileira, vemos o pe. Alberto Pasterloup. Os homens se encontram enfileirados, vestidos de terno. Nas laterais, consegue-se perceber a presença de homens mais jovens e, ao fundo, vemos os estandartes das sessões de Juiz de Fora. Podemos reparar esse engajamento masculino em torno da religião. Percebemos ainda um contingente maciço de homens brancos. Eles se padronizam no modo de vestir, na medalha que carregam no peito e sustentam, assim, esse modelo de homem cristão.

Na edição de março de 1957, encontramos a fala de um liguista, o Professor T. Cylleno, que era secretário da Liga Católica de São Januário, intitulada "sêdes fiéis à Sagrada Família". Em seu discurso, ele ressaltou a importância da confiança na Sagrada Família para aumentar a própria fé. "Santificação dos homens, em prol da redenção geral; batalha contra os maus costumes, campanha pelo aperfeiçoamento moral; redenção dos homens da época, guerra ao pecado, comandada pela Congregação Redentorista" (JLCJMJ, mar, 1957.p.9). Apesar do título trazer a Sagrada Família em seu nome, a fala se direciona para que o homem aumente a sua fé, que, através das instruções dos redentoristas, esses homens se formem na Liga Católica contra os maus costumes e, de novo, aparece uma ideia militar que é o declarar "guerra ao pecado". Percebemos que há uma utilização de termos que podemos associar às forças armadas, que estão lutando contra possíveis inimigos. No caso da Liga Católica, vamos percebendo que esses

inimigos são todos aqueles que, segundo a concepção do grupo, agem contra a religião.

Essa ligação com as ideias, ou melhor, com os termos normalmente empregados no meio militar, perpassa pelos anos de funcionamento da Liga Católica. Em abril de 1926, encontramos o seguinte texto no jornal do grupo:

Sob o supremo comando de um generalíssimo - o representante de Jesus Cristo, a suprema autoridade espiritual, estão formados em linha de batalha duzentos milhões de homens numa admirável união de visitas e de ação que causa inveja aos poderes terrenos, pois jamais poderão conseguir tão prodigiosa unificação.

Como no exército temporal, também aqui existe uma análoga partição em circunscrições, brigadas, divisões, regimentos, batalhões, companhias e pelotões, com seu estado maior e serviço organizado.

São as dioceses, as prefeituras, as vigararias apostólicas, as paróquias, as ordens terceiras, as confrarias, as pia-uniões em suas múltiplas divisões e subdivisões.

Uma das unidades do grande exército espiritual é constituída pelas Ligas Católicas, cujo membros, soldados que são da grande milícia, devem possuir as notas características de um servidor da pátria. Duas coisas constituem o soldado da milícia terrena: duas outras lhe dão a garantia da vitória.

O ideal e o valor são os elementos constitutivos. O ideal é a inteligência esclarecida, é o escopo, o alvo supremo de suas operações militares.

O valor é a vontade firme, decidida, em ação continua, tenaz, perseverante, para atingir o ideal supremo.

Dai-me um homem de ideal elevado, inspirado no mais extremo patriotismo; dai-me um peito adamantino, uma vontade granítica, constante, intrépida que não vacile, não recue, não ceda, e eu vos apontarei um verdadeiro soldado, um bravo, um herói disposto a imolar-se no altar da pátria, num grandioso gesto de heroísmo (JLCJM, abr, 1926.p.2).

O texto vai elaborar uma comparação entre os cristãos e o exército, que ele chama de terreno. O supremo general deste exército é nomeado como Jesus Cristo, que comanda um poder espiritual de seus soldados, ele fala em uma ordem de 200 milhões. Entende-se que o autor desconhecido esteja relatando o número de católicos pelo mundo, que ele coloca agindo de modo uniforme, lutando sob o comando de Jesus.

Não compreendemos ao certo essa uniformização, uma vez que, por exemplo, os próprios católicos do Brasil estavam passando por um contexto de reforma, pois o catolicismo brasileiro, praticado até cerca de meados do século XIX, não seguia todas as orientações tridentinas e não compreendia tão bem as hierarquias estabelecidas por Roma. Então, não fica muito compreensível essa “admirável união de visitas e de ação”. No texto, há ainda uma equiparação da Igreja Católica com as divisões do exército, como se de fato os católicos formassem um grande exército, de características universais. Quando olhamos apenas para a Liga Católica, compreendemos que as suas divisões realmente foram inspiradas em divisões militares, pois seu fundador, que era militar, Capitão Belletable, compreendia que em números

menores de soldados – ou sócios – seria possível acompanhar a progressão e a participação deles. É dentro desse todo católico, das diversas associações e confrarias, que o autor vai colocar as atividades da Liga Católica como mais uma formadora de soldados e bons cristãos.

Dessa ideia universal de católicos, de poder espiritual, o texto conduz para um “servidor da pátria” e passa a falar de uma “milícia terrena”. Fica um pouco confuso o texto, não fica evidente que pátria é essa a que ele se refere, será aquela em que o católico reside? Será o catolicismo associado a uma pátria? Independente disso, o que notamos é essa utilização de termos militares, para formar os homens cristãos que, como vemos aqui, são comandados pelo general Jesus.

No ano de 2008, em virtude das comemorações dos 50 anos da Liga Católica de Irajá (RJ), foi publicado um livro, contando a história da Liga no Brasil e no bairro de Irajá. Neste relato, percebemos a impressão que ficou sobre a fundação da Liga Católica a respeito das resoluções que o grupo fazia “em prol da Santa Religião e da vida social”. As discussões e leituras indicadas discorriam sobre os protestos contra todos aqueles que de alguma forma atacavam os seus “santos direitos” ou os seus princípios cristãos (SANTOS, 2008.p.18). A família é compreendida dentro dessa lógica cristã, não há dúvida sobre isso, contudo, o que chama a atenção é que há uma fala inicial a respeito do modelo ideal de família cristã, mas na prática do grupo isso é pouco falado, quando comentado. O que percebemos que vai moldando o grupo é a construção de um modelo ideal de homem cristão, que deveria praticar assiduamente a religião e praticar os bons costumes, orientado pelo grupo e na sociedade ser um bom cidadão.

E toda essa militarização vai se demonstrando útil ao grupo, para formá-lo e criar a ideia de que essas pessoas estão preparadas para lutar contra os inimigos, como lemos no Livro Histórico da Liga Católica:

Ah! Se todos estes homens que se reuniram naquela procissão da cruz para mostrar publicamente a sua fé, fossem bons sócios da Liga Católica! Seriam um exército formidável para combater os inimigos da nossa santa religião do Brasil (LIVRO HISTÓRICO LIGA I, 1902).

A afirmação traz a ideia de que esses homens estão se preparando para o combate aos inimigos. Se retornarmos ao princípio do século XX, contexto em que o recorte do texto foi escrito, podemos compreender os inimigos como os outros, que não são católicos. Seriam eles, sobretudo, protestantes, maçons e espíritas. Esses nomes se tornam recorrentes nos discursos transcritos nos jornais, como os inimigos da religião católica. Temos uma compreensão desse receio neste momento específico. O catolicismo brasileiro passara há poucas décadas por uma separação legal do Estado. Isso foi consumado com a Constituição da República de 1891. Não cremos que o catolicismo tenha perdido o protagonismo religioso no Brasil, até porque, como

vimos anteriormente, mais de 90% da população brasileira se declarava católica até pelo menos meados do século XX. Entretanto, talvez seja possível compreender que o catolicismo perdeu o monopólio religioso no Estado. Ainda que as mudanças na esfera religiosa não tenham se transformado de modo instantâneo, legalmente, outras crenças religiosas poderiam se manifestar a partir de então.

Para poder revidar as investidas das outras religiões, a Liga Católica passou a tecer comentários bem agressivos, afirmando para seu sócio que fora da igreja católica não haveria salvação. O pe. Meulemeester, por exemplo, escreveu em seu livro sobre a história da Liga Católica no mundo que a formação dessa associação foi uma possibilidade de organizar um grupo que atacasse de frente os “costumes estúpidos, reminiscentes do espiritismo” (MEULEMEESTER, 1946.p.131).

Encontramos um pequeno livro, junto aos documentos históricos da Liga Católica, sem identificação do autor nem data de edição. Nas suas primeiras páginas, explicava que o texto foi transcrito dos jornais da própria Liga Católica. Nesse, há algumas afirmações bastante agressivas dirigidas àqueles que não são católicos ou que romperam com o catolicismo. Por exemplo,

Vós, Liguistas, que quereis e deveis ser os paladinos da fé e os defensores da Igreja atacada por seus inimigos, deveis ter a resposta pronta, simples, terminante às objeções que estão mais em voga contra ela (A INQUISIÇÃO, s/d. p.3).

Retornando a uma ideia medieval, mas continuando com a ideia de um pertencente a uma força armada, o texto chama o liguista de paladino, sendo este liguista o defensor da igreja que está sendo atacada por inimigos. A sua proposta, nesse princípio de texto, é demonstrar que a palavra inquisição é mal utilizada pelos inimigos da Igreja. Continuando, o autor vai dizer,

Foi pela Inquisição que a Igreja, em tempos idos, quis defender e defendeu sua doutrina, seu clero, suas imunidades, suas propriedades, suas organizações, sua vida. Defendendo a si, a Igreja **defendeu as almas**. Continua dizendo que seja a alma algo muito precioso, a Inquisição fez bem de defendê-la (A INQUISIÇÃO, s/d. p.6).

Segundo a concepção do autor, a Inquisição foi uma forma de defesa da igreja, que “trabalha **pelo bem público**” e que por vezes é mal compreendida pelos que estão de fora. E os discursos se tornam ainda mais agressivos,

Li, por estes dias, um trecho da história de Lutero e Calvino e falei, de mim para mim, quanto teria ganho a civilização, se esses dois energúmenos tivessem sido, a tempo, encarcerados nas cadeias da Inquisição (A INQUISIÇÃO, s/d. p.7).

Na compreensão do autor, Lutero e Calvino deveriam ter sido julgados pela Inquisição,

no século XVI, pela justificativa do mal que a Reforma Protestante fez à Igreja Católica. Segundo o acusador, com a Reforma, a igreja perdeu obras de arte, bibliotecas e templos, por isso eles fizeram tanto mal aos católicos.

O catolicismo não deixou de ser a religião mais declarada entre os brasileiros, porém, desde a Proclamação da República, a instituição tentava se reorganizar dentro do cenário nacional. Como vimos anteriormente, alguns bispos despontaram ainda no final do século XIX e conseguiram trazer congregações religiosas para o país, no intuito de reformar o catolicismo popular, tão adotado por aqui. Incentivaram a formação de grupos de leigos católicos, sobretudo os que mantinham relações diretamente com o clero.

Na década de 1930, o catolicismo vai passar por uma nova fase. No cenário político, vemos Getúlio Vargas assumindo o poder e, no âmbito religioso, houve uma nova tentativa da Igreja Católica de ampliar a sua influência na vida dos brasileiros. Um nome que se destacou nesse contexto foi o de dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, amigo do presidente. Nesse contexto, d. Leme buscou se aproximar do governo e tentou influenciar as decisões públicas. Algumas vezes, alcançou sucesso. Essa aproximação entre essas duas lideranças também se deu pelas afinidades ideológicas entre elas, como salientou Caldeira. Encontramos entre eles sentimentos anticomunistas, por exemplo (CALDEIRA, 2009.p.96).

Uma saída para os católicos nesse momento, para se reorganizarem e lutarem contra os inimigos, foi a Ação Católica Brasileira, que visou organizar a ação do leigo católico no Brasil em 1935, mas essa já vinha em curso desde o princípio do século. Desta forma, as forças que eram consideradas pela igreja como possíveis ameaças, como a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo, ou o comunismo e, até mesmo algum estilo de roupa que fosse considerado indecente para os costumes, deveriam ser repudiados pelos católicos (CALDEIRA, 2009.p.100).

Para alcançar a vitória desejada, as autoridades e os grupos leigos produziam folhetos e jornais, que circulavam com instruções de como se afastar dos perigos mundanos (CALDEIRA, 2009.p.100). Na década de 1930, a Ação Católica Brasileira é organizada, mas, antes disso, os grupos leigos, como a Liga Católica, já trabalhavam para informar os católicos sobre como o catolicismo estava ameaçado pelo mundo moderno. Em julho de 1929, com referência ao modo de se vestir, saiu no jornal da Liga Católica uma nota elogiando as autoridades que prenderam uma bailarina portuguesa que se apresentava no Rio de Janeiro com “trajes impróprios” (JLCJM, jul, 1929.p.7). Em setembro de 1930, saiu uma nota dizendo que “o Comunismo quer destruir o indivíduo, a família e a sociedade. A Ação Católica é a única instituição capaz de salvar o mundo” (JLCJM, set, 1930.p.1).

Os exemplos no jornal da Liga Católica são inúmeros. Em setembro de 1925, o jornal declarava que protestantes, espíritas e maçons eram inimigos da Igreja Católica. Dizia que os espíritas “falavam em nome dos seus espíritos maus”, reclamando sobre o ensino religioso no país.

Sabem eles muito bem que estão mentindo, que a permissão de se ensinar catecismo nas escolas não impõe a ninguém constrangimento nem obrigação e não diminui de maneira alguma a liberdade de consciência, pelo contrário, suprime o despotismo atual, que não permite aos pais proporcionarem aos seus filhos instruções que querem (JLCJMJ, set, 1925.p.3).

Os católicos, então, estavam lutando pela permanência da catequização nas escolas, enquanto os espíritas, como relatado no texto, estavam lutando pelo seu fim. A justificativa para a permanência do “catecismo” nas escolas, usando palavras do texto, era alcançar um ensino que os pais querem aos seus filhos, não é uma tentativa de conversão dos não católicos. Impor o não ensino religioso seria uma atitude déspota, segundo o autor. O texto é bem contraditório em si e a única questão levantada é a do ensino católico nas escolas.

Os textos do jornal ensinavam também que o contato com outras religiões poderia ser prejudicial para a família. Em junho de 1926, saiu um relato, sobre um ocorrido em São Paulo,

Mora em Campinas o sr. Lino Viriato, empregado nas oficinas da Paulista e ótimo pai de família.

Enquanto ele estava no serviço, sua mulher Maximina começou a frequentar reuniões espíritas e logo ficou tão influída que não perdia sessão nem conferência, passando ali todo dia diversas horas e descuidando-se de sua casa e de seus três filhos, o menor dos quais, de nome José, contava com apenas seis meses. Debalde o marido a aconselhou e lhe proibiu de ir as sessões, ela continuou e ficou com o juízo sempre mais perturbado. Afinal um dia, durante a ausência do marido, pegou um tijolo e esmagou o crânio de seu filho menor que teve morte instantânea. O pai, ao chegar em casa, queria lançar-se sobre a mulher, mas os vizinhos o impediram e a polícia tomou conta da assassina. Infeliz a família que entra o espiritismo (JLCJMJ, jun, 1926.p.3).

Histórias que buscavam a comoção dos leitores eram apresentadas, tentando sugerir o mal que as outras religiões faziam para as famílias. Neste caso, a mulher entra em contato com os espíritas e acaba abandonando as suas obrigações com o lar, ela se desliga do cuidado com seus filhos. O autor do texto vai dizer que os ensinamentos espíritas a adoentaram, o que a levou a assassinar o filho menor. O caso é apenas relato, não é bem explicado, por isto, em uma primeira leitura, pode impactar o leitor.

Outro caso que encontramos relatando sobre o que as demais religiões fazem para as famílias, foi o discurso de comemoração dos 29 anos da Liga Católica de Piedade (DF), quando o Diretor Geral, pe. João Augusto Combat disse que pretende reforçar o apostolado social católico entre os homens. Seu intuito seria destacar a vida cristã entre os homens e,

consequentemente, nos lares brasileiros. Para isso, aconselhava o repúdio aos vícios modernos e às práticas anticristãs. Na sua fala, afirmou que o católico não pode “ser espírita, protestante, rotariano ou maçom, [...] no meio católico, não há lugar para essas mistificações” (JLCJM, fev, 1943.p.7).

Os protestantes também ganhavam algumas críticas mais diretas, como em fevereiro de 1928, “O protestantismo não constitui verdadeira Igreja” (JLCJM, fev, 1928.p.1), ou em março de 1929 os colégios protestantes são acusados de ser o “meio principal dos protestantes para propagarem sua ‘seita’ entre os católicos, a Igreja proíbe pais católicos de enviarem seus filhos a essas instituições, sob o perigo de provocar sua excomunhão (JLCJM, mar, 1929.p.4). A questão era aproveitar o vínculo de comunicação para tentar difundir suas ideias e buscar manter os fiéis católicos afastados dos seus inimigos.

Segundo Caldeira, a aparelhamento da Ação Católica no Brasil foi consequência de caminhos adotados por d. Leme, desde pelo menos 1921, quando retornou ao Rio de Janeiro. Nesse primeiro momento, incentivou a atuação de intelectuais católicos. Vemos, assim, o surgimento do Centro Dom Vital e, depois, organizaram-se as demais associações católicas fundadas no Rio de Janeiro, o que culminaria na Ação Católica Brasileira (CALDEIRA, 2009.p.98).

Em agosto de 1942, lemos no Jornal da Liga Católica que

A Ação Católica, que a perfeição do homem pelo caráter, pela dignidade, compostura, firmeza, justiça, hombridade em são coração, na família, na sociedade, nas posições elevadas ou humildes, nos dias prósperos e adversos; [...] cada católico é um apóstolo da bondade; é um missionário dos evangelhos; somente o católico é que tem essas aspirações elementares e pode sublimar os homens na terra [...] (JLCJM, ago, 1942.p.7).

Neste texto, vemos a sintonia da Liga Católica, com o propósito da Ação Católica, o fortalecimento do católico, que ganha ares de superioridade, perante os demais. Em julho de 1927, encontramos o texto do pe. João Batista Smits dizendo que

[...] Ação católica é tudo quanto se contribui para que N. Senhor seja mais conhecido e amado, que ele seja menos ofendido, que sua lei seja mais observada. Trabalhar para o N. Senhor não é só quem organiza uma associação, mas também quem colabora fielmente, quem ganha novos sócios, quem anima por seu exemplo e sua palavra a atividade dos outros. [...] da mesma forma trabalham para N. Senhor não só os que fundam ou dirigem escolas católicas ou aulas de catecismo, mas também os que contribuem para sua manutenção, os que convidam as crianças ou tornam mais conhecidas essas aulas, enfim os que em particular ensinam a doutrina cristã a crianças e adultos ou os preparam para receber os Sacramentos [...] (JLCJM, jul, 1927.p.1).

Assim, fala sobre a constante formação e educação dos católicos, inclusive reforça a

ideia da “boa imprensa”, dizendo que esta também contribui para a Ação Católica (JLCJMJ, jul, 1927.p.1).

Sobre essas manifestações, temos ainda, em 1922, por ocasião do centenário da Independência do Brasil, um Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro, do qual a Liga Católica participou. Organizados nas procissões milhares de leigos, estiveram sob a condução do pe. João Batista Smits. O Arcebispo Coadjutor de São Sebastião do Rio de Janeiro, d. Leme, se destacou nesta organização; inclusive, era um grande defensor das Ligas Católicas na arquidiocese. Chegou a dizer que “Na luta pela independência política da Igreja em nosso país, foi a Liga Católica seu principal exército” (SANTOS, 2008.p.126).

O nome do pe. João Batista Smits aparece diversas vezes nesse contexto, associado à ideia de “Marechal das Ligas” (SANTOS, 2008.p.126). Em uma entrevista ao Jornal A Cruz, de fevereiro de 1935, o sacerdote diz que,

Desde 1910 é o diretor das Ligas. Começou como diretor da Liga Local, de Juiz de Fora, onde passou 5 anos. Desta cidade mineira dirigiu-se à capital do Estado, onde passou 4 anos e depois veio para o Rio de Janeiro, em 1919, assumindo então a direção da Liga de Santo Afonso que, três anos depois, foi eleita à distinção de Primária (JORNAL A CRUZ 7/02/1935).

O holandês pe. João Batista Smits se encaixa bem com as ideias que viriam formar a Ação Católica Brasileira. Sua atuação frente à Liga Católica tinha como foco a formação do homem para a prática católica. Isso se tornou ainda mais visível a partir de 1925, quando passou a fazer circular o jornal oficial da Liga Católica Jesus, Maria, José, o que lhe rendeu, simbolicamente, inclusive o posto de maior patente frente a esse exército de soldados que lutavam pela Igreja.

Todos esses discursos, assim como a construção da ideia da militarização dos leigos, levam-nos a pensar sobre a questão da violência. Lendo o texto de Noé, intitulado “Violência: uma condicionante humana básica?”, acompanhamos justamente essa questão, será a violência uma imposição da existência do ser humano ou será que a violência é uma resposta, quiçá extrema, de uma decorrência (NOÉ, 2004. p. 140)?

Para Phelippe Weber, a violência e a religião tiveram, durante séculos, algum tipo de relação. Podemos confirmar isso quando percebemos externamente a difusão da mensagem, a defesa da doutrina, a reconquista de lugares que sejam simbólicos, mas, mesmo internamente, se ajuizarmos sobre os castigos praticados com o outro que errou, ou consigo mesmo, as penitências pagas para absolvição de pecados, por exemplo (WEBER, 2003.p.455).

Para Noé, a manifestação que é exteriorizada pode ser tomada como violenta ou não, dependendo da interpretação de quem a analisa. Se retornarmos aos depoimentos contidos nos

jornais da Liga Católica, os atos violentos partem do outro, que abalam o equilíbrio cristão. Dessa forma, a ação dos católicos seria uma reação a essa primeira agressão. Retornando ao pesquisador, pode-se compreender que “violento” pode ser determinado pela cultura (NOÉ, 2004.p.140).

No caso que estamos trabalhando aqui, não encontramos, comprovadamente, nenhum caso de agressão física aos “inimigos” e aos seus bens. Contudo, o uso das palavras, os tratamentos dados ao outro são, sim, violentos e podem ser combustíveis para incitar o ódio ao outro, ao diferente. Esses casos demonstram um limiar entre fé e fanatismo (WEBER, 2003.p.455), uma tentativa de transformar algo ruim em algo bom, ainda que por meio da violência (NOÉ, 2004.p.142).

A hostilidade por vezes é compreendida como algo que não deve fazer parte da ação do cristão. A violência é associada a uma ideia de ação do mal e o cristão, pelo contrário, deve fazer somente o bem (NOÉ, 2004.p.148). Todavia, nos casos em que estamos lendo, a justificativa poderia se dar pela reação, como dissemos, quanto à compreensão desses cristãos, eles estão sendo violentados pelo outro, que tira o cristão da igreja para levar para o centro espírita, para as igrejas protestantes, para as lojas maçônicas, os outros que expõem a família a trajes inadequados, que escrevem livros que podem confundir a cabeça daqueles que estão buscando a salvação. Então, o ato de violência pode ganhar essa conotação de reação, o que, na verdade, não exige a violência.

Para Elias, a reação pode ser compreendida pelo fato de o humano não se encontrar em um compartimento fechado, mas, pelo contrário, fazer parte do meio em que vive. Por isso, está em constante contato com o outro, logo pode estabelecer relações que serão amistosas ou mesmo hostis, dependendo da situação e da autorregulação.

O que efetivamente confere a essa autorregulação humana em relação ao semelhante o caráter de uma autorregulação psicológica — em contraste com os chamados instintos dos animais —, não é outra coisa senão sua maior flexibilidade, sua maior capacidade de se adaptar a tipos mutáveis de relacionamentos, sua maleabilidade e mobilidade especiais. Esse alto grau de maleabilidade e adaptabilidade das funções relacionais humanas é, por um lado, uma precondição para a estrutura das relações entre as pessoas ser tão mais variável do que entre os animais; numa palavra, aqui está a base da historicidade fundamental da sociedade humana (ELIAS, 1994.p.32).

O contato entre os seres e suas ideias pode levar a reações adversas, dependendo do contexto. Neste caso, o receio de perder espaço para o outro, de perder o que chamamos de monopólio dos assuntos religiosos e de influenciar a vida dos cidadãos, fez com que parte desse grupo de cristãos assumissem uma postura de confronto com o outro, considerado como inimigo.

Neste caminhar, vamos compreendendo que ser cristão católico, para a Liga Católica, também era compreendido como um sentimento patriótico. Era defender os costumes e as tradições, mas também defender o território. Na década de 1940, quando o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial, os liguistas foram convocados a aderir à posição favorável à guerra com uma argumentação de defesa da pátria. Na edição de novembro de 1942, do jornal da Liga Católica, encontramos o seguinte texto:

Embora vise de modo especial a aquisição da felicidade eterna e a conquista do reino dos céus, a religião católica impõe ao homem deveres estritos e obrigações graves para com o seu torrão natal. Exemplo verdadeiro de patriotismo deu Jesus Cristo durante a sua vida mortal. De entranhado amor para com a sua terra e a sua gente estava possuindo o seu terno e delicado coração. Muitas vezes enterneceu-se na antevisão do triste futuro de Jerusalém e do povo de Israel, que receberia mais tarde o justo castigo do deicídio. Jesus chorou sobre a ruína da cidade santa, que seria destruída pelos inimigos. O divino mestre respeitou e obedeceu sempre às autoridades constituídas e a elas se submeteu mesmo quando o condenaram à morte. Jesus deu também o exemplo de concorrer para os serviços públicos pagando os impostos devidamente cobrados; para cumprir este dever operou um milagre. A obrigação sagrada e inelutável de defender a própria pátria até mesmo com o sacrifício supremo da própria vida, é coisa que todo católico esclarecido tem gravado na sua consciência. Na Bíblia encontramos inúmeros exemplos dos grandes heróis do povo de Deus que não trepidaram em morrer pela defesa de sua terra, de sua lei e de sua gente. Na hora do perigo a Pátria tem o direito de exigir de seus filhos os maiores sacrifícios; em tais circunstâncias, o conforto, as ambições, os bens e os interesses materiais devem ser imolados em prol da salvação pública. Quando a Pátria se vê agredida e empenhada em luta contra seus inimigos, o cidadão não se pertence, é apenas escravo do sublime dever de pugnar pela sua terra e cumprir, escrupulosamente, as obrigações que lhe incumbem, na tarefa que lhe for assinalada. O Brasil está em guerra; mais uma vez fomos envolvidos numa luta gigantesca de povos e de continentes. Nessa hora trágica não vemos dizer que o Brasil espera... diremos, sim, que o Brasil está certo de que todos os católicos cumprirão o seu dever (JLCJM, nov, 1942, p.1).

O texto, assinado por P. J. Cabral, vai dizer que o fim último do cristão é o reino dos céus, entretanto, para alcançá-lo, também é preciso cumprir obrigações com a pátria. Para exemplificar isso, descreve a vida de Jesus Cristo, dizendo que ele, mesmo com seu caráter divino, cumpriu suas obrigações com a pátria e respeitou as autoridades, até mesmo se sacrificando com a própria vida. Na percepção do autor, isso foi uma demonstração de patriotismo, portanto o cristão deve defender sua pátria, ainda que isso lhe custe a vida. Esse caso acontece, pois a pátria está ameaçada pelo inimigo e, por isso, o cristão deve defendê-la. Notamos que vai se estreitando a ideia de que brasileiro e católico, segundo a leitura do grupo, vai sendo uma coisa só, isso ficará mais evidente a seguir.

No livreto comemorativo dos 25 anos de fundação da Liga Católica no Brasil, lemos a seguinte frase, “sede cumpridores de todos os vossos deveres para com Deus, para com a Vossa

Família, a sociedade e a pátria” (BODAS LCJMJ, 1927, p.31). Então, o indivíduo era instruído para ser um bom católico e ser um bom patriota. Na edição de novembro de 1942, também encontramos o seguinte texto,

Religião e patriotismo. Entre os afetos nobres e delicados, entre os sentimentos puros e dignos que ocupam o coração humano, o amor à Pátria é um dos que merecem lugar de mais destaque, constituindo nota marcante de retidão de caráter. O homem que não ama a terra que lhe serviu de berço, não pode nem deve ser classificado como criatura racional, pois se mostra inferior aos brutos, que revelam um certo apego ao seu habitat e demonstram uma espécie de saudade, quando transplantados para região diversa daquela que nasceram. Para o homem culto e educado, a pátria não é apenas a terra ou o local onde viu pela primeira vez a luz do dia; para ele a Pátria é o meio ambiente, isto é, o céu e a terra, **a família**, a raça, as tradições e a **religião**³². Ruy Barbosa deixou-nos uma definição que podemos considerar completa: “A Pátria, é o céu, o solo, o povo, o lar, o berço dos filhos, e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade”. Se o grande mestre não incluiu aqui, expressamente, o fator religioso, evidentemente não o podia excluir, pois a religião está ligada intimamente e não pode ser dissociada dos diversos componentes da Pátria, segundo a definição supracitada (JLCJMJ, nov, 1942, p.1).

O contexto de Guerra Mundial reforçou nessa edição a ligação entre o sentimento de ser católico e de ser brasileiro. O catolicismo não é mais a religião oficial do Estado brasileiro, mas é compreendida como algo que faz parte da cultura nacional. Por isso, vamos encontrando essa constante ligação entre a pátria e a religião. Além do momento de guerra, o próprio momento histórico dizia sobre uma construção de identidade brasileira. Desde 1930, Getúlio Vargas estava no poder e reforçando o sentimento de pertencimento à pátria. Obras como “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda (1936), “Casa grande e senzala”, de Gilberto Freyre (1933), “Evolução política do Brasil” (1933) e “Formação do Brasil contemporâneo” (1942), de Caio Prado Jr., tentavam compreender o que era ser brasileiro, como nossa sociedade era estruturada e como funcionava.

Essas leituras também chegavam até a igreja e, por vezes, cabia aos bispos, pastores de seus rebanhos, ajudar a construir essa identidade e restaurar a “hegemonia” católica no país. Desta forma, os leigos que são fiéis à religião deveriam adotar atitude de soldados e se dispor à luta sempre à disposição das ordens da hierarquia eclesiástica (AZZI, 2000, p.40). Um caminho para isso era a fundação de mais Ligas Católicas.

³² Grifo nosso.

6.3 - HOMENS CATÓLICOS E PATRIOTAS

Azzi encontrou, no Diário de Belo Horizonte, em 14 de março de 1935, o seguinte texto falando sobre a Liga Católica:

A Liga foi no Brasil o primeiro passo na difícil e abandonada organização masculina. Congregou homens, deu-lhes certo gosto e consciência de organização, infundiu-lhes algum entusiasmo, ensinou-lhes as reuniões só para eles, restituiu-lhes as igrejas, ergueu-lhes as vozes em preces e cânticos, inspirou-lhes, às vezes, um entusiasmo varonil pelas coisas de Deus, e os trouxe garbosos em passeatas pelas ruas, com os estandartes religiosos desfraldados ao lado da bandeira nacional. Aos beneméritos padres redentoristas é que se deve tudo isto (apud AZZI, 2000, p.147).

Segundo o texto, a Liga se organizou no Brasil e conduziu o homem para a prática religiosa. Esse espaço estava desocupado e a religião não estava se preocupando em olhar para esses homens que se desgarravam da fé. Nesse sentido, o foco no homem e a abertura de espaço para que o homem se tornasse o protagonista das ações no grupo incutiram um sentimento de pertencimento e, segundo o texto, trouxeram um “entusiasmo varonil pelas coisas de Deus”, ou seja, tentaram trazer para os homens, varões, que a religião também é coisa de homem. Isso era traduzido nas suas passeatas pelas ruas das cidades, quando se portavam como soldados, marchando pela causa religiosa, portando estandartes das suas sessões e a bandeira do país, reforçando esse sentimento patriótico.

Desde pelo menos a década de 1920, foi sendo incutida essa circulação em torno da causa patriótica do Brasil. E essa ideia foi acatada pela Igreja Católica, que se fez presente no Brasil desde seus primórdios coloniais. Poderia ser um exercício de reaproximação tentando ser desenvolvido entre o Estado e a Igreja. A própria formação do clero passava por esses ideais de “que a fé católica e a pátria brasileira constituem um binômio inseparável” (AZZI, 2000, p.218). Formando-se os sacerdotes, com a ideia de patriotismo, construiriam-se concomitantemente soldados da pátria e da religião, “pois até a fé católica era um elemento essencial do verdadeiro patriotismo” (AZZI, 2000, p.219).

Em janeiro de 1929, o jornal da Liga Católica trouxe uma matéria com o título “Por Deus e Pela Pátria”, nela, há uma tentativa de vincular o sentimento de pátria e de religião como uma coisa só e, ao mesmo tempo, tenta-se criar a ideia de que o leigo é como um soldado, ou seja, objetiva-se relacionar o grupo aos militares. Tal militarização do grupo funcionava como um modo de masculinizar, criar um ambiente masculino, como o exército tantas vezes o é, para o homem, que não compreendia a sua atuação na religião, uma vez que ela era permeada por mulheres. Outro caminho para isso foi ligar a religião à ideia de pátria, então esses homens

estavam defendendo a religião e a pátria (JLCJMJ, jan, 1929, p.1).

Três meses depois, o jornal vai explicar que "a pátria é a família amplificada". E a família constituída tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício (JLCJMJ, abr, 1929, p.4). Aqui retornou-se a ligação com a família. Há uma ideia de que, se alguém quer o bem da sua família, também deve querer o bem da sua pátria, pois ela também é sua família, ambas devem ser cuidadas com dedicação e sacrifício.

Os bispos que continuavam com a missão de reformar o catolicismo brasileiro, de desvinculá-lo do popular tradicional e aproximá-lo de Roma, esforçavam-se para elaborar o sentimento patriótico entre os fiéis católicos. Assim, reforçavam também que a igreja não se opunha ao Estado, mas estava em busca de manter uma aliança com ele. Cada vez mais, vai se fortalecendo a ideia de que "ser católico significava amar à pátria, e, por outro lado, ser brasileiro no sentido verdadeiro da palavra significava repudiar qualquer credo diverso do católico" (AZZI, 2000, p.295). Deste modo, a identidade brasileira, que estava em elaboração, era induzida a passar pela identidade católica.

Todo esse sentimento patriótico era pensado quanto à questão da identidade, mas o recomendado ao sacerdote era que não se envolvesse com a política diretamente. Pelo menos não a partidária; já que isso era função dos leigos. É claro que o sacerdote poderia orientar os cristãos sobre a importância de participar da vida política (JLCJMJ, mar, 1933, p.1), sobretudo quando a vida política ameaçar interferir nas "tradições nacionais e nos sentimentos do povo" (JLCJMJ, fev, 1933, p.4). Vimos que, nesse contexto, a tradição nacional e a tradição católica estavam ganhando a mesma conotação.

No Livro Histórico da Liga, foi registrado, no ano de 1925, que constava no artigo 25 dos estatutos da Liga Católica a possibilidade de nomeação, pelo diretor, de uma comissão, formada por diversos sócios, que deveriam trabalhar em nome do próprio grupo, zelando pela moral pública, em específico atentando para os assuntos relacionados ao matrimônio. Desse modo, era importante que essa comissão se atentasse para a legitimação dos casamentos daqueles que pudessem estar amancebados ou apenas registrados em cartórios civis. Era fundamental para o grupo que os casamentos fossem oficializados na igreja. Este grupo deveria induzir tais pessoas e tais famílias para a prática da religião (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA I, 1902, p. 3).

Desta forma, o homem, liguista, deveria empreender e salvar os costumes católicos e, por conseguinte, brasileiros. Foi assim que a Liga acabou embarcando em uma contínua campanha contra a lei do divórcio que tentava ser instaurada no país. Entendia-se que o matrimônio era a fonte de formação da família e, em consequência, da sociedade. Considerando

esse princípio, o matrimônio, que é um dos sacramentos da Igreja Católica, é associado a uma ideia de santidade e, por isso, deve permanecer sob o controle da igreja. Logo, atribuir o matrimônio a uma ação do Estado era ferir essa santidade (PECCI, 2005, p. 108).

Neste sentido, a tentativa de o estado legalizar o divórcio era ainda mais grave para esse grupo, pois seria um meio de destruição das famílias. O matrimônio formava as famílias, logo o matrimônio é sagrado e não pode ser desfeito, segundo sua interpretação. Instituir o divórcio implicaria corromper costumes e a própria fé (PECCI, 2005, P.116).

Retornando às falas do papa Leão XIII, compreendia-se que a família era a “sociedade muito pequena certamente, mas real e anterior a toda a sociedade civil, à qual, desde logo, será forçosamente necessário atribuir certos direitos e certos deveres absolutamente independentes do Estado” (LEÃO XIII, 1891). Isso justificaria a não intervenção do Estado sobre os assuntos matrimoniais e mais ainda sobre a sua dissolução. A ideia era que o divórcio poderia causar a ruína da sociedade (PECCI, 2005, p. 118).

Por vezes, o jornal trazia a ideia de que a Liga Católica em si não deveria se envolver diretamente em assuntos políticos, por isso não era favorável à criação de um partido político católico, por exemplo, mas era favorável à intervenção no meio político, quando esse ameaçasse de alguma forma os dogmas e os costumes cristãos, tornando-se assim uma espécie de perigo para a Igreja (JLCJMJ, set, 1931, p.3).

A questão do divórcio vem justamente nesse campo. Desde a criação da Liga, apareceram diversas manifestações contrárias ao divórcio, o que demonstra o quanto esse assunto era caro ao grupo. Para poder instruir os seus sócios, os jornais da Liga Católica traziam depoimentos, textos e cartas de pessoas que nem mesmo faziam parte do grupo. Isso era feito com intuito de fundamentar e reforçar o discurso contra o divórcio.

Em outubro de 1926, foi reproduzida no jornal a fala do arcebispo de Mariana, D. Helvécio, em que ele informa sobre a proposta de alguns deputados em implementar a lei do divórcio,

Vê-se desta forma a família brasileira novamente diante do abismo que até agora se conseguiu evitar apesar de reiterados esforços de homens sem fé nem moral. [...] O divórcio é clara e decididamente condenado pela Igreja Católica: Não há nenhum poder neste mundo que possa dissolver o laço de um casamento válido. Se uma lei permitir a dissolução, os esposos em consciência continuam casados e qualquer outra união que contraírem não passará de torpe adultério. [...] O divórcio é a maior desgraça para seus filhos, os quais ficam privados de um dos pais que eles aprenderão a detestar e pelo mau exemplo, pais ficam cedo dirigidos para o caminho do crime. [...] perante o perigo que ameaça o país, é preciso que os homens se reúnam, que levantem sua voz, que reajam com energia (JLCJMJ, out, 1926).

O matrimônio, entendido como um sacramento pelos cristãos, não pode ser desfeito, portanto o bispo reforça que, ainda que o casal se separe no papel, não teria se separado pelas forças da igreja, estaria ligado espiritualmente. Além disso, o modelo familiar previsto era o de pai, mãe e filhos; caso um dos progenitores se desligue, os filhos tomariam esse mau exemplo como molde e estariam suscetíveis a cair no “caminho do crime”. A família formada por um viúvo ou uma viúva, família que também estaria desestruturada, segundo esse modelo, não entra em questão nessa fala.

Em dezembro de 1926, uma nota no jornal da Liga Católica diz que "o matrimônio não é a união de dois interesses, de dois caprichos, nem mesmo de dois amores; é a aliança, a comunhão eterna de duas almas, e por isso deve ser indissolúvel" (JLCJM, dez, 1926, p.3). Destarte, trata-se de uma união que envolve caminhos sobrenaturais, esses são tomados como mais valiosos do que os sentimentos ou as escolhas terrenas. Na edição de agosto de 1957, chegou a aparecer uma pequena brecha para casos de separação, com o comentário de que “em casos extremos, pode haver a separação”, mas não se explica o que seriam esses casos e se conclui a notícia dizendo sobre a união religiosa que permaneceria, logo os cônjuges não poderiam contrair outro casamento (JLCJM, ago, 1957, p.1).

As ideias sobre divórcios, assim como as tentativas de legalizar esse ato, eram interpretadas como mais um dos problemas causados pelo advento dos tempos modernos. Em junho de 1927, aparece um texto, assinado pelas iniciais P.O.M., que explica que

Ainda há muitos jornais que têm a ousadia de defender o divórcio. [...] Há uma coisa chamada espírito moderno, que não é lícito a ninguém deixar de acatar, sem sofrer, *ipso facto*, as vaías dos homens desempoeirados e exaltadamente liberais. Este espírito moderno define-se: um espírito de emancipação total ou parcial de toda a autoridade da Igreja. [...] O espírito moderno quer a liberdade de consciência, ou melhor de não ter consciência; quer a liberdade de culto, que sempre se traduz em opressão aos católicos; quer a liberdade absoluta de imprensa, para impunemente serem insultadas as coisas mais santas e as pessoas mais respeitáveis; quer a secularização da Igreja e do Estado, para subtrair este a salutar influência das ideias religiosas e deixar aquela em liberdade, depois de a ter perseguido e espoliado de seus bens. [...] se a lei do casamento civil é o primeiro golpe na constituição da família: a lei do divórcio, sua natural consequência, é o completo aniquilamento da sociedade. [...] eis as aspirações da impiedade! Subtrair a constituição da família à influência da Igreja, que só ela lhe pode imprimir o caráter de estabilidade e firmeza; e reduzir o casamento a um contrato, como qualquer outro, rescindível à vontade dos contraentes, sem se preocupar com as terríveis consequências, que daí resultam aos filhos, mesmos as esposas e a sociedade (JLCJM, jun, 1927).

Logo, o “espírito moderno” é tomado com um dos causadores dessas ideias a respeito do divórcio, pois as ideias que circulam nesse contexto falam de uma maior autonomia do

humano, até mesmo de uma independência da religião. O autor questiona que a liberdade de culto acaba por oprimir o católico, a liberdade de imprensa ofende a religião. Talvez esteja se pensando que, antes, todo o espaço público era católico, agora, esse espaço está sendo dividido com outras crenças, há por isso a sensação de opressão. Em relação às ofensas contidas no jornal, pode ter a ver com a liberdade de se escrever o que quiser, e isso poderia estar indo contra o que a igreja defendia, como o próprio exemplo do divórcio.

Segundo o dicionário bíblico, não se encontrava uma regulamentação clara a respeito do divórcio nos códigos hebraicos. Caso acontecesse de o homem se divorciar de sua mulher, ele precisava deixar isso escrito (Dt 24,1). Nesse caso, é possível compreender que o homem poderia optar pelo divórcio. Já no Novo Testamento, fica mais explícito que divórcio, seguido por outro casamento, é entendido como adultério (Mc10,1-12; Lc 16,18). Portanto, aqui já fica evidente o fato de o casamento criar um vínculo que não pode mais ser desfeito. Entretanto, uma ressalva é que, caso aconteça o divórcio, ele também poderia ser solicitado pela mulher, o que não acontecia antes. Já em Paulo vai aparecer a possibilidade de divórcio no caso de um dos cônjuges não ser cristão (Cor 7,12-16) (MCKENZIE, 1983, p. 221).

A ideia que vai se construindo no cristianismo, a respeito do matrimônio, é justamente da sua aliança, que é mundana, mas ganha conotação também espiritual, e, por isso, está aquém do poder mundano. São exceções os casos em que são discutidos o divórcio e, ainda assim, fica a ideia de não mais poder ocorrer uma próxima união, o que configuraria adultério.

Uma das primeiras manifestações da Liga a respeito desse assunto aconteceu no ano de 1909. No primeiro Livro Histórico da Liga, consta um protesto, realizado pelos sócios, que foi divulgado no Jornal do Comércio, Jornal do Brasil e Paladino de Uberaba, contando com assinatura de 12 sócios e entregue ao deputado federal Dr. João Penido. O texto era o seguinte:

Domingo último, os sócios da Liga Católica do Curato da Glória resolveram protestar contra o projeto de divórcio e efetivamente fizeram o seguinte protesto, que, assinado pelos sócios, será remetido à Câmara dos Deputados “Nós, sócios da Liga Católica de Mariano Procópio, eleitores da comarca de Juiz de Fora e cidadãos brasileiros, associados, nos solidarizamos com os católicos de Belo Horizonte, São João Del Rei, Três Pontas, São José, São Caetano da Moeda, etc. lamentamos que a lei de divórcio seja apresentada na Câmara dos Deputados e protestamos contra esse projeto, declarando:

1º que o divórcio dissolve o vínculo da família, que é o fundamento da sociedade.

2º que o divórcio é anti-moral, porque abre caminho à dissolução e prostituição, sancionadas pela lei.

3º Que o divórcio é anti-patriótico, porque repugna aos princípios e sentimentos de quase totalidade do povo brasileiro que é católico.

E ao mesmo tempo, pedimos com todo respeito ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor Dr. João Penido Filho, que certifique a Câmara dos

Deputados Federais de nosso protesto”. (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA I, 1902, p. 12).

Neste protesto, os liguistas recorrem a um deputado federal, João Penido Filho, o qual parece ter certa proximidade com o grupo (LEITE, s/d). Pedem, então, que não aprove o projeto, pois o divórcio iria dissolver a família, que fundamenta a sociedade. Algo parecido com isso está afirmado na Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, em que se diz que a família é até anterior ao Estado, por isso ele não deve interferir nela. Em seguida, explica-se que o divórcio abriria precedente para a prostituição. Não se explica exatamente o motivo, mas, tomando como base o contexto, em que a esposa se ocupava apenas do lar, não teria como ela se sustentar sem o casamento e essa poderia precisar se prostituir, por isso o divórcio seria antimoral, como lemos no texto. O último ponto abordado ficou com uma redação um tanto generalizada, mas entende-se que é de que o divórcio não é patriótico, pois atacaria princípios da igreja, compreendendo que a sociedade brasileira é católica – até menciona a “totalidade” – e esta se sentiria ofendida. Este último ponto vai se ligar à ideia de associar a cultura brasileira à cultura católica, portanto, ser brasileiro é ser católico.

Hauk explica que essa ideia da ligação entre a cultura nacional e a cultura católica pode ser percebida como uma herança portuguesa, pois também havia essa compreensão de que ser português é ser católico. O catolicismo era um modo de expressão da vida social, vemos referências em nomes de ruas, cidades, estados, festas, feriados, dia de descanso etc. Desse modo, misturavam-se os sentimentos de pertencimento à pátria e à religião. A questão é que os tempos haviam mudado e outros grupos passam a reivindicar seu espaço no meio público, enquanto parte dos católicos procura retornar a um período em que o catolicismo encontrava mais espaço de atuação (HAUCK, 1985, p.16).

No final do texto referente ao ano de 1909, consta um recorte de jornal, o qual é identificado como “Jornal do Brasil”, em que se lê:

Senhor Pedro Moacyr, no seio da comissão de constituição e Justiça, estava com o projeto do Sr. Alcindo Guanabara, instituindo o Divórcio no Brasil. A maioria da Câmara é contra o projeto, segundo declarações pessoais dos que se manifestaram em palestra a tal respeito. João Penido leu um manifesto contra, com assinaturas de muitos sobrenomes germânicos de Juiz de Fora (LIVRO HISTÓRICO DA LIGA I, 1902, p. 12).

Ao que parece, então, a carta foi lida e, de fato, o divórcio não foi aprovado nesse momento. A referência ao manifesto com assinaturas, constando muitos sobrenomes de origem germânica, pode ser explicada pelo fato de o curato de Nossa Senhora da Glória funcionar junto à colônia alemã da cidade. Desse modo, muitos dos que assinaram ou eram alemães ou descendentes dos alemães que foram trabalhar em Juiz de Fora.

O mesmo texto, publicado em 1909, aparece em uma carta datada de 1912, também direcionada ao Deputado Federal Dr. João Penido Filho, assinada pelo secretário da Liga identificado como Eduardo (CARTAS, 1912, Arquivo da Província do Rio). No jornal da Liga Católica, ao longo de alguns meses de 1927, foi divulgada uma carta pastoral do bispo de Uruguaiana, d. Hermeto José Pinheiro, em que se reforçava a ideia de que o divórcio iria desestruturar não só a família, mas a sociedade como um todo. Discutia-se que o divórcio iria se generalizar, enfraquecendo, assim, a confiança no casamento, “nenhum dos cônjuges se considera garantido”, disse o bispo (JLCJMJ, jul, 1927, p. 1). O prelado explica ainda que “o abastardamento da mulher que será a eterna vítima desta miserável inovação”, tomando a mulher como ser indefeso, não capaz de se sustentar, ela estaria jogada à sorte de seu destino, reforçando o que lemos no documento de 1909 (JLCJMJ, jul, ago e set, 1927).

Na década de 1940, o jornal da Liga Católica vai discutir sobre a anulação de casamentos. Em agosto de 1942, retrata-se o caso de um “voto pronunciado pelo Primeiro Congresso Nacional do Ministério Público, em São Paulo, condenando formalmente o abuso das anulações de casamento”. Por considerar que não há critérios bem definidos para essas anulações, julgam estar ocorrendo anulações demais. Diziam sobre maior atenção ao fato de que a “constituição da família e a legitimidade da prole se encontram no Código Penal, não só no Art. 237, que pune o crime de bigamia, mas em todo o título XII com quatro capítulos e 14 artigos, título cuja inscrição é exatamente dos **crimes contra** a família”. Adotando o termo de “indústria das anulações de casamento”, os liguistas voltam a mostrar preocupação com a dissolução da família, considerando esta como base da sociedade e, na sequência, falam sobre o exemplo que ficará para a juventude, isso pode dar uma má impressão sobre famílias e pode comprometer o futuro da pátria (JLCJMJ, ago, 1942, p.3). Repetem-se, então, os argumentos já apresentados de dissolução da base da sociedade e ataque aos princípios da pátria.

O assunto sobre o divórcio ora ou outra voltava em questão, percebemos isso, pois sempre nos deparamos com algum documento mencionando o tema, como no telegrama de 1962, enviado para o pe. Bonifácio Winkel, em Juiz de Fora. O texto foi enviado de Brasília, pelo deputado Abel Rafael, dizendo sobre o recebimento do ofício da Liga sobre a lei do divórcio. O deputado diz que “votarei e lutarei contra o projeto divorcista”. “Pelo bem do Brasil” (CARTAS, 1962, Arquivo da Província do Rio).

Não temos a real dimensão de quanto essas manifestações inferiram no atraso para a aprovação da lei do divórcio. Percebemos que os liguistas procuravam se manifestar de várias formas, em reuniões, cartas, através de políticos e jornais. O fato é que o divórcio só foi regularizado no Brasil com a Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, assinada pelo presidente

da época, Ernesto Geisel. Nela constava no

Art 1º - A separação judicial, a dissolução do casamento, ou a cessação de seus efeitos civis, de que trata a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, ocorrerão nos casos e segundo a forma que esta Lei regula.

Art 2º - A Sociedade Conjugal termina:

I - pela morte de um dos cônjuges;

II - pela nulidade ou anulação do casamento;

III - pela separação judicial;

IV - pelo divórcio.

Parágrafo único - O casamento válido somente se dissolve pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio (LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977).

Deste modo, fica confirmada a possibilidade do divórcio para a dissolução do casamento. O que antes era compreendido apenas em caso da morte de um dos cônjuges, inclusive para a igreja, agora, no direito civil, seria permitido também pelo divórcio.

Para Azzi, o catolicismo militante que estava se constituindo nas primeiras décadas do século XX tinha profundas afinidades com o catolicismo romanizado e com o catolicismo de imigração, implantados no país já desde meados do século XIX, porém sendo compreendido de diferentes formas, dependendo das localidades. Devido ao caráter letrado, esse catolicismo militante se distanciou do tradicional catolicismo luso-brasileiro, caracterizado pela origem rural. Entre as inúmeras preocupações desses novos grupos, estava a de transformar a situação criada desde o início do processo de romanização, em que se colocava a prática da fé católica como algo característico de mulheres e crianças (AZZI, 2000.p. 279 e 280).

Neste momento, buscava-se demonstrar que os homens também compreendiam a importância da fé católica, comprometendo-se inclusive a lutar por ela, porque, assim, consequentemente, estariam lutando por sua pátria. É interessante observar a insistência, por parte destes movimentos, para que os homens demonstrassem publicamente sua fé, com destemor. Neste sentido, uma das características do catolicismo militante é uma espécie de espírito combativo, que colocava como relevante a exposição de símbolos exteriores da fé como distintivos, escudos, fitas, medalhas, estandartes e bandeiras, inclusive a bandeira nacional. De modo equivalente ao exército, cada grupo ou corporação deveria se apresentar com os seus sinais específicos. Também na instituição católica, as associações e os movimentos deviam ostentar publicamente os elementos distintivos do próprio grupo (AZZI, 2000.p. 279 e 280).



Imagem 13 - Participação da Liga Católica Jesus, Maria, José, no Segundo Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte. Ocorreu entre os dias 09 e 07 de setembro de 1936. Fonte: Arquivo da Província do Rio de Janeiro.

Essa participação da Liga Católica no Segundo Congresso Eucarístico Nacional exemplifica o que falamos no parágrafo anterior. Os homens se colocam a marchar, enfileirados, pelas ruas da cidade, carregando bandeiras e estandartes, demonstrando publicamente a causa pela qual se faziam presentes ali. Neste momento, parte do projeto de afirmação católica na sociedade brasileira dizia sobre a importância de manutenção da hierarquia da igreja, como o direito e o dever de exercer o controle moral sobre a população do país, independente da raça, sexo ou credo religioso. Assim, os reformadores da instituição católica buscavam traçar as normas que deveriam regular o comportamento ético das pessoas, sendo que essas convicções estavam vinculadas à ideia de que deveria ser implantado no Brasil um Estado Católico. Desse modo, insistiam para que toda a sociedade se organizasse dentro dos padrões da ordem, disciplina e respeito às autoridades constituídas, em modo parecido às prescrições vigentes na igreja e no exército. Havia o desejo de que o poder público eliminasse elementos e forças consideradas como desagregadoras da vida social (AZZI, 2000. p.292).

Pensando hierarquicamente, o prelado, sobretudo aquele que visava a reforma no catolicismo brasileiro, tentava de várias maneiras relacionar fé católica ao povo do Brasil. Os

demais membros do clero teriam a missão de fazer isso acontecer, mantendo afastada qualquer possibilidade de difusão de outras doutrinas que não as católicas (AZZI, 2000, p. 296). Para colocar em prática esses atos, notamos que as associações católicas foram importantes instrumentos de ações, e aqui conseguimos acompanhar uma mais de perto, a Liga Católica Jesus, Maria, José. Contudo, não podemos esquecer que eram tempos de transformações, a sociedade brasileira já não era a mesma dos tempos coloniais, nem do Império, e os anos da República avançavam; ao mesmo tempo, a própria igreja se transformava. Talvez, sociedade e igreja estivessem em ritmos de transformações diversas, se pensarmos na história de longa, de média e de curta duração de Braudel (2016). Entretanto, mesmo a história de longa duração se transforma.

A Igreja Católica, como um todo, estava se deparando com inúmeras transformações sociais. Ao longo do século XIX até os adventos da modernidade, mudaram em várias camadas as formas de as pessoas se relacionarem em sociedade. A modernidade estava conseguindo cada vez mais consolidar valores, que nem sempre combinavam com os defendidos pelas doutrinas e pelos dogmas cristãos. Diante desse cenário, o pontificado assegurava mudanças e transformações que aos poucos iam sendo acatadas pelo prelado, como vimos no início deste trabalho. Os esforços prosseguiram pelo século XX. Acompanhamos, no Brasil, o empenho em colocar os leigos mais atuantes nas associações católicas, garantindo, assim, a difusão de seus ideais e assegurando o não avanço de algumas transformações modernas no campo da política.

Em um rápido balanço feito por Caldeira, nota-se que os papas que atuaram entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, adotaram uma postura mais intransigente às mudanças dos tempos. Claro que isso não foi uma regra engessada, há flexibilidades inclusive de país para país, de diocese para diocese (CALDEIRA, 2009, p. 60).

Ao adentrar na segunda metade do século XX, a própria Igreja Católica incorpora algumas mudanças de modo mais claro. O marco para isso, em nosso entender, foi o Concílio Vaticano II. Neste momento, a Igreja, ao invés de se fechar mais aos novos tempos, resolveu, pelo contrário, abrir-se a esse mundo moderno, pelo menos no sentido de tentar dialogar com ele. Isso implicou em diversas mudanças, na teologia, na liturgia e até mesmo na moral (PORTELLA, 2013, p. 259).

As reações de grupos católicos após o concílio foram de adaptação, esvaziamento ou consolidação de grupos conservadores que manteriam os olhares para as discussões de séculos anteriores, como o período ultramontano (CALDEIRA, 2011, p. 1012).

Neste cenário internacional da Igreja Católica, retornamos nossa atenção para a Liga Católica Jesus, Maria, José. Se o grupo foi fundado no Brasil, nos primeiros anos do século XX,

percebemos seu crescimento e sua maturidade a partir da década de 1920. Desde então, estabelece-se um jornal oficial do grupo e uma sede primária no país. Esses fatores são significativos, pois vão poder concentrar um discurso unificado para ser difundido pelo país. Não há dados precisos sobre o número de sócios espalhados pelo território ao longo do tempo, mas alguns relatos nos dão ideia da dimensão do grupo. Por exemplo, estima-se que em 1927 houvesse 200 mil liguistas em todo Brasil e que em 1933 houvesse cerca de 250 ligas católicas pelo país (SANTOS, 2008, p.127).

Neste caminhar, notamos que a família, propósito de fundação da Liga Católica, agregava bastante importância para o grupo, mas, antes, outras preocupações conduziam o seu fundamento, como a inserção do homem dentro da prática católica, a sua instrução, através das reuniões, catecismos, jornais e leituras de textos, que fossem aprovados pelo meio católico. Esse homem era disciplinado, conquistava medalha, portava estandarte, marchava pelas ruas, reunia-se em torno da mesa de comunhão e se munia de argumentos, para não “cair” nas lábias ao mesmo tempo em que atacava os inimigos da fé católica.

Entretanto, com o passar do tempo, e com as próprias transformações da igreja, a Liga Católica foi perdendo impulso. Talvez, não só a Liga, mas as associações. A partir do Concílio Vaticano II, os trabalhos antes realizados pelas associações foram sendo desenvolvidos por pastorais. Assim, a percepção e a atuação do meio mudaram (SANTOS, 2008, p.127).

No livro comemorativo dos 50 anos de fundação da Liga Católica de Irajá, Santos diz que, apesar de haver poucos registros escritos sobre os anos de 1967 a 1975, na sessão da Paróquia de Nossa senhora da Apresentação, foi possível resgatar parte da história desse período em relatos de liguistas e religiosos que viveram durante o período, e a conclusão que foi se formando sobre aquele momento é que a Liga Católica como um todo foi assolada por uma crise de identidade, devido às transformações adotadas no pós-conciliar (SANTOS, 2008, p. 125).

As transformações e o esvaziamento também foram sendo percebidos em outras Ligas Católicas, como pudemos ler no livro de Atas de Reunião Mensal Ordinária da LCJMJ, que se realizou em 08 de janeiro de 1967, no salão de reuniões na Fazenda da Floresta, Juiz de Fora. Falou-se da decadência da Liga, levantaram a possibilidade de traçar discussões para tentar reerguer o grupo, como convidar os liguistas antigos para as reuniões, buscar engajar os que estavam sumidos etc. (ATA da LCJMJ/FLORESTA, 1967, p. 9).

Na reunião de abril desta mesma Liga, discutiu-se sobre as reformas pelas quais a igreja vinha passando, instruindo para que os católicos se inteirassem delas, “pois a Liga representa um grande papel nessas reformas da Igreja”, comentou o diretor, pe. João Fagundes. Dentre

essas transformações causadas pela Liga, comentou-se sobre o movimento que causou no passado, levando os homens para suas reuniões, celebrações e procissões. Para o diretor, a Liga poderia ajudar atuando na própria adaptação das reformas atuais (ATA da LCJMJ/FLORESTA, 1967, p. 10).

Acontece que o tempo foi passando, as transformações continuaram em curso e a Liga Católica acabou sofrendo um hiato de cerca de cinco anos, no final da década de 1960, no que se refere à presença de um Secretário Geral, ou um Diretor Geral (GONÇALVES, 1992, p. 60). Essa falta foi suprida em 1974 com a chegada do pe. Mário Ferreira Gonçalves que, como salientou o redentorista pe. Braz Delfino Vieira, empenhou-se nos afazeres do grupo, modificando parte de sua estrutura inicial e organizando-o para os novos tempos vividos pela Igreja Católica (ATA I SEMINÁRIO DA LIGA, 2010). A Liga Católica Jesus, Maria, José se encontra em atividade até os dias de hoje, mas as suas transformações no pós-Concílio Vaticano II vão incutir estudos para um próximo trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Liga Católica Jesus, Maria, José surgiu na Bélgica em 1844 como Associação da Sagrada Família. Sua finalidade, desde o princípio, foi, sob a proteção da Sagrada Família, orientar os homens, que estavam expostos ao excesso de trabalho e entregues aos vícios, sobre a importância da prática religiosa e sobre a relevância de ser um chefe de família, para constituir, desse modo, a verdadeira família cristã.

Assim, lemos o texto do diretor geral, pe. João Batista Smits, no jornal da Liga Católica, na edição de novembro de 1927 que,

A Liga Católica, depois de ter feito dos homens bons católicos, os guiava na vida do lar e assim os fez bons pais de famílias e cidadãos exemplares. [...] Vendo a triste situação religiosa, especialmente dos homens no Brasil, dos quais muitos eram só católicos de nome, foi resolvido de instruir no Brasil também a Liga Católica Jesus, Maria, José, que com a sua influência havia de confortar os homens pelo mútuo exemplo, de fazê-los desprezar o respeito humano; de dar-lhes força contra a incredulidade e imoralidade. [...] Que publicamente lancem os seus protestos contra leis iníquas, e combatem tudo quanto perturbar a ordem pública tornar-se o mais fiel apoio dos poderes constituídos (JLCJMJ, nov, 1927, p. 7).

Observando os princípios que deram origem ao grupo, podemos perceber que esses foram adotados no Brasil e que, segundo a análise do pe. Smits, esses ideais alcançaram sucesso. Os homens liguistas compreenderam a importância da religião, passaram a dar mais

importância a Deus e adotaram como modelo a Sagrada Família.

A Liga Católica no Brasil vai funcionar baseada em algumas pautas de costumes que estão presentes desde a fundação do grupo em 1844, como o não beber demais, não trabalhar aos domingos, ir à missa, comungar, confessar, ser presente em casa e educar os filhos. Ao mesmo tempo, esse grupo se encaixou dentro dos propósitos esperados pelo processo de romanização, o qual algumas dioceses adotavam no país. Nesse sentido, o grupo compreendia a hierarquia estipulada pela Santa Sé, a respeitava e nela se enquadrava. Isso logo chamou a atenção de diversos bispos, como d. Silvério, que aprovou a primeira instalação do grupo no Brasil e, mais tarde, d. Leme, que pensou ainda em uma Ação Católica Brasileira.

O modelo no qual deveriam se espelhar ou, como aparecia em algumas falas, o modelo que deveriam imitar era o da Sagrada Família. Nessa temos José, o carpinteiro, que trabalha para sustentar sua família, Maria que deu à luz o filho de Deus e que cuida do lar e de seu filho, Jesus, que obedece às ordens de seus pais. Assim, esperava-se que as famílias agissem.

Ao longo da tese, observamos que a estrutura da Sagrada Família em si era singular em seu tempo. Primeiro, porque não era uma família numerosa, depois, porque José era o pai adotivo de Jesus. Entretanto, o que vamos percebendo é que aquilo que vai constituindo essa família como sagrada para os fiéis é justamente o mistério que a compõe. É o caráter divino do filho e a santidade atribuída aos pais. Então, o grupo esperava justamente que as famílias se baseassem na Sagrada Família para se tornarem santas.

Contudo, a santificação da família só aconteceria no segundo momento. Primeiro, o grupo entendia que era preciso instruir o homem, pois ele é o chefe da família, isto é, a família será aquilo que o homem, o pai, é. Se o pai estiver catequizado, guardando o domingo para ir à igreja, afastado da bebedeira e dos prazeres mundanos, ele compreenderá a relevância de cuidar de seu lar e de educar os seus filhos. Sendo assim, a sua família vai estar em ordem.

Consta, nos manuais e nos estatutos do grupo, que este tinha como intuito o “desenvolvimento do espírito da verdadeira prática cristã” (MANUAL. 1922, p. 16). Na prática, é possível ver a partir de quem isso aconteceria para a sociedade. Na edição de maio, de 1928, consta no Jornal da Liga Católica que “o fim da Liga é superior a qualquer outra obra social ou de beneficência, é cristianizar o homem e, por ele, a família e, por esta, a sociedade toda. Converter os homens é a grande obra da Liga” (JLCJM, maio, 1928, p.1).

Esse era o modelo esperado de formação do homem, para que ele pudesse conduzir sua família a se espelhar na Sagrada Família. Berkenbrok e Marchini nos mostram que a identidade cristã é, na verdade, uma construção do seu tempo. Desta forma, o cristão será reflexo do meio no qual está inserido, é a partir dele que moldará a sua identidade. Os autores justificam que a

identidade não é elaborada a partir de uma conjectura fixa e imutável, ou mesmo do sacramento que se recebe, mas, na verdade, a identidade é feita com os encontros e desencontros do cotidiano (BERKENBROK; MARCHINI, 2019, p. 30).

Estruturar o modelo de família cuja peça fundamental para seu funcionamento é o homem é claramente fruto de um contexto específico. Em uma sociedade patriarcal, em que o homem era tomado como o chefe da família, era significativo que o intuito da Liga era agir sobre o homem, para que ele adquirisse a identidade cristã e a passasse para sua prole. Certamente, há situações em que a renda e a organização familiar ficavam a cargo da mulher, mas o esperado para aquela sociedade era que o homem assumisse essas funções. Isso inclusive pautava o Código Civil da época (LEI Nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916). Assim, a concepção da Liga Católica era de que o homem bem formado para a prática cristã poderia modelar sua família para alcançar a forma da Sagrada Família.

O jornal da Liga Católica datado de agosto de 1931 traz um texto, assinado pelas iniciais P. W.P., C.Ss.R., que possivelmente se referem ao pe. Walter Perriens, C.Ss.R. Ele chegou a atuar como Diretor da Liga Católica e, como consta em seu necrológio, foi “propagandista da ‘Boa Imprensa’”. Na década de 1920, mudou-se para Belo Horizonte onde, entre seus trabalhos como religioso, dedicou-se a escrever para jornais e revistas (LEITE; VIEIRA, 2012). Por isso, achamos que há possibilidade de ele ter assinado o texto. O texto no jornal exprime exatamente o que podemos observar nas leituras dos jornais e dos documentos da Liga Católica, produzidos ao longo da primeira metade do século XX. Leiamos:

Em 1844 um bravo oficial do exército belga, Henrique Belletable, fundou em Liège, sob os auspícios da Sagrada Família, uma associação de homens, destinada, nos desígnios de Deus, a desempenhar um papel providencial na sociedade moderna, também no Brasil. [...] As diversas Ligas existentes nos dois hemisférios constituem atualmente um respeitável exército de mais ou menos um milhão e quatrocentos mil homens. Devido a circunstâncias locais a Liga Católica, ao invés do que aconteceu em outros países, onde também as mulheres têm as suas Ligas, ficou sendo entre nós uma associação exclusivamente masculina, e será preciso conservar-lhe este caráter, pois além de não faltarem em nossa terra associações para o sexo feminino, foi esta a ideia primitiva do Fundador, e aí está entre nós o segredo da sua missão providencial e dos seus grandes e relevantes serviços. No pensamento do seu Fundador, nas Ligas Católicas deve congregar-se uma falange coesa e disciplinada de homens, e só de homens, e bem assim de homens de todas as classes sociais, porque o mal que a Liga procura debelar atacou todas as classes, infiltrou-se em todas as camadas sociais. Seria, pois, um erro pensar que a Liga seja fundada para esta ou aquela classe de pessoas, de preferência a outra. É verdade que praticamente o elemento operário será o que aí numericamente predomina - porque na própria sociedade haverá sempre mais operários do que advogados, médicos, magistrados, professores, etc. o que não impede que todas essas profissões devam ter os seus representantes na Liga Católica. Irmanados na mesma fé e nos mesmos sentimentos, todos esses

homens de classe tão diferentes devem na Liga arregimentar-se sob a mesma bandeira sempre gloriosa da Sagrada Família, e assim unidos, ombro a ombro, lutar pela realização dos seus grandes e elevados ideais. Quais são estes ideais? Podem resumir-se na frase do Apostolo: *instaurare omnia in Christo*. Reanimar a fé amortecida e quase extinta em tantos corações de homens, e mediante esta fé reanimada regenerar a sociedade. Admirável a tática de Belletable. Pois, indo diretamente aos homens, aos homens de todas as classes, ele obteve de vez duas vantagens: Transportou, desde logo, o ardor do combate para o ponto mais atacado, onde o inimigo faz mais estragos, que é incontestavelmente a classe dos homens. Mas pelo mesmo feito ele aumentou consideravelmente as probabilidades do sucesso, fazendo, desde logo, inclinar a vitória para o seu lado. Pois quem não conhece o papel preponderante do homem em todos os terrenos da atividade social? Em que pese aos propagandistas do feminismo, será sempre o homem a mola real no organismo da sociedade, um país vale o que valem os seus homens. Numa infinidade de coisas são os homens que terão sempre a última palavra. São os homens que fazem e desfazem as leis; que orientam a opinião pública; que formam as classes armadas de mar e terra; que dão impulso às indústrias e a todos os grandes empreendimentos; enfim, são os homens que governam o mundo. Se queremos, pois, eficaz e decididamente regenerar a sociedade, devemos ir aos homens, e dos homens fazer católicos praticantes, católicos de verdade, católicos que tenham consciência de suas responsabilidades, e a nobre coragem de cumprir os seus muitos e variados deveres, para com Deus, para com a família, para com a sociedade, na vida pública como na vida privada e por toda parte.

Enquanto os homens não se movem, não se agitam pelos grandes interesses que estão em jogo; enquanto os homens não se reúnem para, com forças dobradas se opor à influência do mal e da impiedade dos nossos dias, a regeneração da sociedade será uma utopia.

Mas no dia em que os homens se reunirem, decididos a lutar e a reagir contra a maré de dissolução que de dia para dia engrossa as suas ondas, e em que, a olhos vistos, se submergem a sociedade moderna, eles constituem a grande força, a força irresistível, que nos há de levar à vitória e à restauração de todas as coisas em Cristo. Bem haja pois as Ligas Católicas que não tem outro ideal, e incontestavelmente já tem prestado algum serviço ao Brasil neste sentido. Venham, porém, mais e sempre mais Ligas Católicas que, sem dúvida alguma são o apostolado mais reclamado pelas necessidades do momento, também em nossa pátria. (JLCJM, ago, 1931, p. 3).

A transcrição ficou extensa, mas compreendemos que este texto diz muito sobre a concepção dos religiosos, do grupo e até mesmo de parte da sociedade daquele momento. A redação começa falando da fundação da Liga, que visava atuar dentro da sociedade moderna. Esse grupo foi exportado da Bélgica para outros países, o que foi formando um exército de 1,4 milhão de pessoas. Não há uma explicação de onde saiu esse número, mas fica evidente a associação dele com um exército.

Em seguida, o autor vai dizer que, ainda que lá fora tenham sido criados grupos femininos, no Brasil, ele compreendia que isso não era necessário ou não era o correto, pois já havia muitas associações em que as mulheres atuavam e o plano original era ser um grupo masculino. Neste ponto, ele procura afirmar a Liga Brasileira como a mais próxima da proposta

inicial. Assim, justifica-se que essa é a grandiosidade do grupo, é desse modo que ele consegue atingir todas as classes sociais, tornando todos esses homens irmãos, arregimentados sob a mesma bandeira que é a Sagrada Família. Foi a forma encontrada para que os homens instaurassem todas as coisas em Cristo – fazendo uma tradução literal do escrito em latim.

O reanimar a fé no coração do homem é explicado por se compreender que o mal, ou o inimigo, ataca diretamente o homem. Curioso, não se fala de ponto fraco, ou não diz que é mais suscetível ao ataque, não é construída uma ideia de fragilidade sobre o homem, para justificar o seu desvio da fé, mas coloca apenas a ideia de que o inimigo o ataca. Continuando, o texto mostra, então, que, se o homem conseguir compreender a importância da reanimação da fé, o sucesso para a igreja e para a sociedade será maior, pois o “homem é a mola real no organismo da sociedade”, “são os homens que governam o mundo”. Deposita, assim, toda a responsabilidade de sucesso no homem, ação típica de uma sociedade patriarcal e machista que procura apagar todos os feitos sociais realizados por aqueles que não são considerados em seu tempo como homens.

Este estudo diz muito sobre a história de um período e o comportamento social de uma época. Então, por que realizá-lo na Ciência da Religião? A justificativa se faz pelo fato de que na História, na Sociologia, ou em algum outro campo das humanidades, compreenderíamos esses aspectos políticos ou sociais, movidos por interesses de poder no campo religioso e no espaço público, mas é possível que não buscássemos compreender a cosmologia que embasa toda a atuação (CAMURÇA, 2011, p.747).

Os aspectos sociais são fundamentais e nos ajudam a compreender toda essa justificação patriarcal, mas há mais elementos a serem notados nestes fatos. Isso ficou muito claro para nós quando analisamos friamente a estrutura da Sagrada Família, por que adotá-la como modelo? Na Sagrada Família, o filho ganha maior importância que o pai, inclusive o nome do pai aparece por último em sua nomeação. Falamos Jesus, Maria e José, esse é o nome adotado pelo grupo. As famílias esperadas dentro do período recortado para este trabalho eram compostas por pai, mãe e filhos. O pai aparece primeiro e filho está no plural. No entanto, o mistério, compreendido pelo fiel na Sagrada Família, é o que a torna um modelo a ser seguido, e não a sua estrutura física (TH. DEHAU, 1947, p. 32 e 34).

Para compreender esse modelo, não basta apenas enquadrá-lo em um esquema secular, instigado somente por uma lógica racional política e social, é preciso trazer para o campo, “as motivações simbólicas e a visão de mundo interna e particular desse segmento” (CAMURÇA, 2011, p.747).

A elaboração dessa estrutura, a criação do grupo, seja na Bélgica, seja na sua importação

para o Brasil, está ligada a uma reação, por parte da Igreja Católica, às transformações vividas pelos tempos modernos. Buscamos em Caldeira o termo “conservadorismo moderno” para poder compreender o movimento que a Liga Católica estava tentando realizar. O contexto histórico e social vivido dizia sobre novos movimentos de forças histórico-políticas, comportamentos sociais mais acelerados que visavam transformar o desenvolvimento social, a circulação de novos ideais, enfim, esse grupo fazia parte de um movimento da Igreja Católica que reagia ao caráter dinâmico que se construía no mundo moderno, à procura de conservar valores anteriores ao tempo vivido (CALDEIRA, 2009, p. 47).

A defesa desse modelo funcionou para o grupo ao longo da primeira metade do século XX. Contudo, a sociedade continua em transformação. Com o advento do Concílio Vaticano II, na década de 1960, os ares já eram outros, as demandas já haviam se transformado, a sociedade já não era a mesma de 100 anos antes. Isso não quer dizer que não houvesse, naquele momento, ou que não haja grupos ainda hoje, que agem de modo conservador, quiçá ultraconservador, na tentativa de resgatar algum passado compreendido como ideal. O caso não é esse, o nosso foco é a Liga Católica. Nela, o tempo agiu e exigiu transformações para sua sobrevivência.

Termos parado a pesquisa no Concílio Vaticano II explica-se pois compreendemos que, neste marco, a igreja se transformou, elementos da modernidade foram admitidos no meio e outros deixaram de ser inimigos. Novas perspectivas e novos desafios passaram a pautar os rumos da igreja (CALDEIRA, 2009, p. 58). Como escreve Camurça se orientando a partir de Braudel, a estrutura de longa duração do catolicismo, nos tempos modernos e inclusive no Brasil, passou a incorporar e se transformar junto às novidades que compunham o século (CAMURÇA, 2011, p. 748).

As transformações sociais, sobretudo na segunda metade do século XX, foram deixando ideias sem espaço nas sociedades, como as que o jornal da Liga Católica atribuiu em 1931 e 1932 à Encíclica Pio XI sobre matrimônio. Nela lemos que a Igreja condena a emancipação da mulher e que a mulher não está em pé de igualdade com o homem, pois isso é uma "corrupção da índole muliebre e perversão de toda a família, visto como o marido fica privado da mulher, os filhos da mãe, a casa e toda a família de sua guarda que deve ser sempre vigilante" (JLCJM, dez, 1931, p. 7). E “a sociedade deve ser organizada de modo que todo homem possa ganhar o suficiente para sustentar sua mulher e seus filhos” (JLCJM, jul, 1932, p. 3).

Ou como lemos na edição de abril de 1958:

A influência da mulher não pode ficar limitada ao lar; a mulher que leva a vida de uma verdadeira mulher é uma benção para o lar, para o povo, para a

humanidade. A mulher deve compreender que a tarefa mais importante de uma mulher casada é construir seu lar e não obter destaque em um emprego fora de casa, ou seja, a mulher pode trabalhar fora, mas nunca deve esquecer-se de que foi feita para construir um lar (JLCJMJ, abr, 1958, p. 6).

Apesar da frase que inicia o trecho acima, a mensagem que fica no restante é que a mulher deve se contentar com sua atuação interna, lá está o seu valor para com a sociedade, pois a externa deveria ser ocupada pelo homem.

Como demonstrado pela teóloga Maria Clara Bingemer, não partiu da igreja o pontapé inicial para a emancipação da mulher, especificamente a ocidental, até porque havia grupos dentro dela agindo para não permitir esse avanço. Contudo, esta emancipação vai se fazendo pelos meios seculares e, claro, pelas suas conquistas (BINGEMER, 2002, p. 106). Logo, a mulher precisaria ser incluída no interior da Liga Católica, talvez por uma estratégia de sobrevivência, talvez pela compreensão de que a mulher também é ativa na família.

Ainda se baseando em Bingemer, percebe-se que se a mulher estava presente nas celebrações e associações, sua voz só ganhou espaço de fato após a década de 1960, quando efetivamente passou a assumir espaço na coordenação de comunidade em vários níveis, seja

Pelo questionamento da impossibilidade de acesso ao ministério sacerdotal reservado apenas aos homens, [seja] pela produção de uma reflexão teórica sobre a experiência religiosa e os conteúdos doutrinários da fé cristã desde sua própria perspectiva de mulher (BINGEMER, 2002, p. 106).

Concluimos, assim, que a Liga Católica Jesus, Maria, José, procurou construir um modelo de homem cristão e demonstrar, para aquele período vivido, que religião é coisa de homem. O padrão estipulado visava formar bons cidadãos, como lemos no manual da Liga Católica de 1922 (p. 26), e, assim, chegariam a ser bons chefes de família, que pudessem imitar a santidade da Sagrada Família formada por Jesus, Maria e José.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

A INQUISIÇÃO. Transcrito do jornal “Liga Catholica J. M. J.”. Publicação interna, sem data.

ATA DA REUNIÃO mensal ordinária da LCJMJ, realizada no dia 08 de janeiro de 1967, no salão de reuniões na Fazenda da Floresta, Juiz de Fora. Documentos Históricos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

BRANDÃO, Henrique. Cadernos de anotações, sem data. Documentos Históricos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: aberta à Mocidade Católica de Juiz de Fora (Cópia), sem data. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Bispo de Mariana, Dom Silvério, do vigário, 1901. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Bispo de Mariana, Dom Silvério, do cura, Pe. Augusto Beukers, C.Ss.R. 1902. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Deputado Federal Dr. João Penido Filho, 1912. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao prefeito da 18 seção da Liga Católica assinada pelo padre Alberto Panstelup, C.Ss.R., 1926. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Diretor da Liga Católica pelo Pe. Gabriel Wijck, 1957. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, 1962. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: endereçada ao Vereador Pedro de Castro, 1961. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: enviada de Dom Silvério, para o vigário da Igreja Nossa Senhora da Glória, 1901. Correspondências, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: enviada do Secretário Interino da Diocese de Juiz de Fora ao padre Adriano, 1933. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CARTA: enviada pelo Círculo Operário Juiz de Fora, 1960. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

CENSO. Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 23/01/23.

CENSO. Synopse do recenseamento de 1º de setembro de 1940. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 23/01/23.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL das Ligas Católicas Jesus, Maria e José do Brasil. **Documento de Floresta.** 1º Seminário. *Tema: A Liga Católica hoje – A caminho das águas mais profundas, 2010.* Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

C.Ss.R. CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS. Aparecida: Santuário, 2004. Em Arquivo da Província do Rio.

ESTATUTOS da União dos Moços Católicos. Belo Horizonte: Imprensa diocesana, 1924. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

GONÇALVES, Mário Ferreira. Aos cinquenta anos de redentorista na Província do Rio de Janeiro. In: **Intercâmbio: Órgão documentativo da Província Redentorista do Rio do Janeiro.** Juiz de Fora. n104, 1992. Publicações, em Arquivo da Província do Rio.

_____. A Pastoral da Liga Católica – J.M.J. In: **Intercâmbio: Órgão documentativo da Província Redentorista do Rio do Janeiro.** Juiz de Fora. n103, 1991. Publicações, em Arquivo da Província do Rio.

Histórico da Liga Catholica – Tomo I de 3 de março 1902 até 30 de outubro de 1932. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Histórico da Liga Catholica – Tomo II da Liga Católica de 30 de outubro de 1932 até junho de 1952. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Jornal “A Cruz”. 7 de fevereiro de 1935. Documentos da Liga, em Arquivo da Liga Católica Jesus Maria José do Rio de Janeiro.

Jornal “Correio da Manhã”. Agosto de 1907. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Jornal “Correio da Tarde”. 29 de julho de 1907. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Jornal “Diário Mercantil”. 24 de agosto de 1961. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Jornal do Brasil. Ano de 1955. Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Julho de 1925. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Agosto de 1925. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Setembro de 1925. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Outubro de 1925. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Novembro de 1925. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Janeiro de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Abril de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Maio de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Junho de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Julho de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Agosto de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Setembro de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Outubro de 1926. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Agosto de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Setembro de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Outubro de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Novembro de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Dezembro de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Janeiro de 1943. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Fevereiro de 1943. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Março de 1957. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Abril de 1957. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Agosto de 1957. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Dezembro de 1957. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

Jornal Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesus, Maria, José” do Brasil. Abril de 1958. Publicações da Liga, em Arquivo da Liga Católica.

LACROIX, Gérald Cyprien. **Fête de la Sainte Famille de Jésus, Marie et Joseph.** Québec, 2015. Disponível em <<https://www.ecdq.org/documents-2015/fete-de-la-sainte-famille-de-jesus-marie-et-joseph/>>. Acesso em: 21/02/2021.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica:** Inscrutabili dei Consilio – Sobre os males da Sociedade Moderna, suas causas e seus remédios. 1878. Disponível em: <<https://www.vatican.va/>>. Acesso em: 23/01/2022.

_____. **Carta Encíclica:** Magnae dei Matris – Sobre o rosário de Nossa Senhora. 1892. Disponível em: <<https://www.vatican.va/>>. Acesso em: 23/01/2022.

_____. **Carta Encíclica:** Rerum Novarum – Sobre a condição dos operários. 1891. Disponível em: <<https://www.vatican.va/>>. Acesso em: 23/01/2022.

LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=3071&ano=1916&ato=c160zYE1UNnRVTa37/>>. Acesso em: 22/04/2023.

LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm>. Acesso em: 22/04/2023.

LEMBRANÇAS DAS Bodas de Prata da Liga Catholica “Jesus, Maria, José” da Igreja de N. S. da Glória em Juiz de Fora: A Primeira Liga Catholica no Brasil (1927). Estabelecimento Graphico da Companhia Dias Cardoso. Juiz de Fora, 1927. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

LIGA CATÓLICA. Atas de reunião: Floresta, Juiz de Fora, (1966 – 1979). Documentos da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Liga Católica Jesús, Maria, José: Órgão Oficial das Ligas Católicas “Jesús, Maria, José” do Brasil. Ano XVIII. nº5. novembro de 1942. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

LITTERAE ANNALES de rebus gestis Provinciae Hollandicae Congregationis Ss. Redemptoris. Tradução do Pe. João Batista Boaventura Leite. 1895. In: Almeida, Dalton Barros (org.). **Memória viva do Redentor:** C.Ss.R. Província do Rio de Janeiro. Juiz de Fora: 1995.

LIVRO I ATAS das reuniões do conselho e diretoria da Liga Católica. Agosto de 1925 a junho de 1932. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Manual para os sócios da Liga Catholica Jesus, Maria, José. Petrópolis: Typ das “Vozes de Petrópolis”, 1922. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Manual da Liga Católica Jesus, Maria, José. Juiz de Fora: Esdeva empresa Gráfica. 8ª edição, 1983. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

MANUAL: Liga Católica Jesus, Maria e José. São Paulo: Editora Santuário, 2013. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

MANUAL: Liga Católica Jesus, Maria e José. São Paulo: Editora Santuário, 2018. Publicações da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

OLIVEIRA, Geraldo. Uma visão atualizada da Liga. In: **Intercâmbio: Órgão documentativo da Província Redentorista do Rio do Janeiro.** Juiz de Fora. n103, 1991. Publicações, em Arquivo da Província do Rio.

TASCHEREAU, E. A. Lettre Pastorale: Sur la dévotion a la Sainte Famille de Jésus, Marie, Joseph. Québec: Imprimerie Générale A. Côté e Cia, 1892.

TELEGRAMA: enviado pelo deputado Abel Rafael, para o Pe. Bonifácio Winkel, C.Ss.R., 1962. Correspondências da Liga, em Arquivo da Província do Rio.

Fontes Bibliográficas

AGULHON, Maurice. Pénitents et Francs-Maçons de l’ancienne Provence – Essai sur la sociabilité Meridionale. Paris: Fayard, 1984.

ALMEIDA, Dalton Barros. Abandonados. In: Wales, Sean; Billy, Dennis. **Dicionário de Espiritualidade Redentorista.** Goiânia: Scala Editora, 2012.

ALVES, Júlio Henrique M. A evolução nas definições de família, suas novas configurações e preconceito. (Monografia em Direito). Natal: UFRN, 2014.

ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: **Anais do II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG**, 2009.

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

ANTONIO, Humberto. **A Liga Católica Jesus, Maria, Jose**. Rio de Janeiro, 1946.

ANTONIO, Umberto. **A liga Católica Jesus - Maria - José**. Rio de Janeiro: Gráfica Mariana, 1955.

ARAÚJO, Ergo Dias. **Leigos e Leigas Cristãos, a serviço do Evangelho e da Sociedade: movimentos e comunidades**. São Paulo: Baraúna, 2020.

AZZI, Riolando. **Sob o Báculo Episcopal: a Igreja Católica em Juiz de Fora, 1850- 1950**. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja em Juiz de Fora: 2000.

BARBOSA, Dimas Lara. Sobre o conceito de tradição na vida da igreja. In: **REB: Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2000. fasc. 238 junho.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: Introdução aos seus usos historiográfico. Petrópolis: Vozes, 2019.

BERKENBROCK, V. J.; MARCHINI, W. L. Sacramentos. Entre a prática eclesial e o sentimento antropológico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 79, n. 312, p. 8– 33, 2019. DOI: 10.29386/reb.v79i312.1813. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1813>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BERKENBROCK, V. J.; NIERO, L. A. As virtudes pós-morte. O imaginário cristão sobre práticas virtuosas em favor da salvação da alma no purgatório. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 75, n. 300, p. 910–934, 2015. DOI: 10.29386/reb.v75i300.271. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/271>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BERTANTE, Rafael de Souza. **Um olhar sobre a sociabilidade italiana em Juiz de Fora: italianos maçons e a “Unione Italiana Benso di Cavour”**. Dissertação (Mestrado em História). UFJF, Juiz de Fora, 2017.

BERGER, P. **O Dossel Sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. São Paulo: Paulos, 1990.

BINGEMER, Maria Clara L. A mulher na Igreja do Brasil. In: **Concilium: Revista Internacional de Teologia - Brasil: Povo e Igreja (s)**. Petrópolis: Vozes, 2002/3.

_____. A trindade a partir da Perspectiva da Mulher. In: **REB**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 46.

BOOMAARS, Tiago. **Per Quinque Lustra (1894-1919)**. Coleção Memória viva do redentor. C.Ss.R. Província do Rio de Janeiro. Tradução João Batista Boaventura Leite Juiz de Fora: Publicação interna, 1994.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

BORGES, Dorian. Em nome do pai, da mãe e do “Espírito Santo”: arranjos familiares e religião no Brasil contemporâneo. In: ARAÚJO, C.; GAMA, A.; PICANÇO, F.; CANO, I. (Orgs). **Gênero, família e trabalho no Brasil do século XXI**: mudanças e permanências. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

BOTTERO, Jose S., Per una ecologia della Famiglia, Borla, Roma, 1992. p. 37-45. In: **REB**: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2000. fasc. 238 junho.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II**: Volume 1. São Paulo, Editora da USP, 2016.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Bases temporais para o estudo histórico da Igreja católica do século XX. In: **Horizonte**: Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 75-90, jun. 2007.

_____. Católicos e anticomunistas: D. Geraldo de Proença Sigaud e a literatura anticomunista no Brasil. In: **Revista del Cesla**, no. 18, 2015, pp. 67-87.

_____. Domínios diferenciados e refluxos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 97-111, 1º sem. 2004.

_____. **Os baluartes da tradição**: a antimodernidade católica brasileira no Concílio Vaticano II. (Tese de doutorado). Juiz de Fora: UFJF, 2009.

_____. Bispos conservadores brasileiros no Concílio Vaticano II (1962-1965): D. Geraldo de Proença Sigaud e D. Antônio de Castro Mayer. Dossiê: Concílio Vaticano II: 50 anos. Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1010-1029, dez. 2011.

_____. Notas sobre o pensamento conservador. In: **Temáticas**, Campinas, 20(40): 13- 30, ago/dez. 2012.

CAMURÇA, Marcelo. A “artilharia pesada” espiritual (O embate das “Santas Missões” redentoristas com o catolicismo tradicional mineiro em contexto de romanização no final do século XIX). In: PEREIRA, M. S.; SANTOS, Lyndon de A. (Orgs). **Religião e Violência em tempos de globalização**. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. Cosmologia e estrutura de longo curso do catolicismo na dinâmica da modernidade. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 746-762, out./dez. 2011.

CARRARA, Paulo Sérgio. Enfraquecimento da ideia de Deus e de homem na pós-modernidade. in: **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 8, n. 3, 817-839, set./dez. 2016.

CITINO, Adriana Gilioli. **Contribuições da doutrina social católica ao mundo do trabalho**: Brasil 1937-1967. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2012.

COSTA, Luiz Pereira da. Família e história de sua formação. Maceió: Casa Ramalho, 1939.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel**: de sua tese *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II* até o artigo *História e Ciências Sociais: A longa duração* (1949-1958). (Dissertação de História). Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, 2009.

CROATTO, Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. In: **Estudos e pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. Ano 10, nº 3 p.700-728, 2010.

DE THEIJE, Marjo. “São metade macho, metade fêmea”: sobre a identidade de gênero dos homens católicos. In: **Anthropológicas**, ano 6, volume 13(1): 47-56, 2002.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2007.

DIAS, PAULA BARATA. A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. In: **Ágora**. Estudos Clássicos em Debate 6, 2004. p. 99-133.

DUARTE, L. F. D. *Ethos* privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduos, família e congregação. In: DUARTE, Luiz F. D.; HEILBORN, Maria L.; BARROS, Myrian L. PEIXOTO, Clarice. (orgs). **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

DUARTE, L. F. D.; JABOR, J. M.; GOMES, E. C.; LUNA, N. Família, reprodução, e *ethos* religioso: subjetivismo e naturalismo com valores estruturantes. In: DUARTE, Luiz F. D.; HEILBORN, Maria L.; BARROS, Myrian L. PEIXOTO, Clarice. (orgs). **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

DUTRA NETO, Luciano. Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas: uma contribuição à história e as missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O Processo civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERENZINI, Valéria Leão. **A “Questão São Roque”**: Devoção e conflito. Imigrantes italianos e a Igreja Católica em Juiz de Fora (1902 - 1920). São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: Prefeitura da Cidade de Juiz de Fora, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos livros sapienciais. In: **Estudos Bíblicos**: A família na Bíblia. Petrópolis: Vozes. nº85, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIUMBELLI, Emerson. A Religião que a Modernidade Produz: Sobre a História da Política Religiosa na França. In: **DADOS** — Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 44, nº4,

2001, pp. 807 a 840.

GONÇALVES, Marcos. Figuras da antimodernidade nas Constituições Eclesiásticas de 1915 – Brasil meridional. In: RODRIGUES, Cândido; ZANOTTO, Gizele; PEIXOTO, Renato; CALDEIRA, Rodrigo Coppe (Orgs.). **Política e Cultura no Catolicismo Contemporâneo** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

GOVERS, N. **Vida do Cap. Henrique Belletable**. Rio de Janeiro: Mariana Editora, 1957.

GRESCHAT, Hans-Jürge. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

GROOVER, Padre N. **Capitão Henrique Belletable**: Fundador da Liga Católica Jesus, Maria e José. In: Jornal da Liga Católica J.M.J. Janeiro de 1996 edição especial e reeditado em maio de 2010 .

HAUCK, João Fagundes. **Historia da Igreja no Brasil**: Ensaio de Interpretação a partir do povo. tomo II/2 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOBBSAWN, Eric e Ranger, Terence. **A Invenção das tradições**. São Paulo – SP: Editora Paz e Terra, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **A Era do Capital**, 1848-1857. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780**: Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

KIRCHNER, Luís. A Trindade, arquétipo da Família; A família, sacramento da Trindade. In: **REB**: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2000. fasc. 238 junho.

LEITE, Fábio Luiz de Almeida. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima: A correspondência com Jackson Figueiredo entre 1924 e 1928**. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

LEITE, Pe. João Batista Boaventura, C.Ss.R., **A Liga Católica Jesus, Maria, José**: no mundo e no Brasil. Juiz de Fora: Publicação interna, s.d.

LEITE, J. e VIEIRA, B (Orgs). **Aqueles que nos precederam na fé**. Volume I. Juiz de Fora: Gráfica Dom Orione, 2012.

LIMA, Luís Corrêa. Divorciados recasados diante dos sacramentos. In: **REB**: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2000. fasc. 238 junho.

LOCKMANN, Paulo. Homem e mulher: papéis e funções à luz de colossenses e efésios. In: **Estudos bíblicos**: a família na Bíblia. Petrópolis: Vozes n 85 2005.

MAJORANO, Sabatino. Afonso de Ligório. In: Wales, Sean; Billy, Dennis. **Dicionário de Espiritualidade Redentorista**. Goiânia: Scala Editora, 2012.

MALDONADO, Jorge E. A família nos tempos bíblicos. In: MALDONADO, Jorge E. (editor). **Casamento e família uma abordagem bíblica e teológica**. Viçosa: Ultimato, sem data.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. Novas modalidades de Família na pós-modernidade. (Tese de doutorado em Direito). São Paulo: USP, 2010.

MARIANNO, Lília Dias. “Manda, quem pode; obedece quem tem juízo!”: apontamentos sobre as relações de poder nas famílias dos patriarcas (Gn 16,1-16; 21,8- 21 e 38,1-30). In: **Estudos Bíblicos: a família na Bíblia**. Petrópolis: Vozes. nº85, 2005.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. Conservadorismo católico e a construção do tempo na História Mestra da Vida. In: RODRIGUES, Cândido; ZANOTTO, Gizele; PEIXOTO, Renato; CALDEIRA, Rodrigo Coppe (Orgs.). **Política e Cultura no Catolicismo Contemporâneo** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MATOS, Henrique. **Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas entre 1922 e 1936**. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.

MEULEMEESTER, M. de. **L’Archiconfrerie de la Sainte Famille**. Louvain: Bibliotheca Alfonsiana, 1946.

MIZRAHI, Maurício Luiz. Família, matrimonio y divorcio. Buenos Aires: Editorial Astrea, 1998.

NAVA, Pedro. Baú de ossos: Memórias I. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1983.

NOÉ, Sidney Vilmar. Religião e violência: da repressão da agressividade à sua sublimação. In: PEREIRA, M. S.; SANTOS, Lyndon de A. (Orgs.). **Religião e Violência em tempos de globalização**. São Paulo: Paulinas, 2004.

OGRIZEK, Doré. **Le Benelux: Belgique, Nederland, Luxembourg**. Paris: Odé, 1948.

Orlandi, Giuseppe. Atividades apostólicas: A missão. In: Chiovaro, Francesco (Org.). **História da Congregação do Santíssimo Redentor: As origens (1732-1793)**. Aparecida: Editora Santuário, 2019.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PECCI, Gioacchino. **1878-1903, Igreja Católica. Papa (1878-1903: Leão XIII), Papa. Documentos de Leão XIII**. São Paulo: Paulos, 2005.

PENZI, Marco. **Listas de proscições na época da Liga**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/mcv/5772>>. Acesso em: 09/06/23.

PEREIRA, Mabel Salgado. A presença do catolicismo em Juiz de Fora: do modelo tradicional ao reformado (1741-1924). In: TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Minas das Devoções: Diversidade religiosa e Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003.

_____. **Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)**. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

PEREIRA, Sibélius Cefas. **Thomas Merton: Intinerarium da vida contemplativa no tempo e na história**. (Tese de Doutorado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

PETERS, José Leandro. **Entre a exteriorização e a internalização da fé: os redentoristas e a reforma católica no Brasil (1890-1920)**. (tese de doutorado em História). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: Urdindo as Tramas de um Debate. In: **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007. v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53.

_____. **Mirar Maria**: Reflexos da Virgem em Espelhos da História. Aparecida: Editora Santuário, 2016.

_____. Saudades da civilização católica: integrismo, tradicionalismo e exclusivismo no catolicismo contemporâneo. In: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. Maringá v. V, n.15, jan/2013. Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm>>. Acesso em: 10/01/2021.

_____. Ser católico é ser exclusivista? Reflexões e provocações sobre um fenômeno "moderno". **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 18, n. 1, p. 257–270, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/16458>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PRADO Jr., Caio. **Evolução política do Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1933.

_____. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PRINS, P. de; JAMBERS, G. (orgs.). **A Bélgica, Coração da Europa**. Bruxelas: Wellens-Pay, 1964.

REY-MERMET, Th.. **Afonso de Ligório uma opção pelos abandonados**. Aparecida: Editora Santuário, 1984.

SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. **“O outro lado da montanha”: Thomas Merton – uma perspectiva dialogal**. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

SANCHIS, Pierre. **Religião e identidade**: Matrizes e matizes. Petrópolis: Vozes, 2018.

SANTOS, José Messias dos (redator). **Liga católica Jesus, Maria, José da Paróquia Nossa Senhora da Apresentação Irajá, Rio de Janeiro/RJ: 50 anos caminhando com a Igreja (1958 - 2008)**. Rio de Janeiro: Publicação Interna (GrafPaes), 2008.

SILVA, Antônio Pinto da Silva. Santuário. In: Wales, Sean; Billy, Dennis. **Dicionário de Espiritualidade Redentorista**. Goiânia: Scala Editora, 2012.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. In: **Reflexão**. Campinas, 43(2):289-309, jul./dez., 2018.

SIX, Jean-François. **Charles de Foucauld: o irmãozinho de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, Candice Vidal e; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família. In: **Estudos Feministas**. 2/2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/gBrWXzTPBhqDDgQmpbk64JH/?format=pdf>>. Acesso em: 19/06/2021.

TANNOJA, Antoine-Marie. **Mémoires sur la Vie et la Congregation de S. Alphonse- Marie de Liguori**, Évêque de S.-Agathe des Goths et Fondateur de la Congregation des Prêtres-Missionnaires du Très-Saint Rédempteur. Tome Premier. Paris: Gaume Frères, Éditeurs-Libraires, 1842.

TH. DEAHAU, O.P. **Famille et Sainte Famille**. Paris: Les Éditions du Cedrf, 1947.

VELOSO Jr., José. **Um olhar sobre o passado**: catálogo final do inventário dos bens culturais da Província do Rio de Janeiro. Juiz de Fora: Província do Rio, 2015.

VIDAL, Marciano. **Afonso de Ligório**: o triunfo da benignidade frente ao rigorismo. Goiânia: Scala, 2022.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, Philippe. Religião e Violência. In: **Grande sinal**: revista de espiritualidade. Petrópolis: ITF. ano LVII, 2003 jul ago.

WERNET, Augustin. Os redentoristas no Brasil. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1995.

ZANOTTO, G. A atuação do movimento católico Tradição, Família e Propriedade (TFP) no cenário político cultural argentino (1967-1983). In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, v.07, n.20, p.233-260, 2014.

_____. **É o caos!!!**: A luta anti agro-reformistade Plínio Corrêa de Oliveira. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2003.

_____. Profetismo na Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP): um estudo de caso. **Revista Brasileira De História Das Religiões**, 1(2), 2008.

Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26643>>. Acesso em: 30/03/2022.

_____. Tradição, família e propriedade (TFP): um movimento católico no Brasil (1960-1995). In: **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 30, n.1 p. 87-101, 2010.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggiornamento e a solidão**: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965). (Tese de doutorado). Florianópolis: UFSC, 2009.